



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA

**O Averso da(s) Identidade(s) “Homoerótica(s)” Masculinas  
nos Espaços Homofóbicos na terra dos Marechais  
(Maceió-AL): Lugares e Não-Lugares.**

**Flavio Santos da Silva**

**Maceió  
2009**

**FLAVIO SANTOS DA SILVA**

**O Averso da(s) Identidade(s) “Homoerótica(s)” Masculinas  
nos Espaços Homofóbicos na terra dos Marechais  
(Maceió-AL): Lugares e Não-Lugares.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

**Orientadora: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Walter Matias de Lima**

Maceió  
**2009**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- S586a Silva, Flavio Santos da.  
O avesso da(s) identidades(s) "homoeóticas" masculinas nos espaços  
homofóbicos na terra dos marechais (Maceió-AL) : lugares e não lugares /  
Flavio Santos da Silva. – 2009.  
231 f. : il.
- Orientador: Walter Matias Lima.  
Co-Orientadora: Silvia Aguiar Carneiro Martins.  
Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Faculdade de Sociologia. Maceió, 2009.
- Bibliografia: f. 174-180.
1. Homossexualidade – Maceió (AL). 2. Identidade. 3. Homoeotismo.  
4. Violência. I. Título.

CDU: 316:613.885

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA

**FLÁVIO SANTOS DA SILVA**  
- Bolsista Capes –

**O Averso da(s) Identidade(s) “Homoerótica(s)” Masculinas  
nos Espaços Homofóbicos na terra dos Marechais  
(Maceió-AL): Lugares e Não-Lugares.**

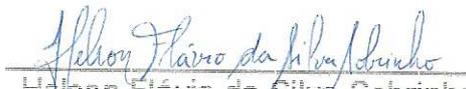
Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

**APROVADO em** / / 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias de Lima - UFAL



---

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho - UFAL



---

Profa. Dra. Sílvia Aguiar Carneiro Martins - UFAL

Maceió, 16 de outubro de 2009.

*Averso*

Nós já temos encontro marcado  
Eu só não sei quando  
Se daqui a dois dias  
Se daqui a mil anos  
Com dois canos pra mim apontados  
Ousaria te olhar, ousaria te ver  
Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver  
Perigoso é te amar, doloroso querer  
Somos homens pra saber o que é melhor pra nós  
O desejo a nos punir, só porque somos iguais  
A Idade Média é aqui  
Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer  
Te amar eu ousaria  
E você, o que fará se esse orgulho nos perder?  
No clarão do luar, espero  
Cá nos braços do mar me entrego  
Quanto tempo levar, quero saber se você  
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar  
No clarão do luar, espero  
Cá nos braços do mar me entrego  
Quanto tempo levar, quero saber se você  
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar  
O que eu sinto, meu Deus, é tão forte!  
Até pode matar  
O teu pai já me jurou de morte  
por eu te desviar  
Se os boatos criarem raízes  
Ousarias me olhar, ousarias me ver  
Dois meninos num vagão e o mistério do prazer  
Perigoso é me amar, obscuro querer  
Somos grandes para entender, mas pequenos para opinar  
Se eles vão nos receber é mais fácil condenar  
ou noivados pra fingir  
Mesmo que chegue o momento que eu não esteja mais aqui  
E meus ossos virem adubo  
Você pode me encontrar no avesso de uma dor  
No clarão do luar, espero  
Cá nos braços do mar me entrego  
Quanto tempo levar, quero saber se você  
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar  
No clarão do luar, espero  
Cá nos braços do mar me entrego  
Quanto tempo levar, quero saber se você  
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar  
( **Jorge Vercillo** )

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e a tod@s os meus amig@s, em especial Manuella Paiva, Claudionor (Nô), Cibele Rodrigues, Lucy Oliveira, Lucas Paiva, Jeilson Rodrigues, Julio César, Eden de Lima e Leandro Alexandre. E principalmente a todos os atores da pesquisa que iluminaram este trabalho.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao Prof. Walter Matias Lima, a Prof. Silvia Aguiar e o Prof. Helson Flávio Sobrinho, pelos comentários durante a elaboração deste trabalho.

SILVA, Flavio Santos da. O avesso da(s) identidade(s) “homoerótica(s)” masculinas nos espaços homofóbicos na terra dos marechais(Maceió-AL): lugares e não-lugares. 2009. 243f. Dissertação (Mestrado em sociologia) Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL.2009.

## **RESUMO**

Nessa dissertação analisamos a construção das identidades clandestinas e enrustidas dos homoeróticos masculinos em Maceió (HALL, 1998; CANCLINI, 2005; FREIRE, 1995; TREVISAN, 2004; GREEN, 2000; FIGARI, 2007; FRY & MACRAE, 1991; GUIMARÃES, 2004; FARIAS & RISCADO, 2002). Para tanto, utilizamos “violência” e “espaço” (lugar e não-lugar) como categorias de análise para compreensão de tais identidades. A pesquisa de campo incluiu a observação nos espaços de “*pegação*” e “*cassação*”, questionários, entrevistas e consulta a dados da Secretaria de Defesa Social de Alagoas. Sendo assim, buscamos saber como esses sujeitos se autodefiniam e como vivenciavam suas identidades nos espaços (lugares e não-lugares), bem como quais seriam os impactos da violência na vivência deles, tendo em vista o imaginário social e os códigos culturais dominantes e seus modelos heterossexistas e heteronormativos. Muitos deles demonstram em suas falas que não desejam “assumir” uma identidade “gay”, aceitando, em certa medida, os códigos dominantes. Para estes, as práticas homoeróticas coadunam com os desejos de constituir família, por exemplo. As atitudes intolerantes por parte dos setores conservadores da cidade são percebidas, pela maioria dos sujeitos da pesquisa, como inibidores de uma possível visibilidade. Por outro lado, as práticas da homofobia, observadas pelos altos índices da violência física e simbólica, produzem certa vulnerabilidade para os homoeróticos. Verificamos ainda que as tensões sofridas por esses sujeitos representem sintomas permanentes de medo e insegurança, mas isso não os afasta de suas práticas homoeróticas, apenas faz com que modifiquem suas estratégias a fim de manterem clandestinidade e concretizarem seus desejos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Violência; Homoerotismo; Espaços.

SILVA, Flavio Santos da. The reverse of "homoerotic(s)" masculine identity (ies) in the homophobic spaces in the land of marshals (Maceió-AL): places and non-places. 2009. 243f. Dissertation (master's degree in sociology) Federal University of Alagoas. Maceió, AL. 2009

#### ABSTRACT

In this work we analyze hidden identities of male homoerotic in Maceió-AL. (HALL, 1998; CANCLINI, 2005; FREIRE, 1995; TREVISAN, 2004; GREEN, 2000; FIGARI, 2007; FRY & MACRAE, 1991; GUIMARÃES, 2004; FARIAS & RISCADO, 2002). To comprehend these identities, we use concepts such as violence and space (place and non-place). This research consisted of observation of some particular places called "espaços de pegação" and "espaços de cassação", questionnaire, interviews and information from Secretaria de Defesa Social de Alagoas. In doing so, we searched for understand how these male homoerotic defines themselves, how they deal with their identities in spaces (places and non-places) and which would be the impacts of violence in their life, considering the social imaginary and dominant cultural codes and heterosexual conventional relational models. Many of them demonstrate, in interviews, that they do not desire to assume a gay identity, accepting, in certain way, social dominant codes. For them, homoerotic attitudes live with family constitution wishes. Intolerant attitudes by conservative sectors of the city are perceived for the majority characters research as inhibiting of a possible visibility. On the other hand, homophobic attitudes evidenced by higher levels of symbolical and physical violence; produce certain vulnerability to male homoerotic. Besides, we verified that some tensions suffered by them represents permanent fear and insecurity, but this feelings does not move them away from homoerotic attitude, in fact, it makes they modify its strategies in order to keep hidden and to materialize its desires.

**KEYWORDS:** Identity; Violence; Homoeroticism; Spaces.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. ELEMENTOS TEÓRICOS PARA PENSAR A CONCEITUAÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL E A IDENTIDADE HOMOERÓTICA MASCULINA.....</b>	<b>17</b>
1.1 Contextualizações Históricas–Culturais: A busca de uma conceituação de identidade social, e de uma plausível identidade homoerótica como enigma nas ciências sociais.....	17
1.2 Uma breve visão histórica e uma “plausível” categorização da “Identificação Homoerótica”: Situando a questão no campo enigmático das ciências sociais, como categoria de análises da(s) identidades clandestina(s) e enrustida(s).....	30
1.3 Modelos históricos dessa categorização homoerótica masculina: Um viés na sexualidade humana.....	37
1.3.1 A identidade homoerótica: Uma visão Biológica, Psicológica e Social.....	44
1.3 Os espaços como categoria de análise: um diálogo entre a Geografia, a Antropologia e a Sociologia para pensarmos as identidades homoeróticas masculinas.....	49
1.4 A violência no campo teórico: um fenômeno geral e cotidiano e sua inserção nos códigos culturais.....	57
1.4.1 A violência e a homofobia no contexto brasileiro: uma categoria de análise na construção das identidades homoeróticas masculinas .....	61
1.5 Reflexão sobre o modelo proposto na pesquisa sobre a identidade clandestina homoerótica masculina da cidade de Maceió.....	65
<b>2. PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>68</b>
2.1 A temática homoerótica e suas controvérsias.....	68
<b>3. IDENTIDADES E ESPAÇOS: DOS LUGARES AOS NÃO-LUGARES OS ESPAÇOS HOMOERÓTICOS DE MACEIÓ.....</b>	<b>80</b>

3.1	○ Homoerotismo de Maceió: O cenário Alagoano e a construção da suposta da identidade homoerótica masculina.....	80
3.2	A construção de uma nova Maceió: Um novo “modelo” narrado de baixo para cima de um grupo estigmatizado e marginalizado.....	86
3.3	Espaços Homoeróticos da cidade de Maceió: Mapeando os lugares e não-lugares delimitando terrenos.....	89
3.3.1	Ponto de Partida: Jaraguá, “lugar de fascinação, pegação e liberdade identitária”: Entre amizades, encontros e paqueras uma identificação homoerótica.....	94
3.3.2	A vida noturna de Jaraguá: “Na calada da noite acontece coisas, coisas que acontecem .....	97
3.3.3	Do centro a Levada: Os Cines Paradiso, Vitória e Clik Filmes Eróticos.....	99
3.3.4	Praça Sinimbu: A Sauna Eros Thebas.....	104
3.3.5	O Paraíso das águas e as metáforas no mundo homoerótico masculino de Maceió: As praias também têm suas histórias .....	105
3.3.5.1	A Praia da Avenida – O Memorial da República .....	107
3.3.5.2	Ponte do Riacho Salgadinho.....	109
3.3.5.3	O Pontal da Barra e tubulações (Casal e Braskem).....	110
3.3.5.4	O Muro de Berlim (Porto de Maceió).....	112
3.3.5.5	Praia de Ponta Verde: O Castelo de Grayskull, o banco da Hebe e o Farol.....	115
3.3.5.6	A Praia de Jatiúca (Posto 7).....	117
3.3.5.7	A Praia de Cruz das Almas - “Os Coqueirais da Cruz das Almas”.....	119
3.3.5.8	A Praia de Jacarecica – “Os Mangues”.....	121
3.3.6	O Safári e o seu papel na periferia da cidade: “A Caixa de Pandora”.....	123
3.3.7	Banheiros públicos e privados: fissuras necessárias para clandestinidade.....	128
3.4	Uma reflexão a partir dos lugares e não-lugares.....	129

<b>4. VIOLÊNCIA, HOMOFOBIA E IDENTIDADE: O DESVENDAR DOS CRIMES CONTRA OS HOMOERÓTICOS MASCULINOS DE MACEIÓ, OCORRIDOS, ENTRE OS ANOS DE 1993 – 2009: UMA MOLA PROPULSORA NA FLUIDEZ E DESCENTRALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES HOMOEROTICAS MACEIOENSES.....</b>	<b>131</b>
4.1 O Homoerotismo masculino no contexto do Nordeste Brasileiro: “o caboclo nordestino quando nasce, tinha que ser macho com o pé no chão.” Patriarcado, Machismo e Coronelismo, uma cultura da violência em Alagoas.....	131
4.2 A violência no cotidiano de Alagoas e da cidade de Maceió.....	143
4.2.1 O terceiro Estado Nordestino no rank de violências homofobicas: um panorama no rol de crimes homofobicos na região metropolitana e nos interiores alagoanos.....	143
<b>5. DESVENDANDO O REAL: O JOGO DA(S) IDENTIDADE(S) CLANDESTINA(S) E ENRUSTIDA(S) NOS ESPAÇOS VULNERÁVEIS DE VIOLÊNCIA HOMOFOBICAS CONTRA OS HOMOERÓTICOS MASCULINOS EM MACEIÓ ATRAVÉS DO ESTUDO DE CAMPO.....</b>	<b>146</b>
5. 1 Maceió uma cidade discriminatória, preconceituosa e violenta.....	146
5.2 As Identidade(s) Clandestina(s) e Enrustida(s): Uma identidade em foco.....	149
5.3 Os espaços homoeróticos de Maceió lugares e não lugares.....	152
5.3.1 Freqüentadores dos lugares.....	153
5.3.2 Freqüentadores dos não-lugares.....	155
5.4 Conflitos, Temores e Medos na(s) identidade(s) homoerótica(s) no imaginário dos sujeitos da pesquisa.....	160
5.4.1 A Violência Física na construção das identidades clandestinas e enrustidas dos nossos sujeitos da pesquisa.....	161
5.4.2 A Violência Simbólica.....	164
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>181</b>

## Introdução

Toda dissertação de mestrado é um grande desafio e essa não poderia deixar de estar entre tantos outros desafios já enfrentados no mundo acadêmico. O primeiro desafio encontra-se numa mudança não prevista do tema<sup>1</sup>, tanto por questões subjetivas<sup>2</sup> (durante a construção do trabalho ocorreu o assassinato de um “grande amigo”, que teve sua vida ceifada por um ato brutal homofóbico) quanto por questões encontradas no decorrer da pesquisa. Desde a pesquisa piloto em 2005, a violência se mostrou relevante porque era tema freqüente nas falas dos entrevistados. Muitos deles se referiam aos casos noticiados nos jornais locais, bem como a outros casos de homofobia na região metropolitana de Maceió/AL. Queremos enfatizar que esta pesquisa somente tornou-se possível graças a um pequeno grupo que nos orientou sobre as suas vivências homoeróticas na terra dos marechais. Ficava perceptível a onda de violência que assolava e assola esses sujeitos sociais e a forma brutal como esses são marginalizados e ignorados pela impunidade que os envolve – o que nos levou à indignação.

Assim, nosso desafio foi o de construir um conhecimento sociológico válido sobre o tema no Estado de Alagoas e, mais especificamente, na cidade de Maceió, pelo fato da grande ausência desta temática nos trabalhos sociológicos e no mundo acadêmico em geral. Deste modo, ressaltamos que utilizaremos no decorrer deste trabalho a categoria “homoerótico”, proposto por Jurandir Freire Costa (1995)<sup>3</sup>, para se referir aos indivíduos por nós

---

<sup>1</sup>Antes de adentrarmos na tese propriamente dita, vimos a necessidade de uma breve explicação sobre o a mudança do tema proposto, já que num primeiro momento falaríamos de identidade e consumo como construção nas identidades gay de Maceió (questionamento deixado para ser trabalhado no doutorado) passando para uma nova temática

<sup>2</sup> Mesmo partindo dessa via subjetiva para o início da execução do trabalho no eixo temático da violência, homofobia e identidade, a pesquisa e apresentação deste trabalho não perde o seu rigor acadêmico, isto é, sua análise objetiva, pois, segundo Haguette (2005, p.85), o fato “de não crermos que a ciência tenha sido historicamente neutra não nos convence de que a objetividade como ideal não deva ser perseguida. (...) Estamos cômnicos de que a objetividade é um ideal inatingível, mas que, mesmo assim, o cientista deve tentar a aproximação” (HAGUETTE, 2005, p 85). Assim procedemos ao buscar dados para a elaboração desta pesquisa que cunhou com o presente trabalho.

<sup>3</sup> Durante todo o trabalho o uso das categorias gay, homossexualismo, homossexual, HSH entre outras, só aparecerá quando estes forem usados por algum autor, fato que ficará claro nos capítulos. A nossa proposta é o uso da categoria proposta por Jurandir Freyre com já acima argumentado.

entrevistados, evitando, assim, todo e qualquer termo pejorativo que venha estigmatizar esses sujeitos, tais como gay homossexual, bicha, viado, entre outros pronunciados no cotidiano maceioense de forma ofensiva.

Nesse sentido, buscamos analisar a relação entre violência e suas conexões para a construção das identidades clandestinas e enrustidas dos homoeróticos masculinos nos espaços (lugares e não-lugares) de Maceió. Assim, nos interessava saber como esses sujeitos se auto-definiam e como vivenciavam suas identidades nos espaços (lugares e não-lugares), bem como quais seriam os impactos da violência na vivência deles, tendo em vista o imaginário social e os códigos culturais dominantes a partir de modelos heterossexistas e heteronormativos.

Ressaltamos que violência e espaço (lugar e não-lugar) foram, neste trabalho, utilizadas como categorias de análise para compreensão das identidades homoeróticas clandestinas e enrustidas dos nossos sujeitos de pesquisa. Ao analisarmos a violência, consideramos não somente a agressão física, que por si mesma já faz dezenas de vítimas<sup>4</sup>, mas também a violência simbólica, a partir das experiências dos nossos entrevistados. E assim, buscamos identificar a construção de uma suposta “identidade clandestina” e “enrustida” dos homoeróticos masculinos de Maceió, visto que esta é uma cidade marcada historicamente por atos de violência homofóbicos hediondos. Pois, como aponta o pesquisador Luiz Mott (2000), Maceió é a terceira capital do Nordeste na prática de crimes contra homossexuais<sup>5</sup>. Um fato marcante, que teve repercussão internacional, ocorreu no ano de 1993: o assassinato brutal do vereador Renildo dos Santos, no município de Coqueiro Seco, região metropolitana de Maceió. Ele foi espancado, degolado e teve seu corpo dilacerado e as partes espalhadas por toda cidade, além da exposição de suas partes íntimas (TREVISAN, 2004; MOTT, 2000). Este caso gerou forte reação das comunidades homoeróticas de todo o território nacional e inclusive internacional, estando na origem de diversos grupos de caráter GLBTT no Estado, como é o caso do surgimento do Grupo Gay de Alagoas – GGAL.

---

<sup>4</sup> De acordo com os dados levantados pela Secretária de Estado da Defesa Social, são registrado 80 casos de assassinatos homofóbicos no Estado de Alagoas, desde 1993-2009.

<sup>5</sup> Em primeiro lugar está Salvador e em segundo Recife.

Citamos este exemplo apenas para ilustrar a importância da temática da violência nos debates sobre homoerotismo, tanto na academia quanto no espaço social da cidade de Maceió. Diante disso, enfatizamos a forma brutal e o requinte de crueldade com que é praticada a violência.

Para tentarmos responder as questões deste trabalho analisamos a identidade homoerótica a partir dos trabalhos de autores como Hall (1998); Canclini (2005); Freire (1995); Trevisan (2004); Green (2000); Figari (2007); Fry & MacRae (1991); Guimarães (2004); Farias & Riscado (2002). Partimos do pressuposto de que essas identidades não são inatas e sim uma produção socio-político-cultural, que são construídas tais como as categorias religião, ideologia, heterossexualidade, homem, mulher, criança, velho, louco. Percebemos que, uma vez inventadas e idealizadas, essas categorias não possuem uma origem fixa, cristalizada ou é oriunda de uma base sólida, como argumenta Foucault (1999). Conseqüentemente, o termo homoerótico também não tem uma “origem”, consiste numa invenção social da modernidade.

Chamamos a atenção que este trabalho se refere exclusivamente aos homoeróticos masculinos da região metropolitana de Maceió. Como em toda pesquisa é um recorte metodológico e isso não abarca todo o universo homoerótico de Maceió. Salientamos ainda que de acordo com os dados da Secretaria de Defesa Social de Alagoas, depois dos “travestis”, os homoeróticos masculinos são considerados as maiores vítimas de preconceito e intolerância, isto é, são os que mais sofrem com o processo homofóbico na capital e no interior do Estado, tornando-se “presas” fáceis para os assassinos.

Um ponto importante é que, durante as entrevistas, nos deparamos com relatos e depoimentos chocantes e perturbadores desses sujeitos sobre suas experiências e vivências circunscritas no cotidiano da cidade. Ao relatarem suas dores, frustrações, medos, choros e sofrimentos, percebemos uma dura realidade que se esconde nas entrelinhas da cidade, através dos espaços que se encontram submersos. Dessa forma, nossa ida a campo se iniciou por entre ruas, becos, praias, praças, bancos, banheiros e matos, sempre procurando entender como se constituía a teia de significados que permeia o imaginário desses indivíduos, marcado pelo preconceito e a discriminação.

Outro aspecto que não podemos negligenciar é que, durante as entrevistas, os nossos informantes comentavam que falar para a pesquisa

parecia “um processo terapêutico” ou como “um desabafo no divã”. As frases mais enfáticas eram “Que alívio! nunca tive a oportunidade de falar sobre isso”, “Contar tudo isso me trouxe um alívio”, “Lhe agradeço muito mesmo, sempre tive medo de falar de mim para os outros” ou “Para quem sempre se escondia, hoje tive coragem de me expor”. Esses relatos nos permitiram perceber o quanto esses sujeitos sociais encontravam-se fragilizados, diferentes, desiguais e desconectados, como remete Canclini (2005). Diante dessa realidade, tornou-se impossível falar de uma neutralidade, uma vez que a confiança no pesquisador possibilitou ter acesso a essas fragilidades humanas, expostas durante os nossos encontros. Mas isso não invalidou a busca da objetividade desta pesquisa já que estivemos sempre atentos a este desafio. Assim, realizamos cerca de duzentas idas a campo para reconstruir uma “pequena” parcela da realidade desses indivíduos. Nesse percurso, foram aplicados 100 questionários, dos quais selecionamos 20 homoeróticos masculinos para as entrevistas, classificados de acordo com a renda, posse de bens, escolaridade, entre outros, mas essas variáveis entraram apenas para garantir a diversidade do grupo de entrevistados.

Para expor nossas restritas reflexões, o trabalho é dividido em cinco capítulos. No primeiro, será analisada a busca de uma conceituação de identidade social e de uma possível identidade homoerótica no âmbito das Ciências Sociais (*lato senso*), buscando um conceito de identidade dentro de uma visão histórica-sócio-cultural no pensamento sociológico e suas variações na teoria social contemporânea. A partir desses pressupostos, definimos nossas categorias de análise: homoerotismo, espaço (lugar e não-lugar) e violência.

O segundo capítulo apresentará os processos metodológicos que nortearam toda a pesquisa, desde a ida a campo até o nosso “aventurar-se sociologicamente”, que resultou no mapeamento etnográfico dos espaços - lugares e não-lugares de Maceió - apresentados pelos entrevistados. Este mapeamento é encontrado no terceiro capítulo, onde cuidadosamente elaboramos e esboçamos a construção de uma “etnografia sobre os espaços homoeróticos”. Acreditamos que nas diversas vivências ocorridas nesses

espaços da cidade de Maceió<sup>6</sup> podemos compreender os jogos dessas identidades dos sujeitos da pesquisa. Destacamos que esses lugares e não lugares, (in)visíveis e submersos, são considerados marginalizados pelo cotidiano da cidade, mas, ao mesmo tempo, são de fundamental importância para as realizações homoeróticas masculinas e suas práticas identitárias, mesmo com o perigo<sup>7</sup> pertinente a estes espaços.

O quarto capítulo apresentará a violência, a homofobia e a identidade como processos interligados com o contexto cultural nordestino (ALBUQUERQUE, 2003). Realizamos uma análise dos dados de violência contra os homoeróticos masculinos de Maceió, ocorridos entre os anos de 1993 – 2009, a partir de dados secundários (obtidos na Secretaria de Defesa Social de Alagoas). E, no quinto capítulo, apresentamos uma análise das entrevistas realizadas na pesquisa, levando em consideração as categorias propostas no trabalho.

Devido à magnitude dessa temática, é impossível tentar apresentar aqui uma conclusão final. Apenas esboçaremos ou teceremos breves “considerações” no tocante à nossa pesquisa, enfatizando ainda que estamos contribuindo para ampliar a visibilidade social deste grupo discriminado no imaginário social maceioense.

---

<sup>6</sup> Por questões éticas da pesquisa, alguns espaços foram ocultados a pedido dos entrevistados. Os que constam no trabalho foram revelados porque já fazem parte dos roteiros proposto pelo site do GGAL ou porque foram autorizados pelos entrevistados.

<sup>7</sup> Gostaríamos de ressaltar que durante as nossas idas a campo acompanhado pelos entrevistados, fomos abordados brutalmente por policiais e marginais desses lugares.

## 1. ELEMENTOS TEÓRICOS PARA PENSAR A CONCEITUAÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL E A IDENTIDADE HOMOERÓTICA MASCULINA.

1.1 Contextualizações Históricas–Culturais: a busca de uma conceituação de identidade social e de uma “plausível” identidade homoerótica como enigma nas ciências sociais.

O debate e questionamentos em torno da identidade dos sujeitos na sociedade contemporânea têm norteado pesquisas e preocupações inquietantes tanto nas ciências sociais quanto em outras áreas das ciências humanas. Questões como o que poderia ligar as pessoas em volta de um único eixo identitário, ou mesmo, o que determina que os indivíduos precisam de uma identidade, parecem ainda um emaranhado indefinido no debate social. Muitas vezes, as respostas oriundas deste tema mostram a identidade como uma forma concreta em si mesmo, isto é, uma “camisa de força” que direciona os indivíduos a buscarem uma posição dentro do meio social dos quais fazem parte, transformando a sua singularidade numa unidade hegemônica. Mas, será que todos os indivíduos desejam dividir a mesma identidade ou identidades hegemônicas? Embebecido deste pensamento, como falar de expressões de identidades homoeróticas masculina na realidade “empírica deste trabalho”? No elucidar dessa problemática em questão, autores como Stuart Hall (1998a, 2003b); Canclini (1996), Castells (2002), e Costa (1992) debatem que em grande parte as conceituações de identidades sempre se apresentam como uma grande problemática advinda do fato desta categoria buscar uma centralidade conceitual e, por esse motivo, ser demasiadamente mal compreendida nos estudos sociais contemporâneo.

Segundo Manuel Castells (2002, p. 230), não se pode negar que do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída, entretanto, não podemos, deixar de responder a certos questionamentos sobre a construção do termo, indagando-se, “*a partir de quê, para quem e para quê isso acontece*”, uma vez que, a identidade não é construída a-historicamente, ela é fruto de matérias-primas importantes, fornecidas pelo meio social desde a,

história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasmas pessoais, pelo aparato de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todas essas matérias são processadas pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade, que organizam seu significado em funções de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e espaço. (CASTELLS, 2002, p. 230).

Para o autor da teoria da sociedade em rede, como já observamos acima, a(s) identidade(s) não é(são) a-histórica(s), sendo marcada(s) pelo tempo e pelo espaço e por se apresentar(em) como fonte de significados. Significados estes que têm, na ação dos atores sociais ou nos grupos sociais, uma produção de uma identidade coletiva e que se organiza através de uma construção cultural, já que, para Castells, identidade seria “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributos culturais ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.” (CASTELLS, 2002, p. 39). Dessa forma, a(s) identidade(s) seria(m) construída(s) a partir de forte identificação que o ator teria com o espaço simbólico social, através do que Castells chama de internalização. Segundo o autor, esse processo de internalização efetivaria, através dos elementos simbólicos, a construção identitária dos atores sociais num determinado contexto social, possibilitando a esses atores sociais fontes de significados que permitiriam o aparecimento de identidades, não no cunho único de um eixo identitário, mas nas suas múltiplas variações. Nesse sentido, Castells também ressalta que a construção social da(s) identidade(s) na era da informação é(são) marcada(s) pela relação de poder num determinado contexto.

Para uma melhor compreensão sobre esses questionamentos, Castells nos apresentará três tipos de identidades estabelecidas socialmente. Para ele, existe uma *Identidade Legitimadora*, uma *Identidade de Resistência* e uma *Identidade de Projeto*<sup>8</sup> que envolve os sujeitos da modernidade. Chamamos a

---

<sup>8</sup> De acordo com Castells, a Identidade Legitimadora seria “introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos

atenção para um ponto importante na teoria de Castells (2002). Ele trabalhará a identidade no sentido coletivo e não individual, não que com isso o autor esteja renegando a identidade individual, mas, para este, a identidade individual estaria fortalecida pelo coletivo. Essa identidade individual estaria sendo reforçada no cerne dos atributos culturais de seu grupo, de sua comunidade, e de sua territorialidade, nos quais o indivíduo encontra-se inserido. Castells (op cit) ao mesmo tempo apresenta em sua teoria, a idéia de que não podemos confundir identidade com papéis sociais. Ambas são definições diferenciadas. Os papéis teriam exclusivamente um sentido de função, enquanto as identidades seriam fixadas pelos indivíduos<sup>9</sup> (CALHOUM 1994, p. 9-10, apud CASTELLS, 2002, p.22).

Para Calhoun (1994), não existe na história da humanidade algo que não possua a necessidade de ser conhecido ou descoberto ou de ter um autoconhecimento sobre a sua origem. Para este autor, qualquer descoberta que seja, precisa de uma construção, “nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modo específico, pelo outro” (CALHOUM, 1994, p. 22). Convergindo a essa direção, Castells (2002), enfatiza que as identidades são construídas estritamente relacionadas com um determinado contexto social produzido pelos indivíduos ou atores em suas relações sociais, dando às identidades um significado social, já que os atributos culturais determinam essas identificações nos atores sociais. Contudo, Castells (op cit) nos adverte que é preciso observar que o processo da globalização está afetando e criando mudanças em nosso padrão de sociabilidade e na nossa forma de nos relacionarmos em meio aos avanços tecnológicos e econômicos na era da informação ou pós-industrialismo. Para ele teríamos alcançado um

---

atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação (...). A Identidade de Resistência seria “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizada e/ou estigmatizada pela lógica da dominação, criando assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo oposta a estes últimos (...)”. E por fim a Identidade de Projeto ocorre “ quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” ( CASTELLS,2002:24).

<sup>9</sup> Segundo Castells, “papéis são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações (...) A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidade por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação (2002 23)”

novo paradigma estrutural, isto é, uma nova forma de estruturação social, em vários aspectos, tais como, o papel do patriarcado, do fundamentalismo religioso, da nacionalidade e, principalmente, nas esferas da sexualidade humana, entre outras. Deste modo, a globalização tem gerado novos fenômenos em nosso meio social diante das velhas instituições formadas ao longo de nossa história. O mundo centrado na informação, nas palavras de Castells, tem provocado o surgimento de novas formas culturais e novas identidades coletivas em nosso cenário social e na própria vida humana dos sujeitos.

Outro estudo importante na busca de um esclarecimento sobre a questão da identidade se expressa na proposta de Nestor Canclini (1996). Na visão do sociólogo mexicano, a questão primordial do século XX é tentar buscar em que residiram a(s) identidade(s) neste século de transnacionalização e de globalização. Canclini argumenta que, a teoria social sempre definiu a(s) identidade(s) voltada(s) para e pertencente a uma só cultura homogênea, proporcionando, assim, “uma única identidade distinta e coerente” (CANCLINI, 1996, p.141). Essa visão de caráter singular e unificada não é capaz de captar esse processo de inter-culturalidade que se apresenta pela globalização e transnacionalização. A característica do processo de inter-culturalidade não se configura somente na *diferença*, mas também nos desiguais, que se relacionam no contato entre muitas culturas, isto é, notado quando vários grupos se apropriam de vários elementos de outras sociedades.

Assim, para Canclini (1996), quando a circulação cada vez mais livre e freqüente de pessoas, capitais e mensagens nos relacionam cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser então, apenas a diferença, mas, também a hibridização (CANCLINI, 1996, p.142). Desse modo, a identidade “é poliglota, multi-ética, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (CANCLINI, 1996, p.42). Canclini dá ênfase, ainda, ao seu processo de construção que se narra como co-produção, visto que ao reconstruirmos as identidades incessantemente com outros indivíduos, estamos narrando e co-produzindo as nossas identidades, perdendo desta forma o sentido ritualizado proposto pelos fundamentalistas. Os indivíduos, ao realizarem a co-produção, reapropriam-se da cultura tornado-

se, nesse momento, um sujeito de reflexão, que permite sua construção identitária e de cidadania neste mundo globalizado. Assim, o seu conceito de identidade também se apresentaria como “um relato artístico, folclórico e comunicacional, que se constitui, realiza e se transforma em relação a condição socio-histórica, não redutível à encenação. A identidade e teatro, e política, e representação e ação” (CANCLINI, 1996, p.151-152).

Diante disso, percebemos, como afirma Hall (2004), “uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de identidade”, paradigma esse dotado não mais de uma identidade integral, original e unificada, que tanto preconizava certo “equilíbrio nas velhas estruturas do mundo social”. Um conceito que na contemporaneidade se encontra em declínio, proporcionando o surgimento de novas identidades e interrogações sobre a mesma, gerando assim, a existência de um “EU” visto por sua forma performática. O que antes era concebido como solidez identitária, hoje na modernidade tardia, é observada como uma identidade em declínio, designando de tal modo uma “chamada crise de identidade no sujeito”, desestabilizando-os e tirando-os do seu eixo central<sup>10</sup>, enfraquecendo, portanto, suas estruturas tanto no nível subjetivo quanto social, já que, novos sujeitos e novas formas de grupos culturais estão sendo formados (HALL, 2004, p.33). Assim, comungando com a linha do autor, buscamos traçar como eixo principal da pesquisa a análise de Stuart Hall sobre a construção da identidade, aplicando isso à categoria homoerótica.

De acordo com Hall (1998), as velhas paisagens culturais como “classes, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que ao mesmo tempo fortaleciam os sujeitos de forma sólida no passado, antes vistas como inquestionáveis e estáveis, estão perdendo o ‘sentido de si’, transformando a(s) identidade(s) pessoais, sociais, e culturais dos indivíduos”. (HALL, 1998, p.9). Com esse deslocamento do “sentido de si”, os indivíduos perdem os referenciais do seu mundo social e principalmente do seu mundo cultural/simbólico, enfraquecendo suas vidas pessoais. Perdem esses dois

---

<sup>10</sup> Entendemos como eixo central a identidade que antes se encontrava fixada pelos valores culturais e sociais de uma dada sociedade. Tal como, a identidade de homem, mulher, heterossexual, homoerótico etc, que norteiam as convenções que estabilizam uma ordem no imaginário social.

mundos (social e cultural/simbólico) que antes serviam de guia, de bases estruturais que os direcionavam e orientavam em certo sentido. Nesse ponto de vista, Laclau (1990) argumenta que a modernidade tardia, que é caracterizada pela diferenciação, além de descentrar os indivíduos e criar variedades de posições de sujeitos, os desloca do seu eixo identitário. Em outros termos, a identidade do sujeito é interpelada e muda de acordo com a representação do sujeito, podendo ser ganhada ou perdida, criando uma identidade de caráter politizada, estabelecida pela diferenciação (1990, apud HALL, 1998, p.16-17). Nessa perspectiva, Hall apresentará três tipos de identidades que permearam o nosso mundo social: uma identidade do Iluminismo (eu), uma identidade cultural/social (eu coletivo) e uma identidade pós-moderna (eu descentrado), que tem contribuído, portanto, para surgimentos de novas identidades descentradas na modernidade tardia ou na pós-modernidade (HALL, 1998a, 2004b).

Para Hall, o período do “EU” construiu de forma determinante uma nova forma de individualismo e de identidade no mundo<sup>11</sup>, concebida a partir do Humanismo Renascentista do século XVI, da Filosofia Ocidental do século XVII (o sujeito cartesiano) e do Iluminismo no século XVIII, provocando o surgimento de um sujeito fixo e estável que possuía uma estruturação enraizada, sendo visto como ser da razão ou “sujeito da razão”, da consciência e da ação desde o seu nascimento até a morte. Essa concepção gerou no mundo simbólico dos indivíduos do Iluminismo uma forma sólida e fantasiada desses sujeitos, refletindo diretamente na narrativa do seu “EU” na base de um núcleo interior, que consistiu na centralidade de forma essencial de uma pessoa se perceber como sujeito no mundo, desenvolvendo, portanto, uma conceituação de identidade individualista, racionalista e totalitária, estabelecida historicamente pela sociedade moderna diante de suas transformações.

Em presença da visão do sujeito sociológico, Hall argumenta que esse “EU” não era constituído de forma singular, autônomo e auto-suficiente como no modelo anterior, mas, no entanto, através das interações dos indivíduos em

---

<sup>11</sup> Hall explicita que essa individualidade do homem já era encontrada nas sociedades pré-modernas, no entanto, essa configuração era vivenciada de outra forma pela modernidade.

seu meio social (EU e a Sociedade)<sup>12</sup>. Assim, esse sujeito sociológico passou a refletir a complexidade das transformações estruturais do mundo moderno da primeira metade do século XX. Mesmo assim, esses indivíduos não perderam o seu “eu real”, uma vez que esse tornou-se produto da interação e do diálogo contínuo com “o mundo cultural exterior e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 1998, p. 11). Dessa forma, essa identidade é formada pela internalização dos significados e valores contido no processo de socialização dos indivíduos numa dialética entre a exterioridade e a interioridade. Ou seja, objetividade e subjetividade nos lugares em que os sujeitos estão inseridos, tanto no campo social quanto cultural. Assim, “a identidade costura o sujeito à estrutura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’)”. (HALL, 1998, p.12). Essa “costura/sutura” entre o sujeito e a estrutura ocorreu devido ao avanço burocrático, econômico e administrativo do estado moderno, que possibilitaram aos indivíduos uma posição mais definida em meio às próprias estruturas as quais esses indivíduos estavam inseridos, estabilizando ambos nesse processo de forma unificada, harmoniosa e centralizada. (HALL, 1998, p.30).

Entretanto para o sujeito descentrado da pós-modernidade da segunda metade do século XX, essas harmonias - forma unificada e centralizada do EU social - sofreram um processo de desestruturação entre a dialética do indivíduo e da sociedade. A identidade do sujeito cartesiano e o sujeito sociológico está desestabilizada, ou seja, está “entrando em colapso como resultado de mudança estrutural e institucional” da modernidade tardia. (HALL, 1998, p. 12). Essas transformações possibilitaram, como argumenta Hall, o surgimento de um novo sujeito, isto é, um sujeito pós-moderno “descentrado”, “deslocado” e “discursivo” que resultou na elaboração de identidades abertas, inacabadas e fragmentadas do sujeito pós-moderno. Assim, se anteriormente tínhamos um processo de identificação que consolidava a projeção de nossas identidades

---

<sup>12</sup> Para reforçar essa argumentação entre o “eu e a sociedade” Hall, enfatiza que os estudos interacionista simbólico foram fundamentais para concepção interativa da identidade e do eu, tendo como contribuições teóricas os pensadores como Mead, Cooley e os interacionista, já que, esses autores fundamentam novas concepções sobre o sujeito moderno, “localizado os indivíduos em processo de grupo e nas normas coletivas (...) através de suas participações em relação sociais mais amplas (...) essa “internalização” do exterior no sujeito, e essa “externalização” do interior através da ação no mundo social, constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno, e estão compreendidas na teoria da socialização”. (HALL, 1998, p.11- 31).

culturais de forma fixa, unificada, estável e centralizada nos modelos anteriores acima descritos, hoje com o advento da pós-modernidade essas identidades culturais tornaram-se provisórias, variáveis e problemáticas. (HALL, 1998, p. 12).

Hall persiste, entretanto, que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque uma cômoda história sobre nós mesmo ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente. (HALL, 1998, p. 13).

Nesse redemoinho acima destacado por Hall criou-se assim, uma “celebração móvel” de identidades contraditórias, históricas e temporárias, não mais direcionadas biologicamente, nem essencialistas, mas atualmente descritas por significações discursiva e representações culturais e performáticas. Para o autor de “A Diáspora”, a identidade ou as identidades na pós-modernidade “tornaram-se múltiplas, junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica” (HALL, 2004, p.26-27).

Stuart Hall, porém, nos adverte que, apesar da tipologia sobre o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno nos oferecer categorias que permitem reflexões importantes sobre os indivíduos na contemporaneidade, somente é possível compreender esses “jogos das identidades” na pós-modernidade levando em consideração cinco eixos principais de “descentralização”, que tiveram impactos importantíssimos na teoria social e nas ciências humanas em relação ao conhecimento moderno e que possibilitou o descentramento final desse sujeito cartesiano na modernidade tardia (HALL, 1998, p.34). São eles: as tradições marxistas; a

descoberta de Freud sobre o inconsciente no pensamento ocidental do século XX; o trabalho lingüístico-estrutural de Saussure; os trabalhos de Michel Foucault em relação ao poder disciplinar em torno de uma “genealogia do sujeito moderno”; e por fim o “impacto do feminismo tanto como uma crítica teórica, quanto movimento social”, que, para Hall, é uma das bases fundamentais para essa nova visão do sujeito.

Outro fator importante para a compreensão dessa nova descentralização dos sujeitos encontra-se no processo da globalização, que se apresentaria, segundo Hall, como “um complexo de processos e de forças de mudanças”. (HALL, 1998, p.38), não somente em relação à esfera econômica, mas também nas esferas sociais, culturais, e identitária dos sujeitos, ocasionando assim, um fator determinante na desconstrução das identidades desses novos sujeitos da modernidade tardia, decorrente do impacto proveniente da mudança de espaço/tempo na identidade cultural. Hall argumenta que se antes, na modernidade, a sociedade era ordenada ao longo do tempo e do espaço, na modernidade tardia esse espaço/tempo é observado através do seu distanciamento e de escalas temporais, diferenciando, assim, a posição dos sujeitos numa dada sociedade (HALL, 1998, p. 68).

Nesse contexto, podemos observar que espaço/tempo designa “a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distancias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados em uma grande distância”. (HALL, 1998, p.69). Esta relação espaço/tempo está também presente em todo sistema de representação designado pela sociedade, manifestando-se das mais variadas formas simbólicas e culturais e é, nesse momento, que ocasiona uma grande tensão entre o global e local, que se apresentam em uma nova articulação/ configuração do espaço/tempo nas identidades nacionais e locais. É essencial entender que essas tensões essas entre o global e local, para Hall, não se apresentariam como forma de homogeneização das identidades culturais em âmbito nacionais e locais, porque fatores como fascinação pela diferença (alteridade), desigualdade de distribuição global e a forma como ela atinge o ocidente e o resto do sistema global são argumentações importantíssimas de contestação dessa impossível homogeneização cultural.

O que Hall (2004) vem demonstrando em toda sua trajetória teórica não é a ausência de um “*sujeito congnovente*” (que se localiza no tempo e no espaço), mas uma proposta teórica sobre a conceituação de identidade desses novos sujeitos pós-modernos. Devido às diversas transformações ocorridas na pós-modernidade, essa nova conceituação deve ser compreendida a partir de uma teoria da prática discursiva dos próprios sujeitos, uma vez que estes atualmente encontram-se deslocados do seu próprio eixo ou descentrados do seu paradigma. Para este autor, a esfera discursiva seria a base de onde poderia se pensar em rearticular o processo da relação entre os sujeitos e as suas práticas discursivas numa determinada sociedade. E é desta relação de exclusão entre o sujeito/discurso que Hall propõe a questão da conceituação de “identificação” que melhor designaria os sujeitos pós-moderno. Contudo Hall nos adverte que este conceito de identificação é tão imprevisível ou ardiloso quanto o próprio conceito de identidade. Mesmo assim, torna-se o mais preferível.

A percepção da identidade na esfera social parte ainda, como argumenta Hall, do senso comum, já que no processo de identificação/socialização existe a articulação de um mesmo ideal, baseado na solidariedade e lealdade entre as pessoas, proporcionando um sentido de “naturalização” das identidades. Ao se contrapor a essa visão naturalista/essencialista das identidades, Hall busca analisar a identificação voltada para uma construção discursiva. Assim, a identificação seria vista como

uma construção, como um processo nunca completo – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la”, ou “perde-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-las, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. A fusão total entre o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação. (...). A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiada” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo uma totalidade ( HALL, 2004, 106).

Hall enfoca ainda que, devido a sua prática de significação num dado contexto social, a identificação sempre se apresentará na forma condicional. Mesmo apresentando materialidade e expressão simbólica, o sujeito sempre apresentará sua identificação através de substrato construtivo e de modelagem e nunca em condições de existência fixa em sua totalidade devido a sua forma ambivalente de ser ou, melhor dizendo, na sua fantasia. Essa ambivalência do processo de identificação é vista por Hall como um rico legado de expressão semântica, já que, essa forma ambivalente “não é aquilo que prende alguém a um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém a escolha de um objeto perdido” (HALL, 2004, p.107). É a partir da abrangência do que é a identificação que podemos compreender a distinção “ser” e “ter” o outro e é nessa forma dialética que ela se apresenta como uma projeção ou uma idealização. É decorrente desta idéia da identificação que Hall a remete como uma nova forma de entendimento do seu significado para uma compreensão mais plausível do termo identidade.

Dessa forma, a identidade é apresentada como “um conjunto que opera ‘sob rasura/sutura’ [como falamos anteriormente], no intervalo entre a invenção e a emergência, uma idéia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chaves não podem sequer serem pensadas” (HALL, 2004, p.107). Ao apresentar o conceito identitário sob esse aspecto de rasura/sutura, Hall argumenta que a identidade não deve ser vista como modo reconstruído da idéia original, porque os sujeitos se transformam (identidade pessoal) e são transformados (identidade social) continuamente, sempre em correlação com a história, com a linguagem e principalmente com a cultura, sempre em busca de sua produção ou de suas representações do que podemos ser ou nos tornamos, uma vez que, essas produções e representações são princípios norteadores para a representação de nós próprios. No entanto, não podemos confundir os efeitos da produção e da representação dessas novas identidades com uma volta às antigas raízes, e sim, como um princípio de negociação que encontra-se em novas rotas e caminhos existentes da própria narrativa de “eu” e das relações sociais da pós-modernidade, já que, toda identidade tem necessidade de preencher a

ausência daquilo que lhe falta. Em síntese, os argumentos proposto por Hall (2004) em torno da identidade nos possibilita conceituá-la com sendo

o ponto de encontro, o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam “interpelar”, nos falar e nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares, e por outro lado os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais, se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeitos, que as praticas discursivas constroem para nós (HALL, 2004, p.112).

Perante esta perspectiva, percebemos que a identidade(s) do(s) indivíduo(s) ou de um determinado grupo forma(m)-se normalmente por seus discursos, suas práticas, suas representações e por seus sinais externos e por um conjunto de valores, a partir dos quais, se opera uma identificação através dos símbolos culturais e históricos de uma determinada sociedade que são responsáveis pelas construções dessas identidades, mesmo que se apresente de forma efêmera nos sujeitos. De acordo com o que encontramos em nossa “realidade empírica”, este referencial teórico proposto por Hall torna-se o mais apropriado para o nosso trabalho, pois o que está em questão em nossos estudos é o debate sobre as definições das identidades em volta do desvelamento da realidade homoerótica masculina maceioense, visto que, durante a elaboração desta pesquisa encontramos um contexto de fragmentação e de pluralização desta identificação homoerótica. A necessidade de trazer essa conceituação para o centro do debate deste trabalho deriva não somente da nossa preocupação como pesquisador, mas também do esforço de tentar construir um pensamento lógico e admissível do termo, que emana também do próprio campo de pesquisa, uma vez que, os informantes ao longo de todo o processo questionavam as suas práticas identitárias, questionavam o que seria uma “provável identificação da identidade homoerótica”, gerando, uma gama de definições e de confusões negativa sobre o assunto, pois Pedro, ao se deparar com as categorias de identidade(s) proposta no trabalho - gay, bissexual, homossexual, heterossexual, bicha, homoerotismo, entendido, enrustido, homoafetivo, invertido, homoternurismo, barbie, entre outros - impugnava na sua fala, ressaltando que, “eu não sou nada disso aí, só transo

com homem e pronto”. Nesse, mesmo sentido José destacou que, “só porque deito com outro homem, as pessoas pensam que eu sou gay, mas eu não sou”.

Para Heilborn (1996), diante desse redemoinho de definições e categorização e identificação, seria empobrecedor, para quem pesquisa essa temática, tentar explicar quaisquer dimensões da vida desses indivíduos meramente pelo uso de que faz das suas sexualidades. De tal modo, esses questionamentos tornaram-se recorrentes durante as entrevistas. Cada ida a campo era o mesmo que mergulhar no mar de diversidades de novas identidades, visto que Luiz nos chamava a atenção dizendo,

“ (...) nem sou bi, nem sou gay, nem homossexual, apenas gosto de sexo, só isso, entende? Para mim, tanto faz ser homem ou mulher, eu faço. Não sou enrustido e nem entendido, aliás, desconheço essas palavras (...) por que, tenho que ser chamado de gay? Aliás, isso tudo aí? (...) Evito, quando um engraçadinho tenta me chamar por esses nomes nem de brincadeira, porque não me chama pelo nome, eu prefiro assim, eu tenho nome, detesto rótulos” (LUIZ, 27 anos, Professor).

Levando em consideração cada um desses discursos e falas pronunciadas pelos atores da pesquisa, percebemos o impacto dessas categorias acima citadas, tanto na vivência desses atores, como no imaginário da sociedade da qual esses indivíduos estão inseridos, já que, essas categorias são vista de forma estigmatizada e estereotipadas. Para Silvério Trevisan (2004), buscar as “causas” da homossexualidade é uma forma dispensável, irrelevante e equivocada. Para ele o que realmente interessa “é ater antes de tudo às vivências pessoais como dados inegáveis da realidade” (p.31). Desse modo, é possível argumentar como enigmático é tentar definir as possibilidades das atrações eróticas físicas de pessoas que se relaciona com outra pessoa do mesmo sexo (COSTA, 1992, p.22), já que, se existem várias nomenclaturas que os defines biologicamente, psicologicamente e sociologicamente. Como forma de elucidar essa(s) variedade(s) identitária(s) contida(s) nos indivíduos inseridos na pesquisa, buscamos, à luz de teorias

mais elucidativa das ciências sociais, esclarecer no tópico seguinte, o que seria essa “provável identificação homoerótica”, para os atores da nossa pesquisa. Ao mesmo tempo chamamos a atenção de que não temos a pretensão de abarcar toda a gama de teorias que permeia essa temática sobre a “identidade homoerótica”, porém, trazer à tona as teorias mais significativas, considerando o campo como guia mestre desta construção.

1.2 Uma breve visão histórica e uma “plausível” categorização da “Identificação Homoerótica”: situando a questão no campo enigmático das ciências sociais, como categoria de análises da(s) identidade(s) clandestina(s) e enrustida(s).

Segundo Trevisan (2004), a melhor maneira que temos para definir o desejo da pessoa que se relaciona com outras do mesmo sexo, de acordo com suas observações, é o uso da categoria homossexual. Mesmo sabendo de suas limitações no campo teórico, Trevisan nos remete que esse termo apenas possui uma categorização lingüística dotado de sentido e valores, emanada do mundo simbólico desses indivíduos. Para reforça essa argumentação, o autor enfoca que “por mais daninha que essa categorização possa ser, enquanto restritiva e negativa, trata-se de um instrumento lingüístico – assim como entre outros tempos usavam-se também restritivamente e negativamente ‘sodomita’, ‘somitigo’ ‘uranista’, ‘tríbade’ (para as mulheres)” (TREVISAN, 2004, p.37). Deste modo, percebemos que o termo homossexualidade não passa de uma mera questão semântica nas palavras de Trevisan. Outro ponto importante, frisado pelo discurso do autor para a utilização do termo em seus trabalhos, é que essa categoria homossexual mesmo estigmatizante e pejorativa no imaginário social heterossexual, permite a esses indivíduos homossexuais um terreno sólido no seu cotidiano. Imbuído, desse mesmo pensamento, Trevisan afirma que, para termos alguma mudança nessa forma lingüística do termo homossexual na sociedade heteronormativa dominante seria preciso que a mesma parasse de estigmatizar esses indivíduos que possuem esse tipo de tendência. Assim, para este autor “parece frágil qualquer substituição meramente lingüística”, já que, “cada tempo tem a sua maneira de nomear, interpretar e identificar o mundo” (TREVISAN, 2004, idem).

Assim, baseando-se nesse pensamento, Luiz Mott (2003) também fará o uso dessas categorias “homossexualidade”, “homossexual” ou “gay”. Ele observa e não renega que existe em seu uso formas inadequadas em relação a esses termos, como já apontou Trevisan, porém, essas possuem certa familiaridade no mundo homossexual. É a partir dessa familiaridade que, do ponto de vista desses pesquisadores, essas terminologias são consideradas necessárias.

Apesar das justificativas teóricas acima apresentadas, não utilizaremos os termos “gay”, “homossexual” ou “homossexualidade” neste trabalho de forma a identificar os indivíduos circunscritos na pesquisa, pois, como afirma Costa (1992), esta é uma concepção preconceituosa, desvalorativa, provenientes do século XIX e continuar mantendo essas categorias discursivas é permanecermos obsoletos em costumes morais, regras e normas que rotulavam pessoas com essas inclinações sexuais como seres imorais, anormais, doentes, antinaturais e inferiores. O autor reforça ainda que se continuarmos “pensando”, “falando”, “agindo emocionalmente” manteremos uma crença de uma sexualidade que gerou tipologias “homossexuais”. E completa que “não temos nem motivos éticos nem teórico-científicos consistentes para defender a legitimidade dessas opiniões”. (COSTA, 1992, p.11). Assim, faremos alusão do termo homoerotismo masculino proposto por este autor, porque essa terminologia faz referência ao que é chamado de “*homossexualismo da língua corrente*” (COSTA, 1992, p.11). E, ao mesmo tempo, tentamos evitar as terminologias “homossexualismo” e “homossexualidade”, bem como os seus derivados (homossexual, gay, bicha, entre outros) pelo sentido pejorativo e estigmatizantes que fica claro a partir da rejeição que os indivíduos exercem no seu cotidiano social (no caso específico de nosso trabalho).

Com o que foi exposto gostaríamos de ressaltar e insistir, por questões de entendimento, que esse modo de conceber o homoerotismo como categoria de análise nas questões centrais deste trabalho se dá por três razões apontadas no modelo teórico proposto por Costa (1992). A primeira, de ordem teórica, a segunda de ordem histórica (preconceito, diferença, discriminação) e a terceira de ordem social - pela saída das engrenagens da discriminação montada pelos laços sociais do século XIX, imbuído de preconceitos e reunidos

na terminologia “homossexualismo” e seu derivado “homossexual”. Para Costa (1992), a primeira razão (teórica) da busca dessa terminologia é que a categoria de homoerotismo se apresenta como uma noção possuidora de uma flexibilidade e que melhor escreve a pluralidade das práticas e dos desejos dos homens *Sam-sex oriented*, uma vez que,

interpretar a idéia de “homossexualidade” como essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Penso que a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto que possível desse engano. Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a idéia de que existe algo como “uma substância homossexual”, orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma que indica *identidade*, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual”. (COSTA, 1992, p.22). (grifo nosso)

Assim, Costa (1992) destaca como a forma discursiva do termo “homossexualismo” passa a ter efeitos importantes no imaginário social, visto que, o uso cotidiano desta linguagem e sua forma substantivada – “homossexual” – demonstra como os indivíduos se tornam “reféns” de seus próprios hábitos. Ou seja, o uso freqüente desta terminologia leva-nos a comungar que realmente existe uma tipologia humana designada pelo uso deste substantivo comum. Essa visão substantivada desta categoria, segundo o autor, faz-nos acreditar que existe uma peculiaridade comum e permanente na natureza de certos homens, que os orientam independentemente das “descrições que a tornam visível e plausível aos nossos hábitos lingüísticos” (COSTA, 1992, idem), remetendo assim, a uma qualidade que certos humanos passaram a possuir pela invenção do termo substantivado de “homossexual”, passando a ter existência de uma única maneira inevitável, ou seja, “um suposto tipo de homem que lhe corresponde” (COSTA, 1992, idem). Podemos afirmar que, quando Costa emprega a terminologia *homoerotismo* está remetendo as possibilidades que certos indivíduos têm de sentir diversos tipo

de atrações eróticas ou de se relacionarem de diversas maneiras fisicamente e emocionalmente com outros indivíduos do mesmo sexo biológico.

Costa (1992), no entanto, nos chama a atenção que não pretende fazer substituição do termo “homossexual” pelo termo “homoerotismo”, como nome de batismo para “*uma mesma e velha realidade existencial, a ‘realidade homossexual do século XIX’*” (p.23). Segundo o mesmo, fazer isso é cair num *démache* e, se isso ocorresse, estaria fazendo apenas trocadilhos, caindo num erro, apontado por Trevisan (2004) e Mott (2003), de que existiria “algo comum a todos os homossexuais”. Ao contrário, enfatiza Costa, “o homem homoeroticamente inclinado não é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou um conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade homoerótica em quem quer que os possuísse.” (COSTA, 1992, p.22).

Para finalizarmos esta primeira razão apontada por Costa, gostaríamos apenas de ressaltar que este autor não pretende fazer do termo homoerotismo uma conceituação de pretensão munida de uma validade universal. Apenas, torná-lo como um princípio argumentativo para a abordagem nas experiências subjetivas de sujeitos que moralmente são desaprovados pelo ideal sexual dominante (da maioria). Além disso, o termo proposto por ele é, de certo modo, uma tentativa de distanciar esses sujeitos da moral imputada na palavra “homossexualismo” e da categoria “homossexual”, que, como ressalta Costa, em nossa época fizemos dessas palavras uma realidade sexual, psíquica e principalmente social. Assim, a única intenção deste autor é “de mostrar que o ‘homossexual’ nada mais é que uma realidade lingüística e não uma realidade natural. É uma forma de subjetividade que como qualquer subjetividade pode ser historicamente circunscrita em seu modo de expressão e reconhecimento” (COSTA, 1992, 23).

Ao apresentar a segunda razão para a não utilização das categorias acima, Costa vai buscar na construção histórica e social pelas quais passaram as palavras “homossexualismo” e “homossexual” sua justificativa. O autor aponta que é uma construção munida de preconceito e totalmente direcionada pelo contexto médico-legal, psiquiátrico, sociológico, sexológico e higienista do século XIX. Aponta ainda que é permeada pelo alto grau de preconceito da família burguesa oitocentista, uma vez que “o homossexual masculino”, como

remete Costa, não passou simplesmente de uma invenção, de um personagem imaginário deste modelo e que a sua criação não passava de um contrafogo ou, fazendo uso das palavras do próprio autor, uma antinorma do ideal de masculinidade desta época baseado na família vitoriana, como já apontava Foucault (1994) em seus trabalhos. Para Costa (1992), querendo ou não, toda vez que esta palavra for ecoada ou usada remeterá o seu sentido pejorativo e estigmatizante no seio de uma determinada sociedade, que a evitará com a indiferença. Assim, segundo o autor, as crenças preconceituosas do século XIX até os nossos dias nos colocou e nos colocam de maneira preconceituosa perante o uso dessa categoria “homossexual” quando ela é ecoada no nosso convívio social ou em nosso imaginário social. Ele apresenta que esta forma impregnada é carregada de preconceito, formando uma crença moralmente indesejável no imaginário social contra os sujeitos que se coadunam neste modelo. Esses sujeitos passam a sofrer recusas no plano histórico-social da sociedade, o que os impossibilita de se realizarem afetivo-sexualmente e “só porque não tem a mesma preferência da maioria significa ferir um dos esteios de nosso credo moral [heteronormatividade]”.(COSTA, 1992, p.24).

Portanto, ao tomar a categoria “homossexual”, Costa afirma que esta vem carregada de preconceito baseada numa crença moralmente indesejável e na intolerância. Neste sentido, vai demonstrar que é na manutenção do crescimento das diferenças impostas pela linguagem e, principalmente, na esfera da ideologia da sociedade burguesa, que através da manutenção de “pequenos poderes” no cunho cultural e histórico-social passa para o cotidiano dos indivíduos da sociedade do século XIX as formas mais preconceituosas ou, como remete Hall (2004), a “essencialização/naturalização do senso comum”. Esses indivíduos ao codificarem/decodificarem essa forma moralmente indesejável passaram a formar concepções pejorativas, estigmatizantes, degradantes e preconceituosas sobre a palavra homossexual, uma vez que, as pessoas não dispõem de um “outro termo para falar da identidade sócio-sexual”. Até mesmo aqueles sujeitos que se auto-proclamaram homoeroticamente inclinados dispõem, infelizmente, desta língua corrente em volta da categoria “homossexual”.

Procurando esclarecer melhor essa idéia proposta, Costa ressalta que, de forma alguma, se esteja definindo que todas as pessoas são

preconceituosas. Pensar dessa forma seria uma “estupidez”. Porém, apenas alega que, independente das pessoas, as palavras “homossexualismo” e “homossexual” já encontram-se subordinadas ao contexto discriminatório em que foram geradas e fecundadas - o imaginário lingüístico do século XIX. Um fato que, independente das vontades dos indivíduos, perpassa as ações, pois, como exalta Costa, não podemos esquecer que “linguagem não é, compulsoriamente acerto de conta ou convenção parlamentar. É repito, uma forma de vida, uma aparelhagem simbólica complexa por meio da qual lidamos com nossas circunstâncias ambientais” (COSTA, 1992, p.25). Pois, ressalta ele, é através da linguagem que podemos ocultar os nossos preconceitos e permanecermos ocultando essa atmosfera que paira nas noções dessas categóricas de “homossexualismo”, “homossexual” ou “homossexualidade”. Com isso não queremos dizer que, argumentando com Costa, o uso da palavra “homoerotismo” no lugar de “homossexual” venha ser mais ou menos intolerante em relação à indiferença e o preconceito, a discriminação ou a violência em relação aos homoeróticos nesse contexto histórico-social do século XIX ou nos dias atuais. Exclusivamente acreditamos que “continuar perpetuando tal crença [na categoria homossexual] significa manter o sistema de nomenclatura criado para fazer do homoerotismo a contrapartida rebaixada e degradada da sexualidade heteroerótica [do século XIX]” (COSTA, 1992, p.35).

A terceira razão, enfim, proposta por Costa foi elaborada a partir das contribuições de Caligaris (apud COSTA, 1992, p.35), que concluiu que todos os laços sociais de uma sociedade, que venha a ser impregnada pelo preconceito, fazem parte de uma grande “engrenagem montada pelo imaginário da discriminação” uma vez que, a mesma engrenagem tem a função de guardar todo o sistema de nomenclatura “responsável pela identificação e fixação dos sujeitos nos lugares prescritos pela montagem” (CALIGARIS apud COSTA, 1982, idem). É nesse sentido que Costa (1982) propõem que a única forma de superação dessa engrenagem [estruturas] sobre a sociedade ocidental perante a definição de nomenclatura, apontada por Caligaris, só seria possível se saíssemos dela e, ao sair, tentássemos desfazê-la e não reformá-la, preservando as suas definições anteriores. Por isso não há como escapar desta montagem e, principalmente, dessas engrenagens do século XIX sem uma mudança estrutural. Assim, segundo Costa, essa era a única forma de

combater o preconceito e discriminação, batizado pela ideologia e pela linguagem do século XIX, contra os “homossexuais”. No entanto, enfoca Costa, enquanto permanecermos com a preservação do vocabulário “homossexualidade & heterossexualidade”, que permeia nosso imaginário social a partir do ato de classificar, descrever e valorizar o modo de considerar homens e mulheres, prevalecendo e mantendo inalterado todo esse sistema de nomenclatura, este autor não consegue imaginar alterações. Para ele será impossível combater o “preconceito” e a “discriminação” se continuarmos, mantendo íntegra a crença de que os sujeitos humanos são “naturalmente divididos em homossexuais e heterossexuais, se não for impossível, será no mínimo extraordinariamente difícil” (COSTA, 1992, p.35).

Um dos problemas é que essa visão estabeleceu um grande desequilíbrio no tratamento moral dos “homossexuais”, em tudo pela imposição desses rótulos como sendo “indivíduos homossexuais”, contrário aos ideais éticos de nossa cultura. Uma vez identificado como homossexual “o sujeito dificilmente consegue proteger a sua privacidade sexual do espaço público pelo simples fato de ser sistematicamente interpelado em nome de sua preferência erótica” (COSTA, 1992, p.37), ficando exposto e visto apenas em suas práticas sexuais, ou seja, o tempo todo nos espaços públicos terá que viver como se toda a sua vida se resumisse apenas nas suas inclinações homoeróticas, ressalta Costa. Em síntese o autor mostrará que para muitos homoeróticos essa forma de percebê-los é uma violência sufocante e insuportável. Nessa mesma linha de raciocínio Costa (1992) dá ênfase que,

a essa altura pode-se retrucar que para numerosos homens homoeróticos inclinados a apresentação pública de suas preferências sexuais em absoluto é fonte de desconforto particular. Concordo e concedo que seja verdade. Mas é uma prerrogativa que deve ser objeto de deliberação pessoal. No momento em que aquilo que deve ser decidido por cada um torna-se compulsório para todos, estamos no terreno da violência segundo nossos valores. Estamos atentando contra a liberdade que todos devem ter de optar pela melhor forma de apresentarem aos olhos do outro publicamente e pela melhor forma de procurarem ser felizes em suas vidas. (COSTA, 1992, p.38).

Esta afirmação supõe que toda a apresentação pública deve ser uma atitude subjetiva. Mesmo que as inclinações desses sujeitos sejam avaliadas pela sociedade dentro de relações “anatômicas” por suas inclinações homoeróticas (suas preferências), esse processo não irá garantir a formação de uma identidade coletiva, uma vez que nem todos comungam os valores considerados comuns a todos considerados “os verdadeiros homossexuais”. Essa idéia de identidade se apresentará como uma proposta falaciosa no campo sócio-cultural.

Como acabamos de descrever, essas são as razões teóricas proposta por Costa para combater o preconceito da naturalização da homossexualidade no imaginário social. Este autor apontará que o caminho principal para guerrear contra esse preconceito é pela via da linguagem, uma vez que ela tornar-se o principal obstáculo, pois “linguagem é um jogo de cartas marcadas, onde o discriminado é forçado a recorrer ao vocabulário do discriminador para identificar-se como sujeito e para reivindicar a consideração moral que aspira” (COSTA, 1992, p.38). Diante disso percebemos então um ponto de encontro entre as reflexões teóricas propostas por Costa e os sujeitos de nossas pesquisa, já que, nas falas destes sujeitos é notado com freqüência uma negação dos termos homossexualismo, homossexual, gay, bicha, viado, entre outros, por perceberem uma classificação pejorativa e estigmatizante destas categorias e que é renegada por estes sujeitos.

### 1.3 Modelos históricos dessa categorização homoerótica masculina: um viés na sexualidade humana.

A sexualidade humana sempre foi considerada uma categoria que estava circunscrita na esfera pessoal, por isso apresenta-se de forma emblemática para os pesquisadores sociais, especialmente para os sociólogos, uma vez que essa categoria é vista por uma via marginalizada neste campo. (GIDDENS, 2004; RISCADO, 1999). Para Anthony Giddens, devido a esta complexidade, a sexualidade humana deve ser compreendida além da ótica biológica. Neste mesmo pensamento, Prado & Machado (2008) apontam que a sexualidade é uma categoria que, para ser compreendida na contemporaneidade, vai além da perspectiva biológica, sendo permeada ainda

pela via psicológica, socio-econômica, cultural, étnica, religiosa, política e geográfica, devido a suas simbologias que irão refletir quem somos e como vivemos numa determinada sociedade.

Diante disto, Costa (1995) e Nunan (2003) argumentam que aproximadamente até o século XVIII a concepção das ciências em torno da “*diferença dos sexos*” entre homem e mulher possuía uma mentalidade leiga, baseada na ideologia neoplatônica<sup>13</sup> e que através de símbolos e elementos dessa ideologia o Ocidente confirmava uma forma harmoniosa entre esses dois mundos, a qual observava a esfera da sexualidade pelo arquétipo do *one-sex-model*, isto é, o modelo único do sexo. Nesse modelo, a sexualidade era apresentada da seguinte maneira - “a mulher era entendida como sendo um homem invertido. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis, a mulher era [portanto] um homem invertido inferior” (LAQUEUR, 1998, p.94 apud COSTA, 1995, p.100). Assim, para Costa havia uma concepção de uma perfeição em volta do corpo do homem. A forma da mulher era vista como uma imperfeição na escala metafísica do corpo ideal do homem neste período. Deste modo, a partir dessas concepções científicas do século XVIII, existia somente um modelo de sexo cuja distinção entre homens e mulheres não ocorria por critérios sexuais, ou seja, a diferença não estava exclusivamente no sexo biológico (forma originária do sexo), uma vez que, o modelo sexual era apenas um (*one-sex-model*), como expressado acima. Essa diferenciação somente era notada pela posição social e cultural que o homem e a mulher ocupavam na sociedade. Portanto, na percepção do mundo dos elementos do imaginário neoplâtônico não se tinha a possibilidade da bipolaridade da sexualidade humana, como podemos verificar nos dias atuais, pela divisão sexual masculina e feminina, pois essa bipolaridade somente veio ser reconhecida no final do século XVIII e início do século XIX.

Essa categorização no modelo da bissexualidade original dos humanos veio surgir no *two-sex-model*. O seu surgimento teve como princípio a

---

<sup>13</sup> Na ideologia neoplatônica a visão de mundo tinha como base os fenômenos do universo como símbolos aparentes de forma essenciais. “a relação entre os fenômenos era a expressão de correspondências que confirmavam a harmonia do mundo e a repetição dos mesmos arquétipos em realidades distintas.” (NUNAN, 2003, p.27).

existência de um dimorfismo radical e original da sexualidade, sendo fruto das revoluções burguesas e do Iluminismo que permearam as teorias científicas da “diferença sexual bipolar e originária provenientes dos interesses de filósofos, moralistas e políticos que encontraram um critério natural para justificar a inferioridade político-jurídico-moral-psicológica da mulher” (COSTA, 1995, p.101), influenciando o imaginário cultural desta época, uma vez que, essa linguagem científica permeou à linguagem ordinária em favor das ideologias sexuais do que hoje mantemos como concepções de sexualidades. Neste sentido, Laqueur (1992) enfatiza que essa linguagem que diferencia anatomicamente e fisiologicamente homens e mulheres só foi possível, “quando essas diferenças se tornaram politicamente importante” (LAQUEUR, 1992, apud COSTA, 2003, p.28). Imbuídas nessas efervescências do pensamento burguês é que serão impostas diferenças morais dos comportamentos entre homens e mulheres na relação de gênero. Se antes os viés cultural-social fazia distinção entre homens e mulheres no século XVIII, ocorre no século XIX um redirecionamento para a rediscussão de uma nova construção dos corpos humanos, surgindo assim a “idéia da diferenciação de sexos entendida como o mito da bissexualidade”.

Portanto, para compreendemos a história da bissexualidade Costa (1995) apresenta três fatores histórico importantes propostos pela burguesia. O primeiro consistiu na concepção da individualidade entre homens e mulheres. Se antes as mulheres eram consideradas desiguais e inferiores aos homens pela sua imperfeição no mundo, com o aparecimento do mito da bissexualidade original do indivíduo passa-se a dividir corpo e razão de homens e mulheres, pois como exigência do liberalismo cria-se uma nova noção de subordinação das mulheres, essa fundada na diferenciação social e cultural do sexo, numa biologia incontestável de forma incomensurável, onde o “liberalismo postulava um corpo que se não era assexuado, era, todavia indiferenciado em seus desejos, interesses ou capacidade para razão” (COSTA, 1995, p.111).

O segundo problema se observa na forma conflitante no limite entre as esferas públicas e privadas. Segundo Costa (1995), essa problemática se apresenta como um grande impasse, ou seja, até que ponto poderia o Estado intervir nessa esfera privada e até quando o privado poderia interferir na esfera pública entre homens e mulheres. Para solucionar esses questionamentos,

Costa (1995) demonstra que é nesse momento que a mulher passa a “ficar confinada em espaços privados devido a sua fragilidade, enquanto os homens no domínio público” (COSTA, 1995, p.113).

O terceiro argumento é evocado na reordenação política-econômica da burguesia em torno da família nuclear e do seu reordenamento sexual, reescrevendo um novo modelo burguês de família, diferenciado dos anteriores, visto que, esse novo modelo deveria garantir a descendência e o controle da população. Essa redescrição sexual entre crianças, homens e mulheres, posicionando-os e diferenciando-os das classes consideradas subalternas, trazia a moral sexual para esfera da cultura, colocando como emblema a sexualidade burguesa. É nesse momento que Foucault (1998) observa que na família burguesa

a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorva-a, inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Entorno do sexo, se cala, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. (FOUCAULT, 1998, p.9)

Ao mesmo tempo podemos dizer que os ritos sexuais do século XIX da sociedade moderna, além de uma tentativa de reduzir a sexualidade ao casal heterossexual, criou, inventou, difundiu formas hierarquizadas de múltiplas sexualidades. É assim que surge a concepção da sexualidade moderna do século XIX e com ela o aparecimento de todas as sexualidades periféricas, neste caso, podemos incluir a homossexualidade enfocada por Foucault. Se antes, no modelo *one-sex-model*, a mulher era colocada como “invertida” em relação ao homem, posteriormente, no *two-sex-model*, a mesma tornava-se inverso complementar do homem. É seguindo essa perspectiva que a sexualidade homossexual passa a ser considerada como princípio dessa inversão. Se na mulher era adotado como processo natural, no homossexual será adotado como “perversão” e “anti-natural” (COSTA, 1995, P.128). Nessa mesma perspectiva, argumenta Foucault (1998), “o homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (FOUCAULT, 1998, p.43). Sendo assim, este

autor enfatiza que, assim que a homossexualidade foi considerada como “sensações sexuais contrárias<sup>14</sup>” passou então a ser observada como categoria para a psicologia, a psiquiatria e a medicina do século XIX, “sendo transferido, da prática sodomia, para uma espécie de uma androgenia inferior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1998, idem). A homossexualidade será, para muitos médicos-psiquiatras, portadora da sexualidade feminina. Esse “invertido” apresentará dois grandes desvios enigmáticos para ciência: “uma sensibilidade nervosa” e seu “prazer sensual” feminino. Por esse dois desvios, o seu sexo será considerado incapaz de reproduzir, assim, passa a ser estudado pela ciência junto com outros seres desviantes da normalidade estabelecida pela sociedade burguesa da época. Portanto,

O homossexual será alinhado aos velhos libidinosos, celibatários, sífilíticos e libertinos, como anti-norma paradoxística da figura do homem-pai. Desde então, a feminilidade do homossexual vai ser afirmada, a despeito de qualquer contra-exemplo empírico ou de qualquer incongruência conceitual. Ela tinha que “ser feminino”, pois, não sendo feminino, não tinha ser “invertido”. O homossexual tornou-se a prova teórica do two-sex model político-moral. Sem ele, a demonstração de que existe um sexo, diferente de sua divisão anatômica, em dois sexos, ficaria de ser mostrada. Nele, estava a prova viva de que “o sexo” da mulher pode habitar o corpo de um homem. Todos os invertidos mostravam isto, todos os invertidos eram aprova disto. (COSTA, 1995, p. 129).

Enfim, para Costa somente foi possível pensar na homossexualidade do século XIX devido à categoria “heterossexualidade”. Sem ela seria impossível essas duas divisões entre os sujeitos no campo da sexualidade humana. É assim que Prado (2008) enfoca que existe um grande contra-senso entorno da homossexualidade na via da sexualidade, uma vez que, existem inúmeras definições para tentar compreender esses sujeitos. São elas sadomia, homossexualismo, homossexual, homoerótico, entre outros conceitos.

---

<sup>14</sup> A essas sensações Foucault se refere ao artigo Westphal, *Archiv Neurologie* publicado em 1870, que em seu bojo remetia como afirma o autor “ menos como tipo de relações do que como uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. (FOUCAULT, 1988, p.43).

Nunan (2003) acrescenta que no universo do século XIX, a utilização de conceitos como instintos sexuais, degeneração e evolucionismo foram fundamentais na medicina deste século. Essas formas conceituais passaram a justificar toda a moral burguesa da época, criando, decididamente, concepções de ideologias sexuais (instintos sexuais) que permearam com grande efervescência as nossas idéias atuais de sexualidade no imaginário social atual. É nesse momento que Nunan nos remete que a homossexualidade é “definida como uma perversão do instinto sexual, degenerescência de seus portadores e, depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico, que se manifestava pelo funcionamento feminino do homem”, (NUNAN, 2003, p.32).

Assim, nos meados do século XIX, ao ser criado o termo “homossexualismo” para descrever pessoas que se sentem sexualmente atraídas por outras do seu próprio sexo, esse sufixo (ismo) diante desse tipo de comportamento o classificava como uma “doença”, um desvio mental. Após essa terminologia, outras duas categorias foram inventadas e criadas nesse mesmo período para se contrapor ao (ismo) - o termo homossexual e homossexualidade. O médico húngaro Karoly Maria Benkert, foi o inventor do termo “homossexual”, em 1868. Já para o médico alemão Karl Heinrich Ulrichs, a palavra que melhor definiria esses indivíduos devido às suas práticas sociais seria o termo “uranista”, que surgia como analogia ao mito da musa urânia - mito esse que tinha em seu enredo o “amor entre pessoas do mesmo sexo”. Essa terminologia surge nos trabalhos do médico alemão entre os anos de 1860 a 1890 (FRY & MACRAE, 1991; RISCADO, 1999). Em seguida, o termo “homossexualidade” foi cunhado pelo médico austríaco Krafft-Ebing, no século XIX, ao publicar em seu livro “*Psicopatias Sexualis*”. Após escrever as confissões dos seus pacientes, tornou-se o precursor deste termo e é este médico que passará a influenciar de forma significativa a medicina do século XIX em relação a homossexualidade, uma vez que o sufixo (dade), além de propor igualdade, remetia ao “modo de ser” desses indivíduos homossexuais. De acordo com Ribeiro (1938, apud FRY E MACRAE 1991), é neste século que o problema do “homossexualismo” passou a ser estudado por médicos-psiquiatras interessados em descobrir as causas desta anomalia/doença. Por fim, no final do século XIX e início do século XX, as categorias anteriores são

contestadas e surge a terminologia “Homoerotismo”, de Sandor Ferenczi, psicanalista húngaro, contemporâneo de Freud. Este pesquisador observou que o termo homossexualidade era demasiadamente insuficiente para descrever “a diversidade de experiências psíquicas dos sujeitos homoeroticamente inclinados.” (COSTA, 1995, p.43).

Assim sendo, no século XX ocorrem várias transformações em busca desta conceituação, tais como os estudos de Kinsey<sup>15</sup> (sobre a sexualidade humana norte-americana nos 30 e 40) e o aparecimento dos movimentos liberais sexuais (principalmente o feminismo que passou a questionar a normalidade heterossexual, em relação às questões de gêneros, suas identidades e seus papéis sexuais). Para promover os direitos dos homoeróticos surge o termo de homófilas, cunhado por algumas organizações dos Estados Unidos que tentaram promover a melhoria das condições de vida de gays e lésbicas das décadas de 50 e 60 e permitir a estes indivíduos saírem do silêncio e da clandestinidade que permeavam desde o século XIX. Este termo homófilas perdurou durante essas duas décadas. Posteriormente, este termo “homófilas” também sofreu duras críticas e transformações por alguns homossexuais, por está preso nas concepções médicas direcionadas às práticas perversivas dos homoeroticamente inclinados, uma vez que, o termo não possuía uma expressão politizada e mais radical, como a ponta Badinter (1992). De acordo com Green (2000) surge então a nomenclatura do termo inglês “Gay”, ou melhor dizendo, “Gay Power” (para a substituição do termo homófilas), que se refere aos movimentos ocorridos nos Estados Unidos no final dos anos 60 (especificamente no ano de 69, com o acidente de Stonewall Inn<sup>16</sup>) e na Europa no começo dos anos 70. É através deste termo que esses indivíduos saem do silêncio e da clandestinidade ou, como remete Badinter

---

<sup>15</sup> O estudo Kinsey, iniciou-se nos anos 30, é buscavam compreender como se processava a sexualidade humana. Kinsey, ao observar milhares de vespas em laboratório, concluiu que 10% desta população de vespas tinham práticas homossexuais entre si, então em 1948, publicou um relatório intitulado “Sexual, Behavior in the Human Male”, afirmando que 10% da população humana tem uma orientação homossexual, chegando a chocar a família clássica americana, após este estudos se popularizou-se a afirmação que 10% de uma determinada sociedade existe indivíduos com orientação homossexual, apresentando um “continuum” neste comportamento homossexual. (RISCADO, 1999, p.24).

<sup>16</sup> Este fato está relacionado com as “rebeliões e protestos” ocorrido nos EUA em 1969 na cidade de Nova York. Foi considerado como o “Levante Gay”, fato atualmente conhecido no universo homossexual (NUNAN, 2003).

(1992), é “um termo mais neutro, que designara uma cultura específica e positiva” (1992, p. 113 apud, NUNAN 2003, p. 104) em relação às práticas homossexuais, sendo essas práticas vistas agora por sua expressão politizada e menos estigmatizada das categorias anteriores.

### 1.3.1 A identidade homoerótica: Uma visão Biológica, Psicológica e Sociocultural.

Focalizaremos apenas neste subitem algumas características em torno dessas três visões teóricas – bio-psico-sociocultural. Chamamos a atenção de que não pretendemos abarcar todo o bojo teórico que permeia essas definições, mas apresentá-las no grau de sua importância para elucidar a problemática sobre a identidade homoerótica masculina no campo da sexualidade, uma vez que, essas visões contribuíram em grande parte para a construção social desta categoria na sociedade ocidental. Trevisan (2004) observou em seus trabalhos que, historicamente, a busca das “causas” da homossexualidade vem obcecando muitos cientistas, psicólogos, juristas e sociólogos. Este autor admite que não se pode esquivar do fato de que a questão sobre “ser ou não-ser homossexual” é observada por esses profissionais a partir de uma visão preconceituosa e discriminatória. Assim, vejamos como as teorias biológica, psicanalista e culturalista explicam o homoerotismo.

Para Trevisan (2004), os pesquisadores biólogos da contemporaneidade, em especial os trabalhos realizados a partir dos anos 90, vem dando bastante atenção à origem da homossexualidade. Essas novas experiências, ressalta Trevisan, vieram reacender a velha problemática sobre a homossexualidade congênita apontada no século XIX. Com o avanço das tecnologias do final do século XX e no início do século XIX, essa visão biológica toma um novo rumo - a busca da identidade gay estaria relacionada a herança de uma diferença cromossômica. Como aponta Trevisan (2004), os

cientistas bioquímicos e neurobiólogos americanos teriam constatado, num grupo de homens homossexuais, a existência de uma versão diferenciada do cromossomo X masculino, que possuiria uma região especial, batizada de Xq28, responsável pela tendência homossexual. Ser homossexual seria, portanto, uma marca genética imutável, tal como ser canhoto ou ter olhos e cabelos de determinada cor. (TREVISAN, 2004, p.31).

Para esses pesquisadores existiria no próprio indivíduo homossexual um cromossomo gay, ou melhor, como prefere Trevisan (2004), um “gene guei<sup>17</sup>” que determinaria uma marca genética imutável, abarrotada de determinação do Xq28 que legitimaria a homossexualidade biológica. Essa visão, entretanto, é passível de crítica, afirma Trevisan, já que, se fosse aceito esse pressuposto biológico sobre a homossexualidade

a prática bissexual seria impossível, pois a pessoa estaria geneticamente determinada a ser apenas homossexual ou heterossexual. E como explicar que, no decorrer de séculos, milhares de homossexuais não assumidos tenham conseguido ludibriar sua “vocaçãõ” genética, para viver marital e socialmente como heterossexual, até o ponto de nem serem percebidos? (TREVISAN, 2004; p. 32).

Assim, ao buscar a origem da homossexualidade, continua o autor, os geneticistas estariam imbuídos de preconceitos, discriminação, ou melhor, dizendo, de idéias positivistas e fascistas, logo que “como não existe ciência neutra, todo o projeto científico se estabelece a partir de determinado ponto de vista subjetivo, envolvendo idiosincrasia do cientista e do seu meio.” (TREVISAN, 2004, p.32-33). O autor esclarece ainda que, cabendo ao cientista dizer ou eleger o que é certo ou errado dando um julgamento valorativo, o problema estaria não nos motivos, mas na origem desse processo investigativo em busca da identidade “gay”, já que, para os geneticistas há uma “normalidade” nesse gene: se há um desvio de normalidade é porque existe um padrão de origem. Nesse caso, a homossexualidade é desviante do padrão heterossexual. Sendo assim, estaria o entrave do “gene guei”, pois o que está

---

<sup>17</sup> Termo utilizado de forma brasileira pelo próprio autor SILVERIO, Trevisan. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Rio de Janeiro. Recorde, 2004.

em jogo é a ideologia heteronormativa dominante. Portanto, os trabalhos realizados pelos bioquímicos e geneticistas, segundo Trevisan, não apresentam resultados consistentes na busca desse cromossomo gay, uma vez que não existe um consenso entre eles mesmo.

Na vertente psicanalítica, aponta o autor, alguns teóricos defendem que essa origem homossexual teria seu princípio no desenvolvimento sexual ou numa regressão perturbadora que o sujeito homossexual teve em relação ao seu núcleo familiar (pais). Essa regressão facilitaria o surgimento da identidade homossexual. Mas, enfatiza Trevisan, nem todos os psicanalistas aceitam essa teoria, pois os estudos da influência familiar não confirmaram essa tese (TREVISAN, 2004, p.48). Outros acreditam que o elemento fundamental para tal direcionamento sobre a identidade homossexual estaria relacionado com o inconsciente, que teria a função de direcionar todas as tomadas de decisões. Neste caso, o inconsciente seria um elemento fundador das tendências de um indivíduo. Essa vertente também é criticada a partir das reflexões no campo cultural, já que a cultura influencia também na formação das identidades do indivíduo e que esta identidade não seria resultado apenas de sua própria psique.

Para Trevisan,

o inconsciente trabalha com elementos de uma química misteriosa, que articula as tendências de um indivíduo por “mistério” de composições complexas com base hormonais, metabólicas e transpessoais, nas quais os dados culturais, educacionais e psicológicos podem sim interferir, modificando-as. No caso do desejo, investigar origens parece-me supérfluo, quando se busca apenas uma categorização. Seria preferível falar em “inefabibilidade”. Oriente-se o desejo para que lado for, haverá sempre um mistério em sua raiz. E diante do mistério é possível qualquer postura além da aceitação? Do mesmo modo, a homossexualidade pressupõe a aceitação do mistério das suas razões como um componente a mais da realidade. Aceitar seu “mistério” faz parte do encontro inevitável com o princípio da realidade” (TREVISAN,2004.p.34)

Elencada dessa forma acima, exposta por Trevisan, a homossexualidade na via da psicanálise pode ser interpretada com os mesmos moldes da construção da personalidade que, nas suas bases psicossociais, representaria mais uma síntese do que propriamente uma estrutura estanque, onde o cultural e o inconsciente são partes de um “jogo da vida”, onde o indivíduo apropria-se do meio e o re-significa interiormente em sua formação.

É nesse sentido que a visão social se propõe a explicar essa identidade homossexual inserida no campo sociocultural. Nesse processo a identidade gay não se apresentaria como uma construção autônoma, mas uma construção social. Nessa mesma linha de raciocínio, proposta por Trevisan (2004), Fry & MacRae (1991) nos remetem que os desejos “homossexuais são socialmente produzidos, como são produzidos desejos heterossexuais (..)” (FRY E MACRAE, 1991, p.16). Para esses autores, a busca da compreensão do que seria a categoria “homossexualidade” contém, em seu bojo conceitual, a procura de algo, de uma definição, de um conceito sobre alguma coisa. A homossexualidade, para ambos, possui “uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo” (FRY E MACRAE, 1991, idem), gerando, nomenclaturas de várias formas. Os autores também argumentam que essa categoria não é uma forma universal e nem é uma verdade absoluta. Idéias e conceitos ao redor dela corresponderão sempre a uma visão histórica, social, cultural e particularizante de um determinado momento, pois, essa categoria é fruto das relações sociais, que emanam do interior das sociedades e somente lá ela possui sua carga simbólica e suas funcionalidades passam a ter sentidos. Assim, “tal conjunto de regras e padrões, que é informado, apreendido e utilizado pelos indivíduos constituem o que chamamos de 'cultura sexual'. Essa cultura informará, entre outras coisas, quem pode fazer sexo com quem, em termos de parentesco, de idade e de status sociais.” (TEIXEIRA, 2002, apud FRY E MACRAE, 1991, p. 18).

Comungando com este pensamento, Fry & MacRae (1991) asseguram que essa “cultura sexual” não existe de uma única forma ou categoria para

conceituar, representar e praticar a homossexualidade. Ao contrário, esta categoria deve ser vista pelo seu ângulo de variedades conceituais, porque a sua conceituação nunca será a mesma em todas as sociedades, épocas ou grupos culturais. A homossexualidade “é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiiqui do Paraguai” (FRY & MACRAE, 1991, p.7). Nesse mesmo sentido e partindo dessa observação, os autores passam a observar a categoria “homossexualidade” a partir de dois campos de estudos: o da cultura e o da política, extraindo, dessa forma, a sua conceituação do campo da medicina e da psicologia, que desde meados do século XIX (como já vimos anteriormente na visão de Trevisan (2004)) tentam definir essa categoria pela medicina, pelo processo da “naturalização”, da “essência” de “fatores genéticos/e desequilíbrios hormonais” ou de uma “patologia congênita”, sobretudo na “hereditariedade”. Ao mesmo tempo, a tentativa dos autores busca romper com a visão da psicanálise, que observa esses indivíduos homossexuais pela via da “fixação”, da “castração” e do “narcisismo”. A proposta teórica dos autores para sobrepor esses dois campos anteriores é tomar como ponto de partida a visão relativizante da antropologia social, uma vez que, a homossexualidade, ressalta os autores, é uma questão primeiramente política e cultural. Ambos acreditam que esse procedimento processual é fundamental para procurar uma lógica “social das idéias e práticas associadas à homossexualidade e sua significação (...) que variam de um contexto para outro contexto e de cultura para outras culturas, e de segmentos para segmentos numa determinada cultura” (FRY E MACRAE, 1991, p. 15).

Nessa mesma seqüência expositiva, Fry e MacRae admitem que tanto a teoria relativizante do viés antropológico, quanto biológica ou psicológica, são apenas opções possíveis de análises sobre a homossexualidade. Essas teorias apenas “dizem mais sobre pessoas que as articulam, dos contextos sociais e culturais onde são produzidas do que sobre a homossexualidade em si”. (FRY E MACRAE, 1991, p. 16). Mas, mesmo sendo essas visões uma pretensão ideológica, ambos admitem que a abordagem antropológica possui uma relevância muito maior do que as outras formas idealizadoras sobre a categorização homossexual, porque “desejos hetero/homossexuais são produtos sociais” (CASTELLS, 2002). Assim, enfatiza Fry & MacRae, “para

nós, um ou outro ou ambos tem o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade” (FRY E MACRAE, 1991, op cit).

Em meio a essas formulações teóricas e de posturas paradigmáticas, construiremos a identidade homoerótica masculina privilegiando a sua margem sócio-cultural. Esta nossa postura metodológica não deixa de dialogar com as outras ciências, pois como nos referimos a indivíduos com práticas homoeróticas no que diz respeito ao nível subjetivo destes e de suas simbologias e representações sociais da identidade homoerótica, perpassamos, sem dúvida, por outras vias de análises.

1.3 – Os espaços como categoria de análise: um diálogo entre a Geografia, a Antropologia e a Sociologia para pensarmos as identidades homoeróticas masculinas.

Existe no campo das ciências sociais, e principalmente na sociologia, certa negligência ou, porque não dizer, lacuna no tocante às pesquisas relacionadas aos estudos de espaços sociais, como aponta Haesbaert (2004), principalmente se os trabalhos possuírem certo viés da territorialidade humana. Tal fato ocorre, como afirma o autor, porque ora alguns trabalhos privilegiam apenas temáticas relacionadas nas formações de territórios, ora apenas temáticas voltadas para dimensão simbólica/identitária.

Nesse sentido, ao tratar das pesquisas em antropologia, Ferguson (1992) afirma que essa “pouca consciência da questão do espaço” nas ciências sociais permitiram a formação de rompimentos, rupturas e disjunções contidas nos trabalhos etnográficos anteriores, uma vez que, na visão clássica esses “mapas etnográficos” demonstravam, através da fragmentação e da demarcação, a construção de espaços enraizados no seu devido lugar. É como se um suposto isomorfismo entre espaço, lugar e cultura resultasse como problema significativo para os trabalhos no campo das ciências sociais. Além disso, é importante salientar que somente nas últimas décadas é que podemos perceber, no Brasil, certo avanço de estudos com enfoque nessa temática por parte de alguns cientistas sociais, como podemos constatar nas obras de Damatta, Magnani, Silva, Ianni, Ortiz e do geógrafo Milton Santos. De acordo

com a visão de Haesbaert, esses autores são considerados marco teórico na construção da espacialidade e da desterritorialização brasileira.

Ante o exposto, o objetivo desta seção é preencher de forma modesta um pouco dessa lacuna no campo sociológico por meio de diálogos interdisciplinares com autores da teoria antropológica, geográfica e sociológica, e através do mapeamento sobre os espaços de sociabilidade de expressão homoerótica na sociedade maceioense nos ambientes públicos da região metropolitana da cidade<sup>18</sup>. Dessa forma, buscamos, através dos diálogos com os sujeitos da pesquisa, compreender e visualizar melhor como se apresentam esses espaços e, ao mesmo tempo, situar a vivência desses atores, uma vez que é interessante notar, segundo a visão de Haesbaert (2004), que “sociedade e espaço social são dimensões gêmeas, não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, e ‘territorial’” (HAESBAERT, 2004, p. 20), principalmente porque nos sujeitos da pesquisa realizam suas identidades em espaços específicos e não podemos simplesmente analisá-los como forma abstrata de pensamento. Canclini (2003) assegura em suas pesquisas urbanas que o espaço é uma dimensão principal da vida humana, estando inteiramente interligado na própria sociedade da qual o(s) indivíduo(s) faz(em) parte. Para Haesbaert e Castells (1999) o próprio conceito de sociedade dá a entender uma espacialização, gerando assim uma forma restrita de territorialização e de um breve pertencimento espacial.

Imbuídos dessa visão, acreditamos que por essa via da territorialidade - dos lugares aos não-lugares - se possa compreender como se processa essa suposta identidade homoerótica maceioense, tendo na violência ocorrida nesses espaços o princípio da descentralização dessas identidades clandestinas e enrustidas (AUGÉ, 1994; SILVA, 2003:). Estas, proveniente de uma dimensão territorial, simbólica e cultural, produzidas por este grupo como recurso de identificação dessas diversidades de categorias das identidades gay, viado, bicha, homossexual, homoafetivo, homoerótica, homoternurismo,

---

<sup>18</sup> Para esse mapeamento utilizamos fragmentos de nossas idas a campo, detalhamentos discursivos dos nossos informantes através das entrevistas e conversas informais dentro dos próprios espaços. E de sua vivência como dado inegável de um contexto histórico e social como remete Trevisan (2003). Observando, sempre como perpassam os seus códigos e regras dentro desses espaços, privilegiados as relações desse grupo inserido nesse contexto territorial.

barbie, HSH<sup>19</sup>, criando certa fluidez ou, porque não dizer, uma descentralização no processo de identificação com essas categorias apontadas nesses lugares e não-lugares, espaciais e territoriais.

Mas, deixemos claro que não podemos confundir espaço com território, por mais que ambos se intercalem. Não podemos confundir suas conceituações, já que ambos se distinguem um do outro, como podemos ressaltar levando em consideração o pensamento de Vieira (1997, p.81), que, apresenta distinções entre espaços e território - o espaço é visto como anterior ao território e o território tendo seu apoio no espaço. Entretanto, resalta Vieira, o território é uma criação e uma produção tanto no próprio espaço, quanto uma produção dos atores que nele atuam. Dessa forma, a territorialidade “não é apenas uma identificação desses atores, mas um vínculo com esses espaços, ela [territorialidade] é um resultado de um processo demorado em que atuam relações de várias ordens, entre atores diversos, em tempos diferenciados” (VIEIRA, 1997, idem). Diante deste ponto de vista, outro autor que poeticamente argumenta sobre espaço é o antropólogo Roberto DaMatta<sup>20</sup>(1997). Segundo ele, o espaço deve ser sentido como o ar que respiramos, faz parte de nós. Porém, para que possamos sentir a presença do espaço em nosso meio social é preciso situá-lo numa certa perspectiva, só dessa forma poderemos senti-lo e vê-lo. Portanto, ao vê-lo, poderemos sistematicamente perceber a criação de espaços físicos e simbólicos diferenciados em nosso meio social.

Assim, DaMatta resalta que devemos observar a sociedade como redes de relações sociais e de valores. Sem essas relações é inconcebível a compreensão da categoria espaço em nosso sistema social. Para DaMatta, não se pode confundir o espaço como medida orgânica ou natural. O espaço deve ser visto pelo sua categorização social, como invenção social, simbólica e cultural. Em outros termos, argumenta o autor, “(...) não há sistema social onde não exista uma noção tempo e de espaço” (DAMATTA, 1997. p. 33). Isto é, “o fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens” (DAMATTA, 1997. p. 37). Ele complementa ainda

---

<sup>19</sup> Essas categorias são definidas no capítulo II deste trabalho.

<sup>20</sup> MATTA, Roberto da, 1936. A casa & a rua. 5.ed.Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

que é preciso também problematizar os espaços levando em consideração que eles se apresentam como “transitórios, mágicos, legais, espaços individualizados e coletivos”. Assim, DaMatta propõe duas categorias sociológicas importante para compreensão da realidade brasileira: a *casa* e a *rua*, a primeira em oposição à segunda. O autor afirma que

quando, então, digo que “casa” e “rua” são categorias sociológica para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esfera de ação social, províncias étnicas, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 1997, p. 17).

Diante dessas duas categorias - casa e rua - percebemos que o espaço não é simplesmente uma demarcação geográfica ou mensurável, onde alguém simplesmente o demarca ou estabelece fronteiras ao separar um chão do outro. Da Matta argumenta que, se isso ocorrer, precisamos compreender de que forma essa separação foi efetuada entre os atores sociais num dado contexto social e legitimada pelos mesmos. Para o autor a casa é visto como um lugar essencialmente privado, ambiente em que podemos observar os códigos familiares, espaço privilegiado de relações de parentescos, além de expressar lugar de intimidades de caráter privado de um indivíduo. Em contra posição, a rua é vista como ambiente público, ordenado por vias de código jurídico, intercâmbios de indivíduos anônimos, espaço de desordem onde podemos encontrar dominados e estranhos em meio à rede de relações impessoais locais. Também é o espaço de encontros indesejáveis, de individualização de luta e malandragem, prevalecendo um recinto sem paz e sem voz dos que trajetam essa espacialização da rua, enfatiza o autor. Ambas as categorias - casa e rua - são apresentada pelo autor como visões de mundos, estéticas particulares ou esfera de sentido, responsáveis pela constituição da própria realidade que permite a normalização e moralização dos comportamentos, num dado contexto social, por meio das suas perspectivas próprias. Assim,

não se pode falar de “casa” sem mencionar seu espaço gêmeo, a “rua”. Mas, é preciso observar que oposição casa barra rua tem aspectos complexos. Primeiro, por que é uma posição de estática, de substantiva ou de absoluta. Ao contrário na gramaticalidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, visto que, há espaços nas ruas que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social, pessoa, tornando-se casa o seu ponto. (DAMATTA, 1997, p. 60-61).

Nesse sentido, destacamos a visão de Karl Polanyi, de que “o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualmente, estando sempre misturado, interligado ou “embebecido” (...) em outros valores que servem para orientação geral” (POLANYI, apud DAMATTA, 1997, p. 34) dos indivíduos. DaMatta, do mesmo modo, denota que os espaços brasileiros são geralmente espaços no sentido de “uma graduação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro ou fora, público e privado” (op cit, p. 32). Esses espaços passam a ter uma forma relacional através das relações dos indivíduos num dado contexto social na sociedade brasileira, perpassando, como um “sistema no qual o básico, o valor fundamental é relacionar, misturar, juntar, confundir e conciliar” (DAMATTA, 1997, p.114) essas duas categorias casa e rua. Não podemos negar a contribuição teórica/metodológica do pensamento damattiano sobre a temática proposta, porém, devido a dimensão que norteia este trabalho, além dessa dicotomia apresentada casa e rua, é necessário um diálogo que permita abarcar a realidade dos nossos informantes, visto que a sociabilidade desses atores exige novos paradigmas teóricos.

Se contrapondo a essa visão hierárquica dos espaços proposta por DaMatta, o antropólogo Magnani (2003), grande teórico de estudo sobre espaços urbanos, argumenta que o pensamento damattiano é insuficiente para certos estudos etnográfico devido a magnitude de certos trabalhos. Dessa forma, Magnani (2003) propõe uma via intermediária de análise baseada na proposta teórica da categoria *Pedaço*. Essa categorização – pedaço - é o espaço ou o lugar demarcado, ou o ponto de referência em que determinado grupo o distingue através de uma rede de relações simbólicas entre seus freqüentadores, aonde esses espaços apresentam características diversificadas.

Para Silva (2003) essa noção de pedaço proposta por Magnani deve ser vista também como “um conjunto de territórios marcados por uma determinada sociabilidade que, antes de estar impregnada na identidade dos atores sociais, faz-se presente na ocupação de certos roteiros” (SILVA, 2003, p.1). E é nesse ambiente de sociabilidade, enfatiza Magnani (2003), que podemos reconhecer a trama do dia-a-dia, a troca de informações, os contatos, às relações mútuas. É lá aonde podemos observar as redes de relações tecidas no cotidiano dos atores sociais e dos seus conflitos. Lá é “o lugar dos colegas e dos chegados, onde todos sabem quem são, de onde vem e dos que gostam e do que de pode ou não fazer” (MAGNANI, 2003, p.12). Outra característica importante, ressaltada por Magnani, é que esses espaços não são legitimados apenas com os que se conhecem (*amigos/chegados/conhecidos*), mas, também através dos seus freqüentadores anônimos, ou seja, os indivíduos que estão circunscritos no “pedaço” não necessariamente precisam se conhecer na esfera de sua sociabilidade de bairro ou de grupos de amigos, mas se reconhece na sua práticas simbólicas ou, como bem remete o autor,

venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores dos seus pertencimentos. Por causa dessa ênfase mais nos aspectos simbólicos, aqui o pedaço é menos dependente da variável territorial: se for o caso, muda-se de ponto e pronto.” (MAGNANI, 2003, *idem*).

Comungando com essa perspectiva, o antropólogo francês Augé (1994) assinala em sua teoria uma nova categoria de análise denominada de não-lugares, ferramenta importante para os antropólogos em seus estudos contemporâneos. Para este autor, os não-lugares na supermodernidade se apresentariam, portanto, como lugares provisórios, pontos transitórios e efêmeros semelhante à categoria de pedaço, proposta por Magnani. Se anteriormente na modernidade considerávamos o espaço como um lugar por sua forma territorial, porque fixava uma visão identitária, relacional e principalmente histórica, hoje, com a supermodernidade ou contemporaneidade<sup>21</sup>, o espaço como um lugar deve ser percebido não na sua

---

<sup>21</sup> Para o autor francês o melhor termo para definir as mudanças, isto é, a aceleração da história através da era da informação ocorrida no “sistema-mundo”, não é o uso da palavra pós-moderna, mas, de supermodernidade ou contemporaneidade, já que, a supermodernidade

forma relacional, identitária e histórica, porém, como um processo de decodificação de falas, palavras e das práticas daqueles que vivenciam uma relação nesses espaços, sendo também essa supermodernidade produtora de não-lugares, que não são mais vistos de uma forma pura pelo o antigo paradigma da modernidade, argumenta o autor.

Augé (1994) demonstrará que, se os antropólogos do século XVIII em seus trabalhos observavam sempre o seu objeto de pesquisa como “exótico”, isto é, como um personagem distante, diferente e situado num determinado território, na supermodernidade ou na contemporaneidade esse objeto exótico, distante, diferente, que era alicerçado em seu território, dará lugar à construção de novos objetos, ou seja, novos sujeitos, não mais observados como excêntricos, mas apresentados como próximos, principalmente por estarem situados no “sistema-mundo”. Nesse sentido, Augé apresenta a noção da antropologia do “próximo” em oposição à visão do século XVIII.

Assim, para Augé (1994), a supermodernidade passa a produzir variações nas categorias de tempo, espaço e de individualização dos sujeitos nos lugares devido à produção excessiva de espacialidade, ou seja, na supermodernidade “a renovação da categoria tempo se concretiza no aceleração da história através do excesso de informações e da interdependência do ‘sistema mundo’” (AUGÉ, 1994, p. 15). Dessa forma, o não-lugar proposto por Augé designa uma nova configuração social, provisório e efêmero que enfraquece os códigos coletivos e cria um individualismo acentuado, sem identidade fixa, pois os não-lugares se apresentam como espaços incapazes de dar forma a qualquer tipo de individualização ou de identidade, uma vez que os não-lugares são espaços transitórios, produtos de fluidez constante, capazes de produzir a descentralização das identidades, ou em outras palavras, espaços de ninguém e espaços de diversidades.

Contudo Augé argumenta que esses não-lugares não sobrepõem aos lugares, ao contrário são reinventados, se recompõem e as suas relações se processam de forma dialética constantemente, ou seja, se reconstituem nele a onde invariavelmente a “invenção do cotidiano” dos indivíduos se desenvolve.

---

nos remete ao sentido de “continuidade” e não de superação da palavra “pós-moderna”. Para Augé, a “pós-modernidade” se apresenta de uma forma mais “descritiva” do que “analítica”.

De tal modo que para Michel de Certeau (apud AUGÉ, 1994, idem) “o espaço é um lugar praticado, um cruzamento de forças motrizes: são os passantes que transformam em espaços a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar”. Nessa mesma perspectiva Certau acrescenta também que,

O lugar é o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação. Os não-lugares contundo, são a medidas da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância. (apud, AUGÉ, 1994, p.74).

Percebamos, portanto, segundo o pensamento augeniano, que tanto os lugares e os não-lugares se escrevem e reescrevem constantemente, nos determinados espaços, por meio das ações dos indivíduos sobrestar no tecido social, onde as identidades desses indivíduos são misturadas, transformadas, tanto interagindo com outros indivíduos como também com o próprio espaço. Segundo a perspectiva deste autor, no espaço antropológico as relações individuais perpassam como um lugar de experiências, de vivências, por ações e pelo ato de locução entre os indivíduos, que se escrevem e reescrevem através dos discursos, apreendido pelo ato de uma efetivação, pelo meio da linguagem que caracteriza-se nesses espaços. Os indivíduos em meio as suas interações podem fazer de um espaço “lugares desqualificados ou pouco quantificáveis, ou seja, o mesmo espaço pode ser ‘espaços-lazeres’, ‘espaços-jogos’ e ‘ponto de encontros’, em relação à carga simbólica que esses indivíduos apresentam ao adentrarem nesses espaços” (AUGÉ, 1994, p. 77).

Assim, Augé acrescenta que,

o termo “espaço”, em si mesmo, é mais abstrato do que o de “lugar”, por cujo o emprego referimo-nos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu ), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico). Ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (...). Ele é, portanto, eminentemente abstrato e é significativo que seja feito dele hoje, um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado, na língua corrente e nas linguagens particulares (...). (AUGÉ, 1994, p.77).

Nesse fragmento podemos perceber, de acordo com este autor, que as noções de fronteiras encontram-se imbricadas na noção dos espaços. Essas noções podem ser aplicadas a vários momentos e tempos, devido a sua forma abstrata. Os espaços passam a ter um processo significativo através de linguagens particulares, devido a sua imediatividade espacial e discursiva, e ao mesmo tempo se transforma e transforma os sujeitos. Assim, diante desta perspectiva, propomos pensar esses espaços homoeróticos (lugares e não-lugares) da região metropolitana de Maceió, não se apropriando de todo seu contexto, mas apenas de um fragmento desta sociedade em busca de melhor apreender como esses lugares e não-lugares contribuem ou não para formação da(s) identidade(s) do(s) sujeito(s) da nossa pesquisa e como esses espaços são vulneráveis de violência, resultado da sociedade inflexível e moralista a qual estamos analisando.

#### 1.4 A violência no campo teórico: um fenômeno geral e cotidiano e sua inserção nos códigos culturais

A violência pode ser examinada por diversos campos das ciências, cada um segundo os seus preceitos, expectativas e seus métodos. Pode-se pensar a violência ainda como fenômeno humano em seus diversos aspectos, seja ela revolucionária, institucionalizada ou como um ato e como um estado. Aqui, não teremos como finalidade esgotar esse fenômeno, sendo impossível para qualquer pesquisador, mas apenas examiná-lo em meio às redes de suas complexidades<sup>22</sup>. Ressaltamos, portanto, que a violência não é algo novo na história da humanidade e sempre esteve presente nas relações sociais e históricas dos indivíduos ou grupos. Diariamente somos bombardeados com inúmeras imagens e informações durante as nossas refeições, em nosso lazer ou em outros momentos, que nos assolam e nos remetem imagens que nos deixam atônicos e, ao mesmo instante, nos possibilitam questionamentos sobre o que é a violência e qual o seu papel em nosso meio social. Portanto, para

---

<sup>22</sup> Nos referiremos, prioritariamente, como uma dessas redes as violências “físicas e simbólicas” contra os homoeróticos masculinos da cidade de Maceió, objeto de nosso estudo. Já que, ambas as redes são instrumentos de reprodução social e cheio de força social na estrutura de determinada sociedade, como aponta Bourdieu (2005).

Odalía (1985), a violência “deixou de ser um ato circunstancial, para transformar numa forma de ver e de viver o mundo do homem” (ODALIA, 1985, p.9), ou, nas palavras de Velho (2000), em nosso mundo social toda a espécie humana está vulnerável ao uso agressivo da força física, das imposições dos indivíduos ou de grupos sociais, através das suas relações sociais. Odalía (1985) reforça o pensamento de Velho ao afirmar que

a violência está de tal modo arraigada em cada um dos passos e gestos do homem moderno que não se pode deixar de indagar se ela é um fenômeno típico de nossa época; se é um traço essencial que individualiza nosso tempo. Isto é, será a violência, em nossos dias, um elemento estrutural que permite diferenciar nosso estilo de vida, nossas condições de viver em sociedade, daquelas que vigiaram há cem anos, duzentos ou trezentos anos atrás? Resuma-se a questão, a violência é sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces. (ODALIA, 1985, p. 13).

Como percebemos, o viver em sociedade, seja ela qual for, antiga, medieval, moderna ou contemporânea, será permeado pela violência presente nas relações sociais, não havendo nada de novo nesse fenômeno além de suas múltiplas facetas. É nesse sentido, que a violência passa de uma defesa de sobrevivência para uma agressividade, tornando-se uma forma universal hostil, gerando no homem uma forma de organizar a sua vida tendo como ponto de partida ou princípio a violência, pela qual os homens passam a direcionar suas relações com outros, destaca Odalía (1985). Assim para Caram (1978), a violência tem como característica uma forma “*multiplofania*”, devido a sua extensão e profundidade e ao fato de este fenômeno passar a ser observado em todas as épocas e lugares. Ou, como afirma Odalía, ela também pode ser observada

(...) nos fantasma que o homem cria em seu processo civilizatório; buscando respostas às coisas desconhecidas que interroga, faz delas violências. Não só a violência física que destila o viver em sociedade e que aprova o homem: outros temores, outros medos, assaltam-no e acabam também por moldar seu estilo de vida, mas também, a violência simbólica. (Odalía, 1985, p. 13-15).

Nessa mesma dimensão, Almendra & Bairel (2007 apud. MISSE, 2006, p. 271), mostram que o sentido etimológico do termo violência, desde o latim e do alemão, vem de palavras que sempre contém o sentido da força, agressão, ação ou efeitos de violentar e de autoridade. Deste modo, a palavra violência é empregada como o exercício do poder e de autoridade sobre algo ou algum objeto. Esses autores argumentam que existem muitas dificuldades para uma definição clara da conceituação de violência ou de sua origem, passando por várias vertentes, desde estudos biológicos, psicológicos, genéticos e da neurofisiologia, todos empenhados na busca do entendimento do homem em sua forma humanizada em sociedade. Nessa perspectiva, Velho (2000) afirma que,

a violência não se limita ao uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza. Vê-se que, de início, associa-se a uma idéia de poder, quando se enfatiza a possibilidade de imposição de vontades, desejos ou projeto de um autor sobre o outro (VELHO, 2000, p.11).

Essa imposição de um autor sobre o *outro*, segundo Velho, remeterá a própria noção do outro. Essa noção é a base fundamental para ressaltar as diferenças que estabelecem padrões de poder que existem na vida social. Ela também é a medida de um fator responsável para efetivar a dinâmica das relações dos indivíduos inseridos em uma dada sociedade, criando assim uma tensão permanente de conflitos entre os atores na vida social, gerando, portanto, uma alteridade, possibilitando o surgimento de “impasses socioculturais” e erupções de violência, não só dentro dos grupos e sociedades, mas entre os próprios indivíduos. Assim, para Velho (2000), essa dinâmica ocorre a partir de uma negociação entre os atores, negociação essa que surge a partir das diferenças que se opõem a forma homogeneia e, conseqüentemente, para a heterogeneidade que aparece com o potencial do conflito existente na realidade.

Nessa acepção, afirma Velho,

a construção de um sistema de reciprocidade através do qual as partes de uma sociedade se relacionam, sejam elas indivíduos, ou grupos, não é um dado da natureza, mas sim um fenômeno sócio-cultural. As relações que descrevemos e analisamos em umas determinadas conjunturas são, certamente, resultados de uma história de desencontros, acertos, impasses, conflitos, em suma de interações e negociação (VELHO, 2000, p.12).

Este autor acrescenta ainda que, deste modo, fica manifesto que as fronteiras das diferenças na própria vida sócio-cultural estabelecem uma interação e uma negociação, que terá como base as relações de poder e os confrontos entre os atores sociais, associando assim, no que o autor apresenta, como sendo as visões de mundo dos atores sociais, ou seja, suas “perspectivas, interesses e, sobretudo, aos variados modelos de construção da realidade” (VELHO, 2000, p.13), que os atores sociais relacionam numa dada dimensão simbólica e cultural, como já aponta Odalia (1985). Almedra & Bairel (2007 apud MISSE, 2006, idem) afirmam ;

que a violência é um construção social, da vida em sociedade, estimulada pelas peculiaridades individuais de cada um e pela sua história de vida, cujo comportamento em sociedade é nada mais, ou nada menos que a concretização visível e exteriorizada dessa história individual em suas múltiplas relações. (ALMEDRA & BAIREL, 2007, apud MISSE, 2006 op. cit)

Nessa construção social, poderemos observar vários processos dialéticos em torno do fenômeno da violência, tais como: público/privado, dominante/dominado, biológico/social, homem/mulher, indivíduo/sociedade, heterossexual/homoerótico, entre outros. Porém, chamamos a atenção que para se compreender essa forma dialética nas relações de uma determinada sociedade é necessário sempre avaliar as causas e efeitos produzidos por esse fenômeno, como destaca Caram (1978). Essas dialéticas, observadas por este autor, nos permitem compreender a violência na sua dinâmica cultural e social, ou seja, de um indivíduo sobre o outro ou mesmo da sociedade em relação a esse indivíduo. Esse processo visto por Caram é apontado, por Velho (2000), como sendo o motor das relações sociais, criando assim a própria noção do outro, isto é, uma noção de alteridade, tecida em conjunturas

específicas e diferenciadas, a depender do momento histórico, levando sempre em consideração a relação de interação e negociação entre os indivíduos ou grupos.

#### 1.4.1 A violência e a homofobia no contexto brasileiro: uma categoria de análise na construção das identidades homoeróticas masculinas

É nessa perspectiva apresentada acima que buscamos, por meios das reflexões das ciências sociais, refletir sobre a relação entre a violência e a realidade brasileira em torno das práticas homoeróticas, para elucidar o fenômeno estudado, visto que, para o sociólogo Michel Misse (2006), em suas pesquisas realizadas no Rio de Janeiro na década de setenta, os estudos sobre violências e crimes nos Brasil eram abordados pelas áreas de psiquiatria e o Direito Penal, e somente passou a ser abordado pelas ciências sociais com a crescente institucionalização desta ciência, já que certos fenômenos indicariam uma nova conjuntura diante dessa temática, que exigiram uma demanda de explicações sociais e políticas que enquadraria não somente o campo da sociologia, mas também, da antropologia e da história. Assim, a abordagem no campo sociológico nos permite analisar o fenômeno da violência justamente pelo certo esvaziamento dos códigos culturais, éticos e morais, tendo na individualização o princípio que favorece esse esvaziamento e que ocasiona a diminuição da reciprocidade dos atores num determinado contexto social, histórico e cultural. Assim sendo, para Velho “a violência é justamente o modo mais agudo de revelar o total desrespeito e desconsideração pelo outro” (VELHO, 2000, p.237). Esse mesmo desrespeito e desconsideração se tornam a justificativa da violência se esse outro atingir a moral, honra e bons costumes de uma determinada sociedade, como é o caso das práticas homoeróticas do Brasil, visto que, essas práticas são consideradas como forma de provocação a todo um sistema estruturado, onde “considera-se que as relações homossexuais são algo do domínio privado, enquanto a heterossexualidade é a norma majoritária nos espaços público” (RICHADSON & MAY, 1999 apud GIDDENS 2004, p.231).

Para Richadson e May (1999), quando há esse desvio da norma padrão, seja entre os indivíduos de uma comunidade ou de uma sociedade, há

punições e sanções causadas pela quebra das regras de comportamentos que deveriam estar exclusivamente no âmbito do privado e invadem o espaço público, gerando conflitos e violências. No caso específico dos homens e mulheres homossexuais, justamente por quebrar esse contrato no campo do simbólico entre esfera pública e privada e defenderem a sua identidade homossexual na via pública provocam questionamentos na moral e bons costumes de uma comunidade ou de uma determinada sociedade, representando uma forma de provocação aos códigos já estruturados socialmente, tais como violação da masculinidade, da heterossexualidade e da heteronormatividade do senso comum. Uma vez que essas categorias representam um esteio determinante na sociedade, é inconcebível no imaginário do “senso comum” a aceitação dessas relações e práticas dos homossexuais como princípio de normatização. Assim, esses indivíduos vivem à margem, excluídos, marginalizados e estigmatizados por tentarem romper com essas estruturas, sendo suas práticas alvo de ataques e crimes, passando de vítimas a réus merecedores em muitas sociedades por esse ato violento, enfatiza Richardson e May (1999, apud GIDDENS 2004,p.231). O rompimento desses códigos, normas e regras já mencionados nos mostra que o entendimento sobre a violência contra essa minoria social provoca, no “senso comum”, um sentimento de repúdio, ódio e aversão, percebida nas violências físicas e simbólicas sofridas por esses indivíduos, ocasionando o Richardson e May (op cit) denominam de “pânico homossexual”, já que os contratos sociais no campo simbólico estão sendo desfeitos.

É nessa perspectiva que, para Mott (2000), falar de violência contra homossexual no Brasil é uma tarefa árdua, pois, em primeiro lugar, no Brasil não existem dados estatísticos policiais sobre crimes que tem no ódio um princípio para tal ato. Em segundo lugar, quando ocorre um assassinato de um homossexual no Brasil, a sua homossexualidade é omitida tanto por familiares e amigos, quanto por policiais e meios de comunicação (jornais). Por fim, também não há possibilidade de obtermos informações sobre esses dados pelos estados da federação brasileira. De acordo com relatórios da AIDENA (Anistia Internacional do Departamento de Estado Norte-americano) e da AGLI (Associação Gay e Lésbica Internacional), o Brasil é considerado, em relação aos demais países do mundo, o campeão mundial de assassinatos de gays,

lésbicas e travestis (apud MOTT, 2000, p. 12). Uma pesquisa nacional, elaborada pela Data-Folha, também constatou que os homossexuais, dentre as minorias sociais do Brasil, são os mais odiados socialmente. A partir desta afirmação percebemos que o Brasil faz parte do grupo de sociedades as quais não tolera esse tipo de relação com pessoas do mesmo sexo, destaca Mott. Este grupo representaria 36% do total estudadas pelo autor.

A investigação de Mott também nos aponta que os crimes homofóbicos no Brasil vêm crescendo assustadoramente a cada ano. Um exemplo deste crescimento, visto pelo autor, é o fato de que na década de 80 contabilizava-se em média um assassinato a cada quatro dias e, na década de 90, este número já aumentava para um a cada três dias. No ano de 1999 elevou-se para um assassinato a cada dois dias, totalizando, portanto, a média de 169 vitima no ano, “quantidade jamais vista e imaginada na história do Brasil”, acrescenta Mott (2000). Deste modo, o que nos chama atenção nesse estudo realizado pelo autor entre os anos de 1999 e 2000, é que a causa da morte desses homossexuais é fruto do que ele definiu como a “Epidemia do Ódio”, (semelhante ao “pânico homossexual”, observado por Richardson e May nos estudos norte-americanos) e que tem gerado crimes bárbaros e hediondos. Este ódio, segundo Mott, tem se apresentado de forma “explícita e cruel, persistente e generalizado, vai do insulto e ameaça a graves episódios de discriminação (...) e homicídio”. Tais perspectivas também são apontadas por Mott ao afirmar que,

um dos aspectos mais preocupantes desta “*epidemia do ódio*” é que devido a repressão anti-homossexual – cientificamente chamada de *homofobia* - a maior parte dos homossexuais deixam de registrar queixa policial quando sofrem algum tipo de discriminação e violência, pois nas delegacias quando a vítima sofre de violência, somos tratados como réus, pelo simples fato de sermos “viados, travestis e sapatões” (MOTT,2000:12).(Grifo do autor).

Não há como negar, a partir dos dados apontados por Mott, que o nosso país não possui estrutura para trabalhar com crimes relacionados contra a expressão homoerótica pela falta, em seus órgãos institucionais, de meios de

evitar essa violência e de pessoal qualificado, já que nas próprias delegacias a repressão anti-homossexuais (homofobia) é efetuada também por parte de alguns policiais, como ressalta Mott (2000). No entanto, o governo federal reconhece que este grupo é mais vulnerável em relação às demais minorias sociais do país.

Para Mott, a falta de justiça em relação aos crimes homofóbicos gera uma contradição, pois a discriminação fere o âmago de nossa constituição brasileira, visto que esta garante no campo da lei que todos os cidadãos brasileiros são iguais, independente de etnia, religião e sexualidade. Vemos que na prática isso não está legitimado em nossa sociedade, uma vez que em nossa constituição e em nosso código brasileiro não há condenação em relação às práticas homossexuais, e sim, ambos condenam o preconceito e a discriminação contra qualquer pessoa. Enfatiza Mott (2000) que, se somos todos iguais perante a lei brasileira, ser indiferente contra os homossexuais é ir de encontro a nossa carta magna, nossos códigos penais e, principalmente, contra as nossas leis. Mott é categórico em dizer que não se pode negar que os homossexuais no Brasil são considerados “invisíveis” e colocados a margem, e que, na nossa sociedade, é possível ter mais comoção na morte de um “cachorro<sup>23</sup>” do que na morte de um homossexual. Para ele, isso ocorre devido ao preconceito que a sociedade brasileira possui com esses indivíduos, uma vez que estes são vistos como descartados, doentes, sem vergonha e marginais, reproduzindo o mesmo pensamento do século XIX em nossa época. Para Mott, a sociedade brasileira somente se mobilizaria na morte de um negro, uma mulher, uma criança ou um índio.

Um agravante, na concepção de Mott, é a impunidade. Ele afirma que esta é legitimada por

vivemos numa sociedade heterossexista, ou seja, único modelo oferecido pela mídia, em casa, para os jovens, é o modelo do macho pela fêmea, se abraçando, se beijado, estabelecendo uma relação conjugal. Vivemos numa sociedade heterossexista, onde a homossexualidade foi crime condenado

---

<sup>23</sup> Entrevista cedida para TV Bom Dia Bahia, encontra-se no [www. Youtube.com.br](http://www.Youtube.com.br). Acessado no dia 24/04/08 às 15:23. Reforçando as palavras de Mott o arcebispo D. Edivaldo Amaral de Maceió nos anos noventa no jornal da cidade declarou que “a união de homossexuais é uma aberração. Um cachorro pode até cheirar o outro do mesmo sexo, mas eles não têm relação. Sem querer ofender os cachorros, acho, que isso é uma cachorrada! Esta é a opinião de Deus e da igreja” (O jornal, 27/6/1997).

a pedrada, pelo Levítico, à degolação pelo Império Romano, à fogueira na Inquisição, a tratamentos hormonais, durante muitos anos, etc. (MOTT, 2000, p.319).

Assim, como já apontado por Richadson e May, a vítima passa a ser agressor, já que fere os códigos simbólicos e morais estabelecidos na sociedade e, assim, legitima sua própria punição, tornando a impunidade o fio condutor para o reestabelecimento desta norma e deste padrão heteronormativo e heterossexista da sociedade ocidental.

Diante disso, Mott destaca um aspecto importante: esse modelo de sociedade heteronormativo e heterossexista não foi o único padrão que nós tivemos. “Há sociedades que foram homossexualista, onde o amor era valorizado, onde não era problema ser homossexual, onde os deuses praticavam essa forma de amor. (..)” (MOTT, 2000, idem). Os estudos científicos de Kinsey, Master & Jonhsons (apud MOTT, 2000 p.392) apontam que a categoria heterossexual poderá ser sempre a estrutura nas sociedades, mas, de modo algum, ocorrerá a extinção da espécie pela suposta ameaça da orientação sexual desses atores.

### 1.5 Reflexão sobre o modelo proposto na pesquisa sobre a identidade clandestina homoerótica masculina da cidade de Maceió

A partir das reflexões acima, estamos propondo o conceito de identidade abordado nessa pesquisa a partir de três categorias de análise: o homoerotismo masculino, o espaço (lugar e não-lugar) e a violência homofóbica. Na verdade, essas categorias estão imbricadas e sua separação é apenas para fins analíticos, já que a identidade dos sujeitos dessa pesquisa está perpassada por essas três dimensões de forma ininterrupta. Gostaríamos de ressaltar ainda que essas categorias emanaram da pesquisa de campo. Não se tratou de categorias impostas a priori. Elas surgiram a partir das nossas interações com os sujeitos da pesquisa. A cada etapa, as categorias dos sujeitos questionavam as nossas próprias pré-noções e juízos de valor, no sentido durkheimiano da palavra (Durkheim, 2005), fazendo-nos refletir sobre o melhor caminho a trilhar na análise. Tendo em vista a teoria de Stuart Hall, precisamos levar em conta que essas identidades são construídas em sistemas

de significação e representação cultural que confrontam os sujeitos. Logo, todas as nossas indagações estão perpassadas por essa concepção.

Em primeiro lugar, precisaremos considerar como objeto de pesquisa os espaços – lugares e não-lugares – onde a prática homoerótica dos nossos sujeitos da pesquisa se realiza de forma clandestina, permeando a criação dessas identidades descentradas e efêmeras. Como aponta Hall (2004), a identificação com estes espaços nunca é um fato completo, mas um processo, algo inacabado, dinâmico, uma sutura ou uma sobredeterminação. Ou seja, entender onde estão e como são construídos estes espaços é entender a dinâmica deste processo de identidades inacabadas e fluidas, construídas a partir destes espaços vulneráveis à violência. Assim, se justifica a consideração dos indivíduos de nossa pesquisa não enquanto homossexuais, mas enquanto homoeróticos, porque, como destaca Costa (1992, p.22), “interpretar a idéia de ‘homossexualidade’ como essência, uma estrutura ou denominador comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico”. Percebemos, durante a pesquisa, a negação dos nossos entrevistados da identidade homossexual, legitimando suas práticas a partir dos lugares e não-lugares e apenas neles, não como uma identidade fixa e permanente em toda a sua vivência no espaço público, mas como uma identidade nômade e efêmera. Diante disso, Costa (1982) reafirma que a exigência da apresentação de uma identidade pública de suas preferências sexuais torna-se um incômodo, a imposição de uma escolha é considerada uma violência - o que seria de cada um passa a ser um elemento compulsório para todos.

Retomamos aqui, então, que os lugares e não-lugares são peças fundamentais na abordagem das identidades clandestinas e enrustidas dos homoeróticos da cidade de Maceió. Como aponta Augé (1994), os lugares e não-lugares possuem uma carga simbólica sobre os indivíduos que adentram nesses espaços. Deixam de ser apenas um território e passam a ser um processo de decodificação de falas, palavras e práticas, designando uma configuração social, provisória e efêmera, tornando-se transitórios e produtores de identidades descentralizadas, espaços de ninguém e espaços de diversidade, sendo constantemente reinventados pelos atores que os freqüentam.

Para entender o objeto proposto por esta pesquisa – as identidades clandestinas e enrustidas dos homoeróticos masculinos da cidade de Maceió – precisaremos então levar em consideração a categoria da violência, que permeia as relações de poder entre a heteronormatividade da cidade e o grupo de indivíduos pesquisados. Partimos do pressuposto de que a violência é um das categorias centrais para entender como se articula a fluidez da identidade e a construção de lugares e não-lugares no tecido social da cidade de Maceió. Esta categoria será mostrada em nosso trabalho a partir dos dados quantitativos e na análise das falas dos nossos entrevistados. Ao mesmo tempo, diante das estatísticas de violência contra homoeróticos (homofobia), percebemos ainda que estes espaços são mutáveis e se deslocam à medida que os casos de agressão se realizam no tecido social maceioense.

## 2. PROCESSOS METODOLOGICOS DA PESQUISA

### 2.1 - A temática homoerótica e suas controvérsias

Nossa preocupação em relação à temática “homoerótica masculina<sup>24</sup>” é proveniente do silêncio que existe tanto na sociedade alagoana (maceioense), quanto na academia, em relação a essa. Assim, nossa pesquisa se iniciou com dois desafios: tentar compreender a temática e observar como a mesma é trabalhada no meio acadêmico. Desafios estes não só apontados por nossa observação no campo de pesquisa da região metropolitana de Maceió, mas por Jablonski (2003) em seus trabalhos em torno da temática, que ao procurar uma explicação para sua curiosidade pouco encontrou sobre o tema no espaço acadêmico brasileiro ou, como o mesmo afirma, “afora uma ou outra contribuição da psicanálise, alguns artigos (recentes) da Antropologia e da Sociologia, o que existe mesmo é – comparado a outros tópicos nem de longe tão importantes – um silêncio” (JABLONSKI, 2003, apud NUNAN, 2003, p.5) .

Nessa mesma perspectiva, para reforçar o nosso pensamento sobre essa ausência da discussão da temática no estado, destacamos também o depoimento do ex-secretário das Minorias Sociais do Estado de Alagoas, Zezito de Araújo. Para ele é revelador a ausência de trabalhos acadêmicos tanto em Alagoas quanto no conjunto da nossa sociedade em geral. Essa ausência, segundo ele, dificulta o processo de socialização e atendimento das demandas deste grupo no estado alagoano “levando em consideração a participação deste grupo social no conjunto da sociedade e as formas de violência a que são submetidos em seu cotidiano” (apud FARIAS, 2005, p.3). Por esse motivo, deveríamos trabalhar mais com esse tema tanto na academia, através de seminários, encontros, palestras, entre outros eventos, contribuindo dessa forma para a visibilidade desta minoria marginalizada e estigmatizada na esfera social maceioense. Acreditamos que as dificuldades da visibilidade

---

<sup>24</sup> O trabalho tem como foco o homoerotismo masculino, devido ao alto grau de assassinatos, por isso não trabalharemos com o homoerotismo feminino. Trabalho com essa segunda categoria pode ser lido na dissertação da pesquisadora Ana Pereira intitulada LESBIANIDADE: Um assunto familiar .2008

dessa temática devem-se, provavelmente, aos rótulos ou estigmas que os pesquisadores recebem ao trabalharem com a mesma e ao tentarem evitar esses rótulos e estigmas, no sentido goffmaniano, deixam de contribuir para o desvelamento deste grupo. Não há como negar, entretanto, que houve um considerável avanço nos estudos da homossexualidade, no Brasil, nos últimos vinte anos, como aponta Nunam (2003). Porém, constatamos, a existência de pouquíssimas obras sobre essa temática no estado de Alagoas<sup>25</sup>.

Sendo assim, nossa pesquisa se situa num campo pouco explorado, o que é, ao mesmo tempo, desafiador (devido a sua novidade) e melindroso (pelas poucas referências). Ao levantarmos esses questionamentos já entramos na discussão sobre as dificuldades de emergência de uma identidade minoritária diante de um espaço heterossexual da cidade de Maceió. Em Maceió, esses atores ainda são vistos pela via da marginalidade, do preconceito e da homofobia, sendo forçados a manter uma identidade de caráter fluido e descentrado, no sentido proposto por Hall (1998), e de se apresentarem de forma clandestina e enrustida, segundo os pesquisadores alagoanos Riscado e Farias (2003). Ao trazer à tona essa problematização do homoerotismo masculino no espaço público e privado da cidade de Maceió, a nossa tarefa buscou refletir “como os homoeróticos, particularmente masculinos, contestam a dominação que sofrem propondo uma nova mentalidade, novos comportamentos e novas perspectivas para as relações de gêneros, questionando diretamente a masculinidade hegemônica, branca, heterossexual e dominante” (MEDRADO, 1997, apud PORTELA 2004. p.21). No nosso caso, isso será tratado com os homoeróticos da cidade de Maceió.

Como pesquisador social reconheço que o campo<sup>26</sup> tem sido, como para outros pesquisadores, um grande enigma no momento da pesquisa, uma vez que é o momento de colocar à luz a teoria proposta para a fundamentação das futuras análises adquiridas pela prática no campo. Assim, nas palavras de Minayo (2004), o campo seria o recorte espacial referente ao objeto (prático-

---

<sup>25</sup> As obras que tivemos conhecimento até o momento da pesquisa foram, *Ocupando Espaço* (2002) de Julio Daniel Farias, Silva Farias e Jorge Luís de Souza Riscado e a obra *Além do Arco – Íris* (2005) de Julio Daniel Farias.

<sup>26</sup> O termo Campo deve ser entendido como espaço metodológico da pesquisa, e não o conceito de campo no sentido proposto por Boudier(2007).

teórico) de investigação. É nesse momento que reencontramos aqui a velha problemática clássica (Durkheim, Marx e Weber) das ciências sociais acerca da relação entre “neutralidade” e “objetividade”. Haguette(2005) perante essa problemática encontrada em relação ao pesquisador e o campo, na esfera da ciência, nos aponta que “o fato de não cremos que a ciência tenha sido historicamente neutra não nos convence de que a objetividade como ideal não deva ser perseguida. (...) Estamos concisos de que a objetividade é um ideal inatingível, mas que, mesmo assim, o cientista deve tentar a aproximação” (HAGUETTE, 2005, p 85). Essa aproximação, argumenta a autora, não é uma aproximação como um espelho, mas uma aproximação no sentido weberiano de leituras do real, isto é, uma forma relativista do pesquisador com seu campo de pesquisa. Assim, cremos que o mais importante além de tentar responder essa velha problemática acima mencionada, é executar e buscar os melhores resultados da pesquisa proposta. Pretendemos fazer em nossa investigação uma “*sociologia de carne e osso*”, nas palavras de Lévi-Strauss (1915), mostrando que os atores de nossa pesquisa são “sujeitos engajados no seu próprio devir histórico e instalados em seus espaços geográficos concretos” (LÉVI-STRAUSS, 1915, p.212, apud MINAYO, 2004, p. 106), e não meros expectadores da sociedade.

Ao adentrarmos no “campo homoerótico masculino da região metropolitana de Maceió” pela primeira vez, imaginamos e agimos como se nada fosse “anormal” ou diferente do modelo heterossexual que estávamos acostumados. Adentrarmos com um “*olhar sociológico*”<sup>27</sup> atento, no sentido proposto por Mills (1965), começamos a desvendar o que aparentemente se apresenta obscuro em nosso cotidiano. Compreendemos que não é tão simples inserir-se nesse campo, porque o campo tem a sua dinâmica própria, uma vez que a maioria dos sujeitos da pesquisa são camuflados, enrustidos e possuidores de uma identidade de caráter fluido e descentrado, conforme nos aponta os autores contemporâneos Hall, Castells, Canclini e Costa.

---

<sup>27</sup> Segundo Mills “a imaginação sociológica capacita o seu possuidor a compreender a história e a biografia e as relações entre ambas dentro da sociedade (...) além de permitir para o possuidor a busca de significados da vida íntima de vários indivíduos e como as experiências diárias desses indivíduos adquirem sentido” (MILLS, 1965, 11-13).

Outras dificuldades em relação ao campo dizem respeito aos espaços geográficos dos quais esses sujeitos da pesquisa fazem parte, porque estes apresentam caráter misto (convivem no mesmo ambiente atores heterossexuais, lésbicas, bissexuais, jovens roqueiros, emos etc.) e também são perigosos<sup>28</sup> (com a presença de traficantes, usuários de drogas ilícitas etc.). Percebemos também que o campo não está disponível o tempo todo, ou seja, não o controlamos como desejamos - o campo tem e possui dinâmica e lógica própria, que vão além da vontade do pesquisador como, aponta Magnani (1996). Enfatizamos que o acesso a certos locais dependia de fenômenos naturais, como a maré<sup>29</sup>, pois devido a identidade clandestina e enrustida desse grupo, os indivíduos entrevistados foram submetidos a procurar lugares e não-lugares subalternos e marginais, como praias, pontes, banheiros públicos, matos e ruas – territórios considerados, por esse grupo, espaços de realização de desejos homoeróticos masculinos.

Assim, os instrumentos utilizados na primeira etapa de nossa pesquisa no campo seguiram o modelo e os critérios de investigação propostos por Magnani (1996, p.36) em sua pesquisa. São eles: caminhada, observação direta, classificação. O nosso primeiro momento no campo, então, foi para tentar mapear os lugares e não-lugares, considerados pelos nossos informantes como territórios de práticas homoeróticas no espaço urbano da cidade de Maceió, seguindo as orientações da pesquisa-piloto de 2005<sup>30</sup>. Depois desse processo realizado, isto é, dessa pequena amostra, submetemo-

---

<sup>28</sup> Durante nossas idas a campos fomos abordados várias vezes pela polícia, sendo submetidos a interrogatório sobre nossa presença nesses espaços considerados vulneráveis de violência, além de sofrer várias investidas dos ditos marginais desses lugares e não-lugares. Outro ponto importante, é que durante as nossas entrevistas nesses espaços ficamos impossibilitados da utilização de gravadores e câmaras fotográficas devido ao perigo do lugar, por esse motivo realizamos algumas entrevistas com o uso do diário

<sup>29</sup> A essas mudanças naturais (baixa maré) nos referimos a inserção durante as nossas visitas nesses lugares, tais como: as praias (Pontal, Avenida, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Cruz das Almas, Jacarecica) e a ponte do Riacho Salgadinho (Avenida da Paz). Adentramos nesses espaços utilizando um cronograma de horários. Como seguíamos as mudanças naturais da baixas marés utilizamos como guia para o acesso desses espaços os horários das marés fornecidos pela capitania dos portos de Maceió e pelos jornais televisivos e impressos locais. O tempo estabelecido para entrarmos no campo correspondia a visitas noturnas (19h às 03h) e diurnas (05h às 17h). Ressaltamos que esses horários variavam de acordo com os horários da maré. Destacamos ainda que o acesso a espaços públicos como banheiros, saunas, cinemas, matos (safari) era realizado nos intervalos dos horários comerciais (hora do almoço e saída do expediente de trabalho).

<sup>30</sup> Este projeto piloto foi elaborado para o processo de seleção de mestrado da pós - graduação em sociologia da turma de 2005.

nos a realizar um estudo mais aprofundado neste universo. Assim, passamos a tirar fotos<sup>31</sup> e observar às práticas desses atores nesses espaços nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2009.

A nossa aproximação desses espaços foi orientada pela pesquisa-piloto, já mencionada acima, de onde pudemos mapear os espaços legitimados pelos entrevistados e reconstruir o universo pesquisado pela visão dos nossos informantes. Deste Modo, o lugar mais citado por eles foi o bairro de Jaraguá, considerado por muitos dos entrevistados como sendo um lugar de práticas homoeróticas e também onde há a maior concentração de bares e boates<sup>32</sup> da cidade. Graças a essa primeira abordagem de campo tornou-se possível encontrar outros locais também considerados como ambientes de “pegação e cassação<sup>33</sup> homoerótica”. São eles: embaixo da ponte do Riacho Salgadinho e por trás do prédio do Memorial da República, na Praia da Avenida o emissário submarino, a ponte por onde passa a tubulação da Braskem e por trás do prédio do DETRAN, nas praias do Sobral e do Pontal; Cinemas Paradiso, Vitória e Click Filmes Eróticos, nos bairros da Levada e Centro; Sauna Eros Thermas, no Centro; Muro de Berlim, no Cais do Porto que fica na Praia de Pajuçara; banco da Hebe, Castelo de Grayskull (Alagoas late Clube) e o farol, na praia de Ponta Verde; Posto Sete, na Játuica ; coqueirais da praia de Cruz das Almas , os mangues, em Jacarecica ; e por últimos os banheiros de repartições públicas e privadas (supermercados, lojas de artesanatos etc). Foram citados, além disso, as avenidas principais de Maceió: avenida Fernandes Lima, que corta os bairros do Farol e Tabuleiro do Martins, e Avenida Menino Marcelo (Serraria/Tabuleiro), que dão acesso aos locais conhecidos como Safári<sup>34</sup> e banheiros públicos<sup>35</sup>.

---

<sup>31</sup> Foi utilizando uma máquina fotográfica digital 401 da marca SAMSUNG 4.0 Pixels. Focal Length 5.1 mm e um diário de campo.

<sup>32</sup> Cito os bares e boates onde havia e ainda há práticas homoeróticas, como as boates Number One e Heaven (que fecharam) e Havana e Toy (que continuam abertas) e os bares da Rosa Mossoró (funciona atualmente) e Pagode Gay (não funciona mais).

<sup>33</sup> Este termo é usado para definir lugares de encontro, aonde se pode realizar todas as fantasias, desde o ficar, o namoro até o ato sexual.

<sup>34</sup> Tem esse nome devido à vegetação nativa do local ser densa e fechada

<sup>35</sup> Optamos por manter alguns termos utilizados na descrição dos entrevistados, que nos apontaram e acompanharam até os locais citados, como Castelo de Grayskull e Banco da Hebe, pelo fato de ser uma designação metafórica conhecida pelo grupo e compartilhada no imaginário homoerótico masculino da cidade. Ao mesmo tempo, é preciso esclarecer que alguns dos lugares citados e visitados não constam no trabalho, pois nos comprometemos com alguns entrevistados em manter sigilo em relação a estes lugares e não-lugares. Nossa

Nossa caminhada durante o campo teve como fio condutor o que enfatiza Magnani (1996),

um efeito de estranhamento que induz permitir treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida. Para tanto, devia obedecer a um *timing* que a distinguísse do andar apressado e alheio do usuário habitual, assim como do paciente descomprometido, do turista (...). O pesquisador, ao contrário, mesmo numa caminhada de reconhecimento tem um plano estabelecido, e seu caminhar, é mais lento do que o do usuário e mais regular do que o do paciente, deve permitir uma observação contínua e seguir o fluxo do andar e do parar (MAGNANI, 1996, p.36).

Continuando com as mesmas diretrizes metodológicas apontadas por Magnani, fizemos uma

caminhada sistemática, mas não exaustiva [*em relação a nossa pesquisa foi exaustiva*]. A recomendação era deixar-se impregnar pelos estímulos sensoriais durante o percurso. Deveria estar a tento principalmente à materialidade da paisagem: relação entre espaços vazios e construídos, disposições das edificações e equipamentos, escala, volumetria, ruídos, cores, cheiros. Não se tratava de buscar o inusitado, o inesperado, mas, ao contrário, o reiterativo, o padrão, a norma. A delimitação prévia do percurso e a cobertura do trajeto em sua totalidade sem interrupções são condições para captar a diversidade de uma rua, por exemplo, sem deixar levar pela fragmentação que, à primeira vista, ela parece exhibir. Deve haver uma ordem sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado. Ao pesquisador cabe identificar tais regras (MAGNANI. 1997. p. 37). (grifo nosso).

Assim, compreendemos que esses espaços se tornaram, para nossa pesquisa, elementos principais de observação e nos indagamos qual seria o impacto desses espaços, descritos pelos sujeitos da pesquisa, na construção das identidades homoeróticas em Maceió. Para Castells (2003), lembremos, toda identidade tem um significado social, onde esses lugares ou locais podem e são indicadores: hábitos, práticas e interações as constituem. Assim, os

---

preocupação é a de não querer comprometer alguns dos nossos informantes, evitando assim que algum leitor (homofóbico) deseje ir a esses lugares após a apresentação do trabalho e do material escrito.

espaços como unidades de análise foram importantes para se “visualizar” a expressão da identificação identitária deste grupo. Os espaços não-heterossexuais foram diagnosticados não somente com a nossa ida ao campo, mas pelos relatos fornecidos pelos entrevistados durante a pesquisa. Levamos em consideração a proposta de Pollak (1989) sobre a “memória, esquecimento, silêncio”, pois, o nosso objetivo partiu de uma construção/reconstrução de espaços atuais e antigos, alguns que não mais existem em Maceió. Sendo pertinente para nós, essa busca dos espaços e sua construção era advinda da descrição dos entrevistados, pela delicadeza dos dados e o cuidados dos mínimos detalhes que só eles transmitiriam<sup>36</sup> visto que somente através dos discursos provindo dos informantes<sup>37</sup> poderíamos obter uma abordagem concreta e real do território, consistindo na construção autêntica da realidade destas pessoas.

Foram a partir dessas indagações que percebemos a importância de resgatar o campo pela visão dos informantes<sup>38</sup> e como isso nos possibilitaria trazer a tona não somente o surgimento dos locais de práticas homoeróticas desses sujeitos, mas, além de tudo, o surgimento de novas identidades não-heterossexuais, que, em dado momento, emergem e ficam submersas no tecido social maceioense. É a partir dessas lacunas no tecido social que tal assunto será explorado de forma prática e coerente, pelo fato de termos contato prévio com o objeto estudado. O assunto se tornou conhecido para nós antes de tê-lo escolhido como objeto de análise, pois vivemos e conhecemos muitos dos homoeróticos masculinos que participam desses espaços, inclusive alguns ativistas na causa<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Tentamos construir (e reconstruir) uma Maceió vista pelo olhar do próprio entrevistado, ou seja, uma Maceió vista de “dentro” para “fora”, porque somente seria possível focalizar e construir esses espaços através do olhar dos mesmos, já que, certos espaços não são vistos tão facilmente pelo olhar de um heterossexual no cotidiano maceioense.

<sup>37</sup> Com tal propósito, os dados levantado durante o campo foram tratados através da técnica da análise de conteúdo, proposta por Bardin. Pa este autor “ a análise de conteúdo de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativo ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recpção (...) dessas mensagens”.( Bardin 1979, apud. RICHARDSON, 1999, p.223).

<sup>38</sup> Em concordância com as orientações de E. E. Evans-Pritchard de que (2002) “a coisa mais essencial para o antropólogo (*sociólogo*), em suas pesquisas, é um profundo conhecimento da linguagem do povo que está estudando”. (E. E. EVANS-PRITCHARD, 2002, p. 35-38).

<sup>39</sup> A nossa entrada nesses espaços foi possíveis graças aos acompanhamentos de alguns entrevistados devido ao perigo e os horários de maior concentração dos lugares como a praia do Pontal (DETRAN), Avenida, Pajuçara, Ponta Verde, Jacarecica, Jatiúca. Visitamos esses

Em Maceió encontramos ainda expressões de uma sociedade conservadora e altamente regulamentada, principalmente, quando nos referimos aos códigos político-culturais definidos pela classe dominante. Ao fazer uso do método qualitativo, reconstruímos teoricamente uma aproximação da realidade, dando ao nosso objeto um caráter de cientificidade, ou seja, “uma idéia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidas” (MINAYO, 2002 p.12). Se por um lado, as teorias são construídas a partir da observação do real, o real só é conhecido através do emprego de métodos rigorosos. Como nos alerta Haguette (2005, p. 12), “os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de origens e de suas razões de ser”, sabendo que as escolhas dos objetos de estudos estão estreitamente vinculadas a uma problemática social, variando no tempo e no espaço. Em outras palavras, as preocupações sociológicas são, de certa forma, condicionadas pela realidade histórica na qual vive o sociólogo (HAGUETTE, 2005, p. 63-68). Antes de nos determos na temática propriamente dita, vemos a necessidade de tentar definir, neste trabalho, o que queremos dizer e qual o objetivo da técnica da observação participante, visto que, a mesma, como remete Haguette (2005, p. 69), não possui uma definição tão clara nos trabalhos realizados pelos pesquisadores de Ciências Sociais.

Por essas preocupações acima, compartilhamos o pensamento dos autores Schwartz e Schwartz (1969) de que o observador encontra-se “em relação face a face com os observados e participando com eles em seu ambiente natural de vida”. (1969, apud HAGUETTE, 2005, p. 73). A nossa observação procurou compreender esses mecanismos de interação entre os atores e a sua articulação no espaço sócio-político e cultural do qual fazem parte, de uma cidade, como apontamos acima, onde ainda imperam relações de poder provenientes de uma norma heterossexista. Enquadramo-nos nessa pesquisa, em certos momentos, como observador “participante” e observador “externo”. Conforme Schwartz e Schwartz (op cit), o papel do pesquisador participante não é simplesmente o levantamento e coleta de dados, mas também, ao entrar no campo, é modificado pelo meio no qual encontra-se

---

locais pela manhã no horário das 05:00 e no horário da noite das 23:00 às 02:00. Outros lugares visitados não constam no trabalho por questões de segurança que já foram citadas acima.

inserido. De tal modo, foi possível trazer à tona dados de consistência ímpar para a personificação da pesquisa. Passamos a investigar com mais rigor o ambiente desejado ao fazermos uso da técnica acima mencionada, obtendo uma melhor análise das informações sob as motivações desses sujeitos da pesquisa nesses espaços sociais. Isto nos levou a conseguirmos uma melhor qualidade dos dados.

Além da observação, outros elementos conformadores da identidade vão aparecer no discurso dos sujeitos que serão indagados em três blocos: a partir de um diário de campo<sup>40</sup>, com a aplicação de um questionário e por meio de entrevistas. Para elaboração dos questionários, levamos em consideração à proposta de Cláudio de Moura (1978, apud RICARDSON, 1999, p. 190) de aplicar somente um questionário contendo todas as informações sobre a temática proposta, evitando, dessa forma, a aplicação de vários questionários para obtenção de várias temáticas separadas. Assim procedemos e aplicamos 100 (cem) questionários, constituídos por 40 (quarenta) questões, sendo 10 (dez) fechadas (estruturadas) e 30 (trinta) abertas (semi-estruturadas), acreditando que, dessa forma, os entrevistados e os aplicadores poderiam concluir as atividades no tempo programado. Todo o questionário partiu de variáveis pré-estabelecidas, desde identificação pessoal, dados socioeconômicos até os elementos identitários deste grupo. Essas variáveis contidas no questionário foram elaboradas com a finalidade de uma coleta de dados rica para a pesquisa e também capaz de apresentar uma amostragem que comporte um perfil sócio-cultural dessa população estudada. Julgamos também necessário estabelecermos na pesquisa que os entrevistados que responderiam os questionários deveriam ter entre 20-60 anos. Dessa forma, alcançaríamos dados coletados que tivessem uma configuração relevante para a pesquisa.

---

<sup>40</sup> Durante toda a pesquisa fizemos uso de um diário de campo (caderno), tendo a preocupação primordial de não perder informações importantes. A ida com um diário de campo (etnográfico) provém da proposta do grande antropólogo Bronislaw Malinowski (1976) que a entrada do pesquisador no campo com este instrumento é fundamental para se alcançar um bom efeito sistemático nesse tipo de estudo. Ao adentrarmos no campo, nossa primeira abordagem consistia de uma breve explicação sobre a nossa pesquisa, e posteriormente o convite para a realização das entrevistas, evitamos em certos territórios entrar com gravador e máquina fotográfica devido o perigo no qual nos encontrávamos (assaltos, roubos). Assim, optamos para uma breve entrevista, focalizando as variáveis que más nos interessava, e depois marcávamos com aqueles que aceitavam uma futura entrevista.

As aplicações dos questionários foram realizadas nos finais de semana do mês de abril de 2005 (pesquisa-piloto para basear o projeto de pesquisa) e continuaram nos anos de 2006 e 2007. Os questionários foram aplicados por uma equipe de pesquisadores voluntários do curso de Ciências Sociais<sup>41</sup>. Depois desse contato direto, passamos para seleção dos entrevistados individualmente, utilizando os seguintes critérios: a) ser residente em Maceió/Al; b) ter sua participação de forma voluntária na pesquisa; c) disponibilidade para a pesquisa no mínimo 30 minutos; d) ter uma provável aproximação da categoria homoerótica masculina. A seleção dos entrevistados deu-se com base nos questionários da pesquisa, no encontro com indivíduos dispostos a serem entrevistados nos espaços visitados e também a partir da técnica da “bola de neve” proposta por Lazarsfeld<sup>42</sup>, que tem como procedimento um entrevistado indicar outros entrevistados e assim por diante.

Durante as entrevistas semi-estruturadas focamos o seu eixo central nas perguntas diretas e indiretas com alguns dos informantes, que definiram-se em torno das identidades de caráter descentrado, enrustido e clandestino. Realçamos, contudo, que nosso alvo inicial consistia no mapeamento da origem de uma “identidade gay” deste grupo, porém após as entrevistas constatamos que essa identidade não era possível devido à multiplicidade identitária percebida por meio da aplicação dos questionários e das entrevistas. Nossa intenção com as entrevistas era buscar junto a esses entrevistados dados concretos sobre a sua definição de violência, homofobia e espaços de expressão “homoeróticas masculinas” na cidade de Maceió. Algumas entrevistas foram realizadas nas residências dos mesmos.

Outro objetivo que permeava a realização da pesquisa era a construção de um grupo focal, para se trabalhar vantagens e desvantagens da prática

---

<sup>41</sup> Cada pesquisador (a) voluntário (a) foi treinado como proceder diante do campo. Ressaltando, que o enfoque perpassava sobre a temática homoerótica, e que poderiam ocorrer vários empecilhos, já que os entrevistados não assumem publicamente a sua identidade. Foi solicitado aos pesquisadores (as) um breve relatório de sua observação no campo e ao mesmo tempo um breve diagnóstico sobre a sua ida a campo e qual a sua visão sobre a temática da pesquisa, essa solicitação teve como objetivo uma breve análise dos pesquisadores no campo, desejando assim evitar o surgimento de quaisquer “empecilhos” seja de ordem subjetiva, quanto objetiva durante as aplicações dos questionários com o grupo pesquisado.

<sup>42</sup> Bryant; Christopher G. A . Positivism in Social Theory and Research. 1985 Lazarsfeld ((Macmillan, Técnica and “Snowball Sampling” p.149).

homoerótica e suas interpretações das suas próprias vidas no cotidiano maceioense, e, por meio deste grupo, registrar dados e conteúdos que surgiriam durante as sessões marcadas para o encontro. Mas, tornou-se inviável esta proposta, pois nos grupos escolhidos para a pesquisa durante a seleção dos questionários tinha uma forte presença de informantes que se negavam a falar em grupo, mesmo tendo sido indicado por amigos na técnica da “bola de neve”. Eles preferiam não expor suas preferências e vivências homoeróticas, ao mesmo tempo que não se identificavam com as conceituações das identidades gay, homossexual, bicha etc.

Evitamos, portanto, esta proposta de grupos focais para não constranger os entrevistados e não dificultar o andamento da pesquisa. Ao observarmos esta impossibilidade, optamos pelo uso metodológico do *estudo de caso* e a *história de vida* em relação ao objeto proposto. O primeiro modelo metodológico nos permitiu observar o fenômeno não como uma generalização do mesmo, que não é a nossa proposta, mas trouxe subsídios preciosos que permitiram compreender e explicar o nosso objeto através dos comportamentos dos entrevistados (RICHARDSON, 1999). Quanto ao segundo, nos possibilitou observar através dos relatos dos discursos dos entrevistados durante as entrevistas à fidelidade dos fatos, porque essa técnica pode, como aponta Haguette,

servir de base sobre as suposições, e podem ser feitas realisticamente, aproximando a direção onde a verdade se situa (...)”, uma vez que a “história de vida pode ser particularmente útil em fornecer-nos palpites (insights) sobre o lado subjetivo (...) em última instância, levantam questões sobre a natureza da experiência individual” (HAGUETTE, 2005, p.80).

Respeitando assim os *insights* e as *individualidades* dos entrevistados no momento da pesquisa, propusemos que os mesmos nos definissem os horários das entrevistas e das datas para o levantamento dos dados, evitando, assim, os encontros casuais que posteriormente viessem a ocorrer entre eles. Posteriormente, obtivemos do campo as seguintes estruturações para o andamento da pesquisa, de acordo com a fala dos entrevistados: 1) que as entrevistas “*mais pessoais, ou seja, íntimas*” fossem feitas somente pelo

pesquisador responsável, ficando impossibilitada a presença dos pesquisadores voluntários para realização das entrevistas nos locais indicados pelos entrevistados<sup>43</sup>; 2) que as entrevistas fossem realizadas em suas residências (para alguns) ou em locais reservados (no caso dos informantes que moravam com a família, esposa e amigos), assim realizamos entrevistas em bares, praias e em outras localidades da cidade; 3) que as entrevistadas fossem agendadas entre os horários da tarde (a partir das 17h) e noite (a partir das 20h<sup>44</sup>).

Para solucionar este fenômeno foram ainda estabelecidos alguns conceitos norteadores durante toda a pesquisa: 1) a abordagem sobre a construção identidade dos atores dessa pesquisa teve como foco de análise a proposta teórica de Stuart Hall (1998); 2) para desvendar das identidades homoeróticas masculinas, fizemos uso da categorização de homoerotismo proposto por Costa (1986a,1995b); 3) buscamos também a construção das identidades homoeróticas masculinas pela via da territorialidade e os espaços (lugares e não-lugares, a partir da conceituação de Augé (1994)); 4) a análise buscou a intercalação entre a proposta teórica e a prática (campo), levando em consideração que os conceitos contido nesse trabalho devem, segundo Rodrigues (2004, p. 27), “ser articulados entre si no sentido de desnudar a realidade do grupo em questão (suas concepções e práticas)” e que todas as conclusões que venhamos obter nesta pesquisa possa possuir um caráter “*aproximado e provisório*”, como ressalta Haguette (2005). Dessa forma, acreditamos que essa pesquisa se apresenta de forma clara, objetiva e concisa.

---

<sup>43</sup> Ficou somente na responsabilidade dos pesquisadores voluntários, a aplicação dos questionários exploratórios ocorrido nos anos de 2006, 2007 e 2008. As entrevistas com os informantes foram realizadas somente com o pesquisador oficial e marcadas pelo telefone móvel e por meios eletrônicos (e-mail, orkut, mensagens) e a pedido dos entrevistados os e-mails recebidos foram deletados posteriormente.)

<sup>44</sup> Encontra-se me anexo uma tabela com a distribuição dessas entrevistas por unidade residencial e outras localidades (bares, lanchonete, praças, praias).

### **3. IDENTIDADE E ESPAÇOS: DOS LUGARES AOS NÃO-LUGARES - OS ESPAÇOS HOMOERÓTICOS EM MACEIÓ.**

3.1 ○ Homoerotismo de Maceió: reflexões das práticas homoeróticas masculinas e os movimentos sociais na construção da visibilidade desta identidade em Alagoas

Para o pesquisador José Trevisan (2004), a repressão e o “enrustimento” sobre o desejo homossexual no nosso país não é só frutos de concepções ou dos preconceitos da atualidade, mas provem também de uma estruturação histórica emanada de um terror secular diante dessa minoria, ou seja, surge da “nossa herança recebida pelos europeus, a partir de 1500, quando nos tornamos uma nação nos moldes ocidentais” (TREVISAN, 2004, 163). Ante o exposto, imaginemos então esse “enrustimento” sobre o desejo homoerótico no cenário nordestino, onde os ideais tradicionais e patriarcais do termo “macho”, “bravo” e “forte” sempre estiveram presentes no meio sócio-político-cultural, direcionando pela via discursiva todo esse imaginário nordestino. É a partir deste ponto de vista que nos remetemos particularmente à cidade de Maceió, localizada no Estado de Alagoas, para desvelar este imaginário social. Sabemos que Alagoas é considerado, e visto no cenário internacional, nacional e local, como um Estado dos homens fortes, bravos e potentes, os ditos marechais, terra de Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto (primeiros presidentes da república), terra da Liberdade, solo onde viveu o grande Zumbi dos Palmares.

Acreditamos, diante disso, que essa forma tradicional veio (ou vem) construindo no imaginário social alagoano uma forma heterossexual por excelência, direcionando e organizando a identidade do homem “cabra-macho”, forte e viril, durante todo o processo histórico de Alagoas, uma vez que a construção dessa identidade vislumbra o cotidiano dos habitantes do lugar.

Porém, como aponta Trevisan (2004), jamais nos perguntamos onde se encontravam os ditos “enrustidos”, “afeminados” e “bichas” do país, no nosso

caso, do estado de Alagoas<sup>45</sup>. Como é possível uma reflexão sobre essa “identidade homoerótica” numa cidade como Maceió, considerada machista e patriarcal desde a sua colonização até os dias atuais. Como foi possível a abertura de um novo horizonte desses militantes atuais e como esse novo cenário histórico passa a ter hoje dimensões transformadoras e reflexivas sobre a construção em torno dessa identidade. A fim de elucidarmos respostas para estas lacunas, buscamos nas experiências dos nossos informantes a reconstrução do cenário da cidade de Maceió nos sessenta, setenta e oitenta, para poder entender como era a convivência que os mesmo tinham com pessoas do mesmo sexo nesses momentos históricos e tentar descrever indícios dessa (in)visibilidade.

Vejamos, portanto, essa representação e construção em seus discursos sobre o imaginário social de Maceió nos 60 e 70.

“(…) (se eu me lembro, bem?) era um cenário de repressão total e do massacre, não só físico como moral. Muitos eram visto como umas coisas daninhas, podres, muitos deles, saiam do Estado, iam para o Rio de Janeiro ou para São Paulo, para não sofrerem represaria. Era um descaso total, os afeminados como diziam muitos, eram considerados lixos, já que para família ter um desse em casa era um martírio para toda família, era como se diz, deixe me lembrar (...) uma via cruze (...)”.  
(BETO, 60 anos, Funcionário Público)

Outros entrevistados afirmam que era

“(…) um período muito tenso. Eu era bem jovem, mas lembro o quanto para mim era difícil esconder de todo mundo, até nas nossas brincadeiras. Quando ia fazer sexo era em lugares bem escondido era no mato, nos becos, mas todo o cuidado era pouco, para ninguém desconfiar. Nem falar no assunto se podia, nem entre amigos, quando se

---

<sup>45</sup> Fazendo uso do pensamento ou melhor dizendo, parafraseando as idéias usadas por Trevisan no seu livro “devassos no Paraíso” para falar da história da homossexualidade brasileira (2004).

descobria algum afeminado aqui era um escândalo e por isso tinha medo. Tentava ser o mais discreto possível, via muito a minha mãe e minhas tias dizendo muitas coisas, conversando sobre o assunto quando estavam juntas, ridicularizando quem era assim, afeminados. Na verdade, muitos eram mandados embora. Aqueles que tinham dinheiro eram banidos pela família para não matar de vergonha, coisa desse tipo, principalmente na ditadura (...). (ANTONIO, 52 anos, Aposentado,)

“nesses períodos não tive muita liberdade, já que meu pai era militar e, como ele mesmo dizia, o caboclo nordestino quando nasce, tinha que ser macho com o pé no chão, sem frescura. Era isso que eu ouvia na minha casa, isso é apavorante (...) só tive liberdade quando os meus pais morreram. Hoje eu tenho minha liberdade até em pensar sobre o assunto.” (GILVAN, 60 anos Funcionário Público).

Seguindo o mesmo pensamento, Alex argumenta enfaticamente que,

“60 e 70, todas as nossas relações era necessário todo o um sigilo. Se um cara fosse pego era morte na certa. Aqui em Maceió era perigoso e ainda é perigoso. Se fosse numa família nobre de Maceió, aí era que sofria mesmo, me lembro sobre um ocorrido desse aqui, que uma mãe queria mandar matar o próprio filho para não matá-la de vergonha perante os seus vizinhos (...)”(ALEX, 57 anos Professor,).

Diante dessa explosão discursiva, percebemos que o problema da visibilidade ou da invisibilidade homoerótica no cenário alagoano se arrasta desde as décadas de sessenta e setenta. Durante essas décadas estes indivíduos viveram à margem da sociedade maceioense, vivendo em lugares secretos e ocultos, sempre existindo sem identificações, mantendo anonimatos para se defenderem de possíveis barbaridades que os poderiam assolar, como

a “morte”, se pensasse em manifestarem os seus mais íntimos desejos, sendo levados a viver à sombra do terror e medo que pairava sob as suas vidas.

Somente na década de 80 é que esse cenário pessimista começa a ter sensíveis mudanças e novos horizontes começam a surgir, como remete João

“(…) em 80 mudou muito, em 80 começou a florar, até os bons ventos voltaram e começaram a fluir, e fazendo as pessoas entenderem a necessidade de cada um (…)”, criando uma visão positiva deste momento histórico. (JOÃO, 55 anos, Alfaiate.)

Já para Beto

“(…) veio melhorar um pouquinho, um pouquinho mesmo, mas não mudou muita coisa não. Mas conheço casos de pessoas que voltaram depois que a sociedade alagoana começou a entender e juntar o quebra cabeça sobre tudo isso.” (BETO, 51 anos Liberal ).

As diferentes opiniões em torno desta época são sintomáticas para entender que uma possível “abertura” para a visibilidade homoerótica no estado de Alagoas e na cidade de Maceió ainda era um processo incipiente. É apenas nos anos 90 que eclodem, na cidade de Maceió, possíveis questionamentos sobre a visibilidade desses indivíduos e sobre a sua identidade homoerótica. É importante ressaltar que esses questionamentos iniciaram-se quando um grupo de amigos se reuniu com idéias comuns, isto é, com o propósito de trazer a tona um grupo que historicamente foi ignorado, “desconhecido” e, principalmente, marginalizado pela não-visibilidade na cidade. Desta forma, este grupo surge com grande efervescência na década de noventa dentro do partido dos trabalhadores PT<sup>46</sup>.

Ao emergir, esse movimento passou a “questionar” toda forma patriarcalista de ser e de viver do grupo dominante heterossexual maceioense.

<sup>46</sup> Lembremos que este partido - PT - sempre teve em seu *slog* a construção de uma nova sociedade, socialista e de caráter libertário, democrático, tendo como bandeira de luta combater qualquer preconceito, opressão ou violência contra as minorias sociais, incluído, neste caso, o homoerotismo maceioense.

No início, esse movimento surge de forma homogênea. No entanto, atualmente encontra-se fragmentado e em formação, ganhando amplitudes maiores no cenário da cidade<sup>47</sup>. O primeiro grupo organizado na capital maceioense teve sua fundação em dezembro de 1996 e surge com a denominação de GGAL (Grupo Gay de Alagoas). Este grupo foi definido como OSC (Organização da Sociedade Civil) saindo em defesa dos direitos humanos das minorias marginalizadas do Estado de Alagoas, abrangendo gay, lésbica e travestis, como apontam Farias e Riscado (2002). O grupo surgiu também a partir da denúncia da violência, mais especificamente do assassinato do vereador Renildo de Coqueiro Seco, que se tornou “a bandeira de luta da categoria, que, desde então, não se cansa de denunciar agressões físicas e verbais<sup>48</sup>” como expressa o ex-presidente Marcelo Nascimento.

Não podemos negar que, com o passar do tempo, a presença do GGAL no cenário alagoano e maceioense desestabilizou a forma de ver essa minoria social, antes submersa nas décadas de 60, 70 e 80, como mencionados acima. Com efeito, esse grupo homoerótico de Maceió vem promovendo a visibilidade desses indivíduos no cenário maceioense. Depois do surgimento do GGAL na capital e após sua reivindicação em busca da visibilidade deste grupo, ocorreu o surgimento de vários movimentos por todo o estado, não ficando somente em Maceió, mas migrando para os interiores. Atualmente, Alagoas conta com 17 grupos<sup>49</sup>, sendo sete na capital e dez no interior. Após cinco anos de seu surgimento, este grupo promoveu a 1ª parada do Orgulho GLBT, no dia 28 de julho de 2001 no centro da cidade. Como ressalta Farias, foi “(...) O dia que

---

<sup>47</sup> Como aponta Farias e Riscado, no seu livro *Ocupando Espaço* (2002), inicialmente desde o seu surgimento este grupo vem passando por diversas renovações, de forma integral no corpo da Organização da Sociedade Civil (OSC), da cidade, ele aponta que desde o seu surgimento existe certa precariedade de recursos e elaboração de projetos, e além de amadorismo envolvidos nas ações do grupo.

<sup>48</sup> Entrevista cedida ao O JORNAL, em 19 de maio de 2005.

<sup>49</sup> GRUPOS GAYS DE ALAGOAS (CAPITAL) – Grupo de homossexuais-GH, Grupo Gay de Alagoas, Pró-Vida, Filhos do Axé, GLSTAL Grupo Gay do Clima Bom, Grupo Gay do Complexo do Benedito Bentes. GRUPO GAYS DO INTERIOR ALAGOANO (Grupo de Alta Afirmação Delmiro Gouveia - GAD, Grupo Enfrentar – Viçosa, Grupo Quilombolas – União dos Palmares, Grupo Somos – Arapiraca, Grupo Metamorfose – Santa Luzia do Norte, Grupo Gay de Santana do Ipanema, Grupo Gay de Porto Calvo, Grupo Gay de Penedo, Grupo Gay de Coruripe, Grupo Gay de São Sebastião). Segundos os dados obtidos pelo site do GGAL (Grupo Gay de Alagoas). Acessado no dia 22/09/2006.

“paramos o trânsito” (FARIAS, 2005, p.33). E este dia tornou-se o marco histórico de visibilidade desses sujeitos no cenário maceioense. Nunca tinha se visto antes ou, sequer poderia imaginar, numa cidade provinciana, machista, coronelista e rural, proveniente de um tradicionalismo, patriarcal, dar voz e vez a esses sujeitos, uma vez que este evento foi manchete em todos os meios de comunicação e visto pela população em todas as partes da cidade<sup>50</sup>.

Outro fato importante, apontado por Farias (2005), é que durante a divulgação deste grupo ao imaginário maceioense, muito homossexuais demonstraram temor de expor suas vidas na mídia, pois ao serem indagados sobre como era o dia a dia de uma casal “gay”, como eles se comportavam, como viviam e qual seu estilo de vida, eles se negaram a dar entrevistas e permaneceram ocultos e clandestinos. Fato esse que nos remete a uma importante indagação: será que essa negação foi por não desejarem divulgarem suas vidas aos espaços públicos ou por medo das conseqüências negativas que essa exposição os acarretariam posteriormente, uma vez que estes indivíduos convivem em uma sociedade excludente, desigual, inflexível e moralista.

Não se pode esquecer que, segundo Farias (2005), após o surgimento dessa primeira parada, anualmente este evento foi ganhando força e voz, incorporando novos participantes, desde a sociedade civil até o poder institucional, pois os governos federal e local vêm destinando verbas para a visibilidade desses atores, visto que, compreende essa manifestação como espaço de disseminação da cidadania e o resgate da auto-estima desses indivíduos. No tocante a essa visibilidade, outro grupo que surge com grande destaque na luta pela diminuição do preconceito e da discriminação e da busca de cidadania no cenário maceioense foi o grupo Afinidades: Gay, Lésbicas, Simpatizantes e Transgêneros de Alagoas – GLSTAL. Alguns dos seus componentes, dissidentes do GGAL<sup>51</sup>, fundaram o grupo no dia 29 de junho de 2003. Mais uma vez reaparece um grupo dentro da organização da sociedade

---

<sup>50</sup>Toda essa mudança ocorreu durante os mandatos da ex-prefeita Kátia Born e do ex-governador Ronaldo Lessa, grandes personagens para ascensão desta minoria GLBT neste período.

<sup>51</sup> O rompimento é justificado por divergências político-ideológicas.

---

civil maceioense, sem fins lucrativos, almejando um processo democrático e pluralista devido às diversas demandas identitárias existentes na cidade.

No entanto, mesmo com essa representatividade e essa suposta (in)visibilidade dessas paradas não podemos deixar de ressaltar que nem todos os homoeróticos da cidade de Maceió se vêem representados por esses movimentos citados acima. Mesmo depois da legalização dos grupos na via institucional e a consolidação da parada como evento do calendário maceioense, esses atores que participam do evento permanecem submersos, (in)visíveis, clandestinos e enrustidos no cotidiano da cidade, apenas emergindo no momento da realização das paradas, tendo assim, sua identidade (re)negada nos outros trezentos e noventa e quatro dias do ano. De tal modo percebemos como é problemático tentar definir e falar de uma identidade coletiva homoerótica da região metropolitana de Maceió, visto que, nossos atores da pesquisa renegam essas representações, por “não terem conhecimento e por achar que essa postura poderia ser mais séria”, também “por não quererem se envolver nesse tipo de movimento”, porque não percebem nele “uma expressão séria de cunho político. É apenas boa desculpa para festividade”. Isso foi percebido nas falas dos indivíduos por nós pesquisados.

### 3.2 A construção de uma nova Maceió: um “modelo” narrado de baixo para cima de um grupo estigmatizado e marginalizado

No imaginário dos nossos entrevistados, a cidade de Maceió é descrita como uma cidade adjetivada, “*machista*”, “*patriarcal*”, “*heteronormativa*”, “*lugar de coronéis*” e de “*gente homofóbica, que tem raiva dos homossexuais*”. Ou seja,

“(…) em Maceió, da maneira que ela foi formada, numa cultura patriarcal, que carrega traço até hoje de um tradicionalismo, que interfere nessa posição das pessoas que se consideram homossexual, que assumem isso. É a sociedade que não aceita esse tipo de opção sexual e aí se mostra com discriminação, preconceito e violência.”(EDU, 28 anos, Enfermeiro).

Falando dessa realidade acima, Neto ressalta que, para que os homoeróticos de Maceió possam desfrutar de certa sociabilidade ou de um simples encontro, “é preciso se restringir a locais específicos para amenizar os preconceitos”, já que a cidade “não tem uma visibilidade para os homossexuais do lugar”. Mesmo com a presença de certos espaços já existentes na cidade, esses lugares não passam na visão de Luiz de “um lugar de fachada, pois alguns lugares, não todos, são ocultos. É eclético demais, nem todos que freqüentam esses lugares são gays assumidos”, existindo, assim uma diversidade de atores intercalando esses lugares. Em presença desta constatação, percebemos a carência da visibilidade de espaços de sociabilidade homoerótica na região metropolitana da cidade.

Muszkopf (2005) demonstra essa carência arguindo que foram construídos novos atores sociais na contemporaneidade e para isso foi necessária a elaboração de novos espaços sociais que permitam as convivências desses atores no imaginário da sociedade e que, ao mesmo tempo, possibilite o surgimento dessa nova identidade. É na lacuna desses ambientes homoeróticos, dos lugares e não-lugares da região de Maceió, que observamos como esse grupo apresenta-se numa situação de exclusão e de possíveis questionamentos perante a construção de suas identidades, uma vez que, a maioria desses sujeitos mantém certo isolamento identitário em meio a esses ambientes hostis, violentos e preconceituosos que os rodeiam. No caso de Maceió, esses espaços apresentam diversas características - tanto podem ser lugares de “encontro com amigos e de paqueras”, “lugar de ‘curtição’ e ‘pegação’”, ou como lugar de “promiscuidade, falsidade” e, principalmente, de “violência física e simbólica”. Outro ponto importante, dito pelos entrevistados, é que esses ambientes servem como “lugares de aventura”, de possíveis “encontros sexuais” e “alívios mentais”. Além da própria efervescência da sociedade que os regula, não podemos deixar de acentuar os espaços privados desses sujeitos, tais como “família, espaço profissional, amigos, parentes (...) igreja”, ressalta Edú. Esses tem grande contribuição na elaboração de suas vidas e dos seus conflitos internos e externos. É nesse sentido que percebemos, como afirma Damatta, um espaço misturado, embebecido entre casa e rua na construção dessas identidades.

Não podemos negar, assim, que, apesar de tanta negatividade exposta, a cidade de Maceió vem atravessando várias transformações conjunturais, não só em sua estruturação física<sup>52</sup>, mas, ao mesmo tempo em seus valores morais e culturais, acarretando diversos questionamentos, tais como o papel da mulher no seu cotidiano, o papel da religião e de desejos sexuais, entre outros. Isto se fez necessário para que certos valores heterossexuais, ou melhor dizendo, heteronormativo e dominante do patriarcalismo da cidade fossem contestado e questionados, mas não superado em suas estruturas sociais, como nos remete Castells (2002), ao mesmo tempo não visto como uma estrutura ultrapassada e superada. É interessante também notarmos que, idéias que dizem respeito à liberdade, individualidade e à sexualidade na contemporaneidade foram peças fundamentais para esses “questionamentos” nos códigos culturais<sup>53</sup> dominantes brasileiros<sup>54</sup> e, principalmente, na esfera maceioense<sup>55</sup>. Foi por meio destes questionamentos, acima levantados, sobre os modelos e códigos culturais heteronormativo/dominante provindo da sociedade e do próprio seio familiar, que se permitiu a elaboração de novas paisagens na esfera pública da cidade e que, atualmente, é admissível abrigar o surgimento de uma “subcultura homoerótica<sup>56</sup>” e que ao mesmo tempo se fez eclodir certos espaços no cenário maceioense<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup> Remetemos estruturação de mudanças físicas às questões geo-espaciais dos espaços públicos (prédios, viadutos, praças etc.).

<sup>53</sup> Os códigos culturais apresentado seriam modelos hetero, bravo, forte, viril, macho etc.

<sup>54</sup> Esses questionamentos são visto por Green (2000. p. 252), este demonstrar que na década de 60 “mudanças culturais passaram a questionar esses valores e enfraquecer os papéis sexuais tradicionais”.

<sup>55</sup> Na cidade de Maceió essas mudanças ocorreram um pouco mas tarde somente na década de 90 é que se tem a possibilidade do enfraquecimento desses papéis sexuais, pois, Maceió está situada na região nordeste, a visão patriarcal, machista e homofóbica impossibilitaram essas mudanças que ocorram nos anos 60- 70 no cenário brasileiro. Gustavo lembra que no bairro a onde morava, que “um rapaz de classe média alta foi mandado para o Rio Grande do Sul, pela família por que tinha tendências homossexuais, para não fazer vergonha à família, o pai o mandou embora”.

<sup>56</sup> Não temos como pretensão debruçarmo-nos na conceituação de subcultura, uma vez que, os nossos informantes não comungam com modo de vida dos homoeróticos assumido da cidade.

<sup>57</sup> Chamamos atenção que por mais que as maiorias dos atores encontram-se submersos em alguns períodos nesses lugares, evitando assim a participação. Outros somente visitam boates, bares no período da parada gay devido à quantidade de freqüentadores. E na década de noventa que surge o primeiro Grupo Gay de Alagoas, intitulado GGAL.

### 3.3 Espaços Homoeróticos da cidade de Maceió: Mapeando os lugares/não-lugares e delimitando terrenos

Enquanto muitos maceioenses caminham pelos espaços e lugares sociais da cidade, trafegando entre bairros, ruas, avenidas e praias de sua maravilhosa orla, “desconhece” os atores homoeróticos que nelas habitam, convivem “(...) num faz de conta total, aonde eles fingem que não nos percebem e nós fingimos que acreditamos neles”. E é seguindo um velho ditado, “vejo e finjo que não vejo, até o momento que agredir os meus olhos”, não “percebem”, cotidianamente, que este grupo marginalizado e estigmatizado socialmente tece grandes teias de significados em bancos, praias, banheiros, pontes, matos e ruas, boates, bares, saunas e cinemas da região metropolitana de Maceió. É nesse vai e vem, ou entre idas e vindas, ou, além disso, entre fingimentos e “faz de conta” dos maceioenses, que sobrevivem há muito tempo na cidade essa minoria de indivíduos homoeróticos<sup>58</sup>. Sobrevivência assegurada devido à existência de certas fissuras no tecido social maceioense que possibilitaram e contribuíram para o surgimento desses locais de inclusão, coexistência e integração entre pessoas do mesmo sexo, que desejam se relacionar seja para simples encontros ou, como os mesmos definem, para realizações de “casos esporádicos”, “pegação”, “cassação” até a possibilidade de um “relacionamento concreto”. Mas, principalmente de sublimação e de alívio das tensões do cotidiano da vida social.

Assim vemos, portanto, a necessidade de caracterizar em nosso trabalho o que significa um “espaço homoerótico”, em que lugares da cidade de Maceió encontram-se inseridos esses indivíduos e como esses espaços (lugares/não-lugares) são apropriados e reapropriados pelos sujeitos da pesquisa. Observamos ainda que, durante nossas idas e vindas a campo, os nossos informantes indicavam para nós determinados lugares ou não-lugares,

---

<sup>58</sup> Retemos o termo minoria não no sentido de quantidade, pois, segundo a estimativa da VIII Parada Gay de Maceió, estima-se que estiveram presente duas mil pessoas no evento. Mas, no sentido qualitativo, ou seja, sua existência social, no dia-a-dia, essa quantidade seja resumida e mantenha-se apenas na obscuridade da cidade.

espaços e territórios, que não existiam no circuito já conhecido e padronizado<sup>59</sup> no imaginário homoerótico da cidade, nos obrigando a questionar as localizações dos mesmos. Percebemos, além disso, que, ao mesmo tempo, os informantes relacionavam a ascendência de sua “suposta identidade” ao adentra-se nesses espaços de sociabilidade de caráter homoerótico. Foi nesse sentido que nos inserimos na cidade de Maceió por meio do “olhar” e dos “discursos” dos próprios informantes<sup>60</sup>, que através de suas falas, de suas vivências e do seu imaginário, teceram esses espaços de sociabilidade e suas localizações no tecido maceioense, que, em um primeiro olhar, possibilita, em certo sentido, um caráter heteronormativo dominante, como nos apontam Pritchard e Cols (1998, apud NUNAN, 2002, p. 03).

Passamos, então, para nossa definição de espaços homoeróticos, levando em consideração o pensamento proposto por Adriana Nunan (2003), que define esses espaços como lugares da cidade que tem uma forte predominância de indivíduos que comungam às mesmas práticas sexuais. Ela aponta ainda estes espaços como lugar de encontros, de trocas de desejos e de práticas sexuais. . Em relação à visão provinda do nosso próprio campo, acrescentamos a este conceito também a perspectiva de que são espaços de fortalecimentos de desejos subjetivos na realização de aspiração homoerótica, num determinado espaço e lugar. Printchard e Cols (1998, apud Nunan, 2002, idem) consideram que as noções de espaços e lugar são de fundamental importância em qualquer discussão sobre a “identidade gay”. Para ambos, essa importância é devida ao meio preconceituoso em que esses indivíduos vivem e “só podem ser eles mesmos (isto é, mostrar sua orientação) em lugares específicos, geralmente aqueles voltados ao entretenimento, à clandestinidade. Com tudo o que isto implica de limitação e artificialidade” (idem). Comungando com o mesmo pensamento de Printchard e Cols, Nunan (2003), afirma que ao

---

<sup>59</sup> Definimos como circuito padronizado as Boates Posch, Havana, Casa Amarela e Bar da Rosa. Site [www.ggal.gov-al.br](http://www.ggal.gov-al.br).

<sup>60</sup> É importante ressaltar que a construção de todos os espaços de sociabilidade gays na cidade de Maceió foi advinda dos próprios atores, observaram quais os significados, que os mesmos formulam no universo que supostamente estão inseridos, de forma que as identificações desses espaços, só foram possíveis, através das informações e da vivência e de conversas formais e informais e de uma pesquisa participante (SILVA, 2003) legitimados pelos próprios atores , dessa forma nos dando elementos concreto para a sua existência na cidade de Maceió.

invés de tratar o local gay simplesmente como um mecanismo ou o local de proliferação ou reprodução dos estigmatizados, por carregarem consigo desejos proibidos aos olhares heterossexuais, o importante é identificar a multiplicidade desses espaços a partir dos discursos dos freqüentadores, já que, nesses espaços, as práticas e redes de relações e de códigos estabelecidos por esses atores “gays” servem como uma forma de contestação, visto que “os espaços também podem (e devem) ser contestados. A heterossexualidade da rua não é imutável e sua sexualidade está sendo constantemente desafiada e re-estabelecida” (NUNAN, 2002, p.3) pelos atores sociais.

Diante dessas perspectivas apontadas pelos autores, os espaços intra-urbanos de Maceió requerem bastante atenção devido às dificuldades dos acessos a esses lugares/não-lugares e da complexidade das relações sociais entre os freqüentadores, como aponta Vieira em seus trabalhos (VIEIRA, 1997:85). No nosso caso, os espaços homoeróticos intra-urbanos se apresentam através dessa complexidade, já que, em alguns lugares, se configuram através de um caráter misto, diversificado, eclético, fluido e efêmero como é o caso dos bares, boates e praias, entre outros. Os entrevistados da pesquisa apontam alguns destes lugares ora como espaços de homoeróticos, ora como espaço heterossexual. Percebemos que existe nesses espaços um limite, que, em certo sentido, problematiza uma visão difusa entre os informantes sobre a sua localização como espaços de sociabilidade homoerótica. Segundo Vieira (1997), essa visão difusa surge de uma zona de transição, ou seja, “de limites indefinidos e que não existe consenso” entre os freqüentadores desses locais<sup>61</sup>.

Portanto, os territórios homoeróticos de Maceió<sup>62</sup>, em sua maioria, não se apresentam com caráter fixo, como percebemos durante as nossas idas a esses ambientes. No entanto, configuram-se em sua maior parte imbuídos de

---

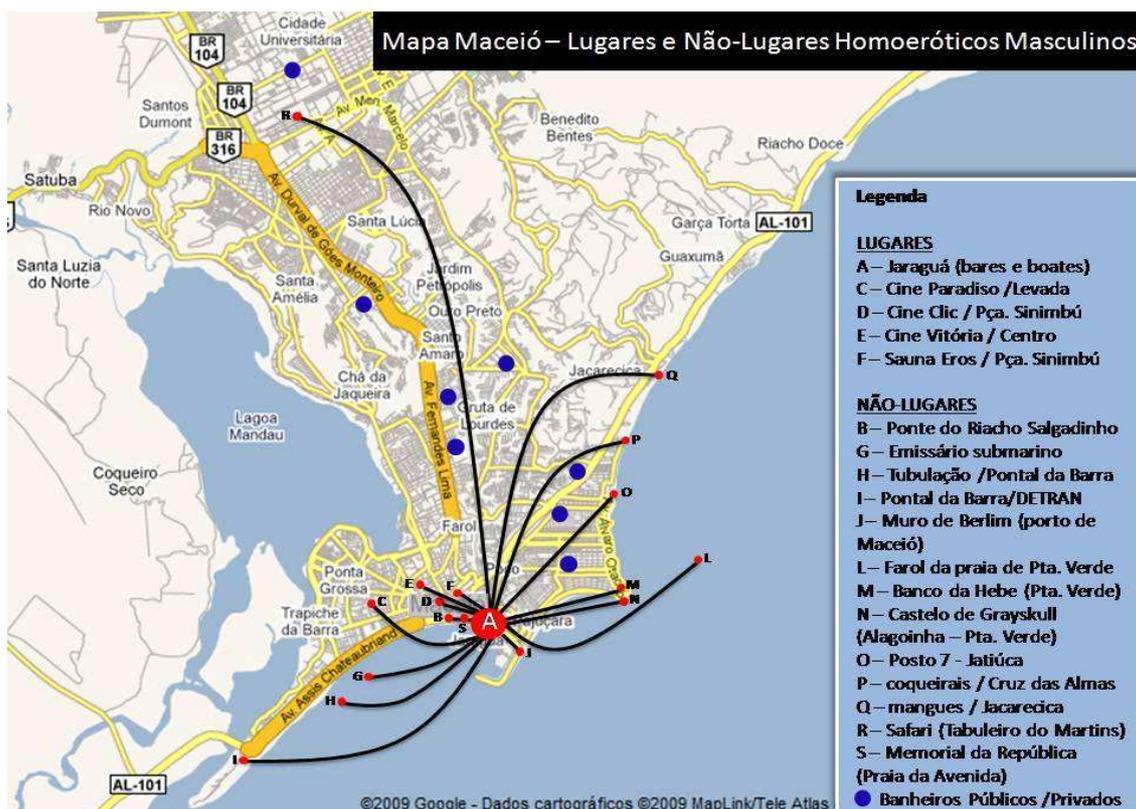
<sup>61</sup> Como podemos observar nesses dois depoimento 1) “sempre evito esses lugares dão muitos gays” (...) um dia depois da universidade alguns amigos e amigas meus e eu desejavam beber, passamos por lá (...) vimos a maior fecheção” (ALBUQUERQUE, 36 anos, comerciante).2) “ não vejo problema nenhum pois tem tanto hetero também por lá, e bom por isso, ninguém sabem de ninguém (risos)” (FERREIRA, 19 anos, estudante).

<sup>62</sup> Citamos nessa temporariamente as boates Posh, Pagode ga , number one, que fecharam sua portas na década de noventa.

certa fluidez, de caráter nômade, caracterizando, assim, um território efêmero, como enfatiza Mascarenhas (1997 apud GREEN, 2000, 261), diferenciando da permanência de espaços considerados heterossexuais, que possuem uma conservação e uma permanência muito maior em relação aos espaços de sociabilidade homoerótica. Devido a essa transitoriedade, desterritorialidade, (in)visibilidade territorial e da multiplicidades de espaços, ocorre, em alguns freqüentadores, uma sensação de *não-lugar*, de não pertencimento, ou seja, de não estarem inseridos não somente em termos espaço-geográficos do lugar, mas também na sua identificação com uma semântica homoerótica.

Para entender a questão dos espaços de sociabilidade homoerótico é preciso ressaltar e compreender, segundo Magnani (1996), que os territórios maceioenses não apresentam e nem configuram-se numa realidade continua e diferenciada. “Ao contrário, está repartida em espaços territoriais e socialmente definidos por meio de regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque são constitutivos de relações” (MAGNANI, 1996, p. 139). Isto podemos perceber nos circuitos encontrados nos espaços geográficos da cidade durante a pesquisa e indicados no mapa da página abaixo.

Assim, ao adentrar nesses espaços, esses atores participam de uma teia de relações sociais, munida de significados tanto objetivos como subjetivos, no sentido de se identificarem temporariamente com a dimensão do próprio espaço geográfico e territorial, quanto com as práticas simbólicas realizadas nele. Esse mapeamento descrito acima é fundamental “para recompor um território camuflado (quando não apagado) da vida cultural brasileira” (TREVISAN, 2004, p.26) e, porque não dizer, maceioense. Vejamos, portanto, como se processa essa “*etnografia homoerótica*” da região metropolitana da cidade de Maceió e como se apresenta nos principais bairros da cidade a circulação desses sujeitos, privilegiando as suas relações e dimensões territoriais. Assim, segue o mapeamento dos espaços (lugares e não-lugares) homoeróticos masculinos, pela via discursiva desses informantes.



MAPA 1. A relação dos lugares e não-lugares mapeados na pesquisa. FONTE: Google Maps – 2009.

A partir das informações coletadas com nossos entrevistados, pudemos traçar o percurso acima, formado pelos seguintes lugares e não-lugares: embaixo da ponte do Riacho Salgadinho e por trás do prédio do Memorial da República, na Praia da Avenida (identificados nos pontos B e S); Cinemas Paradiso, Vitória e Click Filmes Eróticos, nos bairros da Levada e Centro (pontos C, D e E); Sauna Eros Thermas, no Centro (ponto F); o emissário submarino, a ponte por onde passa a tubulação da Braskem e por trás do prédio do DETRAN, nas praias do Sobral e do Pontal (pontos G, H e I); Muro de Berlim, no Cais do Porto que fica na Praia de Pajuçara (ponto J); banco da Hebe, Castelo de Grayskull (Alagoas late Clube) e o farol, na praia de Ponta Verde (pontos L, M e N); Posto Sete, na Jatiúca (ponto O); coqueirais da praia de Cruz das Almas (ponto P), os mangues, em Jacarecica (ponto Q); os banheiros de repartições públicas e privadas (supermercados, lojas de artesanatos etc) (pontos em azul), e ainda terrenos do vegetação/matoss, como Safári<sup>63</sup>, que fica às margens da Avenida Menino Marcelo, no Tabuleiro do Martins (ponto R).

<sup>63</sup> O local tem esse nome devido à vegetação nativa do local ser densa e fechada.

3.3.1 Ponto de Partida - Jaraguá, “lugar de fascinação, pegação e liberdade identitária”: Entre amizades, encontros e paqueras uma identificação homoerótica.



MAPA 2. Jaraguá e os lugares e não-lugares da praia da Avenida. FONTE: Google Earth - 2009

Nosso ponto de partida para essa trajetória consistiu no histórico bairro de Jaraguá, uma vez que durante as entrevistas, este bairro foi citado como o lugar de maior concentração para encontros e amizades homoeróticas. Mas, para se falar de Jaraguá, devemos evocar o seu passado e, ao mesmo tempo, possibilitar desvelar o seu presente. Nesse entusiasmo, damos início ao desvelamento deste bairro, exaltando sua tradição local e o seu viés histórico e cultural tão enraizado no povo alagoano, tido como guerreiro, bravo e viril.

O início do povoamento desse bairro surge da propriedade do antigo coronel Apolinário Fernandes Padilha, dono do antigo engenho de açúcar, em 1818. Com a chegada de Sebastião de Melo e Povoas, o primeiro governador de Alagoas, o bairro passou a crescer gradativamente em todos os aspectos, tanto economicamente como na sua estruturação urbana. Em 1944, passou a destacar-se como zona portuária maceioense, tornando-se responsável pelas

principais vias de acesso das companhias marítimas que desembarcavam neste local. Neste momento histórico, Jaraguá passou a ser o principal pólo de comércio em todos os ramos<sup>64</sup> e, ao mesmo tempo, reduto de prostituição, válvula de escape para marinheiros, intelectuais, políticos e empresários realizarem seus desejos mais íntimos, obscenos e subalternos na escala sexual<sup>65</sup>. Entretanto, no caso do nosso objeto de estudo, existe certo vazio na história oficial alagoana. Encontramos poucos relatos sobre homoerotismo na história oficial alagoana, apenas uma breve citação sobre o pederasta Ramona, considerado, na literatura consultada<sup>66</sup>, como o maior pederasta alagoano e o único que quebrava os quartos quando desfilava no bairro de Jaraguá.

Como podemos perceber, o bairro de Jaraguá, desde a sua fundação, trouxe sempre consigo ambigüidades. Se de um lado estava como via de desenvolvimento econômica nos meados do século XIX pela via portuária maceioense, por outro se fortalecia com um bairro de reduto boêmio e de liberdades sexuais, seja para moradores locais, quanto para estrangeiros, marinheiros, prostitutas, marginais, políticos etc. (PEREIRA, 2005, p.75-76). Como vimos em décadas anteriores, o bairro de Jaraguá sempre apresentou em seu âmago noites boêmias e espaço de liberdades em todos os sentidos (exclusivamente em fantasias sexuais), ou, como diz um velho ditado, “além do equador não existe pecado”.

Com o processo de revitalização ocorrido neste bairro, foi possível uma nova forma de socialização. Se antes era visto pelo seu viés de prostituição e de marginalização<sup>67</sup>, o novo Jaraguá é tomado pelo viés de um resgate cultural, voltado tanto para a comunidade local e, principalmente, para o processo econômico, tendo como mola propulsora a implantação do turismo neste local. Assim, novas formas espaciais foram transformando a infra-estrutura do bairro, com os velhos casarões sendo restaurados para evocar o seu passado a partir

---

<sup>64</sup> Nesta época se comercializa por essa via, os seguintes produtos coco, fumo, couro e algodão.

<sup>65</sup> Dados encontrados no site [http:// maisalagoas.uol.com.br](http://maisalagoas.uol.com.br) . Acessado em junho de 2006.

<sup>66</sup> Este personagem é encontrado no livro “Ninhos de Cobras”, do autor alagoano Ledo Ivo (Rio de Janeiro, Record, 1980).

<sup>67</sup> Depoimento pronunciado por um antigo informante que morava nas mediações do local, “antes era um lugar de prostituição, hoje podemos observar um novo ambiente, em que todos podem freqüentar”.

de uma nova realidade. Ainda hoje podemos perceber este bairro pela sua vasta arquitetura de prédios históricos e comerciais. Também nos deparamos com um espaço de múltiplas dimensões. Além de se apresentar como via transitoria para os demais bairros que o circula (centro, farol, praias e adjacências), durante todo o momento, seja na vida diurna ou noturna, o Jaraguá é tomado por idas e vindas de todo o tipo de riqueza da vida humana<sup>68</sup>.

O seu mercado público é referencial para os trabalhadores formais e informais devido a comida regional, atrações locais e pelos preços acessíveis. Ao mesmo tempo, em suas avenidas e ruas encontramos variedades de produtos de todo o tipo, desde a uma simples alimentação até variedades sexuais como prostituição masculina, feminina e de travestis, ocorrida em suas ruas escuras, violentas e marginais. Ainda é possível encontrarmos nele praças e pracinhas<sup>69</sup>, onde casais de namorados enamoram-se, idosos e aposentados jogam dominó e baralhos para passar o seu tempo ou simplesmente jogam conversas fora e vêem a vida passar, entre pedintes, bebedores e mendigos dormindo em seus bancos e à sombra das amendoeiras na Praça Marcílio Dias. E não podemos esquecer da vila de pescadores. Ao primeiro brilho do sol, estes homens saem em busca de sua sustentação e manutenção da sua sobrevivência e, ao entardecer, encontramos os mesmo pescadores tecendo as suas redes, enquanto seus filhos brincam na porta de casa.

Tem ainda a Rua Sá e Albuquerque, sua principal via e onde se encontram os antigos armazéns de açúcar e os remotos lampiões, que nos fazem retornar a uma época perdida no tempo. Um processo de nostalgia paira no ar deste bairro ao observamos os freqüentadores de bares e boates. Além do seu velho coreto trazendo, em sua construção histórica, lembranças de velhos carnavais, sublimação de desejos, e que fecha a composição do cenário com a ponta sobre o Riacho do Salgadinho. De lá, podemos avistar a dimensão da praia da avenida em sua vasta extensão territorial e o seu belo pôr-do-sol, que encanta os olhos dos pedestres e viajantes que circulam por lá, noite e dia.

---

<sup>68</sup> Trabalhadores formal e informal, prostitutas, marinheiros, advogados, professores, garis, crianças, jovens, adultos, pescadores, catadores de lixo, maloqueiros, marginais, ladrões, engraxastes, travestis, garotos de programa, policiais entre outros.

<sup>69</sup> Praça dois leões, Marcílio Dias, Praça da Liberdade. (por trás do Museu da Imagem e do Som), Praça Rayol. (onde se localiza o bar alternativo, Oráculo, etc.)

Por outro lado, não se pode esquecer e nem negligenciar que o bairro do Jaraguá também se apresenta como lugar de representação da violência, de convívio de marginais e criminosos, local de furtos e assaltos, de vandalismos e brigas entre gangues de bairros. Dada todas essas características do Jaraguá, tanto no sentido positivo quanto negativo, não podemos ignorar a fascinação deste bairro pelos nossos informantes. Em nossas idas a campo, compreendemos que o bairro de Jaraguá tornou-se, para os nossos entrevistados, um bairro rico de códigos, símbolos e manifestação de desejos, guardador de espaços homoeróticos que há muito tempo floresce em suas veias de forma submersa, ou seja, em suas ruas e avenidas, guardando, assim, certa fascinação por aqueles que freqüentam os seus territórios.

Quando questionados em que lugares em Maceió buscavam diversões e liberações de desejos íntimos, o bairro de Jaraguá foi citado como “um lugar gay por excelência”, ou seja, um lugar “(...) quase que exclusivamente freqüentado por indivíduos homossexuais” (BETO, 27 anos). Essa fascinação provém, por parte dos entrevistados, pela magia do lugar, sua história e, ao mesmo tempo, sua localização de fácil acesso a outras regiões, já que o mesmo está inserido como rota turística e banhando pela praia da avenida. (antigo lugar de banhista). O bairro contém o maior número de espaço de lazer “heterossexual” de Maceió, além de que todos os setores da população circulam neste local, facilitando, em certo sentido, amizades, encontros, paqueras e, principalmente, desejos sexuais, como ressaltado pelos sujeitos da pesquisa.

### 3.3.2 A vida noturna de Jaraguá: “Na calada da noite acontece coisas, coisas que acontecem<sup>70</sup>”

Na vida noturna de Jaraguá, principalmente, nos seus finais de semanas, constatamos um bairro predominantemente freqüentado pela classe média maceioense. Nestas ocasiões, ele se transforma em um belo lugar de socialização e fascinação homoerótica ou, como nos afirmam os nossos entrevistados, um admirável ambiente de “pegação ou cassação”. E é este lado

---

<sup>70</sup> Como expressa muito bem o cantor e compositor soteropolitano Edson Gomes.

boêmio que faz de Jaraguá objeto de desejos e de realizações pessoais e sexuais de homens que desejam se relacionarem com outros homens afetivamente e sexualmente, compartilhando, de certa forma, uma vivência homoerótica, seja de forma clandestina, enrustida, ou não.

Os locais, tais como bares, boates, ruas e avenidas (consideradas como lugares onde se podem expressar desejos homoafetivo não só em Jaraguá, mas em outros locais espalhados pela cidade) são visto por suas características mistas e fluidas, pois, como já apontamos anteriormente, segundo Mascarenhas (apud GREE, 2000, p. 261), “têm um curto período de existência em nosso tecido social, não tendo assim uma existência duradoura”. Para esses atores sociais, participar das noites de Jaraguá é estar inserido no circuito cultural da cidade e, ao mesmo tempo, se inserir, através de amizades, numa ordem espacial homoerótica.

O começo da noite inicia-se na Antiga Praça Rayol<sup>71</sup> (atualmente Praça Professor Artur Ramos), a mais movimentada do bairro, que se torna o ponto de partida de redes de ligações para outros lugares oficiais, como as boates com expressão GLBTT (Havana, Toy, bar Point e o famoso bar da Rosa Mossoró<sup>72</sup>, entre outros), ou para lugares com “expressão heterossexual” (Oráculo, Reggae Night, antiga Eureka). Para os nossos informantes, o Jaraguá “é o coração da noite maceioense” e “é lá a onde a gente marca para não se perder. É lá que ficamos conversando um pouco, paqueremos, lanchamos, arengamos, mangamos das ‘bichas quá, quá’ [risos<sup>73</sup>]”. É lá que podemos encontrar uma diversidade de tribos - os roqueiros, os emos, capoeiristas, reggaeiros, transformistas, *drag queens*, gays, lésbicas, heterossexuais, entre outros.

---

<sup>71</sup> Não podemos deixar de ressaltar os lugares que já fizeram parte da expressão homoerótica desta praça, como o antigo pagode gay, o barzinho (localizado na rua Barão de Jaraguá), o antigo Kasa. Estes locais não funcionam atualmente.

<sup>72</sup> A dona deste bar é considerada madrinha oficial dos gays alagoanos. É uma figura ilustre para estes indivíduos. Tanto que, quando ocorre um assassinato, ela é chamada para reconhecer os corpos das vítimas. Rosa Mossoró é filha do lendário Mossoró, que foi dono do antigo prostíbulo mais famoso da nossa cidade em outrora. Antigamente, o seu prostíbulo era localizado no Jaraguá. Após vários acontecimentos, acabou sendo transferido para o Tabuleiro.

<sup>73</sup> O termo “bicha quá, quá” é utilizado para se referir ao gay “desmonhecado”, que tem comportamento “fechoso”, extravagante e, por isso, é motivo de mangação entre os demais indivíduos homossexuais ou ridicularizados pelos enrustidos, que negam este tipo de comportamento (TREVISAN, 2004).

### 3.3.3 Do Centro à Levada: Os Cines Paradiso, Vitória e Clik Filmes Eróticos.



MAPA 3. Os cinemas onde há práticas homoeróticas masculinas. FONTE: Google Earth - 2009

Trevisan (2004) e Green (2000), em trabalhos já realizados com a temática gay no Brasil, perceberam que os cinemas são territórios fundamentais para a elaboração da existência dos homossexuais das cidades brasileira. Segundo esses autores, por ser um lugar discreto para práticas sexuais encobertas, camufladas e enrustidas, e, ao mesmo tempo, não levantar suspeita para aqueles que não assumem a identificação com a identidade gay e não conseguem desfrutar da vivência homoerótica em seus mínimos detalhes, é possível descrever e reconhecer neles um laboratório rico de detalhes. Green, ao observar os cinemas da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, na década de 40, constatou que,

(...) os cinemas tornaram-se espaços exemplares para praticarem atividades sexuais encobertas. Pelo fato de se localizarem próximos das áreas onde muitos moravam, as salas de cinema da Cinelândia, no Rio, e os novos elegantes “palácios” do cinema na Avenida São João, em São Paulo,

tornaram-se locais favoritos dos homossexuais. O cinema era também uma das formas mais populares de entretenimento para pessoas de baixa renda. O preço relativamente barato das entradas fez dos cinemas um dos locais semi-público mais acessíveis para que homens com recursos modestos pudessem ter contatos sexuais com outros homens. (GREE, 2000. p. 163).

Na cidade de Maceió esse mesmo fenômeno se apresenta nos cinemas espalhados pela capital. Os mais destacados pelos nossos entrevistados, para as realizações das suas práticas homoeróticas clandestinas e discretas, foram os cines Paradiso, Vitória e Clik Vídeo.

Assim, é entre os cruzamentos das ruas Barão de Alagoas e Fernandes de Barros que se comungam essas práticas. Numa rua de perfil comercial, de boates e bares do subúrbio, onde se encontra um antigo prédio comercial, que tem em sua fachada uma faixa velha, suja e rasgada, que encontramos o Cine Vitória, apresentando filmes pornô de produção nacional e internacional. No Cine Vitória, encontramos um ambiente desfavorecido em todos os sentidos, desde as suas estruturas físicas (divisões internas), até o seu público. Verificamos a predominância de uma clientela de baixa renda<sup>74</sup>, como já apontado por Gree em seus trabalhos (2000), tais como trabalhadores provindos do mercado da produção, pedreiros, engraxates, pescadores, marginais, maloqueiros e moradores dos bairros Vergel, Cambona e adjacências. No entanto, não se pode negar a existência de outros segmentos sociais.

O ambiente interno deste cinema se divide entre poucos cômodos: 1) uma entrada/recepção<sup>75</sup>; 2) um corredor cumprido; 3) um banheiro; 4) uma sala escura chamada de dark room; 5) uma sala de projeção com 20 cadeiras rasgadas. Todo o seu espaço é tomado por um odor forte de urina e de esperma. Ao começar o filme, a maioria dos clientes fica em pé, poucos

---

<sup>74</sup> O preço do ingresso é mais barato que no Cine Paradiso. No Cine Vitória, na época da pesquisa, o ingresso custava R\$ 2,50. Já no Cine Paradiso custava R\$ 4,00.

<sup>75</sup> Na recepção, o atendente aborda seus clientes de forma ríspida. Ele é um senhor de meia idade, de bigode escuro, aparentemente pesando oitenta quilos, moreno e aspecto pálido. Quando pedimos informações, respondeu de forma bruta e grosseira, de forma sucinta e por gesto, como se evitasse qualquer contato ou amizade com os clientes.

sentam nas cadeiras para ver o filme<sup>76</sup>. Os que ficam na parede, observando a película, têm neste momento a possibilidade de tocar os outros clientes que estão a adentrar na sala de projeção. Alguns clientes evitam o tocar do outro, batendo nas mãos que os tocam ou simplesmente colocando as próprias mãos nas partes íntimas. Entretanto, outros permitem aproximação e assim começa a troca de desejos sexuais.

Durante a exibição do filme erótico (que é de caráter heterossexual), os que ficam sentados ficam se masturbando ou simplesmente tocando o seu órgão, evitam contatos com outros homens. Depois que ejaculam, vão para as laterais ou se retiram do cinema. No entanto, alguns clientes sentados permitem a aproximação de outro cliente ao seu lado, consentindo o ato sexual de caráter oral ou simplesmente a masturbação, mas, de forma alguma, o que recebe a ação toca no parceiro, fica o tempo todo com os olhos fixados no filme. Depois do ápice do gozo, continua assistindo ou sai para fumar um cigarro e volta a assistir a película novamente e, assim, começa uma nova sessão de desejos, gerando uma forma cíclica até o fechamento do cinema, que ocorre às 22h.

O segundo cinema, denominado de Cine Paradíso, fica situado em frente à Praça Nossa Senhora das Graças, na Rua 16 de Setembro, bairro da Levada. Neste caso, trata-se de um prédio rústico e com uma bela fachada, trazendo em seu bojo os seguintes dizeres “Filmes eróticos nacionais e internacionais. Aberto todos os dias. Só para adultos”. Neste, temos um público diferenciado. Os freqüentadores são provenientes da Ponta Verde, Cruz das Almas, Pajuçara, Poço e outros bairros com grande expressão da classe média<sup>77</sup>. Ao chegarem próximo ao local, esses clientes estacionam os seus carros em vias circunvizinhas, mantendo certo distanciamento do local e também por ser uma via bem movimentada, por onde trafega ônibus e carros. Devido a essa movimentação, são coagidos a estacionar em ruas paralelas, com o objetivo ainda de evitar possíveis encontros indesejáveis com pessoas

---

<sup>76</sup> Alguns clientes não sentam para evitar contato com resíduos de esperma de outros clientes, já que, durante o filme, alguns clientes se masturbam.

<sup>77</sup> A partir das vistas a esses lugares, acompanhado pelos nossos anfitriões, éramos apresentados aos seus colegas e amigos e os seus parceiros casuais na sala de alimentação. E lá questionávamos os seus lugares de origem, sua idade, profissão etc. Isso foi feito para consolidar as informações coletadas. A maioria dos parceiros trocava telefones como os nossos anfitriões e, posteriormente, eram convidados a fazer parte da pesquisa.

conhecidas que por ventura venham trafegar por este local. O percurso do carro até o cinema corresponde um pequeno trajeto, que é realizado tanto pelas laterais (pela via da direita da igreja), como contornando o prédio do antigo 1<sup>a</sup> Centro de Saúde<sup>78</sup> ou mesmo pelo meio da praça.

Existem também aqueles que chegam ao local fazendo uso de táxis, para evitar, de qualquer forma, o encontro indesejado. Existe, por partes de alguns atores da pesquisa, uma grande tensão ao fazerem uso desse transporte particular, pois os clientes estacionam mantendo certa distância do cine. Marcos nos delineou essa tensão muito bem quando o indagamos sobre o assunto, declarando que “ao invés de vir de carro, eu pego um táxi. Mas, mesmo assim, peço para o motorista parar antes ou depois, em frente ao posto. Só assim não levanto suspeita”.

No interior do Cine Paradiso, diferente do Cine Vitória, existe uma sala pequena que exhibe filme de produção homoerótica. Porém, a maioria dos filmes é de estilo heterossexual. É neste último que se concentra a maior parte dos freqüentadores do lugar, pois, ao evitar e negligenciar o filme homoerótico, esses freqüentadores evitam a carga estigmatizante e o rótulos que existem no local de exibição. Ao questionarmos os dias de maior movimento, um dos atores da pesquisa respondeu que “a quantidade de freqüentadores depende muito do dia. Durante a semana, depois do almoço sempre temos um bom público. Já nos finais de semana muda a clientela”.

Questionamos, portanto, junto aos nossos informantes, o porquê da clientela dos dois cines fazerem uso dos filmes extremamente heterossexuais. Para compreender e entender essa questão resgatamos a idéia de fachada e estigma de Goffman (2003). Ficou claro que, mesmo executando a ação que os colocam como indivíduos homoeróticos inclinados, os clientes renegam qualquer aproximação com esta categoria. A ausência desses filmes é a prova da sua não aceitação ou, melhor dizendo, de sua não-identificação com os códigos culturais desse grupo estigmatizado. Mesmo tendo uma sala com exibição desta película homossexual no cine Paradiso, a quantidade de clientes na sala é mínima em relação à freqüência dos clientes na sala de filmes heterossexuais. Até os nossos informantes não permaneceram nesta sala,

---

<sup>78</sup> O posto de saúde descrito no texto é hoje atualmente chamado de Ambulatório Noélia Lessa.

pois, segundo os seus discursos, eles não encontrariam parceiros com os biótipos que eles procuram para a realização dos seus desejos íntimos.

Durante a nossa observação nesses dois lugares, percebemos que existe uma divisão tipológica nesses espaços que pode ser representada da seguinte forma: 1) gays assumidos, travestis e bicha<sup>79</sup>; 2) gays não assumidos, enrustidos, barbies; 3) heterossexual que vem só para o ato da masturbação e, depois do ato, sai do recinto. Outro detalhe a ser observado, para a compreensão dessas identidades clandestinas e enrustidas, é que nas fachadas dos dois lugares o slogan para atrair a clientela é a exibição de filmes eróticos para adultos, tendo no seu bojo uma exibição de produção heterossexual.

Já no Clik Filmes Eróticos, a estrutura e o funcionamento é diferenciada. O local é uma locadora de filmes, onde, nos fundos, funcionam salas de projeções individualizadas. Cada cliente fica numa cabine, separado dos outros. São 15 cabines, em dois pavimentos: térreo e 1º andar. Quando o cliente chega é atendido por um recepcionista que passa os valores da locação dos filmes. O preço varia de acordo com o tempo que o cliente pretende passar no local – pode ser 15 minutos, 30 minutos ou 1 hora. Na entrada das “cabines de projeção”, fica um grupo de garotos – os “michês” - que podem ser contratados para a realização do ato sexual dentro da cabine, com os clientes. Quem preferir ter relações com outros clientes, entra na cabine e deixa a porta entreaberta. É um código compartilhado já entre os clientes que, quando encontram as portas das cabines nestas condições, já entendem qual é o objetivo de quem está lá dentro. O Clik Filmes Eróticos funciona das 10 da manhã às 10 da noite, mas o horário de maior movimentação é à noite, das 20 às 22 horas. Um detalhe importante é que o local fica localizado na Rua da Praia e, apesar de ser no Centro de Maceió, serve para encontros clandestinos. Além disso, por causa da pouca movimentação à noite, é um lugar vulnerável, mas também serve para que os seus freqüentadores se camuflem e fujam dos olhares conhecidos.

---

<sup>79</sup> Essas duas categorias - bicha e travesti - tem sua freqüência reduzida nesses lugares, pois alguns clientes negam a participação desses atores pela estigma que ambos possuem na sociedade.

### 3.3.4 Praça Sinimbu: A Sauna Eros Thebas



MAPA 4. Sauna Eros e sua localização em relação ao bairro de Jaraguá. FONTE: Google Earth - 2009

A sauna Eros significa, para os nossos atores da pesquisa, uma válvula de escape na hora do trabalho e nos finais de semana. Ela existe na cidade há mais de 10 anos e é constituída de salas de vídeo, sala de massagens, cabines para relações sexuais e duas saunas - uma de ar seco e outra à vapor. O seu horário de funcionamento é das 15 às 21h. De acordo com um dos funcionários, esse horário é fundamental para o funcionamento da sauna, porque é o horário que os clientes podem permanecer no estabelecimento, evitando assim problemas familiares, já que a clientela que o frequenta tem em média de 20 a 60 anos. Na fala de um dos entrevistados foi possível constatar como o funcionamento da sauna é estratégico. “Quando venho aqui durante a semana é depois das 6 horas, depois do expediente, e fico até as 21h. Sempre ligo para casa avisando que estou em reuniões de trabalhos. E nos finais de semana permaneço até as 18h. É quando estou caminhando pela praia.”

### 3.3.5 O Paraíso das águas e as metáforas no mundo homoerótico masculino de Maceió: as praias também têm suas histórias.

Maceió é conhecida por possuir uma privilegiada e vasta orla marítima, roteiro turístico de belezas naturais de Norte a Sul. A cidade é vista no cenário brasileiro como o “Paraíso das Águas”. É possuidora de uma diversidade de praias e de uma beleza irradiante, as quais se podem desfrutar não somente para um banho de mar e sol, mas também, dependendo dos desejos dos seus habitantes, este paraíso pode ter uma nova significação, ou seja, pode ser desfrutado de várias formas.

Para os seus habitantes ou um turista desconhecedor do lugar, elas só têm o valor significativo de lembranças e recordações em sua visão. No entanto, para os indivíduos homoeróticos masculinos da cidade, as praias de Maceió possuem outro significado - são vistas como um paraíso de realizações de desejos subjetivos, fuga e alívio das pressões sociais e espaços de realizações de anseios, como enfatiza Riscado e Farias (2002). Do ponto de vista desses autores, o desejo invocado por esses indivíduos serve como ampliação na busca de uma possível visibilidade espacial e na criação de novos territórios e sociabilidade, mesmo se apresentando de forma submersa e clandestina no cotidiano da cidade de Maceió, destaca os autores. Mergulhando na reconstrução espacial, territorial e societária dos atores contidos no universo de nossa pesquisa, nos deparamos com um roteiro turístico não-oficial, elaborado pelos nossos informantes. Agora, as mesmas praias eram vistas de um novo ângulo, não só pelo banho de mar e sol, mas como via de realização de desejos subjetivos. Para Green (2000), as praias no imaginário do universo gay têm também uma finalidade, que é, segundo um dos seus informantes, “o lugar de valorização e de mostrar o seu corpo”. Esse processo de “mostra-se para se valorizar” é visto como ingrediente importante para iniciar um encontro. Concretiza um mostruário de corpos desejantes, sendo esse um ingrediente importante no processo de concorrência do lugar, como pudemos notar durante a pesquisa. Imbuídos desse pensamento, seguimos, portanto, esse roteiro pelas praias: Pontal (dunas/emissário submarino), Avenida (Ponte), Pajuçara (o Muro de Berlim), Ponta Verde (Banco

da Hebe, Castelo de Grayskull, o Farol), Jatúca (Posto7), Cruz das Almas (Coqueirais), Jacarecica (mangues). Existem outras, mas citaremos apenas aquelas com maior concentração de espaços homoeróticos masculina da cidade.

Durante o dia, esses locais são freqüentados por pescadores, surfistas e banhista das redondezas. Mas, dependendo do horário, apresentam pouco movimento e é por esse motivo que são utilizados pelos indivíduos da pesquisa como lugar próprio para “pegação e cassação”. Outro fator importantíssimo é que a “cassação” e a “pegação” nesses locais depende muito da maré. Enquanto o nível do mar não baixar, os contatos são superficiais (um simples olhar, um sorriso e bate-papo). Quando baixa o nível do mar, aí então, um jogo começa. Primeiramente procedendo pela via de uma simples caminhada (uma caminhada interessada e com objetivo final). Andar por essa área, afirmam os entrevistados, “além da beleza do lugar e de sua paisagem” é “sentir o desejo da liberdade”, onde o ir e vir não precisa de um controle de desejos, onde sublimação e paixões correm soltas no ar. Mesmo durante o dia, percebemos nesses locais o grau de vulnerabilidade a que os entrevistados estão expostos, pois não existe segurança alguma nos locais, uma vez que em toda a extensão das praias é possível notar a o vazio e o silêncio que rodeia esses lugares.

Além disso, é importante entender que o fluxo de práticas varia de acordo com os horários. Na maioria das praias, a freqüência de homoeróticos é maior à noite e de madrugada e nos finais de semana e feriados. Mas isso não impede que durante o dia se perceba uma movimentação neste sentido. Entretanto, verificamos durante a pesquisa, que essa movimentação é mais discreta e reduzida.

Outra similaridade que será encontrada nas descrições das praias a seguir é que o encontro sempre é precedido por uma apreensão entre os homoeróticos, ou seja, muitos averiguam o lugar antes de entrar, para evitar encontros indesejáveis com pessoas conhecidas. É muito comum a prática homoerótica em lugares que não façam parte do universo cotidiano destes homoeróticos, ou seja, a maioria deles procura ir a lugares onde não sejam reconhecidos, como veremos nas descrições a seguir.

### 3.3.5.1 A Praia da Avenida - O Memorial da República



MAPA 5. Local onde foi construído o Memorial da República em relação à Jaraguá. FONTE: Google Earth - 2009

Localizada na Avenida da Paz, defronte a vários casarões antigos, como o prédio do atual museu Théo Brandão, da Fundação Municipal de Ação Cultural e da Associação Comercial de Alagoas, a praia da Avenida, com sua paisagem e seu belo pôr do sol (e não podemos deixar de destacar a sua imensa poluição), há muitos anos desperta fascinações e desejos por parte dos homoeróticos masculinos de Maceió. Ela foi apontada por nossos entrevistados como um dos locais de “pegação” e “cassação” mais antigos da cidade, sendo habitada com mais frequência por esses antes da construção do atual Memorial da República, região assinalada no mapa acima. Os encontros nesse local ocorrem mais à tarde. Pela manhã, são esporádicos, tanto nos arredores do lugar, como embaixo da ponte do riacho salgadinho (VER ITEM PONTE). Porém, ao entardecer, o lugar é tomado por frequentadores provenientes do centro da cidade e dos bairros que circundam o local. Esses passam a habitá-lo depois do expediente de trabalho. De acordo com os nossos sujeitos da

pesquisa, antes da revitalização do lugar, todo o encontro era realizado na areia da praia, por não possuir iluminação e não haver tráfego de pessoas. Para realizações desses encontros se esperava, na maioria das vezes, a maré baixar o seu nível, pois assim ficava aparente uma extensão de areia maior que permitia o tráfego desses sujeitos e facilitava os encontros sexuais e amorosos. Mesmo com a possível presença de pescadores provenientes dos bairros circunvizinhos e da vila dos pescadores, isso não atrapalharia os encontros. Durante a noite e nas madrugadas, este ambiente é tomado por uma fascinação pelos sujeitos da pesquisa, pois passa a possuir uma característica predominante de espaço de relações sexuais de todos os tipos, já que se torna lugar de prostituição de mulheres, travestis e também homens e “michês” (garotos de programa). Entretanto, com a construção do Memorial da República e a implantação de uma feira de artesanato na região, houve uma redução de freqüentadores, uma vez que estes dois espaços citados estão na rota turística da cidade. Além disso, a iluminação instalada nos locais proporcionou uma visão clara da região e também aumentou o tráfego de pessoas na extensão da areia da praia quando a maré baixa. Estas alterações no espaço urbano acabaram obrigando os freqüentadores homoeróticos a migrarem para os outros locais de “pegação” e “cassação”, tais como Praia do Pontal, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Cruz das Almas, Jacarecica, entre outros.

### 3.3.5.2 Ponte do Riacho Salgadinho



MAPA 6. Ponte do Riacho Salgadinho em relação à Jaraguá. FONTE: Google Earth - 2009

Ainda na Praia da Avenida, encontramos a ponte do Riacho Salgadinho, espaço que, durante a vida diurna da cidade não passa de uma simples ponte, enquanto que à noite transforma-se, para a maioria dos atores inseridos nesta pesquisa, num espaço de sublimação e de relações homoeróticas. Ressaltamos que este lugar encontra-se num espaço de transição oculto e submerso, literalmente na sarjeta (esgoto) e na fedentina, embaixo de uma ponte por onde passa um dos cursos de água mais poluídos da cidade. Se a rua é um espaço heterossexual por excelência, como afirma Nunan (2003), a sarjeta é, para o poder heteronormativo maceioense, um espaço gay por excelência. Em contra partida, para os nossos atores sociais, a sarjeta torna-se um lugar de ressignificação, transforma-se em lugar de alívio e de tensões subjetivas e sociais, isto é, passar a estabelecer certa fissura no tecido social que indica válvulas de escape e de liberdade para as relações homoerótica.

São nessas fissuras que ocorre a tão falada “pegação”, “cassação” ou a “pescaria” do mundo homoerótico.

### 3.3.5.3 O Pontal da Barra e tubulações (Casal e Braskem)



MAPA 7. Extensão da prática homoerótica nas praias do Sobral e Pontal da Barra. FONTE: Google Earth - 2009

Na extensão da praia do Pontal encontramos pequenas dunas e tubulações que avançam sobre o mar, quer sejam do emissário submarino quer sejam de exploração de matéria-prima para indústrias química. Essa área é uma vasta extensão de areia branca e própria para caminhada ou um simples passeio. Mesmo assim, os moradores locais evitam trafegar sozinho por esses locais devido ao grau de violência, já que eles servem como ponto de venda de drogas e de prostituição de bairros periféricos circunvizinhos. Preferem, assim, caminhar “por cima” (pelo calçadão), evitando a caminhada “por baixo” (na areia). No entanto, esta mesma praia é visitada pelos nossos entrevistados que vão além da caminhada e do passeio. Por ser uma área pouco freqüentada, somente quem “curte” é que anda pela parte de baixo (na areia).

Durante o dia, se percebe uma baixa frequência entre homoeróticos. Pudemos notar apenas alguns trafegando no local. Porém, durante a noite, esse lugar é tomado por homoeróticos masculinos de variadas idades, apesar de ser um passeio perigoso. Para quem adentra seus espaços, todo o percurso da areia é tomado por um véu escuro, apenas alguns brilhos das lâmpadas que clareiam as tubulações ou vindos do calçadão iluminam o local. Mesmo assim, podemos encontrar indivíduos trafegando por estes locais. Já não mais vemos a presença de banhistas e nem de surfistas, que durante o dia permeiam a praia, ficando apenas alguns pescadores. Os indivíduos homoeróticos que ocupam o local vêm de várias direções - uns provenientes do bairro do Pontal e outros dos bairros circunvizinhos (Vergel, Trapiche, Dique Estrada, Ponta Grossa, entre outros). Esses indivíduos se arriscam para realização dos seus desejos mais íntimos. Uns permanecem na areia perto do calçadão, observando a movimentação do local, outros se aventuram praia adentro, rompendo o véu da escuridão, para encontrar outro grupo de pessoas que já se estão inseridas nesta caminha andando ou de bicicletas.

Assim, entre idas e vindas, eles se tocam, dialogam entre si e passam a formar casais. Até mesmo realizam sexo grupal. O encontro começa através das trocas de olhares, durante a caminhada. Uma vez realizada essa troca, sentam-se na areia para um pequeno diálogo, para só então começar as carícias e excitação sexual. Em seguida, seguem para locais onde possam realizar sexo oral e anal, que pode ser na areia mesmo ou entre as pilastras que sustentam as tubulações, sempre observando o movimento do lugar, evitando assim de serem surpreendidos durante o ato por algum transeunte do local (principalmente por maloqueiros). Também, durante a noite, todo o cuidado deve ser levado em conta e a atenção deve ser dobrada, uma vez que o perigo ronda o lugar, diferente do turno diurno, quando é possível observar as pessoas nitidamente. A visão obscurecida pelo ambiente do lugar, exige toda cautela na escolha do parceiro, evitando assim, futuros assaltos, roubos e violências de todos os tipos.

### 3.3.5.4 O Muro de Berlim (Porto de Maceió)



MAPA 8. Extensão da prática homoerótica na praia da Pajuçara - Porto de Maceió. FONTE: Google Earth - 2009

Esse espaço, como todos os outros, é referencia no imaginário homoerótico maceioense, como assinala um dos nossos informantes que o freqüenta desde a sua adolescência. “(...) Bem, freqüento esse lugar faz tempo, desde a minha adolescência, eu acho? venho aqui há uns 7 a 8 anos, mas, não venho com freqüência não, pois, trabalho. Evito ficar conhecido também, sabe? Aqui é um lugar para um bom encontro, isso é, (...) só venho nos finais de semana” (RAUL, 49 anos, Administrador).

Se comparado ao Pontal da Barra, o muro de Berlim é bastante movimentado. O tempo todo era possível perceber o entra e sai de homens que realizam as práticas homoeróticas neste espaço. Os contatos se procedem também em dois momentos: durante o dia e, principalmente, à noite. Os contatos durante o dia são realizados tanto nas pedras, como no próprio muro, que é coberto pela vegetação nativa do lugar. Ao anoitecer, muda-se toda a

dinâmica deste território. As “pegações” e “cassações” tanto podem ser vistas e realizadas nas pedras, como na extensão da areia ou dentro da própria vegetação deste não-lugar.

Para Pedro, que o frequenta há 15 anos, o muro de Berlim é visto de forma nostálgica, enquanto que para João, que o frequenta durante 6 anos, é um simples lugar de liberação de desejos sexuais. Mas, ao contrário de Raul, que vê o espaço como um bom lugar e demonstra uma visão positiva, podemos perceber que Pedro e João destacam um lado negativo e perigoso, nas suas falas ao narrar o ambiente. Pedro afirma que

**“(…) aqui, antigamente era um bom lugar para se encontrar alguém, tinha um pouco de segurança. Agora não, só tem ladrão que se veste de entendido para roubar a gente, sabe como é? Diz que é uma coisa e outra, fica maquiando a verdade, só pra roubar. Antigamente, tinha até turista dos hotéis. Depois dos assaltos, roubos e assassinatos diminui muito, muito mesmo. Antes eu vinha mais vezes, hoje venho pouco, tenho medo. Para você ver, muita gente que eu via aqui com frequência sumiu, desapareceu daqui. E antes de entrar observo tudo, sento aqui e fico dando um tempinho, depois entro.** Creio que pelo aumento da violência aqui é perigoso. Não nego, tenho medo. Como te falei, só venho de vez e quando tendo vontade e, como te disse, tenho filhos e esposa, tenho que ter cuidado.” (PEDRO, 38 anos, Administrador).

João acrescenta que,

“só venho, nos finais de semana, pois trabalho com o meu pai. Quando não tenho nada para fazer em casa eu venho liberar as energias (risos) (...). **fico aqui observando tudo, depois entro Mas, tenho cuidado, aqui é perigoso. Só venho porque é deserto e escuro, e longe da minha casa.** Evito encontrar alguém conhecido,

sempre evito encontrar que alguém me veja. Por isso venho a essa hora, tem que ter cuidado, né?” (JOÃO,35 anos Contador.)

É interessante notar, nesses dois fragmentos, que ambos os sujeitos freqüentam o local como fonte de alívio de tensão, mas, ao mesmo tempo, reacendem em suas falas o perigo que ronda o ambiente, ficando sempre à margem antes de adentrarem nesse espaço.

Durante a pesquisa, perguntamos aos nossos entrevistados e a seus freqüentadores porque esse ambiente se chamava Muro de Berlim. Alguns desconheciam o significado e somente passaram a conhecer o nome pelo “amigo” que o indicou o lugar. Ou, quando entraram pela primeira vez no ambiente, ouviram o nome por outros freqüentadores depois do encontro. Eles não sabiam quem batizou o lugar com este nome. Assim, só após percorrermos toda extensão do lugar, foi possível entender o enigma metafórico do ambiente. Acreditamos que o espaço recebeu esse nome por sua formação geográfica, já que o muro faz parte do Porto de Maceió e cobre uma vasta extensão com seu paredão coberto de arames farpados, de redes metálicas eletrificadas e de duas torres de observação (vigilâncias). Além de tudo, é rodeado de pedras. De forma (in)consciente, os homoeróticos ao usarem essa metáfora acabam por permitir transparecer o poder simbólico desta palavras, uma vez que faz referência ao Muro de Berlim, na Alemanha, que serviu como divisor entre dois blocos: Berlim Ocidental e Oriental. Valendo-se desta simbologia, o imaginário homoerótico masculino maceioense traz à tona a bipolarização da luta de dois grandes blocos em nossa sociedade: de um lado a heteronormatividade e do outro o Homoerotismo. Enquanto o “verdadeiro” muro foi demolido em 1989, trazendo a integração entre as duas partes Berlim Oriental/Ocidental, acreditamos que o muro maceioense continua erguido e os dois blocos do imaginário – heteronormatividade e homoerotismo - permanecerão e continuarão a existir enquanto os alicerces que o ergueram não forem derrubados, já que, os motivos que levaram a sua construção foram e ainda são latentes em nossa sociedade. Pedras de sustentação como “o machismo”, a “heterossexualidade” e principalmente o “patriarcado”, estruturas que não foram superadas, como nos remete Manuel Castells (1996).

### 3.3.5.5 Praia de Ponta Verde: O Castelo de Grayskull, o banco da Hebe e o Farol.



MAPA 9. Extensão da prática homoerótica na praia de Ponta Verde. FONTE: Google Earth - 2009

A praia de Ponta Verde é o belo cartão postal das praias de Maceió, um dos lugares mais freqüentados pelos turistas que visitam a cidade. Entre seus atrativos está o prédio do antigo late Clube Alagoinha e seu farol que encanta os olhos durante o dia e, especialmente, à noite quando ocorre a baixa maré. É durante esse fenômeno que podemos avistar o surgimento e a formação de belas piscina naturais, onde se pode desfrutar de um passeio pelo campo de recifes de corais e pelos currais aos arredores do farol. E é nesse momento também que o lugar se transforma num espaço de expressão homoerótica ou, melhor dizendo, o não-lugar. O late Alagoinha passa de espaço de lazer, para a ressignificação de espaço de encontro e de pegação, passando a existir assim, no cenário da Ponta Verde, a metáfora conhecida como “Castelo de Grayskull”, o “banco da Hebe” e o “Farol dos encantos”. Para os nossos entrevistados, esses espaços têm “magia e fascinação”.

Durante o dia, a “cassação” e “pegação” são realizadas com cuidado. Antes do encontro, os freqüentadores esperam que as piscinas naturais se formem para depois ir à busca das realizações de seus desejos mais íntimos. Uma vez formada as piscinas, se começa o reconhecimento do território. Os espaços são tomados por freqüentadores de várias faixas etárias. Alguns permanecem nos arredores das piscinas e outros nas pilastras do castelo. O encontro permanecerá até o termino da maré baixa. Já à noite o cenário sofre algumas mudanças. O perigo é mais eminente, todo o cuidado é pouco e a vigilância é constante entre os freqüentadores do local. Enquanto a maré não baixa o nível da água, alguns permanecem conversando no banco da Hebe, que fica no calçadão. Outros, depois de uma breve conversa, se arriscam a realizarem os atos sexuais na areia da praia ou nos carros estacionados perto do “castelo” (late Alagoinha). Quando a maré baixa totalmente e se formam as piscinas, os freqüentadores passam a adentrar na escuridão do lugar, sendo iluminados pelo farol, como se este guiasse o caminho para seus freqüentadores. O farol, assim como guia dos barcos à costa, guia os indivíduos homoeróticos ao local de desejo e fascinação.

Nota-se, então, que as metáforas servem para a expressão dos códigos simbólicos compartilhados nestes locais e pelos indivíduos homoeróticos. O “Castelo de Grayskull”, por exemplo, remete ao personagem de desenhos He-Man. É lá onde ocorre a luta entre o bem e o mal, é o ponto de encanto e mística, onde o personagem Adam e o seu animal “Pacato” se tornam He-Man e “Gato Guerreiro”. Ou seja, é um espaço de transformação de identidade, onde o indivíduo sai de um estado “comum” para um aspecto sublime e concretiza outra identidade. Assim, o fato do espaço do late Alagoinha ser, no imaginário homoerótico masculino de Maceió, o Castelo de Grayskull traz consigo o conjunto de valores arraigados ao símbolo do desenho. Mostra que é um espaço de sublimação, ressignificação, onde os seus freqüentadores saem do estado “comum” para uma condição sublime, onde podem realizar suas fantasias. Ao sair deste espaço, retornam ao cotidiano, como ocorre no desenho. O mesmo raciocínio nos auxilia a entender a metáfora do Banco da Hebe, que é um banco no calçadão da praia, em frente ao late Alagoinhas. É neste local onde há o primeiro contato, a “entrevista” com o futuro parceiro, amigo ou convidado para compartilhar os desejos sexuais.

### 3.3.5.6 A Praia de Jatiúca (Posto 7)



MAPA 10. Extensão do espaço de práticas homoeróticas masculina da praia da Jatiúca. FONTE: Google Earth - 2009

Toda a extensão da praia da Jatiúca, a partir do Posto 7, durante muito tempo, era palco dos encontros dos homoeróticos da cidade. Entre os anos 80 e 90, antes da revitalização deste lugar, este cenário era utilizado com mais frequência pelos nossos entrevistados, pois era considerado escuro e, assim, contribuía para os encontros e os relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo. Todo o processo de “pegação” ocorria nas imediações da Lagoa da Anta e próximo do muro do hotel Ritz, devido ao aglomerado de coqueiros existente nesse espaço. Diferente dos ambientes da Praia do Pontal e as praias de Ponta Verde e Pajuçara,<sup>80</sup> os encontros diurnos eram praticamente impossíveis porque esta praia, por sua vez, tinha uma frequência maior de banhista e de ambulantes, além do fato de existirem poucos espaços fechados, ocorrendo a maior parte dos encontros a céu aberto. A única forma de um

<sup>80</sup> Ver as descrições nos itens anteriores.

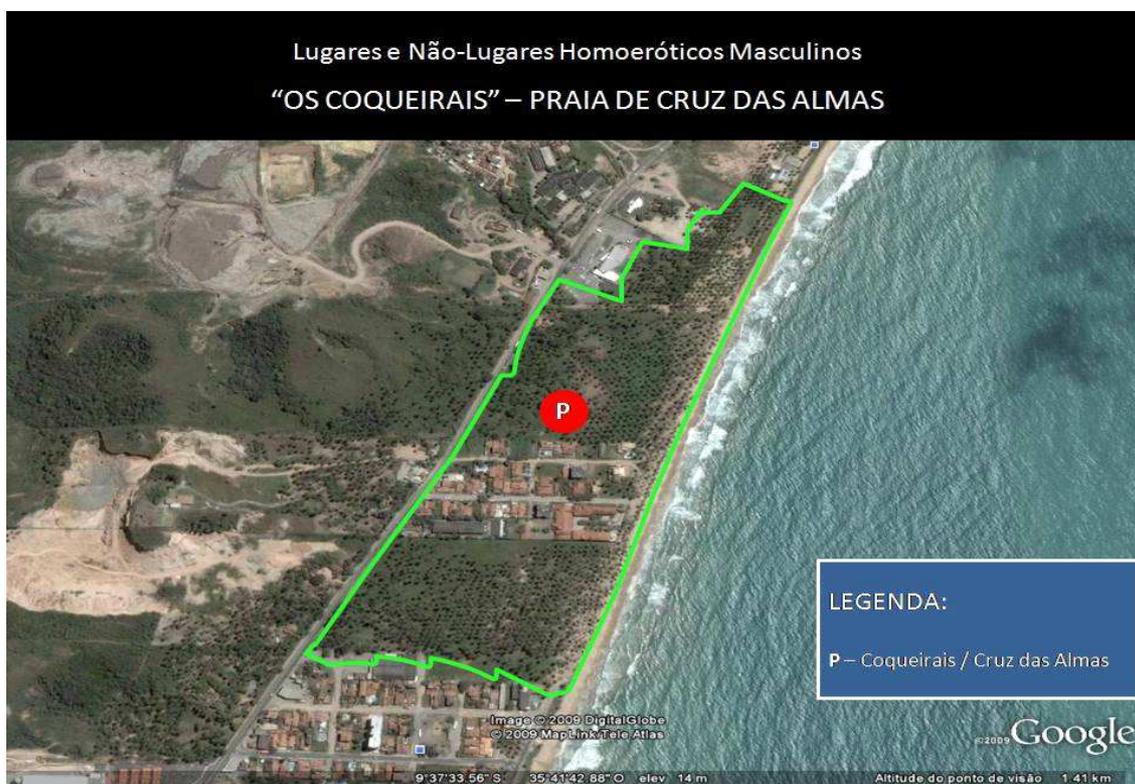
encontro mais “escondido” era quando os homoeróticos ficavam entre os coqueiros, área com menor visibilidade.

Com a revitalização, a construção de uma ciclovia e a colocação de um posto policial no local todo o cenário mudou. Se anteriormente havia a possibilidade de encontros, atualmente ocorreu uma ruptura nesse espaço e uma migração dos próprios homoeróticos que circulavam nesse local. Novamente, a mudança no espaço urbano ressignificou a sociabilidade no local, com o aumento do fluxo de pessoas e a realização de shows e apresentações culturais. Assim, permanecer nesse ambiente em busca de aventuras amorosas tornou-se um perigo constante diante da exposição desses homoeróticos da pesquisa<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Ainda com relação a este espaço, chamamos atenção que atualmente tem se tornado espaços de caráter misto, ou seja, tem sido frequentado por vários grupos sociais, como emos, roqueiros, e por adolescentes e jovens vindos de toda parte da cidade. Alguns desses jovens considerados homoeróticos inclinados.

### 3.3.5.7 A Praia de Cruz das Almas - “Os Coqueirais da Cruz das Almas”



MAPA 11. Extensão do espaço de práticas homoeróticas masculinas em Cruz das Almas. FONTE: Google Earth - 2009

“Os Coqueirais” é um lugar cercado por amontoados de coqueiros. Este é outro cenário apontado como roteiro de encontros homoeróticos pelos nossos sujeitos da pesquisa. Do ponto de vista dos nossos informantes, este local possui no imaginário dos homoeróticos um caráter de fascinação e, ao mesmo tempo, de cuidado, por ser um lugar que ocorre assaltos, espancamentos, roubos e estupros com frequência, além de casos mais graves, como seqüestros e assassinatos<sup>82</sup>. É um lugar habitado, constantemente, no período da manhã, pois serve como rota de passagem tanto para o tráfego de veículos, como para moradores dos bairros circunvizinhos e também dá acesso a bares e motéis. Neste horário encontramos comumente moradores, pescadores e

<sup>82</sup> Segundo as informações obtidas no campo, com policiais e pelos próprios sujeitos da pesquisa, é nesse ambiente que ocorre com frequência assassinatos de casais de namorados e de seqüestros relâmpagos.

alguns aventureiros<sup>83</sup>. Ao andar por esse ambiente podemos constatar casais de namorados dentro dos seus automóveis realizando atos sexuais. É por esse motivo que este lugar apresenta para os homoeróticos da pesquisa uma fascinação. Alguns entrevistados realizam seus encontros em seus carros, a passeio ou quando realizam suas caminhadas pelo local. A permanência de homoeróticos neste horário é rápida, pois, alguns trabalham e usam este trajeto como ponto de fuga do trabalho, no horário do almoço ou depois do expediente. “Os coqueirais” são habitados em todos os horários não somente pelos homoeróticos, mas, também por casais heterossexuais.

Não podemos esquecer de mencionar, no entanto, que seu grau elevado de freqüentadores é no horário noturno e de madrugada. Neste horário, muitos iniciam seus encontros de “pegação” e “cassação” com um simples passeio aleatório em torno do lugar. Outros permanecem nos carros. É interessante notar que após essa breve caminhada ou de um olhar ou de um sinal de luz provinda do farol do automóvel, passa a acontecer os encontros sexuais. O companheiro solicitado se aproxima dos carros e realiza seus desejos sexuais tanto dentro do veículo ou fora do mesmo. Por ser um lugar de pouca iluminação, torna-se um espaço singular para essas práticas.

Porém, essa pouca visibilidade possui um lado sombrio. Traz em si um espaço fértil e fácil para a prática de assaltos, roubos, seqüestro e assassinatos. As vítimas, quase sempre são os visitantes desse ambiente<sup>84</sup>. Devido à isso, a polícia faz uma ronda no local em intervalos de duas em duas horas. Neste momento, os indivíduos homoeróticos se afastam, se escondem ou entram nos carros para “sair da vista” da polícia e de um possível flagrante, o que causaria constrangimento. Há relato de casos de suborno de policiais para que estes não revelem o que foi visto ou quem encontrou neste espaço.

---

<sup>83</sup> Chamo de “Aventureiros” os poucos homoeróticos que se arriscam a fazer “cassação” e “pegação” neste local durante o dia.

<sup>84</sup> Como o seqüestro e assassinatos do jovem BS, ocorrido este ano, e de outros já noticiados pelos meios de comunicações da cidade.(VER ANEXO).

### 3..3.5.8 A Praia de Jacarecica – “Os Mangues”.



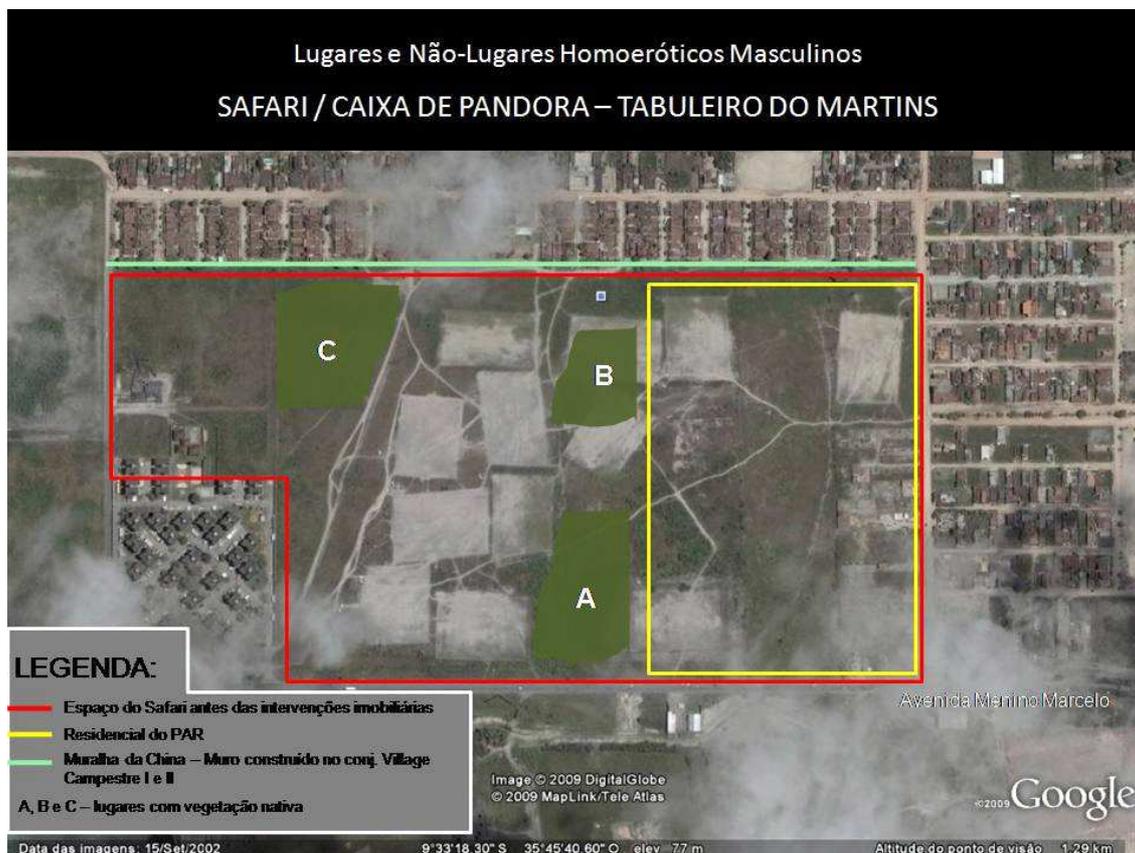
MAPA 12. Extensão do espaço de práticas homoeróticas masculinas em Jacarecica. FONTE: Google Earth - 2009

A praia de Jacarecica fica localizada já na rota do litoral norte. Possui diversos conjuntos residenciais, bares, restaurantes, motéis, pousadas e uma bela extensão de orla. Os encontros homoeróticos ocorrem nas imediações do conjunto residencial Jacarecica, num terreno baldio que antes servia de espaço de lazer para os moradores do bairro devido a um riacho existente no local. O acesso, anteriormente, era realizado tanto pela praia quanto pela avenida principal do bairro, porém esse terreno tornou-se propriedade privada e, após a construção de um muro, o acesso ficou somente pelo caminho do conjunto residencial por onde os carros ficam estacionados ou pela areia da praia. Uma das suas características para ser considerado espaço de “pegação” e “cassação” homoerótico masculino (não-lugar) é que este local, durante a semana, fica sem muita movimentação. A frequência de pessoas só ocorre com maior intensidade nos finais de semanas, uma vez que passa ser habitada pelos moradores (banhistas) e pelos surfistas.

Os encontros homoeróticos ocorrem tanto na parte dos coqueirais como no riacho e na extensão de areia que liga aos mangues, porém o acesso ao mangues só ocorre quando a maré está baixa, já que, quando a maré está alta, o rio divide a praia em duas porções - entre o lado direito (os residenciais) e o lado esquerdo (outros bairros circunvizinhos). Com a baixa da maré toda extensão da praia é tomada por homoeróticos provenientes de vários lugares da cidade. Ao inserir-se nesses espaços ocorre uma distribuição entre eles: alguns permanecem na areia para terem um contato inicial com o futuro parceiro e outros adentram nos mangues para realização do ato imediato. Os mangues possuem uma característica de vegetação fechada, cercada internamente por labirintos, facilitando os encontros entre os parceiros que não querem ser vistos e nem identificados pela população em geral. A permanência nesse local pelos sujeitos homoeróticos varia consideravelmente. Uns permanecem entre quinze e vinte minutos, já outros entre chegam a passar até dez horas. Alguns improvisam barracas feitas com o próprio material encontrado na região, como palha de coqueiros, lonas, sacos plásticos e pedaços de paus

Acreditamos que, de forma inconsciente, eles buscam esse espaço geográfico por ser afastado da faixa de praia mais movimentada, assim como citado anteriormente em outros espaços por nós descritos. Como os outros espaços – não-lugares - os mangues de jacarecica também possuem o seu lado tenebroso e sombrio. Por ser uma região desértica, há uma presença forte de traficantes, usuários de drogas, prostituição. Roubos e assaltos são freqüentes nessa região.

### 3.3.6 O Safári e o seu papel na periferia da cidade: “A Caixa de Pandora”.



MAPA 13. Extensão da prática homoerótica masculina no Tabuleiro do Martins – Safari. FONTE: Google Earth - 2009

Na parte alta da cidade encontramos, do mesmo modo, o aparecimento de espaços (não-lugares) como vimos na parte baixa da cidade de Maceió. Um dos principais pontos apresentado pelos entrevistados é denominado de Safári<sup>85</sup> ou “Caixa de Pandora”. O local recebe este nome devido a sua grande concentração de mata nativa. Localizado na Avenida Menino Marcelo (Via Expressa), na região do Tabuleiro do Martins e perto do Distrito Industrial, fica exatamente entre os condomínios Tabuleiro dos Martins (a direita) e o conjunto residencial Humberto Mendes (a esquerda), próximo ao Conjunto Graciliano Ramos e tem ao fundo o Conjunto Village Campestre I e II.

<sup>85</sup> Os indivíduos que lá trafegam são denominados de “Os Safaritas”, termo obtido no campo, proferido pelo informante Alexandre.

O seu surgimento é descrito pelos nossos sujeitos da pesquisa desde os meados da década de noventa. Marcinho<sup>86</sup> afirma em seu depoimento que “há 15 anos visita este lugar” e que o “terreno pertence a uma família rica de Maceió. Eles moram para banda da Ponta Verde”. A princípio era apenas um terreno “baldio” e “inútil”, servia como uma rota para ligar os bairros do Conjunto Graciliano Ramos e Village Campestre I e II, trajeto trilhado por trabalhadores que trabalhavam nos bairros Salvador Lyra, no Distrito Industrial, Clima Bom, Farol, entre outros. Outra característica encontrada no local é a existência de campos de futebol (sete, no total) que servem de lazer e campeonatos nos finais de semana e feriados, além de servir como lugar de caminhada para alguns moradores dos bairros circunvizinhos. Não podemos deixar de ressaltar que, ao anoitecer, os campos de futebol, que ficam na parte central desse espaço, são utilizados para sublimações dos desejos mais íntimos desses freqüentadores. Como já apontado por Augé (1994), esses lugares podem ser classificados ao mesmo tempo como “espaços-lazeres”, “espaços-jogos” e “pontos de encontros” devido a carga simbólica contida na espaciabilidade do lugar dependendo dos indivíduos que o trafeguem. Esses espaços terão um sentido útil dependendo dos significados dos mesmos, já que é pela interação dos indivíduos através das suas práticas sociais que o lugar tem sentido. Em outros termos, um sentido físico e simbólico.

Esse local fixou-se como espaço de “pegação”, “cassação” e de “experiência homoerótica” a partir das práticas sexuais<sup>87</sup> estabelecidas pelos seus freqüentadores. Entre idas e vindas foi sendo tecido e vinculado no imaginário social deste grupo na cidade e, principalmente, dos bairros circunvizinhos, como um bom lugar para aventura, para práticas de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Na fala de Alexandre percebemos essa aventura claramente. “Bem, entrar aqui no Safári é para mim, como aventurar-se. E como eu gosto de aventura e adoro adrenalina, eu venho”.

---

<sup>86</sup> Entrevista cedida no próprio campo de pesquisa no dia 16/04/2007 no horário da manhã das 06 a 12 horas. A entrevista foi realizada sem o uso do gravador e todas as informações discursivas dos informantes, foi catalogada no diário de campo.

<sup>87</sup> Para os freqüentadores do local, esse lugar serve tanto para a prática sexual, e a execução de outras práticas, como encontros esporádicos, um simples passeio, caminhada entre outras utilidades.

Porém, com o processo de urbanização e avanço habitacional da cidade, esse espaço adotou uma nova forma geográfica. Isso se deu com a criação do residencial tabuleiro dos Martins (o mais antigo) e, posteriormente, do residencial Humberto Mendes (Conjunto do PAR). A trilha que antes ligava os conjuntos Graciliano Ramos ao Villagem Campestre I e II foi interrompida com a construção de um muro ou, como remete os informantes, com a criação de uma grande “Muralha da China”, fechando totalmente a ligação entre os conjuntos e, de certo modo, dando o formato de uma grande caixa. Por isso, Luiz a chama de “Caixa de Pandora<sup>88</sup>”. As pessoas que trafegavam por este espaço, além dos indivíduos homoeróticos, foram obrigadas a tomar outra rota, diminuindo assim o fluxo de pessoas no local. Se antes os nossos informantes usavam como “desculpa” o tráfego entre os bairros para adentrar nesse local, ou seja, pela forma discreta/obscura e camuflada do lugar para a realização dos seus mais íntimos desejos homoeróticos, agora eles precisam usar outras estratégias para entrar<sup>89</sup>.

Ao entrar na espacialização do safári, é possível notar uma subdivisão geográfica do lugar em três núcleos espacial. A definição dessa subdivisão é importante para entender a dinâmica do lugar. A primeira está localizada à margem direita da avenida e é pouco freqüentada (essa freqüência diminuiu depois da construção do residencial, sendo utilizada apenas, dependendo do horário, como via de acesso ao local). A segunda é localizada aproximadamente uns cinqüenta metros após a primeira. Devido a um incêndio e ao desmatamento, a forma geográfica da segunda subdivisão foi

---

<sup>88</sup> Remetemos o termo “Caixa de Pandora” neste trabalho por ter sido descrito por um dos nossos entrevistados e, após essa constatação, observamos que esse lugar apresenta um formato geométrico de caixa. Seja de forma consciente ou inconsciente esse sujeito da pesquisa nos aponta uma carga simbólica com o mito da Caixa de Pandora, descrita pelos Gregos. Assim buscamos apresentar essa definição do mito de Pandora visto que o local apresenta característica de sensualidade, de poder, de dissimulação, de destruição e curiosidade. Uma vez que esse mito nos demonstra que essa curiosidade pode nos revelar algo terrível, que possa fugir do controle e vir assolar a humanidade. Para os indivíduos que lá trafegam, como nos remetem o próprio mito, só se resta a esperança.

<sup>89</sup> O pretexto do acesso para os outros bairros pode ser visto a partir da fala de Marcinho que “(...), usava esse caminho para ir para minha casa depois do trabalho, já que moro no próximo bairro (Village II), e aproveitava para transar. Hoje tenho que fazer a volta pelo quarteirão do prédios do tabuleiro para ir para casa. Por isso entro aqui bem rápido, faço e vou embora, evitando que as pessoas me vejam.”

reconfigurada e abandonada pelos freqüentadores, que migraram para uma terceira divisão. Atualmente, o terceiro núcleo é o mais procurado já que mantém uma distância considerável da avenida principal e por possuir uma vegetação densa.

Com as mudanças já citadas – construção de residenciais e muros - os freqüentadores que trafegam o Safári foram obrigados a trafegar a Avenida Menino Marcelo para a realização de seus desejos, ou seja, se expor nessa principal avenida que se tornou o único acesso ao local. Essa mudança, não só espaço-geográfica, mas simbólica, prejudicou os mesmos, já que essa avenida possui tráfego constante de carros, ônibus, ciclista e pedestre. Isso os deixou expostos para o encontro com pessoas conhecidas. Essa preocupação é constante levantada pelos freqüentadores deste não-lugar. Alexandre expressa essa preocupação central de todos que freqüentam o local,

venho de vez e quando, e quando venho, tenho cautela (...) todo o cuidado é pouco. Sou casado e tenho uma filha, entende? (...). Evito certos horários, entende? **Evito encontrar pessoas conhecidas para não tá falando por ai. Por isso quando entro aqui, entro observando tudo. Não nego, tenho medo sim de encontrar alguém conhecido. Se isso ocorrer tô lascado e ferrado.** Por isso sempre venho um dia sim, outro não, ou passo uma semana, quinze dias sem vir. Vou a outros lugares, como a praia e os banheiros“ (ALEXANDRE, 32 anos, desempregado).

Ao mesmo tempo em que o Safári se apresenta como local de desejos, tem o seu lado sombrio para os freqüentadores. Esse mesmo local, assim como os demais, é cenário de violência, roubo, assaltos, tráfico de drogas e assassinatos<sup>90</sup>. Esse fato é visto nas experiências amorosas realizada por

---

<sup>90</sup> Um caso de grande repercussão que norteou o local foi o assassinato da professora Gildete de Lima ocorrido em 2000, residente no conjunto Village Campestre I, que ao atravessar o

Alexandre e Marcinho. Para o primeiro “(...) aqui, todo o cuidado pouco. É perigoso. Por isso encontro logo alguém, faço e depois que transo, vou embora correndo pra casa”. Na visão de Marcinho não é muito diferente, já que para ele o Safári

**“não é um ambiente muito confiável, vem gente de outros lugares e de todos os tipos. Quando entro fico observando as pessoas o tempo todo e não transo com todo mundo, não. Tomo cuidado. Já teve gente assaltada, roubada e que apanhou aqui. Deus me livre, isso acontecer comigo um dia. Não nego, venho aqui, mas tenho medo. Maceió é uma cidade homofóbica e muito preconceituosa”**  
(MARCINHO, 36 anos, comerciante)

---

lugar no retorno a sua residência, foi surpreendida por marginais. Além de ser assaltada, foi assassinada logo em seguida. Por esse e outros motivos houve uma grande diminuição de pessoas circulando o local. Segundo Alexandre, “esse foi o mais forte motivo da construção do muro pelos moradores do conjunto”, impossibilitando assim posteriormente o acesso pelas antigas vias para os bairros circunvizinhos.



deveres “sociais” de casar e ter filhos, não se sente mais “liberados” e partem para uma vida (homo) erótica” (TREVISAN, 2004, p. 41).

Ao adentrarem nesse território, todas as práticas são realizadas com cuidado e cautela pelos seus freqüentadores. Para Gilvan “toda a atenção no banheiro e dobrada, devida a vigilância do lugar e dos funcionários que lá trafegam”. Os códigos e símbolos desse local, no que se referem à paquera, não são diferentes do convencional. Trocas de olhares sutis e de mensagens são estabelecidas por aqueles que desejam essas práticas. Estas mensagens também podem ser encontradas escritas nas portas e paredes dos banheiros. Inicialmente, o espaço é utilizado para as necessidades fisiológicas ou mero fingimento do ato, como forma teatral, para uma breve aproximação com o suposto parceiro. Se os olhares permanecerem, começa a interação entre os freqüentadores. Depois dessa interação, a prática sexual pode ser efetuada no próprio espaço (dentro das cabines com vasos sanitários) ou em outros lugares, fora do estabelecimento.

Porém, esses espaços possuem certa fragilidade no tocante a exposição dos freqüentadores, pois, se forem pegos, serão humilhados, agredidos ou até mesmo vítimas de subornos pelos funcionários dos estabelecimentos.

### 3.4 Uma reflexão a partir dos lugares e não-lugares

Um caráter marcante desses lugares e não-lugares encontrados na pesquisa é que, durante as suas práticas homoeróticas, esses atores dividem esses espaços com a prostituição, traficantes, ladrões e marginais. Assim, ao adentrarmos nesses espaços considerados homoeróticos pelos nossos sujeitos da pesquisa, nosso objetivo foi o de fazer um mapeamento desses lugares e não-lugares e, assim, demonstrar que é dentro desses lugares e não lugares que são construídas supostas identidades descentradas, clandestinas, estigmatizadas e fluidas dos nossos informantes. Uma vez que esta identidade é conformada e determinada pela sociedade patriarcal, heteronormativa, e machista maceioense, fazem que sejam vulneráveis à violência e à homofobia. Permitem ainda certa fluidez em sua construção identitária, permanecendo nesses atores uma bivalência identitária homoerótica clandestina ou, nas

palavras de Riscado e Farias (2002), enrustida, uma vez que são nesses espaços vulnerabilidade que as práticas violentas se concretizam.

Percebemos através dos nossos informantes que nesses locais ocorrem assaltos, roubos, assassinatos e várias práticas homofóbicas. Como nossos sujeitos da pesquisa alegaram não possuírem visibilidade na esfera social da cidade, eles são remetidos para uma via de marginalidade e (in)visibilidade, ou seja, ficam à margem dos espaços heteronormativo e dominante, tornado-se assim “presas fácies” e vulneráveis para receberem toda carga homofóbica e preconceituosa da cidade. É interessante demonstrar que ao entrarem nesses espaços, os sujeitos da pesquisa escondem os seus verdadeiros nomes e seus endereços, tentando o tempo todo manter essas informações ocultas nesses espaços.

Percebemos ainda que estes lugares e não-lugares geram uma nova espacialização, que ultrapassa a dicotomia casa e rua, apontada por DaMatta (1997). São uma fissura, “confundindo-se o caráter público/privado, tal qual entendemos hoje” (FIGARI, 2007, p. 104). Figari afirma ainda que como são considerados ilícitas, estas práticas eróticas “só poderiam se concretizar na clandestinidade. Por isso mesmo, para esses atos os melhores lugares eram os menos esperados, e esses, de alguma maneira, os mais expostos ou públicos” (FIGARI, 2007, p. 105). Os matos, as lagoas e as praias são considerados – os não-lugares – são considerados pelo autor como espaços onde a civilização terminava. “Neles imperava [impera] o medo e a desproteção (...) era também lugar do ilícito, do mágico e do monstruoso” (op cit).

#### **4.VIOLÊNCIA, HOMOFOBIA E IDENTIDADE: O DESVENDAR DOS CRIMES CONTRA OS HOMOERÓTICOS MASCULINOS DE MACEIÓ, OCORRIDOS ENTRE OS ANOS DE 1993 – 2009. UMA MOLA PROPULSORA NA FLUIDEZ E DESCENTRALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES HOMOERÓTICAS MACEIOENSES.**

4.1 - **O** Homoerotismo masculino no contexto do Nordeste brasileiro: “o caboclo nordestino quando nasce, tinha que ser macho com o pé no chão<sup>91</sup>” - Patriarcado, Machismo e Coronelismo, uma cultura da violência em Alagoas.

De acordo com Albuquerque Jr. (2001), numa sociedade tipo a nordestina, que preserva laços fortes com o sistema patriarcal, a dominação se apresentar na e pela ideologia e, sobretudo, na linguagem, direcionando a consciência dos sujeitos nessas sociedades. Sendo assim, essa ideologia/linguagens, contidas nas práticas dos nordestinos nos revelam, segundo este autor, um lugar que contém uma ética guerreira, ou seja, presente através das relações de mando e poder exercida pelos atores sociais, principalmente, os que são donos das terras e socialmente privilegiados nessa região. Isto é, “espaços sob o mando das famílias que eram donas de tudo e de todos” (ALBUQUERQUE JR., 2001, p.116). É também uma região regida por uma ética salvacionista (catequese) de certos valores ditos como padrões de comportamento e condutas, da submissão, da sujeição, que acomoda e ainda prende os sujeitos em rígidas estruturas de dominação. Pode-se afirmar que uma cultura que é tecida com a trama da dominação de cunho masculina, heteronormativa, heterossexista, torna-se barreira cerrada às possibilidades para a implantação ou o surgimento de uma “possível subcultura” homoerótica, tecida na trama dessa dominação. Por mais que essa trama se apresente “flexível” a esses indivíduos, estes permanecem, na maioria das vezes, submersos no tempo e no espaço, o que os limita de expressar os seus desejos e práticas homoeróticas, obrigando-os a permanecer em certos momentos (in)visíveis, clandestinos e enrustidos na história nordestina e local.

---

<sup>91</sup> Esta foi uma frase dita por um dos entrevistados. Optamos por colocá-la aqui pela força e perspicácia que demonstra.

Segundo Albuquerque Jr. (2003), se criou em toda região Nordeste do século XIX o imaginário do homem nordestino em torno do falo em sua cultura, direcionando os indivíduos que percorrem esse imaginário social. É nesse momento que os discursos das elites<sup>92</sup> passam a introjetar uma identidade elaborada, um elemento definidor. Ou seja, o nordestino é

construído a partir de temas, imagens e enunciados (...) um tipo rural que não se identifica com o tempo moderno (...) sendo definido, acima de tudo, como uma reserva de virilidade, um tipo masculino, um macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade. (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 231).

Castells (2002) aponta uma crise nos padrões de masculinidade a partir dos séculos XIX e os anos trinta do século XX, crise essa expressada pela economia global, mudanças tecnológicas, reivindicações de diversos movimentos, a incorporação da mulher no mercado de trabalho, além dos questionamentos dos papéis heteronormativos pelos movimentos feministas e do homem como o único provedor da família. Essas mudanças, descritas por Castells, na sociedade ocidental gerou no nordeste brasileiro um contrafogo à feminização vivida no imaginário social desta região, exigindo, assim, a retomada e reafirmação de um novo homem viril. Cria-se o modelo de um sertanejo que serve as ideologias culturais, econômicas, políticas e sociais das elites rurais e agrárias. Para Albuquerque Jr. (2003), esse nordestino sertanejo é a soma de toda reserva de brasilidade, criado da mistura das três raças que permeiam o imaginário de nossa nacionalidade, e se apresenta como um homem incubado, sombrio, explosivo e defensor da moral e dos “bons costumes”, direcionando, portanto, os comportamentos da sua “gente”.

Esta forma de ser nordestino teria sido transmitida pela própria educação que era dada a famílias e os seus filhos. Família cuja a autoridade era do pai e em torno do seu poder, vontade e

---

<sup>92</sup> Para essa definição comungamos a proposta teórica elaborada por Silvério Trevisan que argumenta que o seu conceito de elite inclui “além dos óbvios donos do poder (político, econômico, ou religioso), tanto a emergente nova burguesia, ansiosa por acesso social, quanto o setor intelectual do país que, além de usufruir privilegiadamente do aparelho cultural, em geral, é o que prepara os caminhos ideológicos de dominação da população- mesmo quando invoca idéias e intenções progressistas”. (2004, p.157).

expectativas, tudo girava. Pai, que para ser respeitado, para ser visto como homem de verdade, não podia voltar para casa afrontado. Nem mesmo a esposa aceitaria uma fraqueza do marido. Uma família que definia rigorosos e polares papéis para homens e para mulheres, mundos que já começavam a se separar na mais terna infância. Desde cedo, quando estava chorando, o menino ouvia que aquilo não era de homem, passando a ter vergonha de chorar em público, como se estivesse fazendo algo feio. Menino era criado solto, menina era criada presa dentro de casa. O menino podia, em companhia de companheiros de sua idade, aventurar-se para além do terreiro e ficar na companhia de homens adultos, onde começava a sua formação para o mundo; as meninas, não, sempre presas ao mundo doméstico até em suas brincadeiras (...). Os códigos de gêneros são internalizados como se fossem coisas “naturais”. Neles, a masculinidade é, desde cedo, defendida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem pela força ou pela astúcia (ALBUQUERQUE JR, 2003, p.243).

A partir desse discurso ou, melhor dizendo, dessas pistas discursivas apresentadas por Albuquerque Jr. podemos inferir e questionar que essas implicações culturais e simbólicas transmitidas pela ideologia e pela a cultura nordestina de cunho machista, patriarcal, paternalista, colonialista e, principalmente, coronelista (e atualmente latifundiária) são perpassadas, perpetuadas, codificadas e decodificadas pelos os indivíduos dessa determinada sociedade nordestina, moldando assim padrões, costumes e comportamentos que certamente excluirão os desiguais e os diferentes. No nosso caso, os que ferem essas regras morais e os códigos de honra dessa cultura são os ditos homoeróticos. Assim, no imaginário nordestino, onde se prevalece esse tipo de cultura, se faz necessário entender os crimes homofóbicos a partir da concepção de Mott (2003) de que: 1) em região em que predomina o machismo e o patriarcalismo, essa forma brutal de assassinato costuma se apresentar de forma mais virulenta, “onde o mandonismo das elites locais, o abuso de autoridade policial e a ineficácia do poder judiciário facilitam a impunidade dos autores deste crime contra essa minoria social” (MOTT, 2003, p. 27); 2) a homofobia fica mais clara nessas áreas mais pobres e “atrasadas” do Brasil – região Norte e Nordeste - uma vez que, “essas regiões apresentam uma baixa escolaridade, desemprego,

machismo e homofobia” (op cit), fatores que para este autor são manifestações provenientes do subdesenvolvimento regional, rural e local.

No entanto, para o desvelar desta problemática em Alagoas vemos a necessidade de definir o que estamos chamando de cultura de violência nesse Estado, especificamente em Maceió. Para isso, a nosso ver, precisamos compreender primeiramente o que defendemos como cultura. Sendo assim, é necessário, a partir da cultura, compreender como a violência é vista dentro de uma “construção social da vida”, como por meio do aparelho cultural perpassam os caminhos ideológicos de dominação e subordinação que permeiam o chamado “pânico homofóbico” ou a “Epidemia do medo”. Percebemos que é através das violências ocorridas nesses espaços da cidade de Maceió que poderemos compreender os jogos das identidades, que resultará numa identidade clandestina, enrustida e descentrada, fazendo jus as palavras de Hall (1998), Farias e Riscado (2002).

Deste modo, todos nós sabemos que a cultura tem papel fundamental em uma sociedade e que sustenta toda uma estruturação social através de seu viés hegemônico, viés esses que sustenta padrões comuns e inequívocos em uma determinada sociedade, ressaltando e elegendo crenças e comportamentos entre os indivíduos que habitam o mesmo espaço. Para Giddens (2001), quando os sociólogos pensam na conceituação de cultura buscam sua formulação, não como da biologia, como algo herdado, mas falarão de elementos que são apreendidos e partilhados entre os membros dessa sociedade, elementos esses que tornaram possível a cooperação e a comunicação, formando um contexto comum entre os indivíduos, permitindo viverem suas vidas. Além disso, ele ressalta que a cultura engloba e apresenta para a sociedade e seus indivíduos dois aspectos importantes, sejam eles os de caráter intangíveis - isto é, “as crenças, as idéias e os valores que constituem o teor da cultura” - e os de caráter tangíveis - que são os “objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esses conteúdos” (GIDDENS, 2001, p.22).

No mesmo ponto de vista, Mance (1998) também nos apresenta dois aspectos fundamentais que toda cultura deve possuir para que haja uma determinada sociedade. Segundo este autor, sem essas duas características não há sociedades. O primeiro aspecto apontado é a infra-estrutura econômica

e o segundo a infra-estrutura comunicativa. Na infra-estrutura econômica estaria o modo de produzir e consumir, e na infra-estrutura comunicativa o modo de transmitir significados, valores, condutas, normas comportamentais e informações através de sinais que possibilitariam uma comunicação. Comunicação essa articulada através de signos e de linguagens naturais, possibilitando, a partir destas duas características, a organização e a reprodução de uma sociedade.

Deste modo,

todas as substâncias ou identidades referem-se ao que as coisas são, segundo cada cultura, segundo cada regime de signos ou, o que dá no mesmo, segundo as diversas semióticas vigentes e hegemônicas em uma comunidade de comunicações, que tanto pode ser uma família, uma tribo, um grupo de amigos, uma gang, uma comunidade religiosa, uma nação, etc. Em cada organismo social destes, processos educativos mediados por semióticas peculiares orientam a individualização ou singularização. Perguntas tais como: quem é o que é ou o que deve ser – perguntas em torno de questões sobre substâncias e formas – são questões que somente se respondem considerando-se o plano da cultura, isto é, o plano da linguagem ou das semioses e não somente nos planos das matérias e funções (MANCE, 1998, p.2).

Podemos perceber na fala de Mance que culturalmente as subjetividades, as substâncias, a individualização e as identidades serão modeladas segundo cada cultura estabelecida pela sociedade na qual essas categorias estão inseridas, sendo modeladas ou norteadas por signos e linguagens diversas, que ao mesmo tempo igualam e diferenciam, criando, portanto, diferenciações culturais por todo o processo histórico e conjuntural, mobilizado através dos signos que essa sociedade estabeleceu como sendo normais e hegemônicos. O autor ainda argumenta que o modo como comemos, vestimos, andamos, nossos comportamentos até nossa definição de homem, mulher, marido, esposa, heterossexual, [homoerótico], criança, velho são definições culturais pré-estabelecidas, isto é, “são códigos socialmente ordenados – que de algum modo modelizam o corpo; neste processo estrutura-se as subjetividades” (MANCE, 1998, p.2).

Sendo assim, o antropólogo Clifford J. Geertz (1978) afirma que a cultura é uma rede de significados interpretável e que existe sempre a necessidade de negociar interesses e pontos de vistas. A coexistência de modelos diferenciados de construção da realidade evidencia-se de modo nítido, em sociedades complexas, em uma tensão entre ideologias holísticas e individuais. Desta forma é que enfocamos na cultura alagoana o símbolo da violência, porque ela é uma variável importante para os nossos questionamentos sobre a violência contra os homoeróticos masculino deste Estado e, sobretudo, da região metropolitana de Maceió. Entendemos que há fatores culturais e ideológicos que dão sustentação para certa “cultura da violência” contra esses indivíduos no Estado, o que, de acordo com Vasconcelos (2004), constitui variáveis importantes para a compreensão da dinâmica da violência produzida em nível local. Ela defende que para analisar a violência na realidade alagoana é preciso partir do pressuposto de que

é fundamental pensarmos a violência para além dos fatores estruturais e econômicos, incluindo aspectos da subjetividade humana, que nos possibilitam refletir sobre os conteúdos valorativos e ideológicos que influenciam e orientam às práticas de violência entre os seres humanos na atualidade, valorizando a dimensão simbólica dessas práticas (VASCONCELOS, 2004, p. 21).

Sendo assim, quais são, portanto, os sentidos e significados que influenciam e orientam esses crimes contra os indivíduos homoeróticos de Maceió? E que significados os mesmos atribuem a esses atos brutais de violência que se encontram inseridos no dia a dia dos maceioenses?

#### 4.2 A violência no cotidiano de Alagoas e da cidade de Maceió

Para responder esses questionamentos acima, devemos observar que além da naturalização dos assassinatos desses sujeitos, existe um grande diferencial dessas mortes para as demais. As vítimas de crimes homofóbicos possuem consigo um estigma negativo, que impulsiona a morte dos mesmos. O fato de terem conduta homoerótica gera ódio, fundamentado no medo, intolerância, preconceito e no moralismo desta sociedade alagoana tradicional.

Uma pesquisa realizada pela UNESCO, no ano de 2001, em 14 estados da federação, constatou que ¼ dos alunos entrevistados indicavam que não gostariam de ter um colega gay na mesma sala de aula. No caso específico de Alagoas, em especial a cidade de Maceió, apresentou o percentual de 27,8% dos alunos que não gostariam de ter esses indivíduos como colegas de classe. Ao mesmo tempo, muitos desses alunos dizem que não têm “preconceitos”

desde que o homossexual permaneça longe, não se aproxime e, principalmente, que não insinue que eles possam ser iguais ou um parceiro da relação, ou seja, os rapazes têm aversão às “cantadas” vindas de homossexuais, sentido-se ameaçados em sua masculinidade e, muitas vezes, reagindo com violência. (ABROMOVAY & CASTRO, 2004, p 257.)

A pesquisa também ressaltou que os homens, em todas as capitais, apresentam um maior grau de repulsa aos gays, diferenciando do grau de repulsa provinda das mulheres contra esses indivíduos gays. Essa repulsa, em Maceió, entre os jovens masculinos foi de 44%, enquanto que entre mulheres ficou em 16,4% das entrevistadas na pesquisa. É com esse panorama que podemos avaliar, em nossas discussões, o imaginário que a população brasileira e maceioense constrói em torno desses atores, ou seja, uma postura de repulsa e ódio, principalmente contra os homoeróticos masculinos (e contra os travestis, transexuais), chegando ao grau de violência física (espancamentos e assassinatos) e simbólica. Como forma de evitar esses crimes homofóbicos, alguns estados da confederação brasileira, inclusive Alagoas, possuem legislação própria estabelecendo sanções e punições às práticas discriminatórias contra os homoeróticos.<sup>93</sup> No município de Maceió também foi decretada uma Lei, de nº 4.667, de 23 de novembro de 1997, condenando qualquer tipo de discriminação a orientação sexuais em espaço públicos da cidade. Porém, essa lei só existe no papel, já que a maioria da população, tanto heterossexual como homoerótica, desconhece a existência da mesma. Mais de 11 anos após a publicação da lei, percebemos que o número

---

<sup>93</sup> Não há, no Brasil, uma Lei Federal que avalie casos de crimes homofóbicos como crimes de ódio. Porém, existe um projeto de lei 122/2006, da Câmara dos Deputados, que criminaliza a homofobia em todo o território nacional. O impasse dessa votação vem, principalmente, da bancada conservadora e religiosa no Congresso Nacional.

de violência contra essa minoria subiu assustadoramente, apesar de, oficialmente, entre 1993 e 2009 serem computados pela Secretaria de Defesa Social do Estado 80 assassinatos homofóbicos<sup>94</sup>. Devemos levar em consideração que esses números são bastante inferiores à realidade, porque, como já apontado por Mott (2003), há falta de dados estatísticos oficiais direcionados a “*crimes de ódios*” o que gera um índice baixo diante da realidade. Para o autor, esta sub-notificação é resultado da ineficiência do poder público na catalogação dos dados e, também, da prática dos familiares ou amigos das vítimas de ocultar a sua orientação sexual<sup>95</sup>. Além disso, foi possível observar que nesses 14 anos que foram levantados esses dados, pode-se perceber um aumento circunstancial no ano de 2000 de 13 assassinatos homoerótico no estado.

Em relação ao grau de instrução das vítimas foi constatado que 9% tinham o curso superior e 5% o ensino médio. No entanto, não foi possível diagnosticar o grau de instrução de 83% das vítimas por falta de informações nos boletins de ocorrências e nas fontes jornalísticas. Dentre as vítimas de homicídio, foram totalizadas 22 profissões/ocupações em diversas áreas, classes e posições sociais, incluindo arquiteto (4%), médico/enfermeiro (3%), servidor público (4%), vereador (1%), estudante (1%), sargento (1%), empresário (1%), como também autônomo (4%), desempregados (2%) e outras profissões (4%). Mesmo nesses casos, não foram identificadas as profissões de 73% das vítimas. Para Mott (2003), a diversidade no campo profissional vem confirmar mais uma vez que existe uma grande presença de sujeitos com inclinações homoeróticas em vários campos ocupacionais. Para o autor, sobretudo há existência de “gays” em todos os ramos e setores da nossa sociedade, ou seja, esses indivíduos estão em todos os campos educacionais, profissionais e sociais, não sendo fruto apenas de minorias sociais<sup>96</sup>. Em relação ao estado civil das vítimas, foi diagnosticado que 30% das vítimas eram

---

<sup>94</sup> É importante salientar que não foram computados nesse levantamento os anos de 1994, 1995 e 2003, uma vez que a secretaria de Defesa Social de Alagoas não obteve dados nesses períodos mencionados.

<sup>95</sup> Os dados computados pela SEDSAL, foram baseado no SISPOL, GEAC, IML, e em noticiários divulgados na mídia (Alagoas24horas, Alagoasagora, Gazeta web e no GGAL.

<sup>96</sup> Segundo Mott a sociedade imaginava que o Homoeroticismo estava relacionado com baixa renda dos indivíduos que comungavam essa prática

solteiras. Novamente ficou uma grande parte das vítimas sem classificação neste aspecto: 70% delas não tiveram seu estado civil identificado.

Referente à idade das vítimas, verificamos que os assassinatos ocorreram contra homoeróticos de todas as idades, uma vez que os dados apresentam que as vítimas tinham entre 12 e 60 anos. Mas, a grande maioria estava na “flor da idade”, entre 29 e 40 anos, totalizando o percentual de 25%. Acreditamos que a explicação plausível para tal fato, seja proveniente da forma clandestina e enrustida desses indivíduos homoeróticos. Mesmo possuindo experiências e convívio nas práticas homoeróticas, eles se submetem aos riscos ligados a prática sexual com desconhecidos. Seguindo essa mesma linha de pensamento é possível cogitar que os homicídios entre as faixas etárias de 12 a 18 anos (6%) e 18 a 29 (20%), ou seja, entre os homoeróticos mais jovens, seja resultado da inexperiência e imaturidade dos mesmos. Muitos aventuram-se em lugares obscuros em busca de prazer com indivíduos que possuem um estereótipo marginalizado, os ditos “cafuzus<sup>97</sup>”, pensamento esse já ressaltado por Mott em sua pesquisas. No tocante as idades entre 40 e 60 (16%) percebe-se que, em alguns casos, estes sujeitos chegam a financiar a própria morte através de envolvimento com certos profissionais da via da prostituição clandestina. Mais uma vez, 33% das vítimas ficaram sem identificação quanto à idade devido à falta de informações.

Em relação aos autores desses “homicídios”, constatou-se que a maioria são praticados por desconhecidos - 55% -, enquanto os que tem autores conhecidos somam 27%. Neste universo estão companheiros, ex-companheiros, amigos, genitor entre outros. O dado mais agravante é o envolvimento de policiais nesses homicídios, que chega a representar 10% dos autores de práticas homofóbicas, e também de ex-policiais, que somam 3%, sendo essa uma grande contradição, uma vez que, os membros dessas instituições deveriam garantir a integridade física desses indivíduos. Pelo contrário, eles fazem parte também do universo de sujeitos que perpetuam a prática da homofobia.

---

<sup>97</sup> Cafuzú, no imaginário homoerótico, é o homem possui uma forma rústica, de baixa renda e exala um tipo ideal de masculinidade.

Essa pesquisa constatou ainda que 89% dos assassinatos homofóbicos do Estado foram realizados em espaços públicos, tais como praia, terrenos, local ermo, rua, entre outros (locais de construções e veículos). Esses “crimes homofóbicos ocorrem nesses espaços públicos em decorrência da clandestinidade das relações homoeróticas, constituindo, portanto, um das modalidades de atos ilícitos mais difíceis de investigar e elucidar “por parte do poder público, pois esses espaços não possibilitam o recolhimento de provas substancial pelos peritos e, por isso, a maioria dos casos fica sem serem solucionados”, como percebido por Mott em seus trabalhos.

Nessa mesma perspectiva, o autor argumenta que “esses espaços são considerados como locais secretos, procurados altas horas da noite, com a finalidade de ocultar encontros fortuitos e clandestinos, predispondo e facilitando atos de violência, roubos e agressões físicas” (MOTT, 2003, p. 50). Isso ocorre porque esses indivíduos vivem numa sociedade paternalista, coronelista, heteronormativa, heterossexista e homofóbica, que estigmatiza e sataniza as inclinações homoeróticas masculinas na via pública e “obriga a grande maioria a viverem enrustidos, inibidos, ou proibindo a entrada de casais do mesmo sexo em pensões e motéis, ou proporcionando o desenvolvimento de fantasias suicidógenas em muitos gays que se excitam com a idéia de transar com “bofes”, homens de verdade, com estereotipo de marginais, em lugares e situações de risco” (MOTT, 2003, p.54).

No item *Causa Mortis* das vítimas, a pesquisa aponta que os instrumentos mais utilizados para esses homicídios foram arma de fogo (34%). Outros instrumentos, como esquartejamento, arrastado pelo carro, enterrado vivo, facão, barra de ferro, pedrada e degolado representam 32% dos casos. O uso de arma branca (faca, peixeira, chave de fenda, entre outros) representa 19%. Entre 4% e 11% dos casos, não foram especificados e nem informados os tipos de instrumentos utilizados.

Se levarmos em consideração essas modalidades de violências praticadas contra esses indivíduos homoeróticos perceberemos um aspecto importante: o alto grau de barbárie, agressividade, selvageria e crueldade que permeia a lógica desses assassinos, devido à fragilidade em que se encontram esses sujeitos por causa dos lugares de “pegação”, “cassação” e de prostituição. Esses indivíduos homoeróticos, antes de serem assassinados,

sofrem tortura física e psicológica, com alto grau de requinte e crueldade, como ressalta Leite. “Já fui assaltado nesse lugar, foi uma experiência traumatizante. Como não tinha dinheiro na hora fui espancado e, por esse motivo, fiquei sem andar nesses lugares por mais de um ano, tinha até medo de sair de casa” (HENRIQUE, Estudante, 26 anos). Igualmente, nessa pesquisa, contabilizou-se que 57,5% desses crimes foram acarretados pela fragilidade física e social da vítima (Mott, 2003, p.42<sup>98</sup>).

Outro aspecto, que comunga com as perspectivas apontadas pela pesquisa acima, está relacionado a um fato muito importante ocorrido na década de 90, que chocou toda a população do estado: a revelação de um esquema de corrupção e crime organizado dentro da polícia militar - a tão temida “Gangue Fardada”. Junto com o seu desvelamento, veio à tona a “Tabela da morte”, usada pelos pistoleiros de alugueis para execução de seus trabalhos (se é que podemos chamar isso de trabalho). Segundo um dos pistoleiros, esse tabelamento proposto pela gangue fardada seguiria as seguintes estruturas,

para matar um deputado estadual ou líder político regional “importante” R\$ 50 mil. A morte de um trabalhador rural é mais barata, de 500 a R\$ 1.000. Os prefeitos (...) são assassinados por 30 mil. Para os vereadores, a encomenda da morte custa R\$ 15 mil” Gente do povo e queima de arquivo dentro da quadrilha é de graça, basta raiva<sup>99</sup>. (grifo nosso).

Essa afirmação discursiva usada pelo pistoleiro nos remete a uma reflexão importante sobre o papel da violência contra os atores da nossa pesquisa. Para dar enfoque a essa reflexão partiremos analisando dois fragmentos nesta entrevista - “*Gente do povo*” e “*de graça, basta raiva*”. Se observarmos esses dois fragmentos perceberemos que o “homoerótico”, em primeiro momento, nem gente é dentro da estruturação social. Visto que, esses indivíduos homoeróticos estão abaixo dos chamados “gente do povo”, uma vez que vivem à margem desta sociedade, geram, na população, aversão e ódio. Ao mesmo tempo, se levamos em consideração o discurso “*de graça, basta*

---

<sup>98</sup> VER ANEXO

<sup>99</sup> Entrevista cedida para a revista Veja 24/03/1993.

*raiva*”, compreenderemos que o machismo e o patriarcalismo que se encontram no imaginário social dos maceioenses legitimam os crimes pela raiva que os sujeitos homoeróticos causam. Uma vez embebecido por esse pensamento, a fala do pistoleiro comprova a argumentação do cotidiano da cidade de que nas terras dos ditos marechais e coronéis “*gay tem mais é que morrer*”. Acreditamos que, esse pensamento está tão latente e presente na visão heterossexual da cidade que norteia até as “brincadeiras”, como relatadas, descritas e narradas por vários entrevistados.

**“Estou cansado de andar na orla fazendo caminhada e ouvir o barulho de tiro quando um cara assumido passa, sendo feita pela boca de alguns caras, tipo assim, veja, pá,pá,pá etc. Matei o viado, quem vai comer? Ao ouvir isso sinto muito medo, muito medo mesmo, fico até sem vontade de olhar para trás e aumento os passos. Não sei até que ponto isso é brincadeira e, ser for, é de mal gosto. Por isso fico como estou, é melhor, eu acho!”** (LEONARDO, 28 anos, Jornalista).

**“Um dia estava no ônibus e vi quando um grupo de estudante ficou zombando de uns caras que entraram. Eles começaram fazendo com as mãos o símbolo de um revólver e começaram a fazer barulhos de tiro e rindo, quando os dois gays sentaram. O ônibus estava um pouco cheio. Os caras ficaram calados e depois começaram a conversar entre eles, creio que fingindo que não era com eles. Foi nesse momento que percebi que não queria nunca assumir como eles. Não vou mentir, tenho medo de morrer e ser ridicularizado pela minha escolha. Por isso me controlo e me polio o tempo todo. Aqui em Maceió não é seguro, creio que em lugar nenhum. Prefiro ficar assim mesmo. Um segredo apenas restrito comigo e com alguns amigos que também não são assumidos, e com Deus.** (LUIZ, 33 anos, músico).

Analisando essas falas pronunciadas pelos nossos informantes constatamos a repulsa inerente nesse tipo de “brincadeira” e, ao mesmo tempo, o grau de preconceito pela visão heterossexual em relação ao cotidiano dos homoeróticos de Maceió, porque os mesmos vivem em constante vigilância de suas atitudes e ações, além de forte stress e pressões no seu dia-a-dia, ocasionando um viver de forma temerosa, um medo em torno de assumir essa identidade estigmatizada. Para Nunan (2003), “a inibição de sentimentos e pensamentos que caracteriza a vida dos homossexuais faz com que eles tenham que monitorar situações constantemente para determinar se podem ou não serem abertos quanto à sua orientação”. (NUNAN, 2003, p. 88). Comungando com essa perspectiva, Luiz ressalta, “por isso me controlo e me policio o tempo todo”. Percebemos, assim, que cabe a esses indivíduos homoeróticos um policiamento cognitivo de suas posturas, palavras e voz, adotando, deste modo, comportamentos restritivos diante de sua sexualidade em alguns segmentos da esfera pública (escola, igreja, família e trabalho), sendo apenas exibida na esfera privada, (mas, especificamente entre amigos que comungam com sua orientação sexual de forma clandestina e enrustida ou em lugares obscuros da via pública).

#### 4.2.1 O terceiro Estado Nordestino no rank de violências homofóbicas: um panorama no rol de crimes homofóbicos na região metropolitana e nos interiores alagoanos

O assassinato mais cruel e com o maior requinte de crueldade do país, infelizmente, ocorreu em Alagoas. Depois desse episódio, o estado ficou conhecido em todo território nacional e internacional com a triste marca e a amarga tradição de bárbaros crimes homofóbicos. O fato ocorreu na década de noventa, especificamente no ano de 1993, na cidade de Coqueiro Seco, nos arredores da região metropolitana de Maceió (30 km). Foi o assassinato do vereador Renildo dos Santos. As investigações e notícias sobre o assunto dão conta de que o crime foi encomendado porque que o vereador tinha assumido

publicamente que era bissexual num programa de rádio da cidade. Logo após a entrevista, o vereador foi “suspenso” da câmara por “quebra do decoro”. Dois dias depois, o seu corpo foi encontrado esquartejado e partes espalhadas em vários pontos da cidade.

seu cadáver estava decapitado, órgãos sexuais mutilados, dedos da mão direita arrancados, unhas da outra mão também arrancadas e pernas quebradas. Tinha um tiro nas nádegas e estava parcialmente carbonizado (...) e com três dias depois, a cabeça de Renildo apareceu boiando no rio (...) sem os olhos, a língua e as orelhas e com dois tiros num dos ouvidos. (REVISTA VEJA, 1993),

Percebemos que o perfil de crueldade se repete em outros crimes registrados em Alagoas contra homoeróticos masculinos. Seguiremos então o relato breve de alguns deles para demonstrar a repetição da característica.

Em 2007, foi registrado o assassinato do artesão O.S., de 19 anos. Após ser eleito em um concurso de beleza de “*Drag Queens*”, na cidade de Arapiraca, seu corpo foi encontrado com “sinais de violência sexual e com a mutilação dos seus órgãos genitais (arrancados). Ele foi morto a paulada”. Outro caso é o de E. S., 31 anos, morto com sua “cabeça esmagada”. J. M. S., 33 anos, militante do GGAL, foi atacado em Marimbondo, em 2002, por um bando de dez rapazes, todos munidos de paus e pedras. Ele foi “vitima de intolerância de jovens da cidade. O homossexual foi apedrejado (...), ato de violência que virou um espetáculo público no centro da cidade, o gay sofreu golpes de pedaço de pau. Os agressores também cuspiram nele (...) teria sido amarrado a uma moto e arrastado pela cidade por 80 km” (MOTT, 2003, p.48-49). Também, F.S.V, 28 anos, assassinado em 2006, “amarrado, apedrejado e jogado em uma vala de esgoto”. M.G., assassinado em Coruripe torturado e teve sua boca colada com cola, levou várias facadas e teve uma barra de ferro introduzida em seu anus”. E incluímos os assassinatos de D. V, morto a tiros e que teve seu corpo carbonizado; D.SS, morto a golpes de tijolo, tendo o seu corpo jogado num terreno baldio; e C.G.S., que foi torturado e sangrou até morrer.

A partir desses relatos, observamos a aversão da sociedade para com esses indivíduos, uma vez que, não basta matar, mas tem que maltratar e

torturar até a morte. É assim que perceberemos, a seguir, através das análises das falas dos entrevistados, as categorias pertinentes nesse trabalho como identidade, espaços homoeróticos, violência física e simbólica, relacionando-se, portanto com a construção da(s) identidades clandestinas e enrustidas dos homoeróticos masculinos da cidade de Maceió.

## **5 DESVENDANDO O REAL: O JOGO DA(S) IDENTIDADE(S) CLANDESTINA(S) E ENRUSTIDA(S) NOS ESPAÇOS VULNERÁVEIS À VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA.**

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados obtidos em questionários e entrevistas à luz dos pressupostos teóricos anteriormente apresentados. É importante ressaltar que, devido à (quase) ausência de trabalhos sobre a temática homoerótica no estado, fizemos uso de trabalhos realizados em outros estados do país, tais como Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, para balizar nossa reflexão. O conceito de identidade vai ser traduzido a partir de duas categorias importantes e emblemáticas, quais sejam espaços e violência. No primeiro momento, descrevemos como os sujeitos da pesquisa apresentam o “ser homoerótico” na cidade de Maceió. No segundo ponto, destacaremos as falas que tratam sobre a questão das identidades descentradas que denominamos de “clandestina” e “enrustida”. No terceiro ponto, delinearemos as falas dos frequentadores dos espaços apresentados no capítulo anterior. No último ponto, traremos as múltiplas falas que se referem à violência física e simbólica nesses espaços vulneráveis.

### **5. 1 Maceió uma cidade discriminatória, preconceituosa e violenta.**

De modo geral, conviver na cidade Maceió tornou-se, para os nossos sujeitos da pesquisa, “um terreno escorregadio” devido à “discriminação”, “preconceito” e “violência” que estes afirmam sofrerem em seus “encontros”, sobretudo nos espaços públicos da cidade. A afirmação provinda desses sujeitos, provavelmente, tem relações com uma tradição que religa os seus habitantes a um passado machista, assim, religando em suas memórias a existência de códigos culturais e padrões de sociabilidades e sensibilidades patriarcais e falocêntricas (ALBUQUERQUE, 2001). Em outras palavras, essa tradição é um modelo norteador das relações sociais sujeitando essas pessoas a conviverem com os códigos culturais da sociedade na qual estão inseridos, mesmo que cada sujeito elabore sua própria interpretação da tradição. É assim que alguns sujeitos da pesquisa admitem que

**“Na cidade de Maceió e, principalmente, no Estado de Alagoas, da forma, da maneira que ela foi criada, formada, a sua sociedade, numa cultura patriarcal (...) Acho que isso carrega, ela carrega traços até hoje de um tradicionalismo, que interferem nessa posição das pessoas que curte sexo com outros caras e que assumem isso. É a sociedade que não aceita”.**  
(BRUNO, 22 anos, estudante).

**“(...) aqui em Maceió não tem abertura devido à cidade, muito preconceituosa, e os que curtem também nem se fale, não ando por esses lugares de gays assumidos.”**  
(CARLOS, 42 anos, administrador).

Essas falas mostram o panorama das tensões vivenciadas pelos homoeróticos no cotidiano da cidade através de suas vivências e experiências pessoais. É interessante salientar que a expressão “preconceito” tornou-se o principal fio condutor dos discursos dentro de uma manifestação de negatividade proveniente nas palavras “desrespeito”, “desconsideração”, “discriminação” e “violência”. Do ponto de vista desses sujeitos, existe ainda um grande desrespeito e desconsideração por parte dos próprios “homossexuais” e “gays” da cidade, ou seja, entre os que “curtem sexo com outros caras”. Devido a esses tipos de comportamentos estigmatizantes em relação a vivência homoerótica, é que os sujeitos da nossa pesquisa evitam a “convivência nesse meio social”. Através da fala de Bruno é possível constatar também que o chamado “tradicionalismo” maceioense interfere decisivamente na construção das suas identidades, direcionando-os a “assumir” uma identificação clandestina e enrustida. Como afirma João, trata-se de uma

**“(...) sociedade que não aceita esse tipo de opção sexual e aí se mostra com discriminação, com preconceito, e com violência, disposta, com essa violência, frear essa opção em**

**determinada situação e localidade na cidade (...)** (JOÃO, 29 anos, secretário escolar).

Em primeiro lugar, precisamos frisar que essa é uma percepção singular dos sujeitos desta pesquisa. Como afirma Hall (2004), uma tradução dessa tradição. Isso significa que nem todos os homoeróticos compartilham dessa opinião. Naturalmente, os sujeitos orientam suas vivências a partir da leitura que fazem do espaço e das suas relações de poder, como “sujeitos cognoscentes”, e a sua leitura da realidade não é perene. É interessante perceber que, para alguns, é a falta de respeito que freia a opção de assumir publicamente o desejo, mas, para outros, não é só isso, já que há uma ameaça literal que se traduz em violência, como afirma Carlos, **“por que gays aqui, é morte na certa (...) aqui em Maceió não é brincadeira não (...)”**. Para eles, a violência é uma forma que reafirma a tradição patriarcal, no entanto, em suas falas, essa discriminação aparece também como “absurda”, o que, para nós, já é uma demonstração de rompimento com a tradição. Esse dilema na relação entre romper ou não com a tradição é encontrado também nos espaços de “pegação” e “cassação”. Em nossa opinião, isso demonstra o poder da tradição nas relações intersubjetivas. O tempo todo, esses sujeitos terão a tradição como referencial, quer seja para afirmá-la, quer seja para negá-la. Consequentemente, também, a identificação homoerótica estará permeada por essa dualidade. Como afirma Antonio

“Em Maceió, ainda existe muito preconceito. O que eu acho, aqui mais absurdo é o desrespeito, **a desconsideração entre as pessoas e entre os próprios homossexuais daqui.** Isso mancha muito, as pessoas, **por isso evito muita convivência nesse meio social de ambientes gays**”. (ANTONIO, 32 anos, profissional liberal).

## 5.2 As Identidade(s) Clandestina(s) e Enrustida(s): Uma identidade em foco.

A pergunta célebre “como você se define?” ocasionou uma enxurrada de questionamentos, por parte dos entrevistados. Houve uma negação das categorias propostas na pesquisa. Em cem questionários, apenas sete se sentiram contemplados pelas alternativas propostas: gay, homossexual, bicha, enrustido, viado, entendido, travesti, homoerótico, HSH<sup>100</sup>, homoafetivo e outros. Na categoria “outros” surgiram palavras como “indefinido”, “tudo isso”, “não sou nada disso”, “não me vejo como gay” e “prefiro meu nome”. Alguns se sentiram incomodados, de tal modo que ficavam em dúvida se preenchiam um ou mais itens. Foi assim que percebemos que não poderíamos defini-los com as categorias ou modelo existentes em nosso imaginário. Por esse motivo, optamos, portanto, para a escolha da categoria *homoerótica* proposta por Costa (1992), uma vez que, a mesma contempla às variações e as inclinações homoeróticas dos nossos entrevistados.

Em todas as falas percebemos que em nenhum momento houve por parte dos entrevistados a expressão “**eu nasci homoerótico**”, mas, ao contrário, ocorreu continuamente um afastamento dessa possibilidade. O que notamos foram as colocações: “apenas curto, não nasci assim”, “não se nasce dessa forma, eu desejei experimentar e fiz”. Essas declarações apresentaram um afastamento da concepção biológica e essencialista do século XIX e dos biólogos do século XX e XXI, que insistem na elaboração teórica do cromossomo Xq28. Aos se contraporem a essas idéias levantadas, os entrevistados se afastam literalmente das categorias já existente na sociedade como “gay” e “homossexual”, como podemos compreender nas falas abaixo:

“ (...) pra dizer a verdade, não me vejo como gay e nem homossexual, **apenas curto outro cara**, acho legal. **Como também curto mulheres**. Um gay, que eu saiba, não curte mulher e eu curto. **Se eu fosse gay ou homossexual seria um problema sério** na minha

<sup>100</sup> Homem que faz sexo com outro homem.

família, garanto (...)”. (SOUZA, 37 anos, contador).

“(…) **não sou assumido não**, dizem que **sou indeciso** por me relacionar com mulheres. Mas não vejo problema não com isso. Me sinto bem assim, para mim é melhor, **pois pretendo construir família e não me vejo gay. Para dizer a verdade me acho indefinido. Pra mim, tá ótimo assim** (...) (ANTONIO, 23 anos, Estudante).

“(…) **Não me vejo assumir não**, porque para os meus familiares a homossexualidade é considerada como **problema**. Minha mãe sempre fala isso quando olha um cara afeminado, começa a falar. **Já pensei muito sobre essa possibilidade**, mas já tirei da cabeça e desejo um dia casar e ter filhos (...)”. (ZÉ LUIZ, 39 anos, Profissional Liberal).

A partir dessas falas podemos inferir que as identidades desses indivíduos estão extremamente ligadas às questões morais da sociedade, seja ela no âmbito público ou privado. As expressões “*não me vejo assumir*” e “*não sou assumido*”, intercaladas com as pistas “preconceito” e “problema”, também estão relacionadas com a esfera familiar e nos mostram claramente como esses sujeitos são encaminhados para a via da clandestinidade e para uma identidade enrustida, tanto no âmbito público quanto privado. Se no âmbito das relações familiares eles consideram que não querem ou não podem “assumir”, logo não existe o que, classicamente, poderia se chamar de “identidade gay”, como foi estabelecida socialmente. No máximo, o que ocorre é uma identificação com o homoerotismo, que é efêmero e descentrado (Costa, 1992; Hall, 2004). Assim, eles se definem como sujeitos que “curtem outro cara” e que são “indecisos” e “indefinidos”.

Dessa forma, segundo Hall, as identidades homoeróticas desses indivíduos estarão o tempo todo atravessadas por outras identificações instituídas nos espaços sociais, isto é, há constantes negociações que envolvem o modelo da identidade heterossexual patriarcal e a sua própria

orientação sexual. Deste modo, mesmo realizando as práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, o que para a sociedade os definiriam como “gay” (“homossexual”, “bicha” ou portadores de uma “homossexualidade”), os nossos entrevistados expõem, através desses discursos, que não há necessidade de “assumir” esse tipo de “comportamento”, “**apenas transo e pronto**” ou ainda “o povo pensa que gay é como cerveja e coca-cola: tem que botar um rótulo. Para mim não importa o rótulo o importante é o conteúdo”. Nesse sentido, podemos afirmar que os sujeitos fantasiam, através dessas experiências, mais uma identificação do que um auto-reconhecimento identitário diante dessas categorias. Ou, como apontado por Nunan (2003), “alguns (...) optam por não assumirem publicamente por considerarem que tal atitude é desnecessária, e que é tão relevante dizer “eu sou gay” como afirmar “eu sou heterossexual (...) visto que (...) é apenas um dos aspectos de sua identidade, não faz sentido estar expondo-a permanentemente” (NUNAN, 2003, p. 270).

Não penso em me assumir não, de forma alguma, só curto (...). Ultimamente, muitos caras gays resolveram assumir, mas de forma muito berrante. Na verdade, eu acho que a maioria está exagerando, **expor as suas intimidades** dessa forma, acho que não é necessário. (ALESSANDRO, 19 anos, Promotor de Vendas)

Assim, podemos perceber que, entre nossos entrevistados, essas vivências devem ficar na esfera privada, negando a necessidade de seu aparecimento (ou reconhecimento) no espaço público, como reforçou Alessandro.

### 5.3 Os espaços homoeróticos de Maceió lugares e não lugares

A categoria espaço, tal como definida nesta pesquisa, foi fundamental para a compreensão dessas identidades “clandestinas” e “enrustidas” dos nossos entrevistados analisada no item anterior (5.1). Porque, como vimos, é dentro desses espaços que ocorrem o que definimos como “jogos das identidades”, parafraseando Hall, uma vez que, os nossos entrevistados ao ingressarem nesses espaços de “pegação” e “cassação” mudam todo o seu comportamento (até o seu nome), reinscrevendo-se através de suas experiências, de suas imaginações e de suas abstrações, um reconhecimento temporário de sua localização espacial com os símbolos internos desses espaços. Assim, como já apontado por Magnani (2003), esses símbolos são demarcadores de ações, de diálogos, de sociabilidade entre seus frequentadores, mesmo aqueles anônimos que venham trafegar nesses ambientes, ou seja, “venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores dos seus pertencimentos” nesses espaços de sociabilidades (MAGNANI, 2003, p.12). Portanto, ressaltamos que esse reconhecimento espacial tornou-se ponto de partida para internalização e a identificação das construções homoeróticas dos nossos atores. Ao entrarem nesses espaços, as suas experiências e vivências são efetuadas cognitivamente e discursivamente como um processo demarcador de fronteiras identitárias na espaciabilidade dos lugares e dos não-lugares, dando, portanto, para aqueles que os habitam, sentido e inteligibilidade de uma identidade (compartilhada) que passará a criar fronteiras de uma identidade provisória, relacional, individual e histórica, como ressalta Augé (1994).

Decidimos reforçar aqui as falas dos sujeitos nos espaços, embora já tenhamos abordado no capítulo anterior, porque a ênfase será no jogo das identidades. Assim, uma primeira característica importante encontrada durante a pesquisa é que alguns entrevistados negaram estar com frequência nos lugares públicos homoeróticos da cidade de Maceió. Curiosamente, esses mesmos sujeitos afirmaram participar *esporadicamente* nesses ambientes (ou em ocasiões como a “Parada Gay”), mas sempre acompanhados com outros amigos que “não sabem” de suas preferências homoeróticas. Em relação à “Parada Gay”, um dado importante é o reconhecimento da mesma como

espaço “misto”. Devido a isso, é possível camuflar e permanecer clandestino em meio aos participantes “assumidos”. Atualmente, observamos que na Parada há a presença de famílias, representando um espaço de festa pública que transcende a questão da diversidade sexual.

Por outro lado, todos os sujeitos foram unânimes ao reconhecer os lugares considerados de concentração homoerótico, como o bairro do Jaraguá, as boates Havana e Toy, Bar da Rosa (Jaraguá), Casa Amarela (Amélia Rosa), a sauna (Jaraguá), os cinemas Paradiso (Levada), Vitória e Clik Filmes Eróticos (Centro), as praias do Pontal (Emissário Submarino Casal / Tubulações da Braskem), da Avenida (em baixo da ponte do Riacho Salgadinho e por trás do Memorial da República), da Pajuçara (Muro de Berlim), Ponta Verde (Castelo de Grayskull / banco da Hebe / Farol), Jatiúca (Posto 7), Cruz das Almas (Os Coqueirais), Jacarecica (Mangues) e também as vegetações/matos (Safári) e os banheiros públicos e privados da região metropolitana de Maceió. Para os nossos entrevistados, os maiores pontos de encontro de expressão homoerótica da cidade são o bairro de Jaraguá e o Posto 7, na praia de Jatiúca. Neste último, pudemos encontrar a maior concentração de homoeróticos mais jovens. Eles (os entrevistados) consideraram como “local de vulgaridade e promiscuidade ao céu aberto”, porque na sua percepção é uma “aberração” devido aos comportamentos muito “espalhafatosos”. Apenas dois dos nossos entrevistados afirmaram que freqüentam esse lugar, mesmo que não possam permanecer por muito tempo, devido à “fama de promiscuidade”. Nas falas aparecem duas visões: uma positiva e outra negativa em relação ao mesmo local. Há os que renegam e esquivam-se de andar nesse lugar nos finais de semana e, principalmente, nos feriados, por considerar o ambiente estigmatizado. Enquanto os que o freqüenta, considera este lugar como facilitador para a “cassação” e “pegação”

Nas falas abaixo, apresentamos a visão dos nossos entrevistados em relação a sua presença nos lugares e não-lugares da cidade.

### 5.3.1 - Freqüentadores dos lugares.

**“(...) freqüento alguns lugares de pegação. Vou à boate, mas não gosto muito não, tem muita gente, posso**

encontrar alguém conhecido. **Prefiro esses lugares que não vem muita gente**, pois tenho mais **liberdade** (...) e não gosto muito de lugares de **fechação** (...). (FERREIRA, 19 anos, estudante).

“(...) já freqüentei, mas hoje **não me agradam muito esses ambientes gays, como o Jaraguá e o posto 7, pela promiscuidade e falsidade**. Por isso, **vou a lugares menos vistos**. É melhor até para um bom papo (...)”. (HOLANDA, 36 anos, funcionário público).

“(...) não costumo ir sempre, mas, quando vou, prefiro ir **às boates e os bares, mas não com freqüência**.” (ALBUQUERQUE, 36 anos, universitário)

É interessante notar que, mesmo inserindo-se nos circuitos considerados oficiais, como os bares e boates, os sujeitos da pesquisa tentam não compartilhar do processo de socialização desses lugares, simplesmente para evitar serem vistos ou encontrarem com pessoas conhecidas, e quando costumam ir, evitam uma certa regularidade. Preferem lugares que garantam uma maior liberdade, ou seja, ambientes que permitam que os mesmos fiquem a vontade **“até para um bom papo”**. Podemos ainda inferir que esses sujeitos evitam esses ambientes aglomerados, principalmente, por rejeitarem a forma de expressão da identidade explicitamente “gay”, que vai de encontro à sua própria forma de vivenciar o homoerotismo. Assim, evitam lugares de **“fechação”**. Além disso, a clandestinidade e a forma enrustida os fazem “fugir” desses ambientes de expressão pública por considerarem promíscuos e pelo medo de serem denunciados, como aparece na expressão “não me agrada esses ambientes gays (...) **pela promiscuidade e falsidade**”, já que nos ambientes “gays” ocorrem cantadas, perigos e depravação entre os freqüentadores.

### 5.3.2 Freqüentadores dos não-lugares

Ressaltamos que, para falar dos freqüentadores dos não-lugares é necessário enfatizar que essa categoria se apresenta como espaços de mistérios, invisibilidade, até mesmo no mundo homoerótico e é quase imperceptível no mundo heterossexual da cidade de Maceió. O principal desvelamento em relação ao mesmo consiste que, só é possível ser conhecedor desses não-lugares aqueles freqüentadores que são orientados por outros homoeróticos da cidade e que estão inseridos há muito tempo nesses ambientes de convivência homoerótica, ou ainda, por uma simples causalidade (apenas em dois dos casos analisados). Assim, concluímos que a identificação desses locais é transmitida através de contatos entre as redes de amizades ou durante uma pegação ou cassação. Ressaltamos que ao utilizar o termo “amigo”, os entrevistados podem se referir a amigos de fato ou parceiros temporários. Essa realidade mencionada pode ser verificada na fala de um dos nossos entrevistados.

“sempre vou trabalhar por esse caminho e não sabia nunca. E mesmo eu, que faço sexo com outro cara, **não imaginava nunca que debaixo da ponte do salgadinho se podia transar com outro homem.** Já **fiquei sabendo por um amigo** e depois fui pessoalmente vê para crer, sozinho, à noite é claro, para não dá bandeira. E depois **fiquei sabendo que existia uma casa de filme pornô na Sinimbu e dois cinemas, e uma casa de pegação, um bar no Vergel, que fechou, que se podia ficar sem problema de ser visto. Ah, se eu soubesse antes era diferente** (risos)”.  
(NUNES, 44 anos, professor).

Nunes, mesmo residindo em Maceió desde que nasceu, não sabia que havia tantos locais de “pegação” na cidade. A partir desse discurso percebemos a forma como as identidades dos “enrustidos” se expressam. Podemos verificar que a clandestinidade desses espaços possibilita, de um lado, a realização dos desejos homoeróticos e, de outro, a preocupação em

ocultar suas práticas, como observado na fala de Nunes “para não dar bandeira”. Ou como resume Bezerra, “gay é como vampiro: só sai para atacar à noite e passa o dia escondido”.

Queremos destacar que, para encontrar espaços de liberdade e expressão homoerótica esses sujeitos se submetem a lugares ditos subalternos, como a ponte (riacho salgadinho), o mangue (Jacarecica) e as vegetações/matos (Safári), além dos banheiros públicos e privados da cidade. Assim, segundo Musskopf,(2005), “esses espaços são criados à margem da sociedade. Em geral, são lugares quase secretos, localizados fora dos “centros” de circulação, lugares escondidos e sem identificação” (MUSSKOPF, 2005, p. 107). Por isso, preferimos denominar esses locais de “não-lugares”, já que não se encontram demarcados no imaginário social da cidade. Em relação a esses questionamentos, é interessante notar as opiniões dos nossos entrevistados abaixo:

**“Pra dizer a verdade, quando eu entro nesses lugares é só pra curtidão, não desejo fazer amizade. Esses lugares não é bom para amizade, as pessoas enganam muito, não são verdadeiras. Aqui nem todos são de confiança (...) já presenciei muitos caras sendo roubados”.**  
(ALEX, 26 anos, bolsista).

**“Todos os lugares de pegação são perigosos e violentos, sempre foram. Creio que todos os caras que entram sabem disso, porém é o risco que temos que correr para realizar os nossos desejos e vontades. Mas, eu sei o risco que corro vindo aqui, por isso não fico muito tempo (...)”**  
(PEDRO, 31 anos, aux. de enfermagem).

**“(...) quando entro aqui é somente para sexo. É tipo um fast-food, por isso chamo de sex-food [fast-sex], rápido é prático. Quando entro aqui me acho um pouco alienado, sei que não é um bom lugar, mas é o jeito (...)”.** (JOÃO, 28 anos, técnico de enfermagem). *Grifo nosso*

Ante o exposto, notamos nessas falas que há uma menção constante da marginalidade que cerca esses não-lugares, pois, como afirma Pedro, “todos os lugares de pegação são perigosos e violentos, sempre foram”. Mas, mesmo conscientes dos perigos que circulam os espaços, como assassinatos e roubos, os nossos entrevistados admitem a “necessidade” de habitá-los, visto que é “o risco que temos que correr para realizar os nossos desejos e vontades”. Ressaltam que “é o jeito”, como se fosse a única possibilidade de expressão desses desejos. Eles também são unânimes em expressar a negatividade desses espaços em termos de criação de relações afetivas, porque, para alguns, servem simplesmente como um tipo de “fast-food” ou, como o mesmo aponta como “sex-food”, isto é, “rápido e prático”, não estabelecendo nenhum vínculo de amizade duradora entre os freqüentadores, já que “nem todos são de confiança”. E, diante desta realidade constatada, percebemos os conflitos de auto-reconhecimento identitário dos nossos entrevistados na materialização fantasiada das identidades enrustidas e clandestinas.

Entre os nossos entrevistados percebemos uma negação atenuada perante a identidade homoerótica assumida no espaço público da cidade. Essa somente passa a ser articuladas pelos nossos sujeitos quando submersos inseridos nos lugares e não-lugares de “pegação” e “cassação”. Observamos que, em alguns casos, a relação afetiva está direcionada com os vínculos familiares (heterossexuais), ou seja, afirmam que gostam das esposas e vão ali apenas satisfazer um desejo efêmero, sem nenhuma aproximação com a identidade “gay-homossexual”. Essas vivências eram, por esses, em todo momento articuladas e relacionadas no interior desses lugares e não-lugares, isto é, suas práticas identitárias homoeróticas apenas se concretizavam na clandestinidade dos lugares e não-lugares. Essa identificação ocorria devido à marcação simbólica estabelecida nesses espaços.

Contudo, apreendemos que ao sair desses espaços de “pegação” e “cassação” ou dessas fronteiras simbólicas dos espaços homoeróticos, esses sujeitos apresentavam uma tensão em torno da identidade anterior (homoerótica), pois ao retornarem ao tecido social da via pública modificavam

suas práticas sociais, simbólicas e discursivas, apresentado assim, o que Hall denomina, de “ponto de apego temporário” em relação à identidade heterossexual. É assim, que Alexandre nos adverte que

**“(…) quando vou aos lugares gays ou entro aqui, entro só para curtição e relações sexuais. Não venho aqui em busca de relacionamento sério não. (…) fantasiar aqui é normal, pois todos os caras que entram aqui sempre tem um nome diferente, por isso sempre nego o meu nome, telefone, onde moro. Evito essas informações. Digo sempre outro nome toda vez que entro, pois é perigoso para mim ser conhecido quando sair daqui, principalmente porque tenho relacionamento. Como te falei, venho só para curtição mesmo. No meu caso, não desejo amizade ou relacionamento, só curtição.** (ALEXANDRE, 25 anos, ator).

O discurso de Alexandre nos aponta um apego temporário entre este e o local de “pegação” e “cassação”. Este se identifica com o local de forma passageira, pois ao visitar esses ambientes deixa explícito que é somente para “curtição e relações sexuais”, não desejando uma relação estável, nem amizade ou relacionamento. Assim, ao sair desses ambientes, esse nega toda as suas práticas homoerótica, fantasiando apenas nesses espaços toda sua identificação com a identidade homoerótica, como podemos perceber nesse trecho discursivo **“fantasiar aqui é normal, pois todos os caras que entram aqui sempre tem um nome diferente, por isso sempre nego o meu nome, telefone, onde moro (…)**”. Dessa forma, percebemos que esse sujeito não deseja uma visibilidade, ou seja, assumir uma postura homoerótica declarada, preferindo permanecer clandestino, oculto pela dupla identidade que exerce, uma vez que Alexandre destaca que tem um relacionamento e não gostaria de ser reconhecido, fora desses ambientes que frequenta, pelas práticas que nele exerce.

Aqui fica clara a concepção de Hall (2004) de que a identidade é uma construção, em que o sujeito pode ganhá-la ou perdê-la, mas, sobretudo, a

identificação/identidade está relacionada aos recursos materiais e simbólicos disponíveis em cada contexto. Por isso, há sempre uma fantasia de representação, como vimos na fala anterior. Além disso, os sentidos das práticas da construção e da manutenção das identidades homoeróticas dos nossos sujeitos são constituídos nas relações entres indivíduos nesses ambientes.

“Bem, não sei te dizer por que venho aqui, dá vontade e venho. Mas, depois de realizar o que desejo, volto para minha vida normal. Não tenho neuroses por entrar aqui não (...) venho, faço e pronto, e volto pra minha vida, como já te disse. (...) jamais falo o meu nome verdadeiro, é perigoso. Pra dizer a verdade, que eu conheça, **ninguém que entra aqui diz verdades sobre si mesmo. Devemos negar sempre certas coisas aqui. Por isso, quando venho, deixo o meu carro bem distante e quando me pedem o número do meu celular dou um número errado**”. (LUIZ, 35 anos, professor).

Luiz comunga com o mesmo discurso proferido por Alexandre sobre os ambientes de “pegação” e “cassação”, ressaltando, porém, que nesses espaços ninguém pronuncia verdades sobre si mesmo. Há sempre negações das verdadeiras informações, ou seja, “(...) **ninguém que entra aqui diz verdades sobre si mesmo, devemos negar sempre certas coisas aqui, por isso, quando venho deixo o meu carro bem distante e quando me pedem o número do meu celular dou um número errado**”. Esse ocultamento identitários é proveniente, segundo Luiz, do perigo que circunda esses ambientes, sendo necessário forjar uma identificação ou identidade provisória. Eles permanecem sempre construindo e reconstruindo sujeitos discursivos, por meio de falsas identificações ou da criação de personagens fantasiados, isto é, “estruturas” pronunciadas discursivamente e reconhecidas como “verdades” para esses sujeitos. Em suma, uma ilusão necessária para a realização de um desejo latente, para o confronto com uma realidade que oprime a expressão

pública desse desejo. A opressão pode adquirir a forma da violência psicológica-física-simbólica, como veremos a seguir.

#### 5.4 Conflitos, Temores e Medos na(s) identidade(s) homoerótica(s) no imaginário dos sujeitos da pesquisa

Assim, a identidade homoerótica desses sujeitos da pesquisa deve ser pensada a partir de uma terceira categoria: a violência. Pois, de acordo com os nossos entrevistados, inserir-se nesses espaços homoeróticos **“é o risco que temos que correr para realizar os nossos desejos e vontades”**. É estar vulnerável em ambientes que emanam medos, temores e perigos constantes. Após ocorrências de roubos, assaltos e assassinatos nesses locais, divulgados entre eles ou pelos meios de comunicações, os homoeróticos da nossa pesquisa evitam circular temporariamente nesses espaços de “pegação” e “cassação”, preferindo ocultar-se em outros ambientes<sup>101</sup>, como na esfera familiar ou em circuito de amizades. Conforme Pedro, **“(…) quando fico sabendo de algum assassinato ou assaltos pela televisão e pelos meus colegas, fico um bom tempo sem vim aqui. Depois que passa a tempestade eu venho, mas, sempre com cautela”**. Douglas também admite que, **“(…) depois do assassinato de um amigo meu, deixei de andar nesses lugares e fazer pegação. Fiquei com medo e temeroso desses lugares. Tento o máximo policiar os meus desejos. Tenho medo de morrer nesses lugares, não posso negar.”** Realmente, esses medos e temores compõem a realidade dos nossos entrevistados, já que, na cidade de Maceió, os preconceitos são visíveis e geradores, inclusive, de crimes homofóbicos com requintes de crueldades impressionantes (cf. item 4.2). Na fala de Sandro podemos perceber esses temores e medos enfaticamente, pois como o mesmo ressalta:

**“Já andei muito nesses lugares, mas não ando mais. Também não sinto mais necessidade e, depois desses assassinatos que ocorrem na cidade, prefiro evitar esses lugares. Tenho**

<sup>101</sup> A pedido dos entrevistados esses ‘outros ambientes’ não foram aqui revelados.

**medo e fico receoso, principalmente porque aqui é perigoso e tenho medo de morrer**” (SANDRO, 49 anos, administrador).

Esses temores e medos a que nos referimos podem estar relacionados com a violência tanto física, quanto psicológica ou simbólica. Assim, por uma questão metodológica recortamos as falas e separamos a violência física e simbólica, mesmo considerando que ambas se intercalam nas vivências dos sujeitos.

#### 5.4.1 A Violência Física na construção das identidades clandestinas e enrustidas dos nossos sujeitos da pesquisa

A maioria dos entrevistados admite ter sofrido os dois tipos de violência, tanto física quanto simbólica, durante suas vivências homoeróticas no cotidiano da cidade. Essas duas categorias tornaram-se “feridas abertas” em seus discursos tão fleumáticos nesses espaços de vulnerabilidades. Observamos que a violência é quase constitutiva do processo de identificação dos nossos entrevistados. Deste modo, nas falas abaixo transcritas, encontramos os vestígios dessa simbiose que está marcada na história dos entrevistados e é, nesse sentido, que essas violências podem contribuir para a permanência das identidades clandestinas e enrustidas dos sujeitos da pesquisa.

“(...) sofri sim, foi quando estava me relacionando com outro cara. Depois que nos relacionamos, **ele me roubou e depois bateu em mim, e levou o meu dinheiro. Foi assustador! Por isso, prefiro me manter no anonimato** (...)” (FRANCISCO, 49 anos, aposentado).

**“Já fui assaltado duas vezes nesses lugares de “pegação” e também fui espancado por andar aqui. Foi horrível! Sei que é perigoso, mas é o jeito que encontro para me relacionar com outro cara, pois como não desejo manter um relacionamento fixo com outro homem, pois sou**

**casado e nem me vejo... freqüento assim mesmo com cautela (...)**.  
(ANDRÉ, 26 anos, universitário).

“Não gosto muito de lembrar esse momento. Ocorreu quando estava no Iguatemi. Depois do encontro no banheiro, marcamos para sair. Chegando lá, fizemos o que tínhamos o que fazer. Depois **ele me tentou mestrangular, foi horrível! Cada vez que eu tentava sair, ele apertava o meu pescoço. Pensei que ia morrer naquela hora. E como não sou assumido, foi pior ainda, porque não tinha como desabafar com ninguém e por isso tive que mentir sobre esse acontecimento na minha vida.** (LUIZ, 49 anos, funcionário público).

“Esse fato ocorreu quando estava andando na praia e passei por um carro estacionado e um cara estava lá. Depois de nos olharmos, ele me convidou para sair e entrei no carro. **Depois que transamos, ele me roubou, pegou os meus documentos, começou a me xingar e me bater, me dando socos e ponta pé, e me ameaçando a jogar do carro e também dizendo que iria telefonar para minha família e contar o que havia acontecido entre nós. Como minha família não sabe de mim, fiquei com medo. (...)** e ficou falando todo o tipo de palavrões que você imaginar. **Por isso que hoje evito sair e frequentar regularmente esses lugares. Tenho medo de encontrá-lo de novo, foi assustador (...)**” (JOSÉ, 52 anos, professor).

“(...) rapaz, é perigoso se relacionar com alguém estranho. **Já sofri um maus bocados nessa minha vida. (...) fui roubado, xingado de tudo que não presta. (...) e depois que um amigo meu foi esfaqueado e ficou internado, e outro foi assassinado em casa, evito encontro com estranho. Só quando tenho confiança é que marco um encontro, mas sempre na baixa, escondido, para ninguém ficar**

**sabendo**” (GILBERTO, 60 anos, aposentado).

Esses depoimentos se tornaram momentos de desabafo e alívio. Os componentes apresentados em seus discursos (como roubo, espancamento, esfaqueamento, xingamento, assassinatos, socos e ponta pé) são imagens reveladoras de um cotidiano comum e assustador, que permeia, ou melhor, dizendo, que acompanha esses homoeróticos. De uma forma geral, essas violências ocorreram em passeios e encontros esporádicos nos ambientes de “pegação” e “cassação”. Devido a essa onda de violência, que permeia esses lugares e não-lugares, alguns dos nossos entrevistados evitam freqüências regulares nesses ambientes por já terem sentido na pele a marca da violência. É o caso de André, que mesmo tendo sofrido violência física, reconhece o perigo do lugar e admite que tornar-se horrível andar por esses locais, mas os frequenta porque acredita que esse **“é o jeito que encontro para me relacionar com outro cara”**. Esta realidade é vista por José de outra forma. Após as agressões sofridas em um dos seus encontros homoerótico, esse evita **“sair e freqüentar regularmente esses lugares”**, porque o mesmo possui **“medo”** de encontrar o agressor, ou seja, a violência fez com que ele modificasse a sua sociabilidade nesses espaços, controlando assim suas idas e vindas, ou seja, a regularidade de freqüentar o lugar. Gilberto também, após sofrer essa onda de violência e presenciá-la em seu círculo de amizade, passou a evitar **“encontro com estranho”**, sendo mais rigoroso em seus encontros homoeróticos como forma de impedir esses eventos indesejáveis, redirecionando todo o seu comportamento, pois admite que **“só quando tenho confiança é que marco um encontro.”**

Outro ponto que devemos destacar nesses discursos acima é o tipo de violência. Identificamos pelo menos três tipos diferentes de agressões. Um primeiro tipo está nos relatos de Chico e André, que tratam de roubo seguido de violência física. O segundo tipo está na fala de Luiz, que relata a violência física que se transformou num transtorno psicológico, já que não podia “desabafar com ninguém”. O terceiro tipo relevante é o roubo, seguido de violência física e simbólica, que também ocasionou transtornos psicológicos devido a explicitação do preconceito e ameaças à exposição da identidade

clandestina, presente nas falas de José e Gilberto. Em todos os casos, a violência física está presente, com maior ou menor intensidade. Isso nos demonstra a tensão em que os nossos sujeitos estão imersos, pois, como a maioria dos nossos entrevistados não são “assumidos” na esfera pública (cidade) e privada (família, trabalho, amigos), tornam-se presas fáceis para a manutenção dessas agressões. O que contribui, em certo sentido, para a permanência do seu anonimato. José expressa isso de uma maneira muito clara ao dizer que seu agressor iria telefonar para sua família e contar o que havia acontecido entre eles e o medo que sentiu ao vislumbrar essa possibilidade, **“como minha família não sabe de mim fiquei com medo”**. Dessa forma, podemos perceber que a inclinação para identificação homoerótica aparece sempre submersa e “cautelosa” ou **“(...) na baixa, escondido para ninguém ficar sabendo”**, como afirmam Gilberto e André. Como a maioria encontra-se na clandestinidade, submetem-se a essas agressões nos espaços marginalizados da cidade. Em alguns casos, eles são obrigados a mudarem as suas percepções e vivências nos lugares de encontros homoeróticos. Desta forma, a violência física parece ser o efeito visível ou epifênomeno que expressa os códigos culturais dominantes, vinculando-se, portanto, à violência simbólica.

#### 5.4.2 A Violência Simbólica

Como vimos nas falas anteriores, a violência simbólica parece se tornar motivo de traumas psíquicos, como afirma Bourdieu (2005), apesar de se tratar de uma violência silenciosa e invisível, seus efeitos são reais. A violência simbólica está relacionada com a estigmatização de grupos ou categorias, como afirma Bourdieu (2005, p 143), “como em certos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação de sua existência pública visível”. A questão que se coloca é o efeito que produz nos sujeitos homoeróticos, sobretudo, na tensão vivenciada entre o medo de ser descoberto e o desejo de ser reconhecido pelos seus pares, como aponta Bourdieu (idem). Assim, além das inúmeras violências físicas sofridas por esses sujeitos homoeróticos, tanto na esfera dos espaços públicos (de “pegação” e “cassação”) quanto na esfera do espaço privado (família, trabalho, amigos), faz-se necessário compreendermos

as práticas da violência simbólica sofridas por eles. Essa violência está coadunada com o imaginário social dos maceioenses, que, como já apontamos, está permeado pelo machismo, patriarcalismo, coronelismo e pela forma heteronormativa e heterossexista. A expressão dessa violência, embora não seja tão visível como as cicatrizes deixadas nos corpos dos sujeitos da pesquisa, está latente nas marcas deixadas nas histórias dos nossos informantes. Em suas falas é visível o trauma simbólico deixado pelos xingamentos, insultos e ameaças, que podem ser melhor compreendidos se levarmos em consideração as relações de poder e conflito que circunscrevem esses sujeitos e os submete aos códigos culturais dominantes da cidade.

Amaro é enfático, através de sua fala, em mostrar que a violência simbólica contra os “homoeróticos da cidade” está inserida no amálgama do preconceito das pessoas, ou seja, **“é um preconceito que se manifesta diferente, como se fosse inconscientemente. Percebo isso nas falas das pessoas”**. Portanto, para Amaro, quando os maceioenses expressam o preconceito, passam a discriminar aqueles que se mostram “diferentes”, não somente com a violência física, mas, principalmente por “agressões verbais” nos espaços públicos da cidade, dessa forma, inibindo e coagindo os sujeitos em relação à sua identificação homoerótica, direcionando-os, em certa medida, para a identificação ou identidade enrustida e clandestina.

“Em relação à violência, sofri sim. Mas, comigo, nunca foi física não. Ainda bem, mas **preconceito. Acredito que o preconceito já é uma violência simbólica, porque discrimina e desrespeita o outro. E também já presenciei muito casos de agressões verbais aqui na cidade. As pessoas tratam os homossexuais assumidos diferente. É um preconceito que se manifesta diferente, como se fosse inconscientemente. Percebo isso nas falas das pessoas.** (AMARO, 23 anos, universitário).

A partir das idéias de preconceito, discriminação e agressões verbais apresentada por esse sujeito acima, podemos inferir que toda a problemática vivenciada por ele está orientada, refletida e pautada, no que Bourdieu (2005)

denomina de formas suaves e invisíveis da violência simbólica. Essa, por sua vez, é imposta e vivenciada pelo processo simbólico, articulada pela via da comunicação e do conhecimento por parte dos moradores da cidade, do qual Amaro expressa que se efetua de forma “***inconscientemente***”. Assim, para Alexandre, Pedro e Santos, essa forma inconsciente por parte dos maceioenses é geradora de preconceitos e discriminações, não somente nas violências físicas, contudo também nas agressões verbais e “brincadeiras” (cf. item 4.2).

“Rapaz **já sofri muita discriminação e violência, mas quando ocorre, na maioria das vezes, sempre é verbal (...) principalmente, pelo meu irmão. Ele sempre me agride verbalmente. Não gosto das palavras que ela fala como viado, bicha.** Eu acho que ele sabe que eu curto, mas não digo nada, saio pela tangente. (...)”. (ALEXANDRE, 25 anos, vigilante).

“(…) **teve uma vez que briguei com um cara e ele me agrediu com palavrões, me chamando de gay, essas coisas, e terminamos brigando para valer. Não gosto desses palavrões, não suporto, acho sujo** (...)”. (PEDRO, 33 anos, estudante).

“Já, a última foi na sexta, antes do carnaval. Foi simbólica. Na sexta, antes do carnaval, estava no ponto do ônibus. **Só em olhar para um determinado rapaz, ele perguntou se eu estava tendo algum problema e já foi me chamando de viado, e disse que eu não olhasse mais, porque se não eu ia ver. Me deu um temor na hora, a ponto de pegar um táxi de imediato e sair daquele ponto, porque eu não sabia se aquela pessoa estava ou não consciente, bêbada ou drogada. Sei que veio com essa agressão.** Olha que tinha duas ou três pessoas no ponto que ficaram sem entender nada. Eu pedi para que elas ficassem olhando para ele enquanto o táxi vinha, para que eu pudesse sair do ponto. (SANTOS, 32

anos, Aux. Administrativo e  
Universitário).

Os fragmentos expressam as formas de discriminações e de agressões verbais sofridas pelos nossos entrevistados. As falas demonstram que essas agressões são provenientes não somente do espaço público, mas também do espaço privado, como se pode perceber no discurso de Alexandre. Este reconhece que já sofreu “muitas discriminações e violência”, entretanto, admite que o tipo mais frequente sofrido é o ato simbólico, rotulado e verbalizado pelas palavras “viado” e “bicha” pronunciadas pelo seu “irmão” no seu âmbito familiar. Pedro também fala sobre esse tipo de agressão verbal, citando as palavras “gay” e “bicha”. Ele as define como “palavrões”, considerado-as como “palavras sujas”, visto que, socialmente, essas possuem um sentido pejorativo e estigmatizante. Segundo Nunan (2003), há uma rejeição dessas categorias (gay, bicha, viado) porque são consideradas socialmente como insultos. Nesse mesmo sentido, Musskopf (2005) apresenta que, essas palavras além de agredir e ofender, simboliza também fraqueza, impotência e humilhação e fonte de ridicularização de sentimentos, gerando conflitos internos no interior desse sujeitos inclinados homoeroticamente em espaços públicos e privados. Nunan (2003) enfatiza também que ao denominar alguém com essas palavras (bicha, viado, gay) se desestrutura as normas dominantes no imaginário social em torno das relações de gênero, uma vez que remete à forma estigmatizante de homossexual afeminado, tipo esse mais discriminado do que o homoerotismo masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, precisamos compreender que as identidades ou identificações não se constituem no vazio. Em outras palavras, essas se constituem a partir da leitura que os sujeitos fazem dos códigos culturais dominantes (Hall, 2003). No caso das identidades homoeróticas dos sujeitos da pesquisa não é diferente. Estas se constituem na tensão e em conflito com os códigos heterossexistas e heteronormativos (dominantes). De uma forma geral, destacamos que a identidade clandestina ou enrustida descrita nesse trabalho desafia esses códigos dominantes pelas suas práticas e vivências homoeróticas, mas também afirmam esses códigos ao preferirem manter-se na clandestinidade. Por isso, contextualizar o homoerotismo masculino não é uma tarefa fácil. Podemos afirmar que o imaginário social da população brasileira é permeado pelo discurso do “símbolo imagético da superioridade masculina.” (ALBUQUERQUE, 2003) que se espalha em todo o território nacional, mesmo que de forma diferenciada a cada contexto (FRY & MACRAE, 1991). Dessa forma, não podemos negar que esse discurso tem grande repercussão no Nordeste brasileiro, já que a sua formação histórica (cultural e social) é apoiada no regionalismo, no coronelismo e no machismo, o que, em certa medida, explica o preconceito homofóbico acentuado nessa região.

Em nossa investigação, pudemos constatar que Alagoas, e mais especificamente Maceió, também comunga desse imaginário social citado pelos autores estudados. O alto índice de violência contra homoeróticos e a forma brutal como essa se apresenta revela-nos esse código cultural. Foi imbuído dessa reflexão que norteamos este trabalho sobre as identidades homoeróticas masculinas clandestinas e enrustidas em Maceió. Em relação à reconstrução histórica e social de Maceió, nos anos 60 e 70, percebemos que alguns sujeitos da pesquisa trazem em seus discursos o imaginário social de uma Maceió rigorosa no que se refere a relações sexuais homoeróticas masculinas naquela época. A idéia de visibilidade da identidade homoerótica durante aquelas décadas nunca foi possível, porque para as realizações de suas relações sexuais e encontros eram levados a irem a lugares secretos e ocultos e sem se identificarem. Essa estratégia foi usada como forma de

defesa de possíveis barbaridades que poderiam assolá-los (como a “morte”, por exemplo), não podendo manifestar os seus desejos, vivendo assim à sombra de terror e medo que pairava sob as suas vidas. Mesmo com certa “flexibilização” ocorrida no início da década de 80 e fortemente nos anos 90, esse cenário pessimista influencia esses indivíduos homoeróticos a permanecerem enrustidos. Apenas nos anos 90, com a institucionalização do GGAL, é que ocorre uma maior visibilidade da identidade homoerótica masculina, mas mesmo assim, as resistências apontadas nas décadas anteriores permanecem dificultando o reconhecimento identitário desse grupo no cenário maceioense. Os indivíduos que vivenciaram o período de maior repressão ainda mantêm essa (in)visibilidade, clandestinidade e enrustição das velhas épocas. Estamos nos referindo a indivíduos entrevistados que hoje estão com idade entre 40 e 60 anos.

Ante o exposto, devemos ressaltar que esta pesquisa apresenta-se um tanto inovadora e desafiadora para o desvelamento das identidades desses indivíduos. Acreditamos que a relevância sociológica desse trabalho consiste na reflexão sobre uma realidade submersa, aparentemente silenciada nos trabalhos acadêmicos nesta cidade. Naturalmente, o recorte feito nessa pesquisa não expressa a total realidade deste fenômeno social, mas apenas retrata um segmento específico (NUNAN, 2003; MINAYO, 2004). Por outro lado, a pesquisa de campo realizada com esses indivíduos nos possibilitou imensos questionamentos teóricos e metodológicos sobre a conceituação de “identidade(s)” e, principalmente, da identidade homoerótica masculina. Nesse sentido, fomos levados a utilizar a conceituação de identidade de Stuart Hall e o termo “homoerótico” de Jurandir Freire Costa, contestando outras denominações quais sejam “homossexualismo”, “homossexualidade” e seus derivados, usadas por autores como Trevisan (2004), Nunan (2003) e Mott (1999).

Consideramos, então, que as vivências dos sujeitos de nossa pesquisa podem ser mais bem compreendidas a partir do imaginário social da cidade e de suas formas heterossexuais dominantes, constituídas enquanto uma tradição, no sentido usado por Hall (2006). Acreditamos que a identidade homoerótica dos nossos entrevistados é permeada pelo discurso patriarcal e machista, influenciando sua forma de ser (e existir) nos diferentes espaços

públicos e privados. Isso faz com que esses sujeitos permaneçam sempre na clandestinidade e na marginalidade social, vivenciando tensões e ambivalências na relação com essa tradição. Esse legado histórico permeia o imaginário social destes indivíduos fazendo com que se identifiquem ora com os modelos heteronormativos, ora com os modelos homoeróticos. Sobre esse aspecto, Hall (2004) destaca que, essas tensões e ambivalências são fundamentais para compreendermos o conceito de identidade de forma não “essencialista”. Assim, identidade só pode ser compreendida em nosso meio social, sendo fruto de um processo “estratégico” e “posicional”, durante as vivências dos sujeitos nos diferentes espaços sociais. Isso nos leva a crer que as identidades clandestinas e enrustidas dos nossos entrevistados surgem tanto pela linguagem cultural, quanto pelo imaginário simbólico em suas suturas historicamente constituídas. Assim sendo, essas identidades são frutos de construções discursivas entre os sujeitos em interação num determinado contexto social, ou seja, as identidades se constituem de forma relacional no “jogo das identidades” que ocorre nos espaços por nós observados.

Não podemos negar que os termos “heterossexual” e “homossexual” não passam de uma mera questão semântica, nas palavras de Trevisan (2004). Entretanto, não podemos esquecer que a linguagem numa determinada sociedade marcada por seus costumes, símbolos, rótulos, códigos, regras e normas, direciona as práticas discursivas das pessoas, fazendo da linguagem um “jogo de cartas marcadas” no interior de uma determinada sociedade. É por esse motivo que os termos que rotulam o cotidiano das pessoas que fazem sexo com outras do mesmo sexo foram evitados nesta pesquisa, pois os nossos entrevistados renegam o seu uso para denominar suas práticas homoeróticas, sejam elas sexuais ou identitárias. Por isso, esta pesquisa fez uso do termo teórico proposto por Costa (1982) que é a definição de “homoerotismo”, usada aqui como categoria de análise nas questões centrais deste trabalho. Evitamos assim, o vocabulário discriminador elaborado no Século XIX e XX, provenientes das palavras “sodomita” e “homossexualismo” e seu derivado “homossexual”, “gay”, “bicha” entre outros. Dessa forma, questionamos os autores que usam tais terminologias (Trevisan 2004; Nunan, 2003 e Mott, 1999). Desse modo, estamos respeitando a própria linguagem dos

sujeitos da pesquisa e sua forma de se auto-denominar, nos distanciando dos rótulos estigmatizadores.

As tensões vivenciadas pelos nossos entrevistados nos remeteram a usar os termos “clandestinos” e “enrustidos” para definir suas identidades ou identificações. Esses sujeitos vivenciam essa identidade de forma ambivalente, pois, de um lado, comungam com os códigos culturais estabelecidos e, de outro, desafiam esses mesmos códigos. Ao valorizarem o modelo familiar patriarcal estão afirmando sua concordância com os códigos dominantes e ao se relacionarem sexualmente com outros homens estão indo de encontro a esses códigos. Desta forma, essa vivencia homoerótica só pode se dá, na visão deles, em espaços clandestinos apresentados de forma enrustida. Assim, essas identidades se apresentam de forma nômade (ou descentrada), ou seja, ela se modifica de acordo com o espaço (lugares e não-lugares).

Ante o exposto, a categoria “espaço” tornou-se fundamental para o desfecho da pesquisa, sobretudo para compreendermos essas identidades. Os espaços freqüentados pelos nossos entrevistados foram mapeados e denominados de lugares e não-lugares. Essa distinção se fez necessária devido a diferença entre os locais públicos e os clandestinos que se encontram imbricados. Os lugares e não-lugares expressam a construção das identidades clandestinas e enrustidas dos nossos entrevistados, porque suas vivências homoeróticas eram circunscritas a esses espaços. Ao adentrarem nesse submundo clandestino realizavam suas vivências, essas, por sua vez, expressam suas identidades clandestinas e enrustidas. Em outros termos, ao inserirem nos códigos estabelecidos desses espaços, alguns dos entrevistados assimilavam todos os códigos do mundo homoeróticos desses lugares e não-lugares (desde a simples carícias até as intimidades mais profundas como beijos e abraços). Entretanto, ao terminarem esses contatos, voltavam para a via pública da “normalidade da heteronormatividade”. Sendo assim, sua identidade homoerótica é performática e se restringe à esfera privada desses espaços. Por isso, esses espaços corroboram a construção da suposta identidade clandestina e enrustida dos nossos entrevistados, uma vez que, dificilmente nossos informantes se realizariam nos circuitos oficiais “gays” da cidade e também nos espaços públicos da mesma.

Verificamos ainda que os espaços homoeróticos de Maceió, em sua grande maioria, não oferecem caráter fixo, sempre se configurando pelo seu caráter efêmero, isto é, há uma fluidez constante que os diferencia dos espaços heterossexuais da cidade. Devido a essas instabilidades espaciais, os nossos entrevistados nos apresentaram uma sensação de *não-lugar*, de um não pertencimento, ou seja, de não estarem inseridos não somente em termos espaços-geográficos da cidade, mas também na sua identificação com a semântica homoerótica. Podemos citar o exemplo dos Safáris, em que os locais se modificam de acordo com o grau de urbanização, isto é, quando os terrenos vazios se tornam urbanizados, é preciso migrarem para outro pois a questão central é manter a clandestinidade. Outro fator relevante na mobilidade dos sujeitos nos espaços é a violência. Ou seja, quando ocorre algum tipo de violência (roubos, assaltos, espancamentos, assassinatos), os sujeitos tendem a se afastar, ao menos temporariamente, daquele ambiente. Vale destacar que nos espaços mapeados na pesquisa, os entrevistados ficam à mercê de inúmeras vulnerabilidades que circundam os lugares e não-lugares da cidade, já que para realização dessas práticas, os mesmo dividem com ladrões, marginais e traficantes de drogas esses territórios. Deste modo, constatamos que esses sujeitos da pesquisa realizam seus encontros em espaços clandestinos, submersos no tecido maceioense, o que, em certo, facilita as práticas homofóbicas.

Assim, para os nossos entrevistados, viver na cidade de Maceió significa habitar numa terra hostil e perigosa, rica de preconceitos, discriminações e violências. E, nesse sentido, não se pode esquecer que por mais que existam bares, sauna, paradas GLBT no cenário maceioense, isso não representa uma aceitação total desta identidade nos espaços públicos da cidade, pois, como já demonstrado anteriormente, permanece a forma clandestina e enrustida. Esses indivíduos (enrustidos) não se vêem representados pelos grupos gays da cidade e esquivam-se da convivência com eles. Dessa forma, julgam que mantendo sua identidade clandestina se protegem de futuras frustrações discriminatórias em via pública. Mesmo assim, não conseguem evitar temores, dores e frustrações em suas vivências clandestinas. O sofrimento e a insegurança permeiam a construção das suas identidades. Numa terra como

Maceió, cheia de preconceito e discriminação, observamos que a violência é o ápice da homofobia.

Nesse contexto, as atitudes intolerantes por parte dos setores conservadores da cidade inibem, através de suas “aversões”, quaisquer manifestações que comungam com as orientações homoeróticas desses sujeitos. Eles próprios, inclusive, demonstram em suas falas certo conservadorismo, aceitando os códigos dominantes. As práticas da homofobia, observadas pelos altos índices da violência física e da violência simbólica, produz certa vulnerabilidade para os homoeróticos. Assim, verificamos que as tensões sofridas por esses sujeitos foram apresentadas como sintomas permanentes de medo e insegurança. Deste modo, ao descrevermos esses relatos, como denúncias e confissões desses sujeitos, desejamos desvelar uma realidade assustadora, obscura, marginalizada e rica de requintes de crueldades que norteiam constantemente o cotidiano desses indivíduos. Enfim, acreditamos que, com essa pesquisa, estamos contribuindo para ampliar a visibilidade da discriminação sofrida por este grupo. E, ao mesmo tempo, buscamos fornecer arcabouços teóricos importantes para pensar a conceituação de uma identidade homoerótica.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE J, D.I. M. **A invenção do Nordeste é outras artes**. 2. ed. Recife: São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Nordestino uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino. Maceió: Catavento, 2003.

ABRAMOVAY, M; C.M.G; S.L.B. **Juventude e sexualidade** Brasília: UNESCO, 2004.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. São Paulo. Bertrand, 2007.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand.Brasil, 2005.

BRASIL. Congresso. Senado. **Projeto de lei nº 122 de 2006 da**. Homofobia e discriminação. Disponível em:  
<<http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Materia/Detalhes.asppcodmate=7964>>.  
Acessado em 30/05/2006 às 21hs.

BRYANT; C. G. A. **Positivism in Social Theory and Research**. New York. Martin's. 1985

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Questão Urbana**. São Paulo: Paz & Terra, 1999.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996a

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005b.

CARAM, D. **Violência na Sociedade Contemporânea**: Pesquisas Científicas, posições cristãs por uma visão integral. Petrópolis: Vozes, 1978.

COSTA, J. F. **A face é o verso**: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1992.

\_\_\_\_\_. **Violência e Psicanálise**. São Paulo. GRAAL, 1995.

DAMATTA, R. **A casa & a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

DURKHEIM, È. **As Regras do método sociológico**. São Paulo: M. Claret, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FARIAS .J D. S.; RISCADO. J. **Ocupado espaços: DST/ AIDS: Comportamento sexual, conhecimento e representações entre homens que fazem sexo com outros homens na cidade de Maceió- AL: GGAL, 2002.**

\_\_\_\_\_. **Além do arco-íris**. Maceió: EDUFAL, 2005.

FERGUSON, J.; AKHIL, G. Mais além da cultura: espaços, identidades e política da diferença. In: ARANTES, Antonio. A. **O espaço da diferença**. São Paulo: Papirus, 2000.

FIGARI, C. **As outras cariocas: interpolações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro. Século XVII a XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FOUCAULT, M. **A Verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros passos; 81).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. **Sociologia geral**. 7. ed. Lisboa: FCG, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. LTC, 2003.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Editora da UNESP, 2000.

**GRUPO Gay de Alagoas**. Disponível em: <[www.ggal.al.org.br](http://www.ggal.al.org.br)>. Acessado em: 30/05/2006 às 21hs.

GUIMARÃES, C. D. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro, Garamond Universitária . (Sexualidade, gênero e sociedade), 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. edição. São Paulo: DP & A, 1998.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais: Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF. 2004.

HALL, S. K. W. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes 2000.

HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidadesocial. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **Juventude e sexualidade**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>>. Acessado em: 30/05/2006 às 21hs.

IVO, L. **“Ninhos de Cobras”**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

MAGNANI, J. G. C. **Quando o campo é a cidade**: fazendo antropologia na metrópole In: Magnani, J. G.C.; Torres, L. de L. (Orgs.) **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Festa no Pedaco**. São Paulo: Hucitec. 2003.

MALINOWSKI, B. C. **Argonautas do pacífico ocidental**. Tradução: ....., A. P. C. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANCE, E. A. **O Capitalismo atual e a produção da Subjetividade**. In: SEMANA DE FILOSOFIA DA UFES, 5, 1998. Conferência de Abertura da

MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MISSE, M. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana. 1. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

MOTT, L. **Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil 1999**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2000.

\_\_\_\_\_. **Matei porque odeio gay/** Grupo Gay da Bahia, 2003. (Gaia Ciência, 2002)

MUSSKOPF, A. S. **Uma brecha no armário:** propostas para uma teologia gay. 2. ed. São Leopoldo: CEBI, 2005.

**NAOHOMOFOBIA.** Disponível em:

<<https://www.naohomofobia.com.br/lei/index.php>>. Acessado em: 30/05/2006 às 21hs

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

ODÁLIA, N. **O que é violência?** São Paulo, Brasiliense, 1985.

PEREIRA, P. J. **Urbano, demasiadamente humano:** Uma reflexão político afetiva da remoção de moradores da comunidade Jaraguá. 2005. ...p. Dissertação (Mestrado em Sociologia)

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos.** São Paulo, v. 1, n.3, 1989.

PRADO, M. A M; >>>, M .F. **Preconceito contra a homossexualidades- a hierarquia da invisibilidade.** Rio de Janeiro. Cortez. 2008.

PORTELLA, A. P. (Org). **Homens - Sexualidades, Direitos e Construção da Pessoa.** Recife, PE: SOS Corpo, 2004

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo:Atlas, 1999.

RISCADO, J. L. S. **Sexualidade e AIDS:** um olhar arqueológico sobre o homoerotismo masculino. Maceió. EDUFAL. 1999.

RODRIGUES, C. M. **“Daqui não saio, daqui ninguém me tira”:** estudo de caso do Movimento dos Trabalhadores Sem-teto (MTST), para além da dicotomia entre identidade e estratégia. 2004. 150f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFPE. Recife, 2004.

SILVA, M. A. O carnaval das identidades: homossexualidade e liminaridade na Ilha de Santa Catarina. Artigo. **Revista Grifos:** Dossiê Gênero e Cidadania, Chapecó: Argos Editora Universitária, v. 16, p. 53-76, maio 2004.

Disponível em:

<<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a22msilva.pdf>>. Acessado em: 25/04/2007, às 18hs.

TREVISAN, L. S. **Devassos no paraíso:** A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Rio de Janeiro. Record, 2004.

VASCONCELOS, R. V. **A Cultura da Violência em Alagoas**: um estudo em Representação Social. 2002. 380f. Tese (Doutorado em Sociologia). UFPE. Recife, 2002.

VELHO, G.; ALVITO, M.. Violência, reciprocidade e desigualdade. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (orgs.), **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro, UFRJ/ FGV, 2000.

VIEIRA, M. C. **Daqui só saio pó**: conflitos urbanos e mobilização popular: a SALGEMA e o Pontal da Barra. Maceió: EDUFAL, 1997.

**TV Tudo entrevista com João Silvério Trevisan**. Disponível em: <[www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)>. Acessado em: 30/05/2006 às 21hs.

# ANEXO

**ANEXO A - Ponto de Partida - Jaraguá, “lugar de fascinação, pegação e liberdade identitária”: Entre amizades, encontros e paqueras uma identificação homoerótica.**



MAPA 2. Jaraguá e os lugares e não-lugares da praia da Avenida. FONTE: Google Earth - 2009

**Legenda D – “Sauna Eros Thermas” : Praça Sinimbu**



Foto: 1 Entrada para Sauna (1)  
 Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 2 Entrada para Sauna (2)  
 Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto: 3 Sauna Eros Thermas (1)  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 4 Sauna Eros Thermas (2)  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

**Legenda B – Riacho Salgadinho: Ponte de Pegação/cassação.**



Foto: 5 Ângulo Externo da Ponte (1)  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 6 Ângulo Externo da Ponte (2)  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

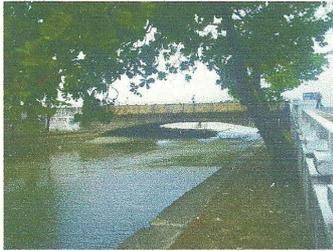


Foto : 7 Ângulo Interno da Ponte (1).  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007

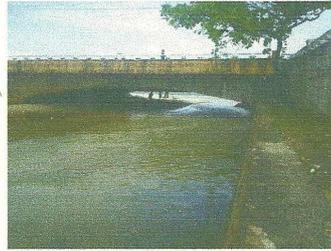


Foto: 8 Ângulo Interno da Ponte (2).  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

**Legenda A: Boates (Havana, Toy, Bar da Rosa). Rua :Uruguai – Jaraguá**



Foto: 15 Antigo Bar de Encontro  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 9 Boate Havana  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007

**Legenda A : Ex-Espaços Homoeroticos (Boates e Bares/ anos 90)  
Rua:Uruguai – Jaraguá**



Foto: 11 Antigo Prédio do Pagode Gay  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007

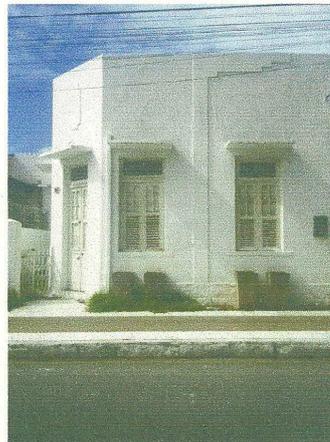


Foto: 12 Antigo Bar Encontro  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto: 13 Boate : Number One Discor Bar.  
Fonte Flavio Santos, Jul/2007



Foto: 14 Boate: Poshe (Atual Toy)  
Fonte: Flavio Santos, Jul/2007.

**Legenda U: Diversos Ponto de encontro de expressão Homoerótica Masculina.**



Foto: 16 Jaraguá: Lugar Misto  
Fonte Flavio Santos, Jul/2007

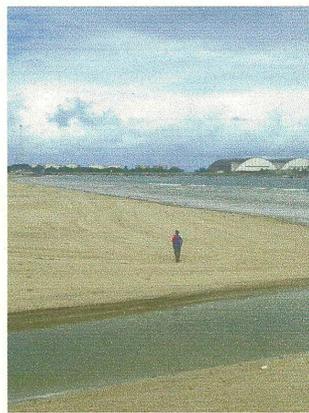


Foto: 17 Jaraguá : Cais do Porto.  
Fonte: Flavio Santos, Jul/2007.

## ANEXO B - O Muro de Berlim (Porto de Maceió)



MAPA 8. Extensão da prática homoerótica na praia da Pajuçara - Porto de Maceió. FONTE: Google Earth - 2009

### Espaços Homoeróticos Masculinos (lugar e não-lugares).



Foto :18 – Entrada para o "Muro de Berlim"  
Fonte Flávio Santos. Jul/2007



Foto: 19 – Praça de muscuação "Muro de Berlim"  
Fonte: Flávio Santos. Jul/2007.



Foto: 20 – Vista Geral (1) do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 21 – Vista Geral (2) "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 22 – Vista Geral(3) do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 23 – Vista Geral (4) "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 24 – Vista Geral (5) do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 25 – Vista Interna (1) "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 26 – Vista Interna (2) do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008.



Foto: 27 – Vista Interna (3) "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008.



Foto: 28 – Vista Interna (4) do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto: 29 – Vista Interna (5) "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008

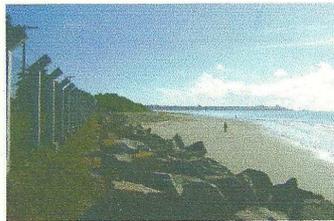


Foto 30 – Extensão do "Muro de Berlim" (1)  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto31 – Extensão do "Muro de Berlim" (2)  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 32 – Vista da 1ª Torre do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 33 – Vista da 2ª Torre do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 34 – Vista da 1ª Torre do "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 35 – Vista da 2ª Torre "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 36 – Destroços do 1º "Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 37 – As pedras de "Pegação Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 38 – As pedras de "Pegação/ Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008



Foto 39 – As pedras de "Pegação/ Muro de Berlim"  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008

ANEXO C - Praia de Ponta Verde: O Castelo de Grayskull, o banco da Hebe e o Farol



MAPA 9. Extensão da prática homoerótica na praia de Ponta Verde. FONTE: Google Earth - 2009

Praia de Ponta Verde (lote Alagoinha) : No imaginário Homoerótico Masculino de Maceió - Castelo de Grayskull (DIURNO.)



Foto 40– Castelo de Grayskull Antes da revitalização  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

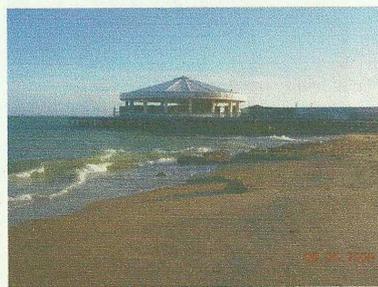


Foto 41- Castelo de Grayskull depois da revitalização  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2008.



Foto: 42 Muro de Pegação/ Cassação (vista Total)  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto: 43 Muro de Pegação (vista parcial-interna).  
Fonte: Flavio Santos. Fev/2007.

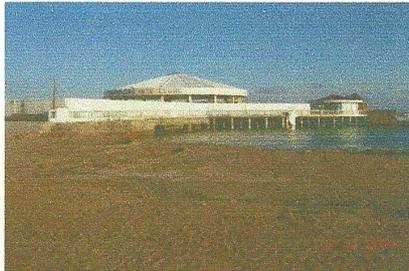


Foto: 44 Ângulo Direito do "Castello de Grayaskull" (depois da revitalização/ sem o muro de pegação).  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2008.

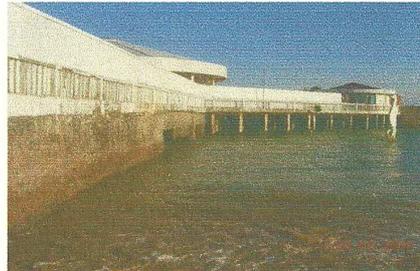


Foto: 45 "Castelo de Grayskull" com alta da maré.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2008.



Foto: 46 Ângulo Direito do "Castello de Grayaskull"  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 47 "Castelo de Grayskull" com alta da maré.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.



Foto: 48 Resquícios do muro da pegação "  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009

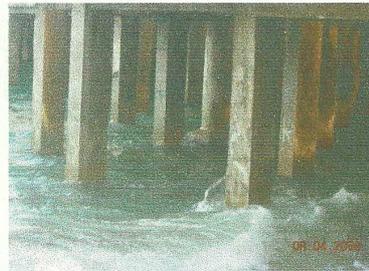


Foto: 49 "Castelo de Grayskull" com alta da maré.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.



Foto: 50 "Castelão de Grayaskull com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 51 "Castelo de Grayskull" com baixa da maré.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.

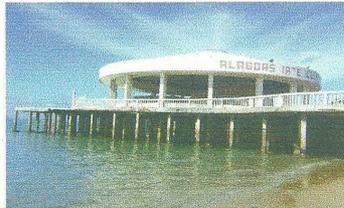


Foto: 52 "Castelão de Grayaskull com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 53 "Castelo de Grayskull" parte interna.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.



Foto: 54 "Castelão de Graskull com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 55 "Castelo de Grayskull" parte interna.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.



Foto: 56 "Castelão de Grayaskull com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 57 "Castelo de Grayskull" parte interna.(Pescadores)  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.



Foto: 58 "Curral de Pegação" com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009

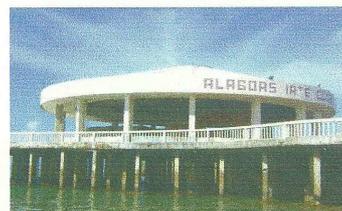


Foto: 59 "Castelo de Grayskull" parte interna.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.

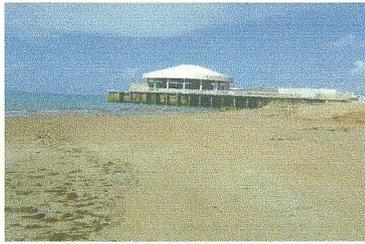


Foto: 60 "Castello de Grayaskull" com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 61 "Castello de Grayskull" parte interna.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009.

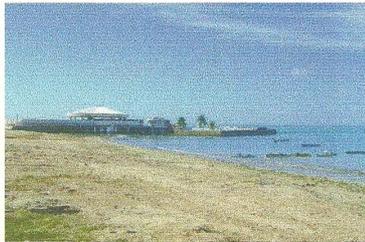


Foto: 62 Momento da Cassação e Pegação  
com baixa da maré  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009



Foto: 63 "Castello de Grayskull" parte externa.  
Fonte: Flavio Santos. Abr/2009

**Praia de Ponta Verde (Iate Alagoinha): No imaginário Homoerótico Masculino de Maceió - Castello de Grayskull (Cassação e pegação NOTURNO).**



Foto: 64 Vista Noturna do Castello de GraysKull  
Fonte: Flavio Santos. Abril 2009.

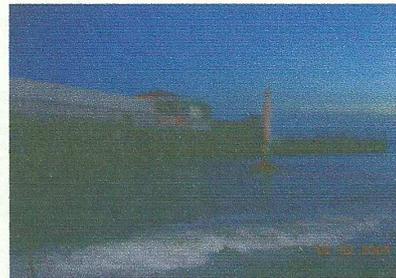


Foto: 65 Alta Maré no Castello de Grayskull  
Fonte: Flavio santos



Foto: 66 Vista Noturna do Castello de GraysKull  
Fonte: Flavio Santos. Abril 2009.

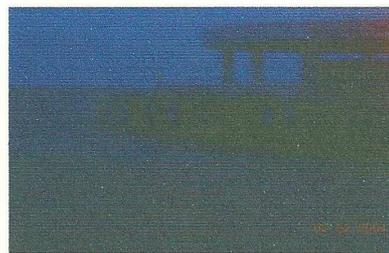


Foto: 67 Alta Maré no Castello de Grayskull  
Fonte: Flavio santos



Foto: 68 Vista Noturna do Castelo de Grayskull  
Fonte: Flavio Santos. Abril 2009.



Foto: 69 Baixa Maré no Castelo de Grayskull  
Fonte: Flavio santos



Foto: 66 Vista Noturna do Castelo de Grayskull  
Fonte: Flavio Santos. Abril 2009.



Foto: 67 Alta Maré no Castelo de Grayskull  
Fonte: Flavio santos

### **Praia de Ponta Verde (late Alagoinha) : No imaginário Homoerótico Masculino de Maceió – (Antigo Sofá da Hebe).**



Foto 72 Antigo Sofá ( Banco) da Hebe – Ponta Verde  
Fonte: Flavio Santos. Abril de 2009.



Foto 73 Novo sofá da Hebe depois da revitalização  
Fonte: Flavio Santos. Abril de 2009



Foto 74 Praia da ponta Verde – Banco da Hebe  
Fonte: Flavio Santos. Abril. 2009



Foto 75. Visão geral do Banco da Hebe  
Fonte: Flavio Santos. Abril. 2009

**Praia de Ponta Verde (O Farol) : No imaginário Homoerótico Masculino de Maceió um iluminar de desejos clandestinos e enrustidos.**



Foto 76 Praia da ponta Verde – O Farol Alta Maré  
Fonte: Flavio Santos. Abril. 2009

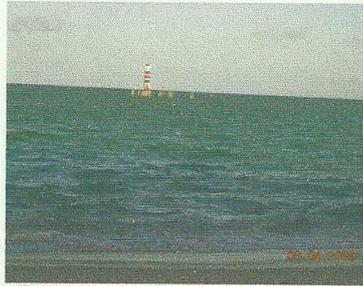


Foto 77 O Farol Baixando a Maré  
Fonte: Flavio Santos. Abril. 2009



Foto 78 Praia da ponta Verde – O Farol Alta Maré  
Fonte: Flavio Santos. Abril. 2009

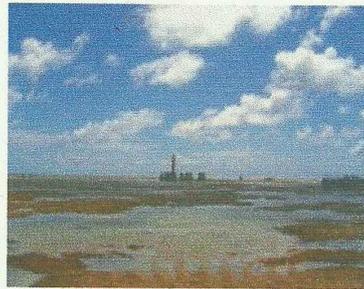


Foto 79 O Farol Baixando a Maré  
Fonte: www.Google.com.br



Foto 80 O Farol Baixando a Maré  
Fonte: www. Google.com.br



Foto 81 O Farol Baixando a Maré

**Praia de Ponta Verde (Calçadão) : No imaginário Homoerótico Masculino de Maceió – ( Lugar de Pegação e Cassação).- Vista Diurno.**

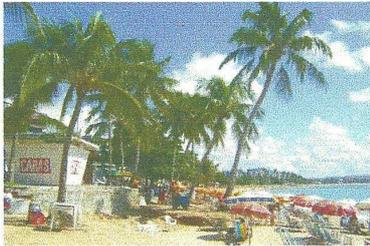


Foto: 82 Local de Lazer e Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos, Abril 2009.



Foto: 83 Local de Lazer e de Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos, Abril 2009



Foto: 84 Local de Lazer e Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos, Abril 2009.



Foto: 85 Local de Lazer e de Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos, Abril 2009

## ANEXO D - A Praia de Jatiúca (Posto 7)



MAPA 10. Extensão do espaço de práticas homoeróticas masculina da praia da Jatiúca. FONTE: Google Earth - 2009

### Posto 7 : Praia de Jatiúca (Posto 7) – Antes da Revitalização no Posto 7

#### Descrição dos espaços contido na Legenda O.



Foto 86 Posto Policial antes da revitalização  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 87 Praça central do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto 88 Praça Central do Posto 7  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto 89 Praça central do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto 90 Praça central do Posto 7  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto 91 Praça central do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

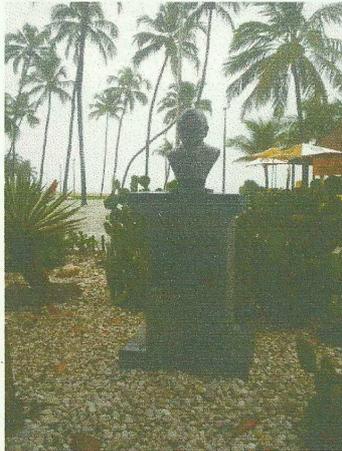


Foto 92 Praça central do Posto 7  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007

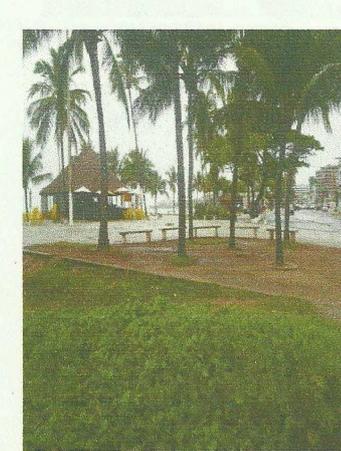


Foto 93 Praça central do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto 94 Espaço Lazer e "Espaço Encontro".  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto 95 "Espaço Lazer" e "Espaço Encontro".  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

## Praia da Jatiúca (Posto 7) Depois da revitalização. (Diurno).



Foto 96 Posto Policial  
Fonte Flavio Santos. Set/2007



Foto 97 Ciclovia do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.



Foto 98 "Espaço de Pegação e Cassação"  
Fonte Flavio Santos. Set/2007

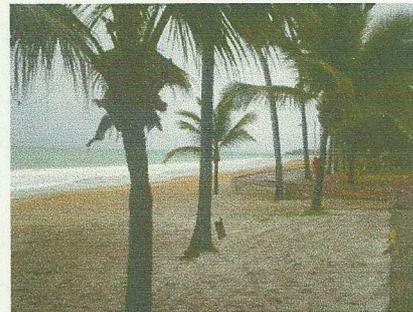


Foto 99 "Espaço de Pegação e Cassação"  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.

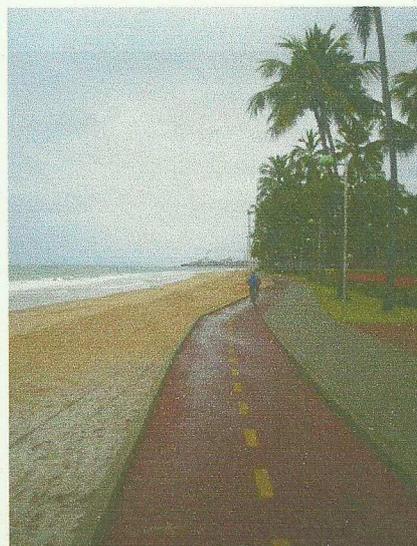


Foto 100 Ciclovia do Posto 7  
Fonte Flavio Santos. Set/2007



Foto 101 Ciclovia do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.



Foto 102 Ciclovía do Posto 7 depois da Revitalização  
Fonte Flavio Santos. Set/2007



Foto 103 Ciclovía do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.

**“Na calada da noite acontece coisa, coisas que acontece” ( Noturno).**

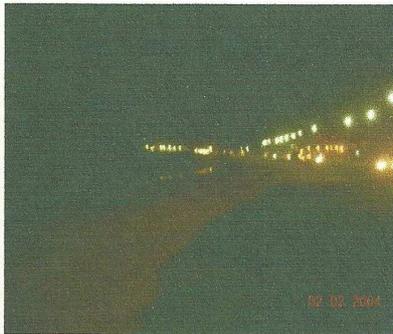


Foto 104 Espaço de Pegação e Cassação!  
Fonte Flavio Santos. Set/2007



Foto 105 Praça central do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.



Foto 106 “Espaço de Pegação e Cassação”!  
Fonte Flavio Santos. Set/2007



Foto 107 Ciclovía do Posto 7  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.



Foto 108 Espaço de Pegação e Cassação!  
Fonte Flavio Santos. Set/2007



Foto 109 Espaço de Pegação e Cassação!  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.

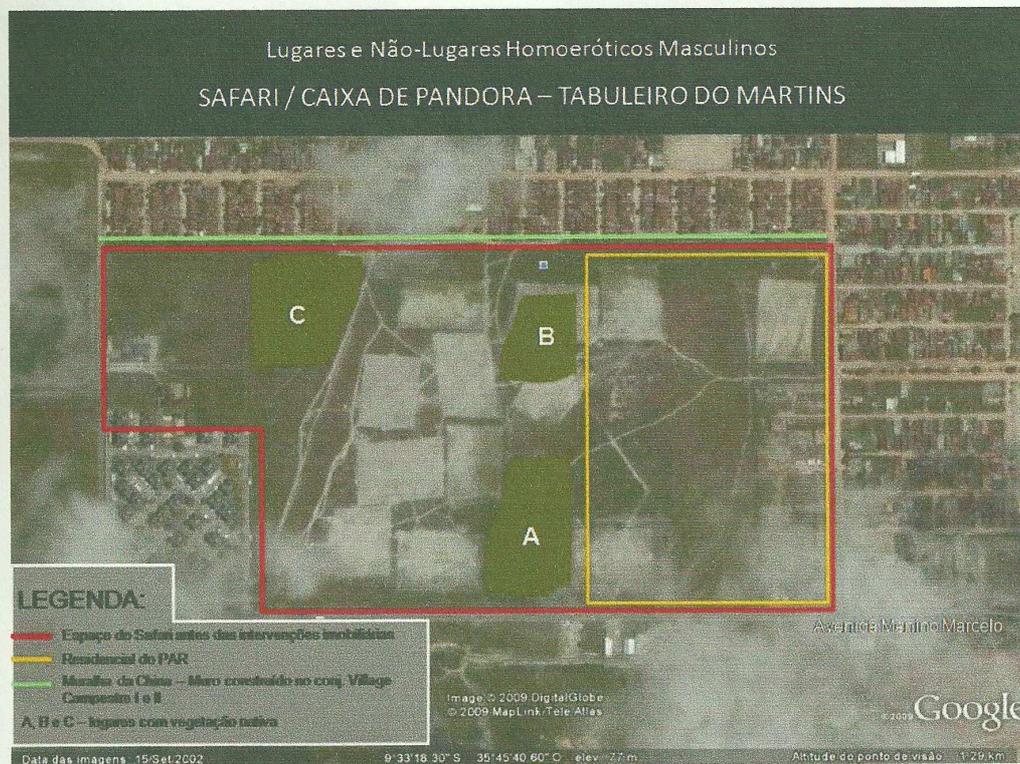


Foto 110 25 Praça do Posto 7  
Fonte Flavio Santos. set/2007



Foto 111 Espaço de Pegação e Cassação"l  
Fonte: Flavio Santos. set/2007.

ANEXO E - O Safári e o seu papel na periferia da cidade: "A Caixa de Pandora".



MAPA 12. Extensão da prática homoerótica masculina no Tabuleiro do Martins – Safari. FONTE: Google Earth – 2009

Descrição dos espaços contido na Legenda O



Foto 112 Vista aérea do Safári e Caixa de Pandora  
Fonte: SEINFRA/AL



Foto 113 Espaço de Pegação e Cassação"  
Fonte: SEINFRA/AL



Foto 113 Safari Anglo Geral  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 114 Entrada Principal para o sáferi  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto 115 Avenida Menino Marcelo/ Residencial  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 116 Campo de Futebol  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto : 117 Campo de Futebol  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 118 Campo de Futebol  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.

### Muralha da China " Sáferi"



Foto : 119 Anglo do lado Direiro da "Muralha da China"  
Fonte: Flavio Santos . Jun/2007



Foto 120 : Anglo do lado Esuqero da "Muralha da China"  
Fonte: Flavio Santos . Jun/207

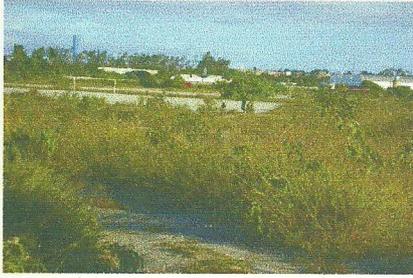


Foto 121 Local de Pegação e Cassação  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007

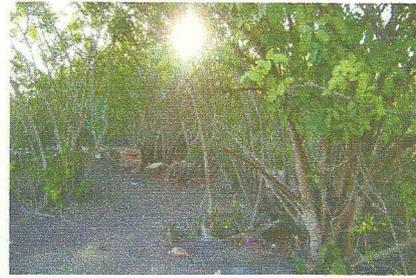


Foto: 122 Local de Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007.



Foto 123 Local de Pegação e Cassação  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007



Foto: 124 Local de Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007



Foto 125 Local de Pegação e Cassação  
Fonte Flavio Santos. Jul/2007

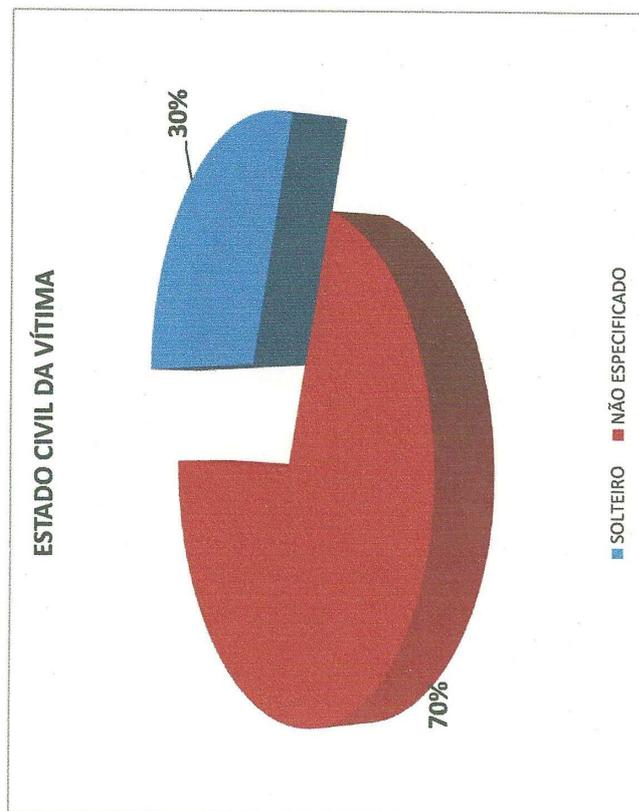


Foto: 126 Local de Pegação e Cassação  
Fonte: Flavio Santos. Jul/2007

**CARACTERÍSTICAS DO ESTADO CIVIL DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO DE HOMOFOBIA - 1993 A 2009**

ESTADO CIVIL DAS VÍTIMAS POR ANO		PERCENTUAL
SOLTEIRO	24	30,00
NÃO ESPECIFICADO	56	70,00
<b>TOTAL</b>	<b>80</b>	<b>100,00</b>

Fonte: SISPOL; GEAC; IML; Alagoas24horas; Alagoasagora; GazetaWeb/GG - AL



Há o registro de 1 lesbica  
Dados dos últimos 16 anos



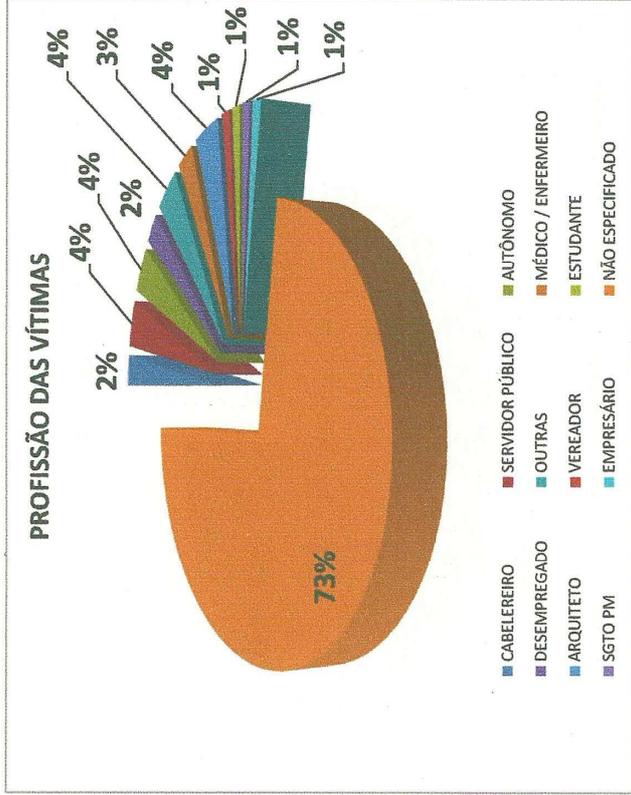
ESTADO DE ALAGOAS  
 SECRETARIA DE ESTADO DA DEFESA SOCIAL  
 DELEGACIA-GERAL DA POLÍCIA CIVIL  
 DIRETORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA  
 GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL



**CARACTERÍSTICAS DA PROFISSÃO DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO DE HOMOFOBIA - 1993 A 2009**

PROFISSÃO	QT	PERCENTUAL 2008
CABELEIREIRO	2	2,00
SERVIDOR PÚBLICO	3	4,00
AUTÔNOMO	3	4,00
DESEMPREGADO	2	2,00
OUTRAS	3	4,00
MÉDICO / ENFERMEIRO	2	3,00
ARQUITETO	3	4,00
VEREADOR	1	1,00
ESTUDANTE	1	1,00
SGTO PM	1	1,00
EMPRESÁRIO	1	1,00
NÃO ESPECIFICADO	58	73,00
<b>TOTAL</b>	<b>80</b>	<b>100,00</b>

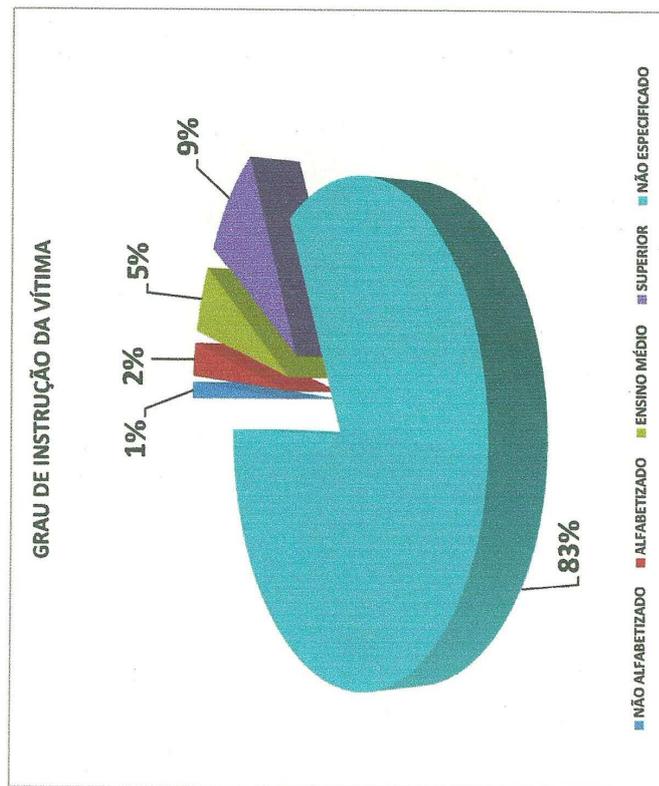
Fonte: SISPOL - GEAC; IML; Alagoas24horas; Alagoasgona; GazetaWeb; GG - AL



**CARACTERÍSTICAS DO GRAU DE INSTRUÇÃO DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO DE HOMOFOBIA - 1993 A 2009**

GRAU DE INSTRUÇÃO	QT	PERCENTUAL %
NÃO ALFABETIZADO	1	1.00
ALFABETIZADO	2	2.00
ENSINO MÉDIO	4	5.00
SUPERIOR	7	9.00
NÃO ESPECIFICADO	66	83.00
<b>TOTAL</b>	<b>80</b>	<b>100.00</b>

Fonte: SISPOL; GEAC; IMI; Alagoas24horas; Alagoasagora; GazetaWeb;GG - AL





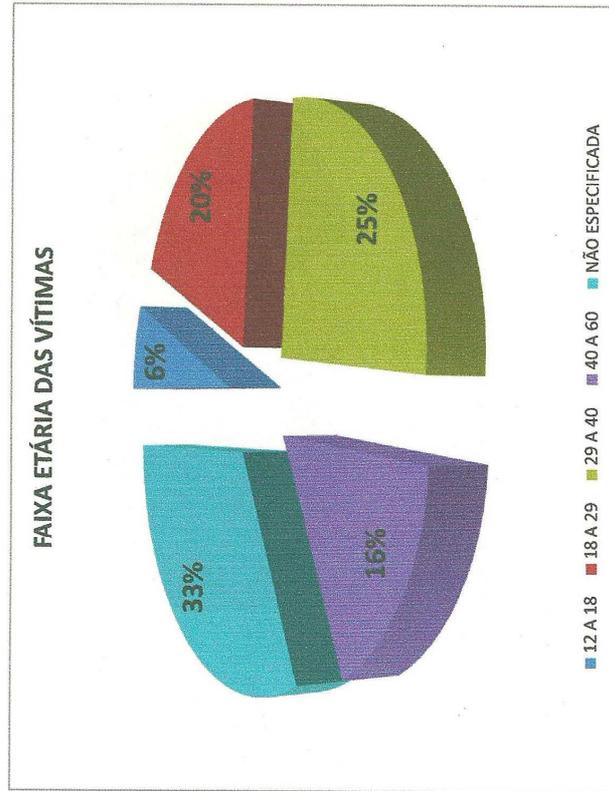
ESTADO DE ALAGOAS  
SECRETARIA DE ESTADO DA DEFESA SOCIAL  
DELEGACIA-GERAL DA POLÍCIA CIVIL  
DIRETORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA  
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL



### CARACTERÍSTICAS DA FAIXA ETÁRIA DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO DE HOMOFOBIA - 1993 A 2009

FAIXA ETÁRIA	QT	PERCENTUAL %
12 A 18	5	6.00
18 A 29	16	20.00
29 A 40	20	25.00
40 A 60	13	16.00
NÃO ESPECIFICADA	26	33.00
<b>TOTAL</b>	<b>80</b>	<b>100.00</b>

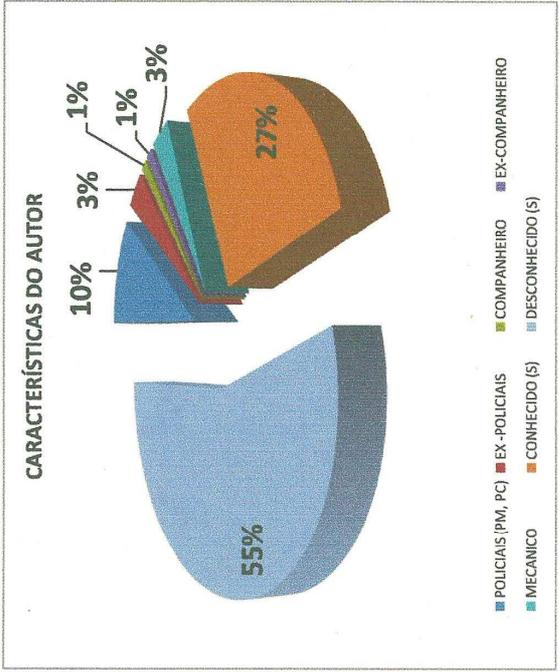
Fonte: SISPOL; GEAC; IML; Alagoas24horas; Alagoasggora; GazetaWebGG - AL



**CARACTERÍSTICAS DO AUTOR DE HOMICÍDIO POR HOMOFOBIA - 1993 A 2009**

CARACTERÍSTICAS DO AUTOR	QT	PERCENTUAL
POLICIAIS (PM, PC)	9	10.00
EX-POLICIAIS	3	3.00
COMPANHEIRO	1	1.00
EX-COMPANHEIRO	1	1.00
MECANICO	3	3.00
CONHECIDO (S)	26	27.00
DESCONHECIDO (S)	52	55.00
<b>TOTAL</b>	<b>95</b>	<b>100.00</b>

Fonte: SISPOL; GEAC; IML; Alagoas24horas; Alagoasagora; GazetaWeb/IGG - AL



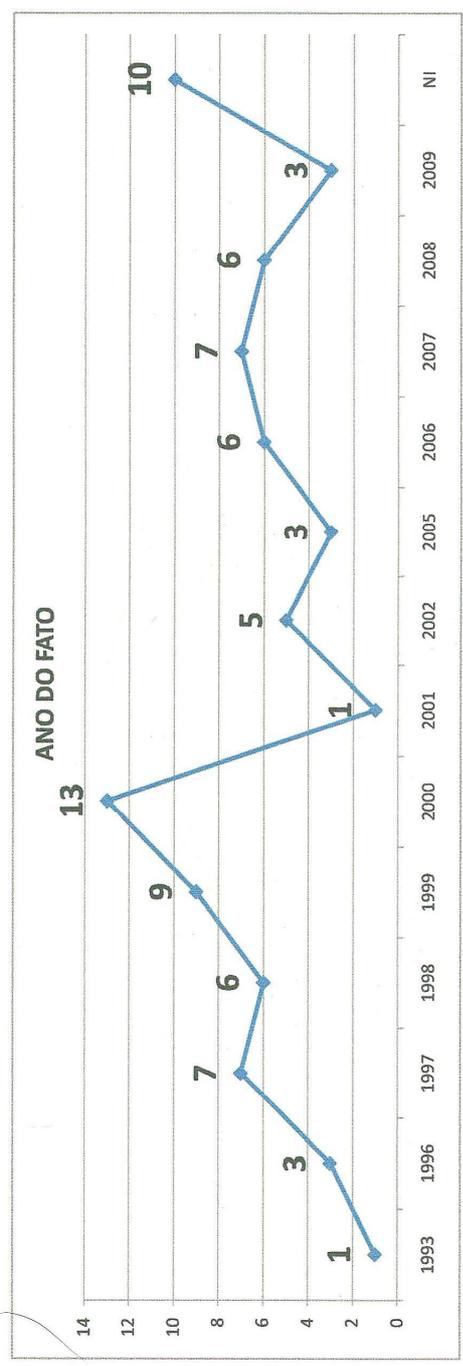
OBS.: Há BO's com mais de um autor.

9

**CARACTERÍSTICAS DO DELITO - ANO DO FATO - 1993 A 2009**

ANO DO FATO - 1993 A 2009													
1993	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2005	2006	2007	2008	2009	NI
1	3	7	6	9	13	1	5	3	6	7	6	3	10

Fonte: SISPOL, GEAC, IML, Alagoas24horas, Alagoasgora, GazetaWebGG - AL





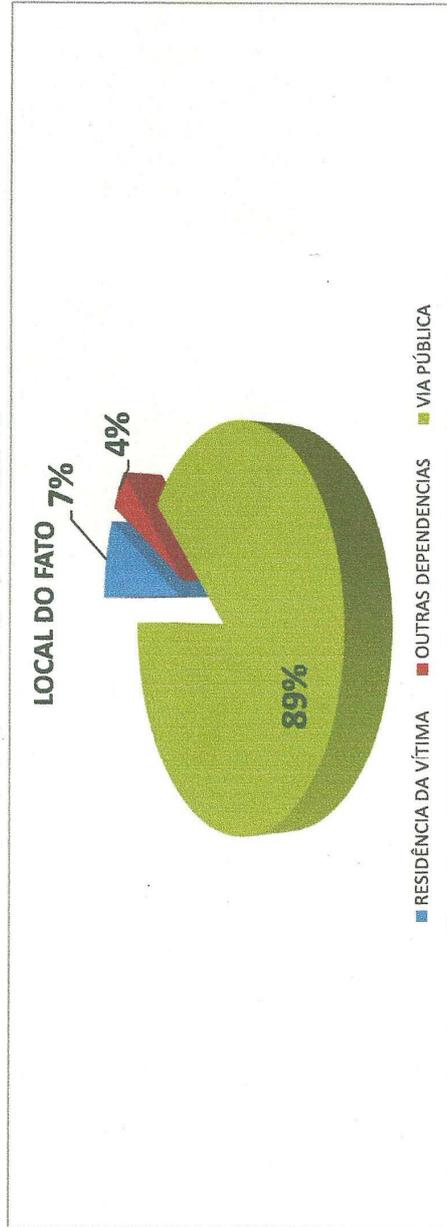
ESTADO DE ALAGOAS  
SECRETARIA DE ESTADO DA DEFESA SOCIAL  
DELEGACIA-GERAL DA POLÍCIA CIVIL  
DIRETORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA  
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL



CARACTERÍSTICAS DO DELITO - LOCAL DO FATO - 1993 A 2009

LOCAL DO FATO		
RESIDÊNCIA DA VÍTIMA	OUTRAS DEPENDÊNCIAS	VIA PÚBLICA
6	3	71

Fonte: SISPOL; GEAC; IML; Alagoas24horas; Alagoasagora; GazetaWeb;GG - AL



OBS.: Considere Local do fato Via Pública: praia, terreno baldio, local ermo, rua  
Outras dependências : veículo, local em construção

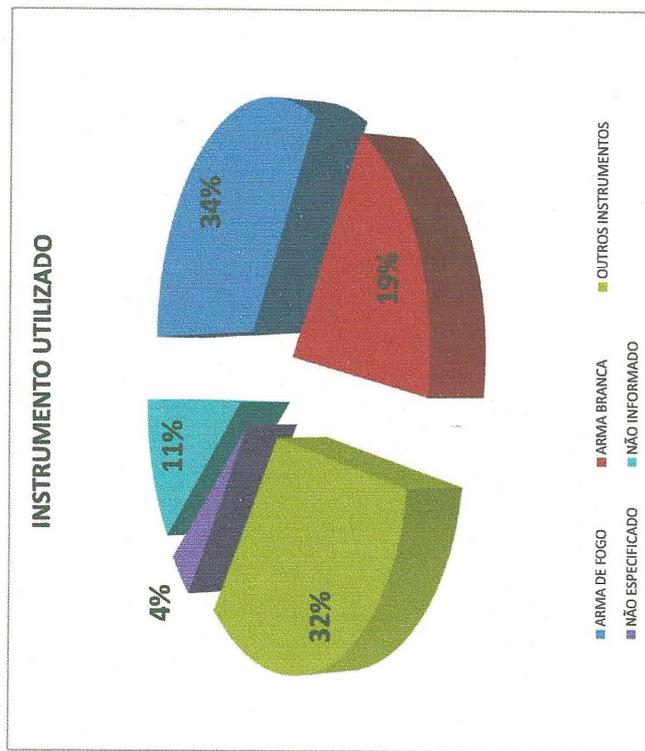


ESTADO DE ALAGOAS  
SECRETARIA DE ESTADO DA DEFESA SOCIAL  
DELEGACIA-GERAL DA POLÍCIA CIVIL  
DIRETORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA  
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL

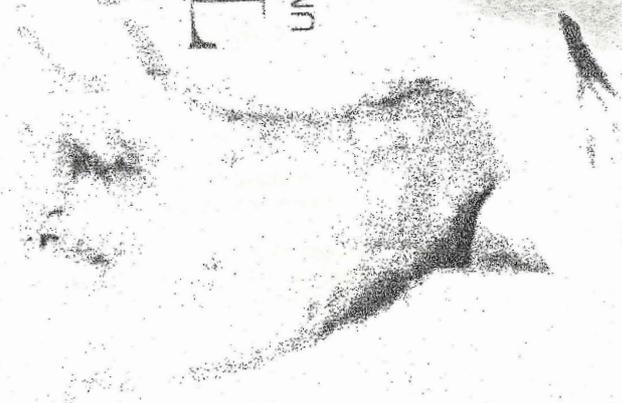
### CARACTERÍSTICAS DO DELITO - INSTRUMENTO UTILIZADO - 1993 A 2009

INSTRUMENTO UTILIZADO	QT	HOUVE TORTURA OU REQUINTES DE CRUELDADE	%
ARMA DE FOGO	27		
ARMA BRANCA	15		
OUTROS INSTRUMENTOS	26	46	57.50
NÃO ESPECIFICADO	3		
NÃO INFORMADO	9		
<b>TOTAL</b>	<b>80</b>		

Fonte: SISPOL; GEAC; IML; Alagoas24horas; Alagoasagora; GazetaWeb/IGG - AL



Outros instrumentos: esquadrejado, arrastado por carro enterrado vivo, facão, barra de ferro, pedrada, degolado



# ERROS

## Thermas

UMA AMPLA CASA DE DOIS ANDARES COM  
SAUNA SECA E VAPOR - MASSAGEM  
SALA DE RELAX - BAR AMERICANO  
TV/VIDEO/DVD E PALCO PARA SHOWS

SÁBADO 21 DE JANEIRO

CONCURSO GAROTO VERÃO 2006

COM DESFILES E SHOWS

Rua Silvério Jorge, 563 - Praça Sinimbu - Maceió/AL  
(por trás do Museu Theo Brandão)  
wilson-ruas.filho@bol.com.br

**(82) 3221 4601**

## LEIS

### LEI Nº 4.667, de 23 de novembro de 1997

Estabelece sanções às práticas discriminatórias a livre orientação sexual na forma em que menciona e dá outras providências.

A Câmara Municipal de Maceió, decreta, e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Os estabelecimentos comerciais, industriais e repartições públicas municipais que discriminarem pessoas em virtude de sua ORIENTAÇÃO SEXUAL, na forma do artigo 6º, Inciso segundo da Lei Orgânica do Município de Maceió, sofrerão as sanções previstas nesta Lei.

Parágrafo Único - Entenda-se por discriminação, para os efeitos desta Lei impor as pessoas de qualquer orientação sexual, situações tais como:

- I - Constrangimento;
- II - Proibição de Ingresso ou permanência;
- III - Atendimento selecionado;
- IV - Preterimento quando da ocupação a/ou imposição de pagamento de mais de uma unidade, nos hotéis e similares;
- V - Aluguel ou aquisição de imóveis para fins residenciais, comércio ou lazer.

Art. 2º. As sanções impostas aos estabelecimentos privados que contrariem as disposições da presentes Lei, as quais serão aplicadas progressivamente serão as seguintes:

- I - Advertência;
- II - Multa mínima de sessenta (60) UFR 's e máxima de cem (100) UFR 's no caso de reincidência, que serão revertidas em benefício do Fundo Municipal de Assistência Social.
- III - Suspensão de seu funcionamento por trinta (30) dias;
- IV - Cassação de Alvará.

Parágrafo único - Na aplicação das multas será levada em consideração a capacidade econômica do estabelecimento infrator, a depender do grau de discriminação esta multa pode ter seu valor triplicado.

Art. 3º. Ao agente do Poder Público que por ação ou omissão, for responsável por prática discriminatória na forma prevista nesta Lei, serão aplicadas as seguintes sanções, sem prejuízos dos procedimentos previstos na Lei Municipal nº. 4.126/92.

- I - Advertência;
- II - Suspensão;
- III - Afastamento definitivo ou demissão.

Parágrafo Único - Entenda-se por agente do poder público para efeitos desta Lei, os servidores descritos na Lei Orgânica do Município.

Art. 4º. O Poder Executivo regulamentará o disposto nesta Lei no prazo de 60 (sessenta) dias a contar da data de sua publicação, desenvolvendo uma campanha de divulgação de massa, com vistas a orientar os municípios, para junto com o Poder Público Municipal,

desenvolver ações que garantam o efetivo cumprimento da presente Lei.

Parágrafo Único - Da regulamentação de que trata este artigo constará obrigatoriamente:

- I - Mecanismos de denúncia;
- II - Formas de apuração das denúncias;
- III - Garantias para ampla defesa dos infratores.

Art. 5º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 23 de Dezembro de 1997.  
KÁTIA BORN RIBEIRO  
Prefeita

Autor - Dep. Estadual Paulo Fernandes dos Santos (Paulão)

### **LEI Nº 4.898, de 09 de novembro de 1999**

Autora - Vereadora Fátima Borges

INSTITUI O "DIA MUNICIPAL DA CONSCIÊNCIA HOMOSSEXUAL" E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

A CÂMARA MUNICIPAL DE MACEIÓ, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. - Fica instituído o dia 28 de junho, no âmbito do Município de Maceió, como Dia Municipal da Consciência Homossexual.

Art. 2º. - O Executivo Municipal, juntamente com a Câmara Municipal e as entidades da sociedade civil de defesa dos direitos dos homossexuais, sediadas no Município, promoverão atividades e eventos alusivos ao transcurso desta data.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogada às disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 09 de novembro de 1999.

KÁTIA BORN RIBEIRO  
Prefeita

### **LEI Nº 4.920, de 29 de dezembro de 1999**

AUTOR: Ver. Aliomar Lins

PROJETO DE LEI Nº 5.014  
CONSIDERADA DE UTILIDADE PÚBLICA

A CÂMARA MUNICIPAL DE MACEIÓ, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. - Fica considerada de Utilidade Pública, o GRUPO GAY DE ALAGOAS - GGAL, entidade civil, sem fins lucrativos, com sede na Rua Manaus, nº 496, Bairro do Prado, nesta capital.

Art. 2º. - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, em 29 de dezembro de 1999.

KÁTIA BORN RIBEIRO  
Prefeita

### **Emenda constitucional Nº 23/2001**

Autor - Dep. Estadual Paulo Fernandes dos Santos (Paulão)

Dá nova redação ao Inciso I do art. 2º da Constituição do Estado de Alagoas e adota outras providências.

A mesa da Assembléia Legislativa do Estado de Alagoas, no uso da atribuição que lhe outorga o inciso XIII do Art. 79 da Constituição Estadual, promulga a seguinte Emenda ao texto constitucional:

Art. 1º. O Inciso I do Art. 2º da Constituição do Estado de Alagoas passa a vigorar com a seguinte redação:

I - Assegurar a dignidade da pessoa humana, mediante a preservação dos direitos invioláveis a ela inerentes, de modo a proporcionar idênticas oportunidades a todos os cidadãos, sem distinção de sexo, orientação sexual, origem, raça, cor, credo ou convicção política e filosófica e qualquer outra particularidade ou condição discriminatória, objetivando a consecução do bem comum; (NR)

Art. 2º. Esta Emenda constitucional entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões da Assembléia Legislativa do Estado de Alagoas, em Maceió, 22 de agosto de 2001.

**Governador Ronaldo Lessa**

Ata da Assembleia de fundação do Grupo  
Gay de Alagoas - G.G.A

Aos nove de dezembro de 1996, no auditório do Sindicato dos Urbanitários de Alagoas, situado a Av. Moreira e Silva, n.º 42, Favel. Maceió, Alagoas, realizou-se a primeira Assembleia Geral do Grupo Gay de Alagoas, visando a fundação da Entidade 'José Marcelo Nascimento', dando por aberta a sessão e declarando a satisfação de constatar a presença do candidato, Prof. Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia, que estimulou aos presentes que mantenham acesa a chama da luta pelos direitos humanos dos gays, lésbicas e transtidos denunciando publicamente todas as formas de preconceito e discriminação. O sócio Wilson Luís, disse que o Grupo Gay de Alagoas deve atingir o maior número possível de homossexuais, conscientizando-os da necessidade de se organizarem e defenderem seus direitos de pessoas humanas normais, com os mesmos direitos legais que os demais cidadãos. Tomou a palavra José Carlos da Silva que procedeu com a leitura do Estatuto do Grupo Gay de Alagoas - G.G.A, sendo que todos os sócios presentes concordaram em sua aprovação integral. Em seguida, Juandir Dias Costa informou que desde o dia 01 de dezembro p.p. encontra-se formada uma chapa com os nomes de cinco candidatos a ocuparem a Diretoria do G.G.A constituída pelas seguintes sócios: Presidente, José Marcelo do Nascimento; Vice-Presidente, Jorge Márcio Santos Baneto; Tesoureiro, Wilson Ruler Silva Filho; Secretário, Juandir

dui Dias Costa; Coordenador Cultural, José Carlos da Silva. Não havendo outra chapa concorrente, todos os presentes aceitaram em dar início ao processo eleitoral. Passou-se a seguir à votação por aclamação, cujos votos apurados na frente de todas as presentes, apresentaram o seguinte resultado: 30 votos a favor da chapa única e duas abstenções. Após a proclamação dos eleitos, sem contestação alguma dos presentes, os mesmos tomaram posse imediata de suas funções, comprometendo-se a cumprir fielmente os Estatutos da Entidade. E, não havendo mais nada a tratar e estando todos de acordo, eu, Juvenal Dias Costa, Secretário ad hoc, lizei a presente ata, que após lida, foi aprovada pelo plenário e assinada por mim e por quem de direito.

Mucio, 09 de dezembro de 1996

José Marcelo Lo Nascimento, presidente

### Relação dos Grupos Gay de Alagoas

- Grupos de Homossexuais
- Grupo Gay de Alagoas – GGAL
- Pro-Vida
- Filhos do Axé
- GLSTAL
- Grupo Gay do Clima Bom
- Grupo Gay do Complexo do Benedito Bentes
- Grupo de alta Afirmação Delmiro Gouveia - GAD
- Grupo Enfrentar – Vigosa
- Grupo Quilombolas – União dos Palmares
- Grupo Somos – Arapiraca
- Grupo Metamorfose – Santa Luzia do Norte
- Grupo Gay de Santana do Ipanema
- Grupo Gay de Porto Calvo
- Grupo Gay de Penedo
- Grupo Gay de Coruripe
- Grupo Gay de São Sebastião

Total: 17 grupos

### Espaços considerados gays pelos atores da pesquisa e pelo site do GGAL

- Locais de encontro
- Por trás do cais do porto (conhecido como Muro de Berlyn)
- Comercio da cidade
- Praia de Jatiuca (nas proximidades do Posto Sete)
- Manguezão de Jaçarecica
- Praia de Ponta Verde (embaixo da Alagoinha – conhecido como sofá da Heby)
- Banheirão na Serraria
- Banheirão na Buarque de Macedo
- Banheirão no Farol
- Praia do Pontal (embaixo da ponte da Salgema)
- Jaraguá ( Barzinho, Harvana, La Rosa),( espaços fluidos)

### Pontos de prostituição

- Rua do Sol, centro – Garotos de Programa
- Avenida da Paz – Travestis
- Praia de Pajuçara – Misto
- Praia de Ponta Verde – Misto
- Praia de Jaiúca – Misto
- Praia de Cruz das Almas - Travestis

Previsão do tempo  
Tábua das marés  
Marbono no Orkut

## PORTO DE MACEIÓ - AL

### Fases da Lua

☾ Crescente 06 Jan.    ☽ Cheia 14 Jan.    ☾ Minguante 22 Jan.

### Tábua das Marés

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Qui
Altura(m)	Altura(m)	Altura(m)	Altura(m)	Altura(m)
<b>01/01</b>	<b>02/01</b>	<b>03/01</b>	<b>04/01</b>	<b>05/01</b>
04h36 ▲ 2.1	05h19 ▲ 2.2	06h04 ▲ 2.1	06h39 ▼ 0.2	01h28
10h30 ▼ 0.3	11h13 ▼ 0.3	12h00 ▼ 0.4	06h53 ▲ 2.0	07h43
16h39 ▲ 2.3	17h24 ▲ 2.3	18h11 ▲ 2.3	12h49 ▼ 0.5	13h41
23h06 ▼ 0.1	23h53 ▼ 0.1		19h02 ▲ 2.2	19h56
<b>08/01</b>	<b>09/01</b>	<b>10/01</b>	<b>11/01</b>	<b>12/01</b>
04h53 ▼ 0.7	06h11 ▼ 0.7	06h51 ▲ 1.8	01h49 ▲ 1.9	02h34
11h08 ▲ 1.7	12h19 ▲ 1.7	07h13 ▼ 0.6	08h00 ▼ 0.6	08h39
17h23 ▼ 0.7	18h39 ▼ 0.7	13h15 ▲ 1.8	14h00 ▲ 1.9	14h39
23h36 ▲ 1.7		19h39 ▼ 0.6	20h24 ▼ 0.5	21h04
<b>15/01</b>	<b>16/01</b>	<b>17/01</b>	<b>18/01</b>	<b>19/01</b>
04h15 ▲ 2.0	04h47 ▲ 2.0	05h17 ▲ 1.9	05h51 ▲ 1.9	00h19
10h04 ▼ 0.5	10h32 ▼ 0.5	11h02 ▼ 0.5	11h34 ▼ 0.6	06h24
16h13 ▲ 2.1	16h47 ▲ 2.1	17h19 ▲ 2.1	17h56 ▲ 2.0	12h08
22h43 ▼ 0.3	23h13 ▼ 0.3	23h47 ▼ 0.4		18h36
<b>22/01</b>	<b>23/01</b>	<b>24/01</b>	<b>25/01</b>	<b>26/01</b>
02h30 ▼ 0.7	03h34 ▼ 0.8	04h53 ▼ 0.8	06h08 ▼ 0.7	01h08
08h47 ▲ 1.7	09h53 ▲ 1.7	11h04 ▲ 1.7	12h11 ▲ 1.8	07h13
14h41 ▼ 0.7	15h54 ▼ 0.8	17h19 ▼ 0.7	18h41 ▼ 0.6	13h13
21h11 ▲ 1.7	22h32 ▲ 1.7	23h56 ▲ 1.7		19h47
<b>29/01</b>	<b>30/01</b>	<b>31/01</b>		
03h43 ▲ 2.2	04h23 ▲ 2.3	05h04 ▲ 2.3		
09h39 ▼ 0.3	10h19 ▼ 0.2	11h00 ▼ 0.2		
15h47 ▲ 2.4	16h30 ▲ 2.4	17h11 ▲ 2.5		
22h13 ▼ 0.0	22h56 ▼ 0.0	23h37 ▼ 0.0		

# A boneca mumificada

*O silêncio dos cientistas sobre o fóssil de 5 300 anos dá margem a rumores de que o Homem do Gelo era gay*

Citada da múmia do Homem do Gelo. Ficou 5 300 anos no anonimato e, na semana passada, parecia o mais novo personagem da disputa entre Pedro e Fernando Collor. Circulou na quarta-feira o boato segundo o qual o Homem do Gelo, fóssil resgatado nos Alpes em setembro de 1991, era homossexual. O rumor, divulgado em revistas européias para o público gay, dava conta de que teriam sido encontrados traços de esperma humano na cavidade anal da múmia, sinal de que ela teve uma relação homossexual passiva pouco antes de morrer. Não há nenhuma evidência científica de que a história seja verdadeira. Mas como os cientistas austríacos que estudam o achado arqueológico não confirmaram nem desmentiram a fofoca, e o Homem do Gelo não podia dar entrevista a respeito das suas inclinações sexuais, a notícia foi publicada em jornais do mundo inteiro. A confusão sobre a ossada — Homem ou Gay do Gelo? — engrossou o coro dos cientistas que reclamam da falta de transparência na pesquisa sobre o fóssil, o mais antigo já encontrado em bom estado pelos arqueólogos. Os cientistas da Universidade de Innsbruck, Áustria, onde a múmia está sendo estudada há mais de um ano, fecharam as portas de seus laboratórios e se recusam a dar detalhes sobre suas conclusões a pesquisadores de outros países.

No próximo mês, será lançado na Alemanha um livro, de autoria de dois jornalistas, sugerindo que a descoberta é uma fraude. O rigor com que foi realizada a datação do fóssil torna essa hipótese bastante remota, mas novamente o silêncio dos cientistas austríacos joga a favor do boato. "Para dissipar esse tipo de fofoca e tirar outras dúvidas sobre o Homem do Gelo, os pesquisadores deveriam se pronunciar claramente sobre suas pesquisas com a múmia", escreveram os jornalistas Paul Bahn e Katharine Everett, num recente artigo da revista inglesa *Nature*, uma das mais respeitadas publicações científicas.

O trabalho dos cientistas de Innsbruck

**O resgate do Homem do Gelo, nos Alpes: chance de saber como era a vida no final da Idade da Pedra**

caminha a passos lentos. Um ano e meio depois de ter sido descoberta, na fronteira entre a Itália e a Áustria, a múmia gelada ainda não foi objeto de nenhum simpósio. Para piorar, ainda há uma disputa entre italianos e austríacos sobre a posse do fóssil. O Homem do Gelo foi encontrado em território italiano, a apenas 92 metros da fronteira com a Áustria, mas foi resgatado por guardas austríacos, que carregaram o achado para seu país. Os italianos já pediram oficialmente a devolução dos ossos, e os austríacos concordaram em cedê-los no próximo ano. Mas antes de devolver o fóssil à Itália, querem retirar pequenas porções da pele, do cabelo e dos órgãos internos. Como não se sabe como essa tarefa pode ser feita sem danificar o achado, as pesquisas emperraram.

**SEM PROTEÇÃO** — O Homem do Gelo apresenta uma falha que sempre intrigou os pesquisadores: foi encontrado sem os

órgãos genitais. Uma das hipóteses era que a temperatura poderia tê-los destruído. Mas por que isso teria acontecido só aos órgãos genitais, se todo o resto do corpo estava em ótimo estado de conservação? Também se cogita de que a mutilação seria fruto da imperícia no resgate do corpo. Depois de retirado das geleiras alpinas que lhe conservaram as formas por 53 séculos, o corpo permaneceu durante quatro dias sem nenhum tipo de proteção, pois ninguém pensava que a descoberta fosse tão valiosa. O fóssil chegou a ser manuseado e fotografado por dezenas de pessoas. Não é de todo impossível que algum curioso tenha surrupiado — como diria Collor — aquilo da múmia.

A fofoca publicada pela imprensa gay especulava que o Homem do Gelo teria sido castrado ainda vivo e, por isso, levaria uma vida homossexual. Há outros enigmas sem resposta. Não se consegue entender até hoje como o fóssil ficou preservado por mais de 5 000 anos preso no gelo. Não há precedentes desse fenômeno. O corpo de um mercenário suíço morto no século XVI, encontrado na década passada numa geleira alpina, fragmentou-se pela ação do gelo e seus pedaços foram espalhados por uma área de 100 metros quadrados. A comunidade científica também deseja saber por que a cor do fóssil é escura (o gelo



24 Abril - edição 1.280 24/março de 1993.  
no 26 - nº 12.

Crime:  
que o computador/paga o  
de 20 lrs correpo  
se não

conserva a pele num tom ainda mais claro que em vida) e por que a múmia foi encontrada sem roupa, algo incomum nesse tipo de achado. Se os pesquisadores austríacos já elucidaram esses mistérios, ainda não contaram para ninguém.

**TATUAGEM** — De concreto, sabe-se que o Homem do Gelo levava vida de caçador e pastor. Ao seu redor, foram encontradas diversas armas, como um machado, arco e flecha e um punhal. Ele media 1,60 metro, pesava cerca de 50 quilos, tinha no máximo 35 anos e sua aparência lembrava a dos antigos tirolezes, com a pele queimada pelo sol. Os pesquisadores surpreenderam-se ao descobrir que o *Homo tyrolensis* já rabiscava o corpo com tatuagens e cortava o cabelo em plena Idade da Pedra, costumes que se acreditava terem surgido somente mais tarde. Por enquanto, isso é tudo que se sabe sobre a múmia.

O fóssil é importante para a pesquisa arqueológica porque representa uma chance inédita de saber como era a vida no território europeu no final da Idade da Pedra. O Homem do Gelo morreu possivelmente durante uma nevasca, guardando consigo uma série de objetos que mostram como ele vivia. Outros fósseis da mesma época já foram encontrados em cemitérios, mas, além de estarem malpreservados, não traziam tantas informações sobre os hábitos de seu tempo. Os austríacos sabem o tesouro que têm nas mãos e é por este motivo que estão fazendo mistério. ■



O enterro de Renildo (no destaque): a lei do coronelismo

## CRIME

### Cabeça cortada

Vereador bissexual é assassinado em Alagoas

O vereador do PTR Renildo José dos Santos, da pequena cidade de Coqueiro Seco, a 30 quilômetros de Maceió, não cumpria o papel clássico de um súdito do coronelismo nordestino. Falava bastante, e acusou o fazendeiro José Renato Oliveira e Silva, mandachuva da cidade, de controlar a política local com cabresto curto e muito sangue. Num programa de rádio, o vereador, de 36 anos, bissexual declarado, desafiou o prefeito Renato Tadeu Fragoso e Silva, filho do coronel, a também assumir sua bissexualidade. Na sexta-feira 12, o corpo de Renildo foi encontrado à beira de uma estrada, a 130 quilômetros da cidade. O cadáver estava decapitado, órgãos sexuais mutilados, dedos da mão direita arrancados, unhas da outra mão também arrancadas e pernas quebradas. Tinha ainda um tiro nas nádegas e estava parcialmente carbonizado. Três dias depois, a cabeça de Renildo apareceu boiando no Rio Una, 30 quilômetros adiante, sem os olhos, a língua e as orelhas, e com dois tiros num dos ouvidos.

"Eles chutaram a porta e entraram gritando 'polícia'", conta Carmelita de Lima Santos, tia de Renildo, ao lembrar como três homens armados de metralhadora invadiram a casa humilde do vereador, na noite de quarta-feira 10. Renildo foi arrancado da cama e levado embora, de cuecas, num Opala cinza onde outros três pistoleiros o aguardavam. Na sexta-feira, a Justiça

de Maceió decretou a prisão preventiva de quatro suspeitos da execução: o prefeito Renato Tadeu, seu pai, José Renato, o sargento da PM Luís Marcelo Falcão e o soldado Walter da Silva, todos desaparecidos de Coqueiro Seco. O sargento Falcão foi autor de um atentado que Renildo sofreu no dia 27 de novembro de 1991. Ele acordou o vereador no meio da noite, dizendo-lhe que tinha um recado do coronel José Renato, e disparou três tiros à queima-roupa. Socorrido às pressas, o vereador sobreviveu e não se intimidou.

**DIAS CONTADOS** — Em Coqueiro Seco, um lugarejo de 4 800 habitantes e dezesseite telefones, Renildo se elegeu denunciando assassinatos encomendados pelo coronel. Em janeiro, deu uma entrevista ao programa *Ronda Policial*, da Rádio Gazeta, acusando José Renato de mandar surrar pessoas indefesas e manipular a polícia. Dias depois, no mesmo programa, a mulher de José Renato e mãe do prefeito, Maria Aparecida Fragoso, deu uma resposta. "Ele é ladrão, maconheiro, falsificador de documentos, traficante e v...", acusou. Renildo voltou à rádio. "Não sou ladrão, maconheiro, falsário nem traficante", defendeu-se. "Bissexual sou, sim, e assumo. Gostaria que o filho de dona Aparecida tivesse coragem para assumir que também é bissexual." O vereador foi suspenso da Câmara, por quebra do decoro. As ameaças contra sua vida aumentaram. "Ele está com os dias contados", avisou o soldado Walter da Silva, reconhecido, depois, entre os homens que seqüestraram o vereador. Tinha razão. ■





**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

**Maceió, 22 de Maio de 2009.**

1993



► Renildo José dos Santos 26 anos, morador da cidade de Coqueiro Seco, foi arrastado de sua residência durante a madrugada no dia 31 de Junho de 1993, antes de ser assassinado a vítima foi torturada e teve seu corpo esquartejado, mandante do crime José Renato de Oliveira da Silva Fragoso, na época prefeito da cidade, assassinos soldado Antonio Virgílio de Araújo, ex. soldado Valter da Silva (falecido), Soldados Antônio Virgílio de Araújo / soldado Paulo Jorge de Lima, ex-soldado Valter da Silva (morto) e o sargento da PM Luiz Marcelo Pessoa Falcão.

**1994**

**1995**

**1996**

Paulo Cezar Souza de Carvalho 33 anos, homicídio cometido no dia 23 de Dezembro de 1996 por 4 homens em um carro gol que abordou a vítima na porta de sua residência na rua Santo Antonio, 260 próximo ao posto Neno, na época o caso era acompanhado pelo Del. Eduardo Moraes de Maia no 3º DP.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

A vítima era um homem conhecido por **Aroldo** morador do bairro do Tabuleiro dos Martins encontrado morto no dia 07 de Dezembro de 1996 com sinais de tortura por várias partes do corpo (tornozelos, pulsos) a vítima foi encontrada em um terreno baldio na rua do arame do tabuleiro dos Martins.

**João Silva de Souza (travestis)** 25 anos residia na quadra G, 208 conj. Joaquim Leão no Vergel, morta em outubro de 1996 a tiros de revólver calibre 38 na praia do Sobral, a bala atingiu na altura do tórax da vítima, uma pista de assassinos dois homens em um carro.

**1997**

**José Carlos do Nascimento, travestis Carine** 31 anos, assassinada nas proximidades do Bairro do Prado praia da Avenida a tiros no dia 05 de Fevereiro de 1997.

**Morgana travestis** 17 anos nome civil desconhecido, morta em 1997 a tiros próximo a Motonáutica por 3 mecânicos e 1 ex. PM José Joaquim de Lima, o caso na época estava sendo acompanhado pelo Del. Eduardo Moraes do 3º DP.

- **Ivalson Santos de Alcântara**, assassinado em 1997.
- **Valdir Roberto Silva** 19 anos morto em 1997 a tiros no bairro do Jacintinho, suspeito um rapaz conhecido por Peixinho, na época o caso estava sendo acompanhado pelo 9º DP.
- **Amaro Lima** 27 anos morto em 27 de Abril de 1997 a tiros no bairro José da Silva Peixoto, na época o caso estava sendo acompanhado pelo 9º DP.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

- **José Benedito Gomes** 48 anos, morto em 31 de Agosto de 1997, no Stela Mares na Jatiuca a facadas, na época não foi encontrado suspeitos caso acompanhado pelo Del. Erival Lopes no 2º DP.
- **A travestis conhecida por Morgana** 25 anos foi assassinada no dia 25 de Janeiro de 1997, a mesma foi fuzilada no centro de Maceió na rua Ladislau Neto, um ano antes a vítima tinha sido testemunha de outro assassinato de outra travesti, o suspeito é um ex. PM acusado de ter assassinado as duas.

**Professor Paulo Cezar Souza** 33 anos, morto em 24 de Dezembro de 1997 a tiros no bairro da Ponta Grossa, na época o caso estava sendo acompanhado pelo Del. Roberval Davino no 3º DP.

**A travestis????????** 24 anos, assassinada em 31 de Agosto de 1997 por trás do colégio Guido no Farol a golpes de chave de fenda, não indentificado na época assassinos nem suspeitos, caso na época do 1º DP.  
1998

- **André de Souza** 23 anos morto em 1998 a vítima foi arrastada por 20 mt por um carro na praia da avenida na época o caso estava sendo acompanhado pelo Del. Robson Coutinho.
- **José Galdino dos Santos** 16 anos morto em 26 de Abril de 1998 na rua Santo Antonio a golpes de faca, assassino Antonio Porfírio Santos.
-



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

- **Dorgivanio José Laurentino** 21 anos, morto em 08 de Abril de 1998 na fazenda Cachoeira do Mirim a golpes de cano de ferro, moradores da fazenda são suspeito na época o caso estava sendo acompanhado pelo Del. Dr. Barros.
- **Antonio Carlos de Souza** 21 anos morto no dia 16 de Agosto de 1998 na BR 101 Norte a tiros sespeito uma mulher.
- **Isac dos Santos** morto em 13 de Agosto de 1998 no bairro do Bom Parto a tiros, assassino Tiago Barbosa Silva.

**Ivanildo Augusto da Silva** 38 anos, residia e foi morto na vila ABC em Fernão Velho em Setembro de 1998, a vitima foi morta por espancamento durante uma briga próxima a sua residência o assassino chama-se Genauro Erculano dos Santos 32 anos, na época o caso era acompanhado pelo Del. Eulálio Rodrigues do 8º DP.

#### 1999

**Eduardo Rosa Magalhães**, baiano de passagem por Alagoas, morto em junho de 1999 por Uzemar Leite Junior e um menor conhecido por Picolé.

**Marcio Alexandre de Oliveira**, morto por espancamento em Junho de 1999 a vitima foi encontrada na antiga estação Ferroviária do cais do porto em Jaraguá.

**Milton Policarpo da Silva** 57 anos, morto a golpes de faca em sua residencia em Novembro de 1999 no conj. Benedito Bentes, na época dois menores foram suspeitos do crime mais não foram detidos por falta de provas.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

**Travestis ??????????** Assassinada a golpes de paulada e jogada na avenida leste oeste no jacintinho no dia 16 de Agosto de 1999, na época quem acompanhava o caso era o delegado Jobson Cabral de Santana no 9º DP.

**Pedro de Sá Teixeira** morto em 1999 com golpes na cabeça no bairro da Ponta Grossa, assassinos Jackson André Santos conhecido por Picolé e Wzemar Junior

**Divacy da Silva** 24 anos, crime acontecido em Junho de 1999 em Matriz de Camaragibe litoral Norte de Alagoas.

- **Atonio José Gonçalves** 29 anos executado a facadas no dia 29 de Maio de 1999 no bairro do Jacintinho.

**José Joaquim de Araújo Filho**, morto e residia no bairro da Ponta Grossa a tiros no dia 07 de Junho de 1999, suspeitos policiais da área identificados na época em inquérito policial, antes de ser assassinado a vítima foi espancada e torturada no 1º DP na levada, na época iria denunciar os policiais que lhe torturarão.

## 2000

- **Benedito Elias dos Santos** 29 anos morto em 07 de Janeiro de 2000 morador do município de Lagoa do pau LITORAL Sul do estado, a vítima foi assassinada por um desconhecido a tiros.
- **José Tadeu Carvalho Pimentel** 37 anos, morador e morto no bairro do Graciliano Ramos, a vítima foi encontrada no dia 23 de Maio de 2000 com sinais de tortura e sinais de tortura e vários tiros dentro de um fiat uno de placa MUA-



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

2593, na época o caso estava sendo acompanhado pelo delegado Leone Vanderlei no 10º DP.

- **Sidikley Barbosa da Silva** 28 anos residente do conj. Graciliano ramos encontrado morto no dia 23 de junho de 2000 no mesmo bairro, a vítima foi encontrada com sinais de tortura e vários tiros dentro de um fiat uno, na época o caso era acompanhado pelo delegado Leone Vanderlei no 10º DP.
- **Manoel Joaquim da Silva** 23 anos, pai de santo morto no dia 25 de Maio de 2000, residia e foi assassinado na rua Área Urbana por um desconhecido a tiros e punhaladas.
- **Sebastião Pimentel (Tião)** 42 anos professor residia no conjunto Luiz Pedro, a vítima foi morta no dia 11 de Agosto de 2000 por espancamento por Josinaldo Mendonça.
- **Cícero Francisco dos Santos** 31 anos ambulante, travestis conhecida por seu nome social (Cicinha) residente no Bairro da Levada, a vítima foi morta por Carlos Isidio dos Santos a punhaladas no dia 03 de Outubro de 2000.
- **Antonio José** morto a punhaladas no dia 20 de Outubro de 2000 a punhalada no Bairro de Jaraguá, o assassino o menor na época A. A. S.

**José Cícero dos Santos** dançarino, morto no dia 21 de Outubro de 2000 a punhaladas no bairro da Chã da Jaqueira, por Erivaldo Domingos dos Santos.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: ggal10anos@hotmail.com

**Carlos Isidio dos Santos** 25 anos, morto no mercado da produção em Maceió em 2000, na época o caso estava sendo acompanhado pelo delegado João Mendes da Silva no 1º DP.

- **Haroldo Pedro**, conhecido por Hal ajudante de pedreiro morto no dia 08 de Abril de 2000 por espancamento por um desconhecido, morador e assassinado na rua do Arame no Bairro do tabuleiro em Maceió.
- **Jorge Moreira da Silva** 20 anos, morto no dia 09 de Março de 2000 a tiros e punhaladas por um desconhecido.

**Veronaldo Gomes da Silva** 31 anos morto em 2000 no Bairro do Clima Bom a golpes de garrafa e faca, assassino Antonio Luciano da Silva, na época o caso era acompanhado pelo Del. Valdo Coimbra Loi no 1º DP.

- **Ednaldo Pedro Silva** 31 anos morto na vila Kenedy em 2000 a vítima teve sua cabeça esmagada.

#### **2001**

– **EDNALDO DOS SANTOS**, 25, travesti, profissional do sexo, morta em 1/7/2001 a cassetadas durante um programa, em uma casa abandonada no Centro de Maceió, assassino um cliente desconhecido

- **Isaias Vicente da Silva** (Patrícia Travestis) 23 anos de idade, foi morto na via expressa no dia 30 de Março de 2001, o mesmo foi assassinado após uma discussão onde o cliente José C. Tenório da Silva (foragido) não quis pagar o programa, na época o caso estava sendo acompanhado pelo 4º Distrito Policial, Del. Antônio Carlos Lessa;

10/3/2001 - **"PRICILA"**, travesti assassinada com tiros e olhos arrancados, no Conj. Frei Damião, em Maceió/AL



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

6/9/2001 – **ANTONIO LAUDENOR DE LIMA**, 40, morto com 10 golpes de tesoura em sua residência no Bairro de Cruz das Almas/AL; assassinato desconhecido

## 2002

**José renalvo Atila de Lima** 52 anos, foi encontrado morto com um tiro na nuca no dia 01 de Outubro de 2002, no campo do Tejo – sítio São Jorge, a vítima foi vista pela última vez na companhia de um rapaz, o caso na época estava sendo acompanhado pelo delegado João Mendes da Silva no 6º DP.

A vítima uma **travestis conhecida como Pricila**, foi morta em 2002, a mesma teve seus olhos arrancado.

**Antonio Laudemir de Lima** foi encontrado morto em sua residência morto, a vítima levou 10 golpes de tesoura o crime ocorreu em 2002.

- **José Marcio Santos Almeida** 33 anos morador da cidade de Maribondo, assassinado no dia 02 de Abril de 2002 o mesmo foi arrastado pela cidade amarrado a uma moto por 80 KM, a vítima morreu dias depois agonizando em casa, os assassinos são filhos de pessoas influentes da região (fazendeiros vereadores da cidade).

**Pedro Rodrigo (travestis conhecido por Lafon)** 32 anos, morador da rua chalé s/n no jacintinho, morto no dia 07 de Novembro de 2002 nas proximidades da praia de Pajuçara na rua Epaminondas Gracindo nas proximidades do Hotel Ouro Branco, a vítima foi abordada por dois jovens em um veículo de placa MUV-4976, na época o caso estava sendo Acompanhado pelo Del. Jilson Albuquerque.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [ggai10anos@hotmail.com](mailto:ggai10anos@hotmail.com)

## 2003

## 2004

## 2005

**Maurilio Ferreira da Silva** 39 anos, morto e morador no mirante da Sereia com uma facada pelas costas na altura do coração no dia 12 de Abril de 2005, o caso estava na época sendo acompanhado pelo 3º DP.

## 2006

- **Flavio dos Santos Vilela** 28 anos, assassinado no dia 14 de Junho de 2006 no bairro do Jacintinho, foi amarrado apedrejado e jogado em uma vala de esgoto;
- **Marcel Gomes**, assassinado na cidade de Coruripe em 2006, a vítima foi torturada, teve sua boca colada de cola, levou varias facadas e teve uma barra de ferro introduzida em seu anus;

## 2007

- **Valdeir Olino dos Santos** 43 anos morador do distrito de Ipioca e morto na mesma localidade por seu ex. companheiro, a vítima foi enterrada ainda viva segundo perícia no dia 12 de Abril de 2007, na época o caso estava sendo acompanhado pelo del. Alcís Andrade no 6º DP.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

- **A senhora Nilda**, morava com sua companheira na cidade de Coruripe, a vítima foi encontrada em sua residência em 2007 a golpes de facão, o suspeito é um homem da cidade que assediava a vítima.
- **José Carlos do Nascimento travestis conhecida por Karina**, 31 anos de idade, foi assassinado no dia 05 de Fevereiro de 2007 a tiros nas proximidades da praia da Avenida, no bairro do Prado, próximo a Procuradoria Geral do estado.
- **Osvaldo Inácio dos Santos** assassinado no dia 19 de Setembro de 2007 na cidade de Arapiraca, a vítima foi assassinada após ganhar o título de miss gay da cidade, morto a pauladas, teve seu órgão sexual arrancado em um curral de fumo, na época o caso estava sendo acompanhado pelo Delegado regional Cícero Torres
- **José ednaldo** militante da cidade de São Luiz do Quitunde, morto na véspera da realização da parada de 2007, a vítima levou 37 facadas 17 delas na região do pênis;
- **Douglas Vasconcelos** 19 anos morto em 2007 a tiros em Satuba, assassino conhecido por Junior caso na época acompanhado pelo Del. Flávio Saraiva.



**GRUPO GAY DE ALAGOAS**

CNPJ: 02318140000138

Entidade de Utilidade Pública Municipal conforme a lei nº 4.920/1999

Rua Barão de Atalaia, 75 Centro – Maceió/Alagoas – Brasil.

CEP: 57020-510 – TEL.: (82) 8827-5975

E-mail: [gga10anos@hotmail.com](mailto:gga10anos@hotmail.com)

**Miguel Santos** conhecido por **Miguelita** 30 anos morto em 2007 dentro de sua residência no bairro Novo na cidade de Delmiro Gouveia, causa do falecimento espancamento a ponto de deformar sua face, na época foi preso um rapas conhecido por Edizio, mais logo após foi solto por falta de provas, logo depois foi descoberto os verdadeiros assassinos de nomes não confirmados sabe se que foram dois.

#### 2008

- **Douglas Vasconcelos** 25 anos morto a tiros e teve seu corpo carbonizado, por seu ex. companheiro José Carlos Junior e seu primo, o caso na época estava sendo acompanhado pelo delegado Flavio Saraiva.
- **Daniel** 35 anos assassinado dia 03 de abril de 2008 próximo ao residencial Divaldo Suruagi, no bairro do Farol, o mesmo foi morto a golpes de tijolo, o corpo foi encontrado em um terreno baldio, o caso na época estava sendo acompanhado pelo 4º DP, o delegado era Antonio Carlos Lessa.

**José Silveira** 43 anos morador do conjunto Frei Daminhão, no bairro do Benedito Bentes, foi morto em 2008 na porta de sua residência a tiros.

**Cícero Gomes da Silva** 34 anos, foi torturado e morto no dia 22 de Abril 2008, o mesmo sangrou ate a mortes;

#### 2009

**Juarez Leonino** 45 anos residente o morto na cidade de Lona no Bairro Eustaquio Gomes, foi morta por seu Companheiro